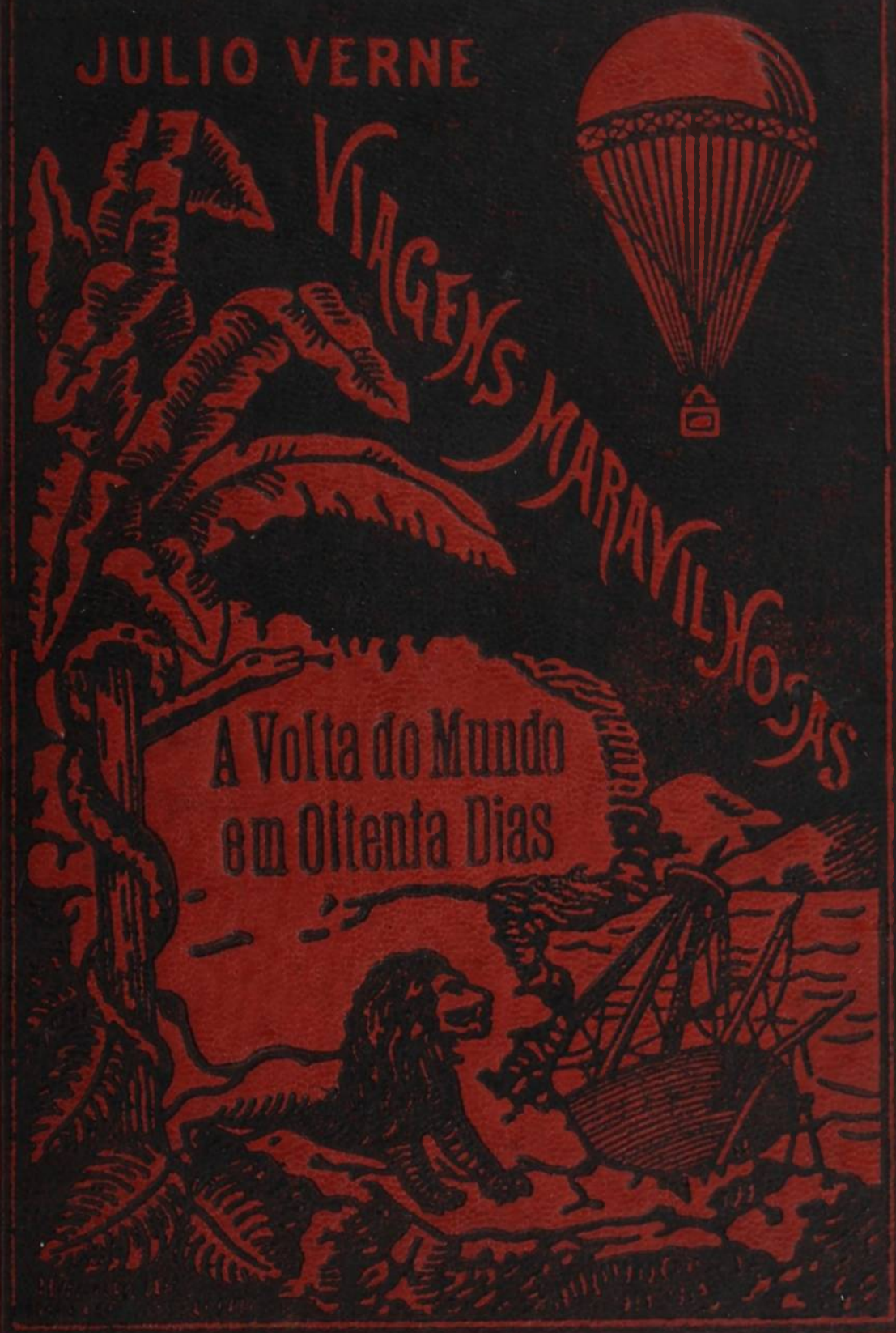


JULIO VERNE

VIAGENS MARAVILHOSAS

A Volta do Mundo
em Oitenta Dias





Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

300. v

IV
/IE
CAIN

OBRA PREMIADA

PELA

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE FRANÇA

A VOLTA DO MUNDO
EM OITENTA DIAS



GRANDE EDIÇÃO POPULAR

DAS

VIAGENS MARAVILHOSAS AOS MUNDOS
CONHECIDOS E DESCONHECIDOS

JULIO VERNE

A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS

TRADUÇÃO DE

A. M. DA CUNHA E SÁ

OITAVA EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO — BELO HORIZONTE

LIVRARIA BERTRAND

73 — Rua Garrett — 75

LISBOA

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL,
Rua da Alegria, 30 — LISBOA



Levantou-se um grito de terror

A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS

CAPITULO I

EM QUE PHILEAS FOGG E PASSEPARTOUT MUTUAMENTE SE
ACCEITAM, O PRIMEIRO NA QUALIDADE DE AMO, O SEGUNDO
NA DE CREADO

Em 1872, a casa numero 7 de Saville-row, Burlington Gardens, — casa onde Sheridan morreu em 1814, — era habitada por Phileas Fogg, *esquire*, membro dos mais singulares e dignos de reparo, do Reform-Club de Londres, apesar de systematicamente, segundo parecia, evitar nos seus actos tudo o que podesse de algum modo despertar a attenção dos seus compatriotas.

Succedia pois a um dos maiores oradores de que a Inglaterra se honra e ufana, este Phileas Fogg, personagem enigmatico, a respeito do qual nada se sabia, senão que era pessoa muito de bem, e um dos mais perfeitos *gentlemen* da boa sociedade ingleza.

Dizia-se que tinha grandes parecenças com Byron — na cabeça, pois quanto aos pés era Phileas Fogg irreprehensivel, — mas um Byron de bigode e suissa, um Byron impassivel; capaz de viver mil annos sem apresentar *symptomas* de velhice.

Inglez de nascimento com toda a certeza, Phileas Fogg não era talvez londrino. Nunca o tinham visto nem na Bolsa, nem no Banco, nem em nenhum dos escriptorios

da City, isto é, do bairro commercial da grande metropole do Reino Unido. Este *gentleman* não figurava na gerencia de sociedade alguma. Nunca o seu nome soára em nenhuma associação de advogados, nem no Temple, nem em Lincoln's inn, nem em Gray's inn. Jámais pleiteára no tribunal do chancellor, no da rainha, no Exchequer, ou n'algun tribunal ecclesiastico. Não era industrial, negociante, commerciante ou agricultor. Não fazia parte nem do *Instituto real da Gran-Bretanha*, nem do *Instituto de Londres*, nem do *Instituto dos operarios*, nem do *Instituto Russell*, nem do *Instituto litterario do Oeste*, nem do *Instituto de direito*, nem do *das artes e sciencias reunidas* que está sob a protecção directa de Her Gracious Majesty, ou como diríamos, aportuguezando o tratamento, de Sua Graciosa Magestade. Não pertencia, em summa, a nenhuma d'essas sociedades que abundam na capital da Inglaterra, desde a *Sociedade da Armonica* até á *Sociedade entomologica*, fundada principalmente no intuito de promover a destruição dos insectos nocivos.

Phileas Fogg era membro do Reform-Club, e nada mais.

A quem se admirar de que um *gentleman* tão mysterioso faça parte d'esta respeitável associação, responderemos que deveu a sua entrada á recommendação de mrs. Baring Irmãos, em cuja casa tinha credito aberto. Demais, Phileas Fogg apresentava uma certa apparencia de responsabilidade devida á circumstancia de serem os seus cheques pagos á vista pelo debito da sua conta corrente constantemente crédora.

Seria, pois, rico este Phileas Fogg? Incontestavelmente. Porém a maneira como elle fizera fortuna era o que as pessoas mais bem informadas não podiam dizer, e mr. Fogg seria de certo o ultimo individuo a quem conviesse fazer tal pergunta. Em todo o ocaso, apesar de não ser prodigo, ninguém o poderia qualificar de avaro, porque em toda a parte onde se carecia de donativos para qual-

quer fim util, nobre ou generoso, Phileas Fogg concorria com o seu obulo, mas sem ruido e mesmo sob o mysterioso véu do anonymo.

A final, não havia nada de menos communicativo do que este *gentleman*. Fallava o menos possível, e parecia tanto mais mysterioso quanto mais silencioso se mostrava. Não se podia dizer que a sua vida não fôsse publica, mas o que elle fazia era sempre tão mathematicamente a mesma cousa, que a imaginação, descontente, procurava além do que via.

Teria viajado? Era provavel, porque ninguém melhor do que elle dava mais perfeita relação do mappa terrestre. Não havia logar, por afastado que fôsse, de que não parecesse ter particular conhecimento. As vezes, mas em poucas palavras, breves e claras, emendava os mil boatos que circulavam no club a proposito de viajantes perdidos ou extraviados; indicava as verdadeiras probabilidades, e as suas palavras vinham muitas vezes a passar como inspiradas por uma especie de dom prophético, tão plenamente acabava sempre o successo por justificá-las. Era um homem que devia ter viajado por toda a parte, — quanto mais não fôsse em espirito.

Entretanto, a verdade é que Phileas Fogg havia muitos annos que não saia de Londres. Os que tinham a honra de o conhecer um pouco mais de perto, affirmavam que, — exceptuando o caminho directo que elle percorria para vir de casa ao club, — ninguém jámais o encontrára em parte alguma. O seu unico passatempo consistia em ler os jornaes e jogar o whist. N'este jogo silencioso, tão adequado á sua indole, ganhava muitas vezes, mas os ganhos nunca lhe entravam na bolsa e figuravam, pelo contrario, como importante quantia no orçamento da sua caridade. Demais, é preciso que se note, mr. Fogg jogava evidentemente por jogar, não para ganhar. O jogo era para elle um combate, uma luta contra a difficuldade, mas luta sem movimento, sem

deslocação, sem fadiga, e isso conformava-se com o seu character.

A Phileas Fogg não se conhecia nem mulher nem filhos,—o que póde acontecer ás pessoas de melhor reputação,—nem parentes nem amigos,—o que é na verdade mais raro ainda, Phileas Fogg vivia só na sua casa de Saville-row, onde pessoa alguma penetrava. Do seu viver intimo ninguém fazia questão. Bastava-lhe um creado. Almoçando e jantando no club a horas chronometricamente determinadas, na mesma sala, á mesma mesa, sem banquetear os collegas, sem convidar nenhum estranho para a sua refeição, só se recolhia a casa, para se deitar, á meia noite em ponto, sem nunca se aproveitar dos regalados aposentos que o Reform-Club põe á disposição dos seus membros. De vinte e quatro horas, passava dez em casa, fôsse para dormir, fôsse para cuidar da sua *toilette*. Quando passeava, era invariavelmente em passo igual, na sua sala de entrada com sobrado embutido, ou na galeria circular, por sobre a qual se arredonda um zimbório com vidros azues, sustentado por vinte columnas jônicas de porphyro vermelho. Ao almoço e ao jantar eram as cosinhas, a despensa, a copa, o mercado habitual do club que forneciam á sua mesa os succulentos manjares; eram os creados do club, personagens de grave aspecto, trajando casaca preta, calçando sapatos palmilhados de baetilha, que o serviam em porcelana escolhida e em admiravel roupa de linho de Saxe; eram os cristaes do club, de caprichoso modelado, que continham o seu *sherry*, o seu Porto, o seu *claret* com mistura de avenca e cinnámomo; era finalmente o gelo do club,—gelo trazido com immensas despesas dos lagos da America—que lhe conservavam os liquidos de que se servia em estado de agradavel frescura.

Se o viver em taes condições é, segundo a expressão ingleza, uma excentricidade, confessemos que o ser excentrico não é das cousas peores!

Sem ser sumptuosa a casa de Saville-row, tornava-se recommendavel pelas suas grandes commodidades. Alem d'isso, em rasão dos habitos regulares do morador, ali o serviço reduzia-se a cousa pouca. Entretanto, Phileas Fogg exigia do seu unico creado uma pontualidade, uma regularidade extraordinarias. N'aquelle mesmo dia, 2 de outubro, Phileas Fogg despedira James Forster, — porque o moço commettêra a falta de lhe trazer para a barba agua a oitenta e quatro graus marcados pelo thermometro Fahrenheit em vez de oitenta e seis como deveria ser, — e esperava o creado successor, que devia apresentar-se das onze horas para as onze e meia.

Phileas Fogg, muito bem sentado no seu *fauteuil*, os pés juntos como um soldado em fôrma, as mãos apoiadas nos joelhos, grave, aprumado, a cabeça levantada, observava o andamento do ponteiro da sua pendula, — complicadissimo apparelho que indicava as horas, os minutos, os segundos, os dias, a data do anno e do mez. Ao baterem as onze e meia, mr. Fogg devia, conforme ao seu habito quotidiano, sair e dirigir-se para o Reform-Club.

N'aquelle momento bateram á porta da pequena sala onde Phileas Fogg se achava.

James Forster, o creado despedido, appareceu :

— O novo creado, disse elle.

Um moço de uns trinta annos de idade apresentou-se e cumprimentou :

— É francez e chama-se João, não é assim ? perguntou Phileas Fogg.

— João, respondeu o recém-vindo, e se for do seu agrado, João Passepartout, apellido que me ficou, e que justificava a minha aptidão natural para sair das complicações da vida (*). Tenho-me em conta de rapaz de bem, senhor, mas pará ser franco, as minhas profissões

(*) Procurando a equivalencia em portuguez, acharemos para este apellido o apodo popular e burlesco de *fura-vidas*. (N. do T.)

têm sido muitas. Fui cantor ambulante, artista de circo, saltando como Leotard, dançando na corda como Blodin ; depois fiz-me professor de gymnastica, a fim de tornar mais uteis os meus talentos, e a final fui cabo de bombeiros em Paris. Nos meus fastos conto até alguns incendios de importancia. Mas faz agora cinco annos que deixei a França e que, desejando gosar a vida de familia, me metti a creado de quarto em Inglaterra. Ora, achando-me desaccommodado e sabendo que mr. Phileas Fogg era pessoa mais regular e mais sedentaria do Reino Unido, aqui me apresento em sua casa na esperanza de passar uma vida socegada e de até esquecer o proprio nome de Passepartout...

— Passepartout, convem-me, redarguiu o *gentleman*. O senhor foi-me recommendado. Deram-me a seu respeito informações excellentes. Conhece quaes são as minhas condições ?

— Sim, senhor.

— Bem. Que horas tem ?

— Onze e vinte e dois minutos, respondeu Passepartout, tirando das profundezas do bolso do collete um enorme relógio de prata.

— Está atrasado, disse mr. Fogg.

— Perdão, é impossível.

— Atrasado quatro minutos. Não importa. Basta tomar nota da differença. Portanto, a contar d'este momento, onze horas e vinte e nove minutos da manhã, hoje quarta feira 2 de outubro de 1872, fica ao meu serviço.

Dito isto, Phileas Fogg levantou-se pegou no chapéu com a mão esquerda, pôl-o na cabeça com um movimento de automato e desapareceu sem acrescentar palavra.

Passepartout ouviu fechar a porta da rua a primeira vez ; era o seu novo amo que saía ; depois segunda vez : era o creado seu predecessor, Jones Forster, que por seu turno se retirava.

Passepartout ficou só na casa de Saville-row.

CAPITULO II

EM QUE PASSEPARTOUT SE CONVENCE DE QUE POR FIM
ACHOU O SEU IDEAL

— Palavra, disse consigo Passepartout, ainda um pouco estonteado, conheço no estabelecimento de madame Tussaud creaturas com tanta vida como o meu novo amo!

Convem dizer que as creaturas de madame Tussaud são umas figuras de cera, muito visitadas em Londres, e ás quaes, na verdade, apenas falta a palavra.

Durante os instantes em que acabava de entrever Phileas Fogg, Passepartout tinha rapida, mas cuidadosamente observado o seu futuro amo. Era um sugeito que andaria pelos quarenta annos, de aspecto nobre e sympathico, estatura elevada, a que um pequeno excesso de nutrição não desfeia, cabello e barba loura, testa lisa sem uma unica ruga nas fontes, rosto mais pallido do que rosado e dentes magnificos. Parecia dotado no mais alto grau d'isso a que os physionomistas chamam o «repouso na acção», faculdade commum a todos aquelles que fazem mais obras que ruido. Sereno, fleugmatico, olhar limpido, palpebra immovel, era o typo mais acabado d'esses inglezes de sangue frio que se encontram frequentemente no Reino Unido, e cuja attitude um pouco academica Angelica Kauffmann maravilhosamente reproduzia nas suas télas. Observado nos diversos actos da existencia, este *gentleman* dava idéa de um individuo bem equilibrado em todas as suas partes, muito reflectido, tão perfeito como um chronometro de Leroy ou de Earnshaw. É porque, effectivamente, Phileas Fogg personalisava a exactidão, o que se via claramente pela «expressão dos pés e das mãos», porque o

homem, assim como os animaes, até os membros são órgãos expressivos das paixões.

Phileas Fogg era d'esses individuos, mathematicamente exactos, que, nunca mostrando pressa mas sempre promptos, são economicos dos passos e dos movimentos. Não dava uma passada a mais, e tomava sempre pelo caminho mais curto. Não perdia o tempo, sequer um instante, a olhar para o tecto. Não permittia a si proprio um gesto superfluo. Ninguem o tinha nunca visto commovido ou perturbado. Era o homem menos apressado do mundo, mas chegava sempre a tempo. Compreender-se-ha, portanto, a razão por que vivia só, e por assim dizer fóra de toda a acção social. Sabia que na vida é preciso metter em conta os attrictos, e por isso, para os evitar, não se punha em contacto com pessoa alguma.

Quanto a João, por appellido o Passepartout, verdadeiro parisiense, nado e creado em Paris, residia em Inglaterra havia cinco annos, exercia em Londres a profissão de creado de quarto, e debalde procurára um amo a quem podesse affeição-se.

Não era Passepartout nenhum d'esses Frontinos ou Mascarrillos que, sempre empertigados, de nariz para o ar, olhar firme e impassivel, não passam de uns impudentes velhacos. Pelo contrario. Passepartout era rapaz de excellente condição, physionomia amavel, labios um pouco salientes, sempre dispostos para o gosto ou para a caricia, creatura meiga e serviçal, com uma d'essas cabeças redondas, de aspecto sympathico, que a gente gosta de ver entre os hombros de um amigo. Tinha olhos azues, a côr do rosto um tanto animada, carnes nutridas, quanto bastava para elle poder ver a si proprio as maçãs do rosto, peito amplo, corporatura robusta, musculos vigorosos e uma força herculea que os exercicios da sua mocidade tinham admiravelmente desenvolvido. Os cabellos castanhos andavam-lhe sempre revoltos. Se os es-

culptores da antiguidade sabiam dezoito maneiras de compor os cabellos de Minerva, Passepartout apenas conhecia uma para arranjar a sua cabelleira: dava tres vezes com o pente, e prompto.

Avançar que o character expansivo d'este rapaz se havia de harmonisar com o character de Phileas Fogg, é cousa que a prudencia mais elementar não permite. Passepartout estava nos casos de ser o creado rigorosamente exacto que convinha a seu amo? Só vendo. Depois de ter passado, como se sabe, uma mocidade um tanto vagabunda, Passepartout aspirava ao socego. Tenho ouvido gabar o methodismo inglez e a proverbial frieza dos *gentlemen*, veio procurar fortuna em Inglaterra. Mas até então a sorte fôra-lhe contraria. Não se podéra arraigar em parte alguma. Servira dez casas. Em todas, os amos eram caprichosos, extravagantes, e gostavam, ou de correr aventuras, ou de correr terras, — o que já não podia convir a Passepartout. Seu ultimo amo, o joven lord Longsferry, membro do parlamento, depois de passar as noites nos «oysters-rooms» de Hay-Market, recolhia-se tardissimo a casa, ás costas dos *policemen*. Passepartout, que primeiro que tudo queria respeitar a pessoa de seu amo, aventurou-se a algumas observações repetidas, que foram mal recebidas, e quebrou as relações. N'este meio tempo soube que Phileas Fogg, *esquire*, andava em busca de creado. Tirou informações a respeito d'este *gentleman*. Um personagem de viver tão regular, que não trasnoitava, que não viajava, que não se ausentava sequer um dia, convinha-lhe de certo. Apresentou-se e foi admittido nas condições que sabemos.

Passepartout — depois de darem onze e meia — achava-se só na casa de Saville-row. Começou logo por inspeccional-a. Correu-a de alto a baixo. Esta casa limpa, arranjada, severa, puritana, bem organizada para o serviço domestico, agradou-lhe. Produziu n'elle o effeito de uma casca de caracol, mas casca alumiada e aquecida a

gaz, porque ali o hydrogenio combinado com o carbone occorria a todas as necessidades de luz e de calor. Passepartout encontrou sem difficuldade, no segundo pavimento, o quarto que lhe era destinado. Campainhas electricas e tubos acusticos punham esse quarto em communicação com as sobre-lojas e o primeiro andar. Sobre a chaminé havia uma pendula electrica que estava em communicação com a pendula do quarto de dormir de Phileas Fogg, e os doisapparelhos batiam ao mesmo tempo o mesmo segundo.

— Convem-me, convem-me isto! disse consigo Passepartout.

No seu quarto descobriu tambem um cartaz posto por cima da pendula. Era o programma do serviço quotidiano. Comprehendia—desde as oito da manhã, hora regulamentar a que Phileas Fogg se levantava, até ás onze horas e meia, hora a que saía para ir almoçar ao Reform-Club—todos os detalhes do serviço: o chá e as torradas ás oito horas e vinte sete minutos, a agua para a barba ás nove horas e trinta e sete, o penteado ás dez horas menos vinte minutos, etc. Depois, desde as onze e meia da manhã até á meia noite,—hora a que methodicamente se deitava o *gentleman*,—tudo estava notado, previsto, regularisado. Passepartout encontrou grande satisfação na idéa de meditar este programma e gravar os seus diversos artigos na memoria.

Quanto ao guarda-roupa do amo, estava elle bem fornecido e maravilhosamente disposto. Cada calça, casaco ou collete tinha um numero de ordem a que correspondia um outro n'um registo de entrada e de saída com a indicação da data em que, segundo a estação, essas peças de vestuario deviam ser alternadamente usadas.

Em uma palavra, esta casa de Saville-row,—que devia ser o templo da desordem na época do illustre mas dissipador Shéridan—tinha uma mobilia confortavel, indício de um viver cheio de regalo e de commodidades.

Não possuía nem bibliotheca, nem livros, que seriam uma inutilidade para mr. Fogg, pois que o Reform-Club punha á sua disposição duas bibliothecas, uma consagrada ás letras, outra ao direito e á politica. No quarto de dormir via-se um cofre para dinheiro, de tamanho regular, cuja construcção o punha a seguro tanto do roubo como do incendio. Em casa não existiam nem armas, nem utensilio algum de caça ou de guerra. Tudo ali denunciava os costumes mais pacíficos.

Depois de ter examinado minuciosamente esta habitação, Passepartout esfregou as mãos, o semblante dilatou-se-lhe e repetiu alegremente :

— Convem-me! É isto o que me faz conta! Entender-nos-hemos perfeitamente, eu e mr. Fogg. Um homem amigo da casa e regular. Um verdadeiro burguez! Ora, não me importa servir um homem assim.

CAPITULO III

TRAVA-SE UMA CONVERSA QUE PODERÁ CUSTAR CARO
A PHILEAS FOGG

Phileas Fogg saíra da casa de Saville-row ás onze horas e meia, e depois de ter posto quinhentas e setenta e cinco vezes o pé direito diante do pé esquerdo e quinhentas e setenta e seis vezes o pé esquerdo diante do pé direito, chegou ao Reform-Club, vasto edificio, construido em Pall-Mall, que não custou menos de tres milhões.

Phileas Fogg dirigiu-se logo para a casa de jantar, cujas nove janellas deitavam para um jardim povoado de frondosas arvores já douradas pelo sopro do outono. Ali tomou logar á mesa que lhe era habitual e onde o esperava o seu talher. Compunha-se o almoço de um *hors-d'oeuvre*, de peixe cozido temperado com um molho de primeira qualidade, de um *roast-beef* em sangue guar-

necido de cogumelos, de uma empada recheada de pedacinhos de ruibarbo e de groselhas verdes, e de um pedaço de queijo chamado *chester*, — tudo isto acompanhado de algumas chavenas de chá excellente, de proposito escolhido para a despesa do Reform-Club.

Aos quarenta e sete minutos depois do meio dia, o *gentleman* levantou-se e dirigiu-se para o salão, compartimento magnifico, ornado de pinturas mettidas em molduras riquissimas. Ali um criado entregou-lhe o *Times* ainda por cortar, e que Phileas Fogg desdobrou com uma firmeza que denotava n'elle grande habito de operação tão difficil. A leitura d'este jornal occupou Phileas Fogg até ás tres horas e quarenta e cinco minutos, e a do *Standard* — que lhe succedeu — prolongou-se até ao jantar. Esta refeição fez-se nas mesmas condições do almoço, com o acrescentamento de um mólho chamado «*royal british sauce*», mólho real britannico.

Ás seis menos vinte o *gentleman* reapareceu no salão e absorveu-se na leitura do *Morning-Chronicle*.

Meia hora depois diversos membros do Reform-Club entravam e chegavam-se para o fogão, onde ardia um lume de carvão de pedra.

Eram os parceiros habituaes do mr. Phileas Fogg, como elle acerrimos jogadores de whist: o engenheiro Andrew Stuart, os banqueiros John Sullivan e Samuel Fallentin, o cervejeiro Thomas Flanagan, e Gauthier Ralph, um dos administradores do Banco de Inglaterra, pessoas ricas e de consideração, mesmo n'este club, que entre os seus membros, conta as summidades da industria e das finanças.

— Ora bem, Ralph, perguntou Thomas Flanagan, em que alturas vae esse negocio do roubo?

— Vae nas alturas, respondeu Andrew Stuart, do Banco poder dizer adeus ao dinheiro.

— Eu espero, pelo contrario, disse Gauthier Ralph, que deitaremos a mão ao auctor do roubo. Varios ins-

pectores da policia, creturas muito habéis, foram enviados para todos os portos de embarque e desembarque da Europa e da America, e ha de ser difficil ao tal sугeito escapar-lhes.

— Mas têm os signaes do ladrão? perguntou Andrew Stuart.

— Em primeiro logar não é um ladrão, respondeu Gauthier Ralph com muita seriedade.

— Como! não é um ladrão esse individuo que subtraiu cincoenta e cinco mil libras em notas do Banco!

— Não, respondeu Gauthier Ralph.

— É então um industrial? perguntou John Sullivan.

— O *Morning-Chronicle* affirma que é um *gentleman*.

Quem deu esta resposta não foi outro senão Phileas Fogg, cuja cabeça assomou por entre as ondas de papel accumulado em redor d'elle. Ao mesmo tempo Phileas Fogg comprimontou os seus collegas, que lhe retribuiram o comprimonto.

O facto de que se tratava, e que diversos jornais do Reino Unido discutiam com ardor, passara-se tres dias antes, em 29 de setembro. Um maço de notas do Banco perfazendo a somma enorme de cincoenta e cinco mil libras sterlinas, fôra tirado de cima da carteira da caixa principal do Banco de Inglaterra.

A quem se admirava de que um tal roubo podesse realisar-se com tanta facilidade, o sub-governador do Banco limitava-se a responder que n'aquelle momento o caixa estava occupado em fazer o lançamento de uma de tres shillings e seis pence (trezentos e sessenta réis) e que não se pôde estar com o olho em tudo.

Devemos, porém, aqui observar — o que torna o facto mais explicavel — que o admiravel estabelecimento denominado «Bank of England» parece importar-se muito com a dignidade do publico. Nem grades, nem porteiros, nem guardas! O ouro, a prata, as notas estão expostas livremente, e por assim dizer, á mercê do pri-

meiro recém-chegado. Não é capaz de suspeitar da probidade de um transeunte qualquer. Um dos melhores observadores dos costumes inglezes até conta o seguinte: N'uma das salas do Banco, onde se achava um dia, teve a curiosidade de ver de mais perto uma barra de ouro, pesando quasi oito libras, que estava exposta na mesa do caixa; pegou por isso na barra de ouro, examinou-a, passou-a para um visinho, este passou-a para um outro, de modo que a barra, de mão em mão foi até ao fundo de um corredor escuro, e só voltou meia hora depois a retomar o seu logar, sem que o caixa levantasse sequer a cabeça.

Mas no dia 29 de setembro não se passaram as cousas assim. O maço de notas não voltou, e quando o magnifico relógio collocado por cima do «drawing-office» deu ás cinco horas o signal de fecharem os escriptorios, o Banco de Inglaterra não tinha remedio senão passar cincoenta e cinco mil libras para a conta dos ganhos e perdas.

Clara e devidamente reconhecido o roubo, foram logo escolhidos os mais habéis agentes e «detectives» ou espiões, e enviados para os portos principaes, para Liverpool, Havre, Glasgow, Suez, Brindisi e New-York, com promessa, no caso de serem bem succedidos, de uma gratificação de duas mil libras e cinco por cento da quantia que fôsse ainda encontrada nas mãos do roubador. Em quanto não obtinham as informações que o inquerito, a que logo se procedeu, devia ministrar, os homens da policia incumbiam-se de observar todos os viajantes que chegassem ou partissem.

Ora, dava-se o caso, como dizia o *Morning-Chronicle*, que havia toda a rasão para suppor que o auctor do roubo não fazia parte de nenhuma das sociedades de ladrões de Inglaterra. Durante o dia 29 de setembro tornara-se digno de reparo um viajante bem trajado, de boas maneiras, apparencia distincta, que passeava de um lado para o outro na sala dos pagamentos, theatro

do roubo. O inquerito permittira reproduzir com soffivel exactidão os signaes d'este *gentleman*, os quaes logo foram transmittidos a todos os detectives do Reino Unido e do continente. Alguns espiritos credulos, — e n'este numero entrava Gauthier Ralph — julgavam-se com fundamento para esperar que o ladrão não escapasse ás armadilhas ardilosas que lhe haviam preparado.

Como bem se deve imaginar, este acontecimento era a ordem do dia em Londres e em toda a Inglaterra. Discutia-se, tomava-se calor a favor ou contra as probabilidades do exito da policia metropolitana. Por isso não deve causar admiração ouvirmos os membros do Reform-Club tratarem da mesma questão, muito mais achando-se entre elles um dos sub-governadores do Banco.

O respeitavel Gauthier Ralph não punha duvida nos resultados das pesquisas, calculando que a gratificação offerecida devia extraordinariamente estimular o zelo e a intelligencia dos agentes. Mas o seu collega Andrew Stuart estava longe de partilhar a sua confiança. A discussão continuou, pois, entre os *gentlemen*, que se tinham sentado a uma mesa do whist, Stuart em frente de Flanagan, Fallentin diante de Phileas Fogg. Durante o jogo os jogadores não fallavam, mas no intervallo dos *robs* a conversa interrompida recomeçava com mais animação.

— Eu sustento, disse Andrew Stuart, que as probabilidades são a favor do ladrão, que é por força homem muito habil!

— Ainda assim, respondeu Ralph, já não ha nenhum paiz onde elle se possa refugiar.

— Ora essa!

— Para onde quer que elle vá?

— Não sei, disse André Stuart, mas a final o mundo é grande.

— Era em outros tempos... disse a meia voz Phileas Fogg. Depois — Agora corta o senhor — acrescentou elle apresentando as cartas a Thomas Flanagan.

A discussão foi suspensa durante este intervallo. Mas d'ali a pouco Andrew Stuart recomeçou com maior ardor:

— Como, outr'ora! Porventura a terra diminuiu?

— De certo, respondeu Gauthier Ralph. Sou da opinião de mr. Fogg. A terra diminuiu, porque a percorrem agora dez vezes mais depressa do que ha cem annos. E é o que, no caso de que nos occupâmos, tornará mais rapidas as pesquisas.

— E tornará mais facil a fuga ao ladrão!

— Agora pertence-lhe jogar, mr. Stuart! disse Phileas Fogg.

Mas o incredulo Stuart não estava convencido, e assim que a partida terminou, redarguiu:

— É preciso confessar, mr. Ralph, que achou um modo engraçado de dizer que a terra diminuiu! Portanto, como hoje se lhe dá a volta em tres mezes...

— Em oitenta dias apenas, disse Phileas Fogg.

— Effectivamente, senhores, accrescentou John Sullivan, bastam oitenta dias, depois que a secção entre Rothal e Allahabad foi aberta no «Great-Indian peninsular Railway», e eis o calculo feito pelo *Morning-Chronicle*:

De Londres a Suez pelo monte Cenis e Brindisi, por paquetes e caminhos de ferro.....	7 dias
De Suez a Bombaim, por paquete	13 »
De Bombaim a Calcutá, por caminho de ferro	3 »
De Calcutá a Hong-Kong (China), por paquete	13 »
De Hong-Kong a Yokohama (Japão), por pa- quete.....	6 »
De Yokohama a San Francisco, por paquete... ..	22 »
De San Francisco a New-York, por raminho de ferro.....	7 »
De New-York a Londres, por paquete e caminho de ferro	9 »
Total.....	80 »

— Sim, oitenta dias! exclamou Andrew Stuart, que por distracção cortou um trunfo; mas sem metter em conta o mau tempo, os ventos desfavoraveis, os naufragios, os descarrilamentos, etc.

— Mettendo tudo isso, redarguiu Phileas Fogg continuando a jogar, porque a discussão nem já respeitava o whist.

— Mesmo se os indios levantarem os rails! exclamou Andrew Stuart, se fizerem parar os comboios, se roubarem os fourgons, se esfolarem o craneo aos viajantes!

— Mettendo tudo isso, voltou Phileas Fogg, que, pondo o jogo na mesa, acrescentou:

— Dois trunfos.

Andrew Stuart, a quem tocava a vez de dar, juntou as cartas dizendo:

— Theoricamente, tem razão, mr. Fogg, mas na pratica...

— Na pratica tambem, mr. Stuart.

— Desejava vel-o experimentar.

— Depende isso apenas de mr. Stuart. Partamos ambos.

— Deus me livre! exclamou Stuart, mas apostava de boa vontade quatro mil libras que uma tal viagem feita em similhantes condições é impossivel.

— Muito possivel, pelo contrario, respondeu mr. Fogg.

— Então faça essa viagem!

— A volta do mundo em oitenta dias?

— Sim.

— Porque não?

— Quando?

— Já.

— É uma loucura! exclamou Andrew Stuart, a quem a insistencia do seu parceiro começava a incommodar. Basta! joguemos antes.

— Torne então a dar, redarguiu Phileas Fogg, porque houve engano.

Andrew Stuart pegou outra vez nas cartas com mão

febril; depois, tornando a pôl-as de repente em cima da mesa, exclamou:

— Bem, bem, mr. Fogg, aposto as quatro mil libras!...

— Meu caro Stuart, socegue, disse Fallentin. Isto não é serio.

— Quando digo «aposto», retorquiu Andrew Stuart, é sempre a serio.

— Seja! disse mr. Fogg.

Em seguida, voltando-se para os seus collegas, exclamou:

— Tenho vinte mil libras depositadas em casa de Baring Irmãos. Arriscava-as de boa vontade...

— Vinte mil libras! exclamou John Sullivan. Vinte mil libras que uma demora imprevista póde fazer perder.

— O imprevisto não existe, ponderou Phileas Fogg com a maior simplicidade.

— Mas mr. Fogg, este lapso do oitenta dias é calculado apenas com o minimo do tempo!

— Um minimo chega para tudo.

— Mas para o não exceder é preciso saltar mathematicamente dos rails-ways nos paquetes, e dos paquetes nos caminhos de ferro!

— Saltarei mathematicamente.

— É gracejo!

— Um verdadeiro inglez não graceja nunca, quando se trata de uma cousa tão seria como de uma aposta, redarguiu Phileas Fogg. Eu aposto vinte mil libras contra quem quizer, que farei a viagem á roda do mundo em oitenta dias pelo menos, ou, por outras palavras, em mil novecentas e vinte horas, ou cento e quinze mil e duzentos minuitos. Aceitam?

— Aceitâmos, responderam mrs. Stuart, Fallentin, Sullivan, Flonagan e Ralph, depois de se haverem entendido.

— Bem, disse mr. Fogg. O trem do Douvres parte ás oito horas e quarenta e cinco minutos. Tomal-o-hei.

— Esta noite mesmo? perguntou Stuart.

— Esta noite mesmo, respondeu Phileas Fogg. Portanto acrescentou elle consultando um calendario de al-gibeira, visto ser hoje quarta feira 2 de outubro, deverei estar de volta a Londres, a este mesmo salão do Reform-Club, sabbado 21 de dezembro, ás oito horas e quarenta e cinco minutos da noite, aliás as vinte mil libras depositadas actualmente em casa de Baring Irmãos lhes pertencerão de facto e de direito. — Eis aqui um cheque d'essa importancia.

No mesmo instante fez-se um processo verbal da aposta, o qual foi assignado pelos seis interessados. Phileas Fogg tinha permanecido impassivel. Não apostára de certo para ganhar, e não arriscava as vinte mil libras — metade da sua fortuna — senão porque previa que poderia ter que dispendar a outra metade na realisação d'este difficil, para não dizer impossivel, projecto. Quanto aos seus adversarios, pareciam commovidos, não por causa da quantia, mas porque tinham escrupulo de fazer uma aposta em taes condições.

Davam n'aquelle momento sete horas. Offereceram-se a mr. Fogg para suspender o whist, a fim d'elle poder fazer os seus preparativos de viagem.

— Estou sempre preparado, respondeu o impassivel *gentleman* dando as cartas.

— O trunfo é de copas, disse elle. Pertence-lhe jogar, mr. Stuart.

CAPITULO IV

EM QUE PHILEAS FOGG FAZ PASMAR O SEU CREADO
PASSEPARTOUT

As sete horas e vinte e cinco minutos, Phileas Fogg, depois de ter ganho uns vinte guinéus ao whist, despediu-se dos seus respeitaveis collegas, e saiu do Reform-Club.

Às sete e cinquenta abria a porta da casa onde morava, e entrava.

Passepartout, que tinha conscienciosamente estudado o seu programa, ficou bastante surprehendido ao ver mr. Fogg, incorrendo em culpa de inexactidão, apparecer a esta hora insolita. Segundo o cartaz, não devia o locatario de Saville-row recolher-se senão á meia noite em ponto.

Phileas Fogg subiu logo ao seu quarto e chamou :

— Passapartout.

Passepartout não respondeu. O chamamento não podia ser com elle. Não era ainda a hora.

— Passepartout, repetiu mr. Fogg sem elevar mais a voz.

Passepartout, appareceu.

— É a segunda vez que chamo.

— Ainda não é meia noite, redarguiu Passepartout de relógio na mão.

— Bem sei, replicou Phileas Fogg, e não o reprehendo. Partimos dentro de dez minutos para Douvres e Calais.

Um especie de careta encrespou as faces nédias e redondas do francez. Era evidente que tinha ouvido mal.

— O meu amo ausenta-se? perguntou elle.

— Sim, respondeu Phileas Fogg. Vamos fazer uma viagem á roda do mundo.

Passepartout, com os olhos extraordinariamente arregalados, as palpebras e as sobrancelhas levantadas, os braços caídos, o corpo meio curvado, apresentava n'aquelle momento todos os symptomas do espanto levado aos limites da estupefacção.

— Á roda do mundo! murmurou elle.

— Em oitenta dias, acrescentou mr. Fogg. De modo que não temos um momento a perder.

— Mas as malas? ponderou Passepartout, que inconscientemente movia a cabeça da direita para a esquerda.

— Nada de malas. Um sacco de viagem só. Mettem-se-lhe duas camizas de lã e trez pares de meias. O mes-

mo para si. Ha de trazer para baixo o meu makintosh e a minha manta de viagem. Arranje calçado bom. Que ainda assim nós pouco andaremos ou nada. Avie-se.

Passepartout desejava ponderar alguma cousa. Não ponde. Saíu do quarto de Fogg, subiu ao seu, deixou-se cair n'uma cadeira, e empregando uma phrase vulgar na sua terra natal, exclamou:

— Isto é que é uma grande peça! E eu que procurava o repouso!...

E machinalmente poz-se a fazer os seus preparativos de viagem. A volta do mundo em oitenta dias! estaria lidando com um doido! Não... Seria um gracejo! Iam a Douvres, muito bem; a Calais, embora. A final, isto não poderia contrariar grandemente o bom do moço, que havia cinco annos não pisava o solo da patria. Talvez mesmo que fôsem até Paris, e é de crer que elle tivesse grande satisfação em tornar a ver a grande capital. Mas, em todo o caso, não era provavel que um *gentleman* tão calculista nas passadas que dava ficasse por ali. E a final a verdade é que este *gentleman* partia, deslocava-se, apesar de ter sido até áquelle tempo tão amigo da casa e do repouso!

As oito horas Passepartout já tinha arranjado o modesto sacco de viagem que continha a sua guarda-roupa e a do seu amo; em seguida, com o espirito ainda um pouco perturbado, saíu do seu quarto, cuja porta fechou cuidadosamente, e reuniu-se a mr. Fogg.

Mr. Fogg estava prompto. Tinha debaixo do braço a *Guia geral de paquetes e caminhos de ferro de Bradshaw*, que lhe devia ministrar todas as indicações necessarias para a viagem. Tomou o sacco das mãos de Passepartout, abriu o, e deixou cair dentro um formidavel maço d'esses bellos bilhetes de banco que têm curso em todo o mundo.

— Não se esqueceu de nada? perguntou elle.

— De nada, senhor.

— O makintosh e a manta?

— Eil-os.

— Bem, pegue no saco.

Mr. Fogg entregou o saco a Passepartout.

— Cuidado, acrescentou mr. Fogg. Dentro estão vinte mil libras (90 :000\$000 de réis).

O saco ia quasi caindo das mãos de Passepartout, como se as vinte mil libras fôsem de ouro e pesassem consideravelmente.

O creado e o amo desceram então, e a porta da rua foi fechada com a maxima segurança.

No fim da rua de Saville-row havia uma estação de carruagens. Phileas Fogg e o creado tomaram um trem, o qual rapidamente se dirigiu para a *gare* de Charing-Cross, aonde vem ter um dos ramaes do caminho de ferro de Sueste.

Às oito e vinte a carruagem parava diante da *gare*. Passepartout apeou-se. O amo seguiu-o e pagou ao cocheiro.

N'aquelle momento uma pobre, com uma creança pela mão, descalça sobre a lama, com um chapéu na cabeça, velho e estragado, do qual pendia uma deploravel pluma, com um chale esfarrapado sobre os andrajos, chegou-se a mr. Fogg e pediu-lhe esmola.

Mr. Fogg tirou da algibeira os vinte guinéus que tinha ganho ao whist, e dando-os á mendiga, disse :

— Tome lá, boa mulher, estimo bem tê-la encontrado!
E continuou seu caminho.

Passepartout sentiu uma como humidade em volta da menina do olho. O amo entrara-lhe um palmo pelo coração dentro.

Mr. Fogg e Passepartout penetraram no mesmo instante na vasta sala da estação. Ali mr. Phileas deu ordem a Passepartout para comprar dois bilhetes de primeira classe para Paris. Em seguida, voltando-se, deparou com os seus cinco collegas do Reform-Club.

— Parto, meus senhores, disse elle, e os diversos *vistos* postos n'um passaporte que levo commigo permittir-lhes-hão verificar o meu itinerario.

— Ah! mr. Fogg, redarguiu com toda a polidez Gauthier Ralph, é escusado. A sua honra de *gentleman* serve-nos de garantia.

— Assim é melhor, disse mr. Fogg.

— Não se esquece que deve voltar... observou Andraw Stuart.

— Dentro de oitenta dias, tornou mr. Fogg, sabbado 21 de dezembro de 1872, ás oito horas e quarenta e cinco minutos da noite. Até á volta, meus senhores.

Ás oito e quarenta Phileas Fogg e seu creado tomavam logar no mesmo compartimento. Ás oito e quarenta e cinco soava o apito e o comboio punha-se a caminho.

Estava escura a noite. Caía uma chuva miuda. Phileas Fogg mettido no seu canto não dizia palavra. Passepartout, como que estonteado ainda, apertava machinalmente contra si o saco onde iam as notas do Banco.

Mas ainda o comboio não passára para diante de Sydenham, quando Passepartout soltou um verdadeiro berro de desespero!

— O que tem? perguntou mr. Fogg.

— Tenho... que... com a pressa... na minha perturbação... esqueci-me...

— De que?

— De apagar o bico de gaz do meu quarto.

— Está bom, meu rapaz, replicou mr. Fogg com frieza, fica a arder por sua conta.

CAPITULO V

EM QUE APPARECE NA PRAÇA DE LONDRES UM NOVO VALOR

Ao sair de Londres, estava de certo Phileas Fogg longe de imaginar o grande ruido que a sua partida ia produzir. A noticia da aposta espalhou-se a principio no Reform-Club, e causou verdadeira commoção n'aquelle respeitavel circulo. Em seguida esta commoção propagou-se até aos jornaes, por intermedio dos fornecedores de noticias, e d'ahi ao publico de Londres e de todo o Reino Unido.

Esta questão *da volta do mundo* foi commentada, discutida, dissecada, com tanta vehemencia e ardor como se fôsse uma nova questão do *Alabama*. Uns tomaram o partido de Phileas Fogg, outros — e formaram depressa uma maioria consideravel — pronunciaram-se contra elle. Realisar o giro do mundo, de maneira que não fôsse em theoria e no papel, n'este minimo de tempo, com os meios de communicação de que actualmente se dispõe, não só era impossivel, era disparatado!

O *Times*, o *Standart*, o *Evening-Star*, o *Morning Chronicle*, e muitos outros jornaes de grande publicidade, declararam-se contra mr. Fogg. Só o *Daily-Telegraph* o defendeu até certo ponto. Phileas Fogg foi geralmente alcunhado de maniaco, de louco, e os seus collegas do Reform-Club foram censurados por terem acceitado uma tal aposta, que denunciava enfraquecimento das faculdades mentaes do auctor.

Sobre este thema appareceram varios artigos extremamente acalorados, mas logicos. É geralmente sabido o interesse que se toma em Inglaterra por tudo quanto diz respeito á geographia. Por isso não havia leitor, de qualquer classe que fôsse, que não devorasse as columnas consagradas á questão de Phileas Fogg.

Nos primeiros dias, alguns espiritos arrojados, — as mulheres principalmente — mostraram-se a favor d'elle, sobretudo quando o *Illustrated London News* publicou o seu retrato copiado da photographia depositada nos archivos do Reform-Club. Certos *gentlemen* aventuraram-se a dizer : Ora! ora! a final porque não? Têm-se visto cousas mais extraordinarias! Eram principalmente os leitores do *Daily-Telegraph* que assim fallavam. Mas depressa se reconheceu que este mesmo jornal começava a fraquejar na argumentação.

Effectivamente, a 7 de outubro, appareceu um extenso artigo no *Boletim da Sociedade Real de Geographia*. Este jornal tratou a questão sob todos os pontos de vista, e demonstrou claramente a loucura da empresa. Segundo demonstrava este artigo: tudo era contra o viajante, os obstaculos dos homens e os obstaculos da natureza.

Para o exito d'este projecto tornava-se necessario admitir uma concordancia milagrosa das horas da partida e da chegada, concordancia que não existia, que não podia existir. Em rigor, na Europa, onde as vias de communicação são de uma extensão relativamente mediocre, póde-se contar com a chegada dos trens a hora fixa; mas quando esses trens gastam tres dias a atravessar a India, sete dias a atravessar o Estados Unidos, podiam-se com rigor basear sobre a sua exactidão os elementos de um tal problema? E os accidentes das machinas, os descarrilamentos, os choques entre os comboios, o mau tempo, a accumulção da neve, tudo isto não era contra Phileas Fogg? Nos paquetes, não se havia elle de achar, durante o inverno, á mercê dos pés de vento ou dos novoeiros? Será raro terem os navios mais velozes das linhas transoceanicas atrasos de dois ou tres dias? Ora, bastava um atrazo, um só, para que a cadeia de communicação fôsse irremediavelmente interrompida. Se Phileas Fogg perdia, por poucas horas que fôsse, a partida de algum paquete, seria obrigado a esperar o paquete seguinte, e a

sua viagem ficava por isso mesmo infallivelmente comprometida.

O artigo fez ruido. Quasi todos os jarnaes o reproduziram, e as acções de Phileas Fogg desceram bastante.

Nos primeiros dias que se seguiram á partida do *gentleman*, importantes apostas se haviam feito sobre o exito da tentativa. Sabe-se o que é a classe dos apostadores em Inglaterra, classe mais intelligente, mais esclarecida que a dos jogadores. O apostar está no temperamento inglez. Por esta rasão, não só os diversos membros do Reform-Club fizeram apostas consideraveis a favor de Phileas Fogg e contra elle, mas o publico em massa participou do movimento. Phileas Fogg foi inscripto, como qualquer cavallo de corridas, n'uma especie de *studbook* ou livro de registo. Fizeram d'elle tambem um valor de bolsa, que immediatamente foi cotado na praça de Londres. Procurava-se, offerecia-se — Phileas Fogg — firme ou com premio, como qualquer papel de credito, e fizeram-se com elle transacções enormes. Mas cinco dias depois da partida do *gentleman*, em vista do artigo do *Boletim da Sociedade de Geographia*, a offerta começou a augmentar. O Phileas Fogg desceu. Offereceram-n'o aos maços. Tomado a principio a cinco, depois a dez, não o tomaram a final senão a vinte, a cincoenta, a cem!

Só lhe restou um partidario. Foi o velho paralytico, lord Albermale. O honrado *gentleman*, pregado na sua poltrona, daria de boa vontade a fortuna para fazer a volta do mundo mesmo em dez annos, e apostou cinco mil libras em favor de Phileas Fogg. E quando ao mesmo tempo que lhe demonstravam a insensatez do projecto lhe mostravam a sua inutilidade, contentava-se em responder:

— Se a cousa é factivel, convem que um inglez seja o primeiro a fazel-a!

Ora, estavam as cousas n'este pé, os partidarios de Phileas Fogg cada vez se tornavam mais raros; toda a gente, e não sem rasão, punha-se contra elle; já não o tomavam

senão a cento e cinquenta, a duzentos contra um, quando, sete dias depois d'elle ter partido, um incidente completamente inesperado, fez com que já o não tomassem por cousa alguma.

Effectivamente, pela volta das nove horas da noite, o director da policia metropolitana recebeu um despacho telegraphico concebido nos seguintes termos :

SUEZ A LONDRES

*Rowan, director da policia, administração central
praça de Scotland*

«Estou no rasto do ladrão do Banco, Phileas Fogg. Mande quanto antes ordem de prisão para Bombaim (India ingleza).

«*Fix*, agente de policia.»

Foi rapido o effeito d'este despacho. O respeitavel *gentleman* desaparecia para dar logar ao ladrão das notas do Banco. A sua photographia depositada no Reform-Club, conjunctamente com as dos collegas, foi examinada. Reproduzia feição por feição o homem cujos signaes o inquerito fornecera. Lembraram-se então do que offerecia de mysterioso o viver de Phileas Fogg, do seu isolamento, da sua partida subita, e pareceu evidente que este personagem, dando por pretexto uma viagem á roda do mundo, e apoiando-a n'uma aposta insensata, só tinha por fim fazer perder a pista aos agentes da policia ingleza.

CAPITULO VI

EM QUE O AGENTE FIX MOSTRA UMA IMPACIENCIA
BEM JUSTIFICADA

Eis as circumstancias em que fôra expedido o despacho que dizia respeito a mr. Phileas Fogg.

Na quarta feira, 9 de outubro, esperava-se que chegasse ás onze horas da manhã a Suez o paquete *Mongolia*, pertencente á companhia peninsular e oriental, vapor de ferro, com helice e falsa coberta, de duas mil e oitocentas toneladas de porte e da força nominal de quinhentos cavallos. O *Mongolia* fazia regularmente as viagens de Brindisi a Bombaim pelo canal de Suez. Era um dos barcos mais velozes da companhia, e o andamento regularmente de dez milhas por hora entre Brindisi e Bombaim, e de nove milhas e cincoenta e tres centesimos de milha entre Suez e Bombaim, havia-o elle sempre excedido.

A espera do *Mongolia*, passeavam dois homens no caes em meio da multidão de indigenas e de estrangeiros que affluem a esta cidade, ainda ha pouco uma aldeia, e á qual a grande obra de mr. de Lesseps garante um porvir bastante prospero.

D'estes dois homens, um era o agente consular do Reino Unido, estabelecido em Suez, que — a despeito dos desfavoraveis prognosticos do governo britannico e das sinistras predições do engenheiro Stephenson — via todos os dias os navios inglezes atravessarem o canal, reduzindo assim a metade o antigo caminho da Inglaterra para as Indias pelo Cabo da Boa Esperança.

O outro era um homemsinho magro, de aspecto bastante intelligente, nervoso, que contraia com persistencia notavel os musculos superciliarios. Através de longas pestanas brilhavam-lhe uns olhos muito vivos, mas cujo fulgor sabia extinguir quando queria. N'este momento dava

elle indicios de impaciencia, andando de um lado para o outro sem poder parar um instante.

Este homem chamava-se Fix, e era d'esses «detectives» ou agentes de policia ingleza, que tinham sido mandados para diversos pontos, depois do roubo commettido no Banco de Inglaterra. Este Fix devia espionar com a maior attenção todos os viajantes que seguissem a via de Suez, e se algum lhe parecesse suspeito, não o perder de vista, até chegar uma ordem de prisão.

Havia dois dias que Fix recebêra do director da policia metropolitana os signaes do supposto auctor do roubo. Eram os do personagem distincto e bem trajado que fôra visto na sala dos pagamentos do Banco.

O agente, evidentemente estimulado pelo boa gratificação promettida, esperava por isso com uma impaciencia facil de comprehender a chegada do *Mongolia*.

— E o senhor consul diz que o vapor não pôde tardar? perguntou elle pela decima vez.

— Não, mr. Fix, respondeu o consul. Foi hontem avistado nas alturas de Port-Said, e os cento e sessenta kilometros do canal para um tal caminhante não são nada. Repito-lhe que o *Mongolia* ganha sempre o premio de vinte e cinco libras que o governo dá por cada avanço de vinte e quatro horas alem do tempo regulamentar.

— Este paquete vem directamente de Brindisi? perguntou Fix.

— Mesmo de Brindisi, onde tomou as malas da India, de Brindisi d'onde largou sabbado ás cinco horas da tarde. Tenha paciencia, não se pôde demorar. Mas na verdade não sei, com os signaes que tem, como poderá reconhecer o homem, se elle estiver a bordo do *Mongolia*.

— Senhor consul, redarguiu Fix, essa especie de gente sente-se não se reconhece. Faro é que é preciso ter, e o faro é uma especie de sentido especial para o qual concorrem o ouvido, a vista e o olfato. Tenho na vida agarrado mais de um d'esses *gentlemen*, e comtanto que o meu la-

drão esteja a bordo, afianço-lhe que me não ha de escapar por entre os dedos.

— Assim o desejo, mr. Fix, porque se trata de um roubo importante.

— Um roubo magnifico, retorquiu o agente entusiasmado. Cincoenta e cinco mil libras! Não temos sempre pechinchas assim! Os ladrões vão-se tornando mesquinhos. A raça dos Sheppard decae! Nos tempos que vão correndo, os ladrões fazem com que os enforcem por quaesquer *shillings*!

— Mr. Fix, volven o consul, está fallando de tal maneira que lhe desejo bastante um exito feliz; mas, repito-lhe, nas condições em que se acha, receio que seja difficil. Pelos signaes que recebeu, bem vê que o tal ladrão parece perfeitamente um homem de bem.

— Senhor consul, respondeu sentenciosamente o inspector de policia, os grandes ladrões parecem sempre homens honrados. Bem deve comprehender que os que tiverem cara de tratante não lhes resta outro partido senão ficarem probos, aliás fazem com que os prendam. As caras honradas são as que muito principalmente se precisam desmascarar. Sou de opinião que é um trabalho difficil esse, e para o qual se torna necessaria, mais do que a pratica, a habilidade.

Pelo que fica dito, vê-se que o tal Fix não deixava de ter uma certa dóse de amor proprio.

Entretanto a animação ia principiando no caes. Começavam a affluir marinheiros de diversas nacionalidades, commerciantes, corretores, moços de fretes e *fellahs*. A chegada do paquete de certo que estava proxima.

Fazia um tempo lindo, mas o ar estava frio por effeito do vento que soprava do oriente. Por sobre a cidade, no fundo azul frouxamente illuminado pelos pallidos raios do sol, recortavam-se alguns minaretes. Para a banda do sul um molhe de dois mil metros de comprimento estendia-se como um braço no ancoradouro de Suez. Sobre o

mar Roxo balouçavam-se varios barcos de pesca ou de cabotagem, alguns dos quaes conservam ainda o feitio elegante da galera antiga.

Divagando no meio d'este populacho, Fix, por um habito proveniente da sua profissão, examinava de um relance os transeuntes.

Eram duas horas e meia.

— Mas então esse paquete não chega! exclamou elle quando ouviu o relógio do porto dar horas.

— Não pôde vir longe, acudiu o consul.

— Quanto tempo se demora elle em Suez? perguntou Fix.

— Quatro horas, o tempo sufficiente para metter carvão. De Suez a Aden, na extremidade do mar Roxo, vão trezentas e dez milhas, e é preciso fazer provisão de combustível.

— E de Suez esse vapor vae directamente a Bombaim?

— Directamente, sem descarregar.

— Ora bem, disse Fix, e o ladrão tomou este caminho e este barco, deve entrar nos seus planos o desembarcar em Suez, a fim de alcançar por uma outra via as possessões hollandezas ou francezas da Asia. Ha de saber muito bem que não estaria em segurança na India, que é terra ingleza.

— Isso suppondo que não é homem de grande habilitade, volven o consul. Bem sabe que um criminoso inglez esconde-se muito melhor em Londres do que em qualquer paiz estrangeiro.

Depois d'esta reflexão, que deu muito que scismar ao agente, o consul voltou para o seu escriptorio, que ficava pouco distante. O homem da policia ficou só, entregue a uma impaciencia nervosa, com o presentimento bastante singular de que o seu ladrão devia achar-se a bordo do *Mongolia*, — e na verdade, se aquelle velhaco saíra de Inglaterra com a intenção de passar á America, o cami-

nho das Indias, menos vigiado, ou mais difficil de vigiar que o do Atlantico, devia merecer-lhe a preferencia.

Fix não esteve muito tempo entregue a estas reflexões. Silvos penetrantes annunciaram a chegada do paquete. A horda inteira dos ganha-pães e dos *fellahs* correu para o caes, em tumulto um pouco inquietador para os membros e para os fatos dos passageiros. De terra largou cerca de uma duzia de bateis e dirigiram-se para o *Mongolia*.

Bem depressa se avistou o casco gigantesco do *Mongolia*, deslizando entre as margens do canal, e davam onze horas quando o steamer ancorava no porto, ao mesmo tempo que o vapor da machina se escapava com grande ruido pelos tubos de segurança.

Os passageiros eram em grande numero. Alguns ficaram sobre a coberta a contemplar o panorama pittoresco da cidade; mas a maior parte embarcou nos bateis que tinha a bordo do *Mongolia*.

Fix examinava escrupulosamente todos que desembarcavam.

N'este momento um d'elles aproximou-se-lhe, depois de ter vigorosamente repellido os *fellahs* que o importunavam com os seus offerecimentos, e perguntou-lhe com toda a delicadeza se lhe podia indicar a casa do consulado inglez. Dizendo isto, o passageiro apresentava um passaporte no qual desejava de certo fazer pôr o visto britannico.

Fix pegou instinctivamente no passaporte, e de um rapido golpe de vista leu as indicações exaradas no documento.

Por pouco que não fez um movimento involuntario. O papel tremeu-lhe na mão. Os signaes de que o passaporte fazia menção eram os mesmos que recebêra do director da policia da metropole.

— Este passaporte não é seu? disse elle ao passageiro.

— Não, respondeu o interpellado, é de meu amo.

— E onde está seu amo?

— Ficou a bordo.

— Mas, ponderou o agente, é preciso que elle se apresente em pessoa ao consul, a fim de demonstrar a sua identidade.

— O que, pois isso é necessario?

— É indispensavel.

— E onde fica a casa do consul?

— Acolá, ao canto da praça, respondeu o agente, apontando para uma casa distante d'ali duzentos passos.

— Então, vou buscar meu amo, que não deve gostar muito d'este incommodo.

Dito isto, o passageiro cumprimentou Fix e voltou para bordo do vapor.

CAPITULO VII

QUE PROVA MAIS UMA VEZ A INUTILIDADE DOS PASSAPORTES EM ASSUMPTOS DA POLICIA

O agente de policia dirigiu-se rapidamente para o escriptorio do consul. No mesmo instante, e em satisfação ao seu pedido urgente, foi introduzido junto do funcionario.

— Senhor consul, disse elle sem mais preambulos, tenho boas rasões para crer que o nosso homem tomou passagem a bordo do *Mongolia*.

E Fix contou o que se passára entre elle e o creado a proposito do passaporte.

— Bem, mr. Fix, redarguiu o consul, não se me dá de ver a cara d'esse tratante. Mas é de crer que não venha aqui, se for o que suppõe.

Um ladrão não gosta de deixar vestigios da sua passagem, e depois, a formalidade dos passaportes ha muito tempo que não é obrigatoria.

— Senhor consul, volveu, o agente, se for, como bem se deve imaginar, um homem muito habil, ha de vir.

— Pôr o visto no seu passaporte?

— De certo. Os passaportes só servem para estorvar as pessoas de bem e favorecer a fuga das que o não são. Affirmo-lhe que o d'aquelle ha de estar em regra, mas espero, com razão, que o senhor não lhe porá o visto...

— E porque não? Se o passaporte estiver regular, retorquiu o consul, não tenho direito de recusar a minha assignatura.

— Entretanto, senhor consul, é preciso que eu retenha aqui este homem até receber de Londres uma ordem de prisão.

— Ah! senhor, isso diz-lhe respeito, retorquiu o consul, mas eu não tenho direito...

O consul não poudo concluir. N'este momento batiam á porta do gabinete, e o moço do escriptorio introduziu dois estrangeiros, um dos quaes era precisamente o creado que fallára com o agente.

Eram com effeito o amo e o creado. O amo apresentou o seu passaporte, pedindo com todo o laconismo ao consul que o referendasse.

O consul pegou no passaporte e leu-o com toda a attenção, ao mesmo tempo que Fix, n'um canto do gabinete, observava ou antes devorava o estrangeiro com os olhos.

Quando acabou de ler, o consul perguntou:

— É Phileas Fogg, esquire?

— Sim, respondeu o *gentleman*.

— E este homem é seu creado?

— É. Chama-se Passepartout e é francez.

— Vem de Londres?

— Venho.

— E para onde vae?

— Para Bombaim.

— Bem, senhor. Sabe que a formalidade do visto é inutil, e que já não se exige a apresentação dos passaportes?

— Bem sei, respondeu Phileas Fogg, mas desejo provar com a sua assignatura que passei pelo canal de Suez.

— Seja assim.

E o consul assignou e datou o passaporte, e poz n'elle o seu sinete. Mr. Fogg pagou os respectivos direitos, e depois de ter cumprimentado com toda a frieza, saiu, seguido do seu creado.

— Então? perguntou o agente.

— Então, respondeu o consul, tem cara de um homem honrado!

— É possível que seja, volveu Fix, mas não é d'isso que se trata. Não acha, senhor consul, que este fleugmatico *gentleman* não se parece feição por feição com o homem cujos signaes recebi?

— Sou d'essa opinião, mas bem sabe que isto de signaes...

— Não quero ficar com escrúpulos, tornou Fix. O creado parece menos indecifrável que o amo. Demais, é um francez que não deixará de fallar. Até já.

Dito isto, o agente saiu e poz-se á procura de *Passe-partout*.

Entretanto mr. Fogg, saíndo da casa consular, encaminhara-se para o caes. Ali deu algumas ordens ao creado; depois embarcou n'um batel, voltou para bordo do *Mongolia* e metteu-se no beliche. Pegou então no seu livrinho de lembranças, que tinha as notas seguintes:

«Saída de Londres, quarta feira 2 de outubro, ás 8 horas e 45 minutos da noite.

«Chegada a Paris, quinta feira 3 de outubro, ás 8 horas e 40 minutos da manhã.

«Chegada a Turin pelo monte Cenis, sexta feira 4 de outubro, ás 6 horas e 35 minutos da manhã.

«Saída de Turin, sexta feira, ás 7 horas e 20 minutos.

«Chegada a Brindisi, sabbado 5 de outubro, ás 4 horas da noite.

«Embarque no *Mongolia*, sabbado, ás 5 horas da noite.

«Chegada a Suez, quarta feira 9 de outubro, ás 11 horas da manhã.

«Total das horas gastas até aqui: 158 $\frac{1}{2}$ ou 6 $\frac{1}{2}$ dias.»

Mr. Fogg inscreveu estas datas sobre um itinerario disposto em columnas, o qual indicava—desde 2 de outubro até 21 de dezembro—o mez, a data, o dia, as chegadas regulamentares e as chegadas effectivas a cada ponto principal, Paris, Brindisi, Suez, Bombaim, Calcuttá, Singapura, Hong-Kong, Yokohama, San Francisco, New-York, Liverpool, Londres, o que lhe permittia calcular o ganho obtido ou a perda soffrida em cada logar do transito.

Este methodico itinerario tomava nota de tudo, e mr. Fogg ficava sabendo se tinha avanço ou demora na viagem.

N'aquelle dia, quarta feira 2 de outubro, inscreveu a sua chegada a Suez, a qual concordava com a chegada regulamentar, e portanto não dava ganho nem perda.

Mandou que lhe servissem de almoçar no seu beliche. Quanto a ver a cidade, nem mesmo pensava n'isso, porque era d'essa raça de inglezes que fazem visitar pelos seus creados o paiz que atravessam.

CAPITULO VIII

EM QUE PASSEPARTOUT FALLA TALVEZ UM POUCO MAIS
DO QUE CONVENEM

Em poucos instantes Fix reuniu-se no caes a Passapartout, que vagueava e observava a cidade, não se julgando obrigado a deixar de a ver como seu amo.

— Ora bem, meu amigo, disse-lhe Fix chegando-se a elle, o seu passaporte já está referendado?

— Ah! é o senhor, respondeu o francez. Muito obrigado. Estamos em regra.

— E anda a ver a terra?

— Ando, mas nós vamos tão depressa que parece que viajâmos em sonho. Assim mesmo estamos em Suez?

— Em Suez.

— No Egypto?

— No Egypto, exacto.

— Na Africa?

— Na Africa.

— Na Africa! repetiu Passepartout. Custa a acreditar. Ora imagine que eu fazia de conta não passar de Paris, e a final vi essa famosa cidade, exactamente no espaço que vae das sete horas e vinte minutos da manhã até ás oito e quarenta, entre a estação do Norte e a estação de Lyon, através das vidraças de uma carruagem, e no meio de uma chuva torrencial. Tenho pena! Não desgostava de tornar a ver o cemiterio do Père Lachaise e o circo dos Campos Elyseos!

— Com que então têm muita pressa? perguntou o agente da policia...

— Eu, não, mas meu amo. A proposito, é preciso comprar piugas e camisas! Partimos sem malas, apenas com um saco de viagem.

— Vou leval-o a um bazar, onde acha tudo o que lhe é preciso.

— Oh! redarguiu Passepartout, é de uma tal complacencia!...

E ambos se pozeram a caminho. Passepartout continuava a conversar.

— Sobretudo, disse elle, é preciso muito cuidado em não perder o paquete.

— Tem tempo, exclamou Fix, ainda não é meio dia. Passepartout puxou de um grande relógio.

— Meio dia, disse elle. Ora essa! são nove horas e cincoenta e dois minutos!

— O seu relógio está atrasado.

— O meu relógio! Um relógio de familia, que me veio do meu bisavô! Não faz differença cinco minutos por anno! É um verdadeiro chronometro.

— Bem vejo o que é, redarguiu Fix. Regulou-o pela hora de Londres, que faz quasi duas horas de differença da de Suez. Deve ter cuidado de regular o relógio pela meridiana de todos os paizes por onde passar.

— Eu! tocar no meu relógio! exclamou Passepartout, nunca!

— N'esse caso não andará nunca de accordo com o sol.

— Tanto peor para o sol, senhor! É elle que não terá rasão!

E o excellente moço tornou a metter o relógio na algibeira do collete com um gesto sublime.

Instantes depois, Fix dizia-lhe:

— Então deixaram Londres precipitadamente?

— Assim parece. Na quarta feira, ás oito horas da noite, fóra do seu costume, mr. Fogg voltava do seu club, e tres quartos de hora depois tinhamos partido.

— Mas aonde vae o seu amo?

— Sempre em frente! uma viagem á roda do mundo!

— Uma viagem á roda do mundo! exclamou Fix.

— Sim, em oitenta dias. Uma aposta, diz elle, mas aqui para nós, não o creio. Seria uma cousa sem senso commum. N'isto anda outra cousa.

— Ah! é um original o seu amo?

— Assim me parece.

— É rico então?

— De certo, e leva comsigo uma boa somma em notas do Banco, novinhas em folha. Pelo caminho não se poupa a despesas. Ora veja, prometteu uma boa gratificação ao machinista do *Mongolia* se chegarmos a Bombaim com um grande avanço!

— E conhece ha muito seu amo?

— Eu! respondeu Passepartout, entrei para o seu serviço no proprio dia da nossa partida.

Facilmente se imagina o effeito que estas respostas produziram no espirito excitado do agente de policia.

Esta partida precipitada, a pressa de se ver em paizes distantes, o pretexto de uma aposta tão fóra do commum, tudo confirmava e devia confirmar Fix nas suas idéas. Fez fallar ainda mais o francez e obteve a certeza de que este moço não conhecia seu amo, e que este vivia isolado em Londres, que o tinham na conta de rico, sem se saber a origem da sua fortuna, que era um homem impenetravel, etc. Mas ao mesmo tempo Fix ponde obter a certeza de que Phileas Fogg não desembarcava em Suez, e que ía na realidade a Bombaim.

— Bombaim ainda ficará muito longe? perguntou Passepartout.

— Alguma cousa, respondeu o agente. Precisa para lá chegar uns seis dias de viagem por mar.

— E onde põe Bombaim?

— Na India.

— Na Asia?

— Podéra.

— Oh, demonio! Eu lhe digo... ha uma cousa que me dá volta ao juizo... é o bico!

— Qual bico?

— O meu bico de gaz, que me esqueci de apagar e que está a arder por minha conta. Ora calculei que me saía a dois shillings cada vinte e quatro horas, exactamente mais sete pence do que eu ganho, e bem deve comprehender que por pouco que a viagem se demore...

Fix ficaria comprehendendo a historia do gaz? É pouco provavel. Já não escutava e tomára uma resolução. Tinham ambos chegado ao bazar. Fix deixou ahi o seu companheiro fazer as compras, recommendou-lhe que não perdesse o *Mongolia*, e voltou a toda a pressa á casa consular,

Agora que a sua convicção estava formada, Fix recuperára todo o seu sangue frio.

Assim que chegou á presença do consul, disse-lhe :

— Já não me resta duvida. Apanhei-o. Faz-se passar por um excentrico que quer realisar uma viagem á roda do mundo em oitenta dias.

N'esse caso é um espertalhão, redarguiu o consul, e conta voltar a Londres, depois de ter feito perder a pista á policia dos dois mundos?

— Isso é que havemos de ver, exclamou Fix.

— Mas não se engana? perguntou-lhe mais uma vez o consul.

— Não me engano.

— Então porque é que esse ladrão teve interesse em referendar o passaporte em Suez?

— Porque?... não sei d'isso, meu consul, respondeu o *detective*, mas ouça-me.

Em poucas palavras referiu os pontos principaes da sua conversa com o creado do dito Fogg.

— Effectivamente todas as apparencias são contra esse homem. E o que vae fazer?

— Expedir um telegramma para Londres pedindo com instancia que me mandem uma ordem de prisão a Bombaim, embarcar em seguida no *Mongolia*, não perder de vista o meu ladrão até ás Indias, e ali, n'aquella terra ingleza, chegar-me a elle attenciosamente, com a minha ordem de prisão em punho, e pôr-lhe a mão no hombro.

Depois de proferir estas palavras friamente, o agente despediu-se do consul e dirigiu-se ao telegrapho. D'ahi mandou ao director da policia de Londres o despacho que já conhecemos.

Um quarto de hora depois, Fix, com a sua pequena bagagem na mão, mas bem fornecido de dinheiro, embarcava a bordo do *Mongolia*, e bem depressa o rapido paquete corria a toda a força do vapor nas aguas do mar Roxo.

CAPITULO IX

EM QUE O MAR ROXO E O MAR DAS INDIAS SE MOSTRAM
PROPICIOS AOS DESIGNIOS DE PHILEAS FOGG

A distancia entre Aden e Suez é exactamente de trezentas e dez milhas, e o regulamento da companhia concede aos seus paquetes um praso de cento e trinta e oito horas para percorrer. O *Mongolia*, que ia a todo o vapor, corria de maneira a ganhar avanço sobre o praso do regulamento.

A maior parte dos passageiros embarcados em Brindisi tinham a India por destino. Uns dirigiam-se a Bombaim, outros a Calcuttá, mas pela via de Bombaim, porque depois que uma linha ferrea atravessa em toda a sua largura a península indiana, deixou de ser necessario dobrar a ponta de Ceilão.

Entre estes passageiros contavam-se diversos funcionarios civis e officiaes de todas as graduações. D'estes pertenciam uns ao exercito britannico, propriamente dito, outros commandavam as tropas indigenas dos cypaes, todos pagos de um modo exorbitante, mesmo depois que o governo substituiu a Companhia das Indias: os alferes 7:000 francos, os brigadeiros 60:000 e os generaes 100:000.

Passava-se vida regalada a bordo do *Mongolia*, no meio d'esta sociedade de funcionarios, entre os quaes se misturavam alguns jovens inglezes, que, com o seu milhão na algibeira, iam fundar ao longe estabelecimentos de commercio. O *purser*, o despenseiro, o homem de confiança da companhia, o igual do capitão a bordo, fazia as cousas com grandeza. Pela manhã ao almoço, ao *lunch* das duas horas, ao jantar das cinco e meia, e á ceia das oito horas, as mesas vergavam sob o peso da

carne fresca, e das iguarias fornecidas pela despensa do paquete. As passageiras — e haviam algumas — mudavam de *toilette* duas vezes por dia. Tocava-se musica, dançava-se até quando o mar o permittia.

Mas o mar Roxo é muito caprichoso e está bastantes vezes mau, como todos os golfos estreitos e compridos. Quando o vento soprava ou da costa da Asia ou da costa da Africa, o *Mongolia*, especie de fuso comprido munido de helice, batido de través pelo vento, balouçava de modo horrivel. Então as damas desappareciam; calavam-se os pianos e as danças cessavam a um tempo. E comtudo, apesar do vento e da vaga, o paquete, impellido pela sua machina poderosa, não afrouxava a carreira em direcção ao estreito de Bab-el-Mandeb.

Durante este tempo que fazia Phileas Fogg?

Poder-se-ia julgar que, sempre inquieto e ancioso, se preocupava com as mudanças do vento prejudiciaes ao andamento do navio, com embate desordenado da vaga que punha a machina em perigo de grave accidente, enfim com todas as avarias possiveis que, obrigando o *Mongolia* a arribar a algum porto, compromettessem a viagem. Porém, não succedia assim, ou, pelo menos, se pensava em taes eventualidades, não o dava a conhecer. Era sempre o homem impassivel, o membro imperturbavel do Reform-Club, que nenhum accidente ou incidente podia surprehender. Não dava mais signaes de commoção do que poderiam dar os chronometros de bordo. Raras vezes o viam sobre a tolda. Pouco se lhe dava de observar este mar Roxo tão fertil em recordações, este theatro das primeiras scenas historicas da humanidade. Não vinha reconhecer as curiosas cidades espalhadas pelas suas margens, e cujo vulto se contornava algumas vezes no horisonte. Nem sequer pensava nos perigos d'este golfo arabico, do qual os antigos, Strabão, Arriano, Arthémidoro, Edrisi fallaram sempre com assombro, e cujas aguas nunca os navegadores se

atreviam outr'ora a sulcar sem primeiro consagrarem a viagem por meio de votos propicios.

O que fazia pois este original, encerrado no *Mongolia*? Em primeiro logar a tarefa de devorar as quatro refeições do dia, sem que nunca o balanço ou a arfagem do navio podessem causar desarranjo n'uma machina tão bem organisada como a sua. Depois jogava o whist.

Sim, tinha encontrado parceiros tão entusiastas como elle: um recebedor de impostos que se dirigia para o seu posto em Goa, um ministro da igreja, o reverendo Decimus Smith, que regressava a Bombaim, e um brigadeiro general do exercito inglez, que reunia ao seu corpo em Benarés. Estes tres passageiros tinham pelo whist a mesma paixão que mr. Fogg, e jogavam horas inteiras não menos silenciosamente do que ele.

Quanto a Passepartout, a enjôo não entrava com elle. Occupava um beliche da prôa, e comia tambem com toda a consciencia. Deve-se dizer que, decididamente, esta viagem, feita em taes condições, não lhe desagradava. Conformára-se, a final. Bem alimentado, bem abrigado, via terras, e depois affirmava a si proprio que similhante phantasia acabava em Bombaim.

No dia que se seguiu á partida de Suez, a 29 de Outubro, não foi sem certo prazer que elle encontrou sobre a tolda o obsequiador personagem a quem se dirigira ao desembarcar no Egypto.

— Não me engano, disse, chegando-se a elle com o mais amavel sorriso, foi effectivamente o senhor que tão complacientemente me serviu de guia em Suez?

— Effectivamente, respondeu o homem da policia, reconheço-o. É o creado d'aquelle inglez original...

— Exactamente, mr....

— Fix.

— Mr. Fix, repetiu Passepartout. Folgo immenso de o encontrar a bordo. E aonde vae?

— Como o senhor, a Bombaim.

— Melhor. Já fez esta viagem?

— Tenho-a feito muitas vezes, respondeu Fix. Sou agente da Companhia Peninsular.

— N'esse caso conhece a India?

— Ah... sim... respondeu Fix, que não queria adiantar-se muito.

— E é curiosa a India?

— Muito! Vêem-se mesquitas, minaretes, templos, fakirs, pagodes, tigres, serpentes, bailadeiras! Mas é de esperar que tenha tempo de visitar a terra.

— Assim espero, mr. Fix. Bem comprehende que não é permittido a um homem que tenha a cabeça no seu logar passar a vida a saltar dos paquetes para os caminhos de ferro, e dos caminhos de ferro para os paquetes, sob pretexto de fazer uma viagem á roda do mundo em oitenta dias! Não. Toda esta gymnastica ha de acabar em Bombaim, não duvide d'isso.

— E mr. Fogg passa bem? perguntou Fix com o tom mais natural.

— Muito bem, mr. Fix, muito bem. E tambem eu. Como que nem um ogre em jejum. É do ar do mar.

— E o seu amo, nunca o vejo na tolda?

— Nunca vem acima. Não é homem curioso.

— Sabe, senhor Passepartout, que esta pretendida viagem em oitenta dias podia muito bem occultar uma missão secreta... uma missão diplomatica, por exemplo!

— Palavra, que não sei nada d'isso, e a verdade tambem, confesso, é que não dava cousa alguma para o saber.

Depois d'este encontro, Passepartout e Fix conversaram muitas vezes juntos. O agente de policia tinha interesse em ligar-se com o creado do senhor Fogg. Isto podia servir-lhe alguma vez. A miudo offerencia-lhe, no botequim do *Mongolia*, alguns copos de whiskey ou de paleale, que o bom do moço accitava sem repugnancia e que mesino retribuia para não ficar atrás — porque achava este Fix um homem muito de bem.

Entretanto, o paquete avançava rapidamente. A 13 avistaram Moka, que appareceu no horisonte cingida de muralhas arruinadas, por cima das quaes se erguiam algumas tamareiras verdejantes. Ao longe, nas montanhas, estendiam-se vastas plantações de cafeseiros. Passepartout ficou enthusiasmado com a contemplação d'esta cidade celebre, e achou mesmo que, com os seus muros circulares e um forte desmantellado, em feitio de aza, dava ares da metade de uma chavena enorme.

Durante a noite seguinte, o *Mongolia* atravessou o estreito de Bab-el-Mandeb, cujo nome arabe significa a *Porta das Lagrimas*, e no dia seguinte, 14, fazia escala em Steamer-Point, a noroeste do porto de Aden. Era ali que devia renovar a sua provisão de combustivel.

É difficuldade grave e importante o fornecimento do combustivel dos paquetes em taes distancias dos centros de producção. Só para a Companhia Peninsular é uma despeza annual que monta a oitocentas mil libras! Foi-lhe por isso preciso estabelecer depositos em muitos pontos, e n'estes mares longinquos o carvão sae por oitenta francos a tonelada.

O *Mongolia* tinha ainda seiscentas e cincoenta milhas a fazer para chegar a Bombaim, e devia demorar-se quatro horas em Steamer-Point a fim de encher os paioes.

Mas esta demora não podia de modo algum prejudicar o programma de Phileas Fogg. Estava prevista. Demais, o *Mongolia* em vez de entrar em Aden a 15 de outubro pela manhã, entrava a 14 á noite. Era um ganho de quinze horas.

Mr. Fogg e o seu creado saltaram em terra. O *gentleman* queria fazer referendar o seu passaporte. Fix seguiu-o sem ser visto. Preenchida aquella formalidade, Phileas Fogg voltou para bordo a fim de recommençar a sua partida interrompida.

Quanto a Passepartout, divagou, segundo o costume, por entre essa população de somanlis, de banianos, de

parses, de judeus, de arabes, de europeus, de que se compunham os vinte mil habitantes de Aden. Admirou as fortificações que fazem d'esta cidade o Gibraltar do mar das Indias, e as magnificas cisternas onde ainda trabalhavam os engenheiros inglezes, dois mil annos depois dos engenheiros do rei Salomão.

— Muito curioso, muito curioso! dizia consigo Passepartout de volta para bordo. Vou percebendo que não é inutil viajar, toda a vez que se queiram ver cousas novas.

As seis horas da tarde o *Mongolia* revolvía com o helice as aguas do porto de Aden e achava-se pouco depois no mar das Indias. Concedia-se-lhe sessenta e oito horas para fazer o trajecto entre Bombaim e Aden. Demais, o mar da India foi-lhe favoravel. O vento conservava-se do noroeste. As vélas vieram em auxilio do vapor. O navio, mais equilibrado, balouçou-se menos. As passageiras com *toilettes* mais frescas, reapareceram sobre a tolda. Os cantos e as danças recommçaram.

A viagem fez-se nas melhores condições. Passepartout estava encantado com o amavel companheiro que o acaso lhe deparára na pessoa de Fix.

No domingo 20 de outubro, por volta do meio dia, foi avistada a costa indiana. Duas horas depois o piloto subia a bordo do *Mongolia*. No horisonte, sobre o fundo do céu, perfilava-se harmoniosamente um segundo plano formado de collinas. Bem depressa os renques de palmeiras que occultam a cidade delinearam-se distinctamente.

O paquete penetrou no ancoradouro formado pelas ilhas de Salcete, Colaba, Elephanta, Butcher, e ás quatro horas e meia abordava ao caes de Bombaim.

Phileas Fogg acabava então a sua trigesima terceira partida d'aquelle dia, e elle e o seu parceiro, graças a uma manobra audaciosa, tendo feito as treze vasas, terminaram esta bella viagem por um *chelim* admiravel.

O *Mongolia* só devia chegar a 22 de outubro a Bombaim, e chegava a 20. Era, portanto, depois da sua partida de Londres, um ganho de dois dias, que Phileas Fogg inscreveu methodicamente no seu itinerario na columna dos lucros.

CAPITULO X

EM QUE PASSEPARTOUT TEM A FORTUNA DE SAÍR
DE UMA SITUAÇÃO EMBARAÇOSA SÓ COM A PERDA DE UM SAPATO

Ninguém ignora que a India — esse grande triangulo deitado por terra com a base para o norte e o vertice para o sul — comprehende uma superficie de um milhão e quatrocentas mil milhas quadradas, sobre a qual se acha espalhada uma população de cento e oitenta milhões de habitantes. O governo britannico exerce dominio verdadeiro sobre certa porção d'este immenso paiz. Tem um governador geral em Calcutá, simples governadores em Madrasta, Bombaim, Bengala, e um vice-governador em Agra.

Mas a India ingleza propriamente dita só conta uma superficie de setecentas mil milhas quadradas e uma população de cem a cento e dez milhões de habitantes. Não será de mais dizer que uma importante parte do territorio subtrae-se ainda á auctoridade da rainha; e com effeito, em certos rajahs do interior, ferozes e terriveis, a independencia hindu é ainda absoluta.

Desde 1756 — época em que foi fundado o primeiro estabelecimento inglez no local hoje occupado pela cidade de Madrasta — até ao anno em que estalou a grande insurreição dos cypaes, a celebre Companhia das Indias exerceu um dominio onnipotente. Ia pouco a pouco aggregando a si mesma as diversas provincias, compra-

das aos rajahs a troco das rendas que ella pagava mal, ou não pagava; nomeava o seu governador geral e todos os seus empregados civis ou militares; mas presentemente já não existe a Companhia, e as possessões inglezas da India estão sob a immediata dependencia da corôa.

Por isso os costumes, as divisões ethgraphicas da peninsula tendem a modificar-se de dia para dia. Antigamente viajava-se por todos os velhos meios de transporte, a pé, a cavallo, de carro, em palanquim, ás costas de homens, de carruagem, etc. Presentemente, barcos a vapor percorrem o Indo e o Ganges a grande velocidade, e um caminho de ferro, que atravessa a India em toda a sua extensão ramificando-se no seu trajecto, põe Bombaim a tres dias apenas de Calcuttá.

O traçado d'este caminho de ferro não segue a linha recta através da India. Se a seguisse, a sua extensão não passaria de um milhão e cem milhas, e um comboio, animado de velocidade apenas regular, não gastaria tres dias em a percorrer; mas esta extensão é augmentada n'um terço pelo menos, com a corda de arco descripta pela via ferrea ao elevar-se até a Allahabad, no norte da peninsula.

Eis, resumidamente, o traçado do *Great Indian peninsular rail-way*, do grande caminho de ferro peninsular indiano. Partindo da ilha de Bombaim, atravessa Salcete, salta sobre o continente em frente de Tannah, atravessa a cadeia dos Ghates Occidentaes, corre para o nordeste até Burhampour, serpenteia pelo territorio quasi independente do Bundelhand, eleva-se até a Allahabad, desvia-se para o oriente, encontra o Ganges em Benarés, afasta-se d'elle um pouco, e tornando a descer para o sueste por Burdivan e pela villa franceza de Chandernagor, termina em Calcuttá.

Foi ás quatro e meia da tarde que os passageiros do *Mongolia* desembarcaram em Bombaim, e o trem de Calcuttá partia ás oito em ponto,

Mr. Fogg despediu-se, portanto, dos seus parceiros do whist, desembarcou, deu ao creado explicações sobre algumas compras que devia fazer, recommendou-lhe expressamente que se achasse antes das oito na estação, e com o seu passo regular que batia os segundos como a pendula de um relógio astronomico, dirigiu-se para a repartição dos passaportes.

Das maravilhas de Bombaim, não pensava, portanto, em ver cousa alguma, nem a casa da camara, nem a rica bibliotheca, nem os fortes, nem as dokas, nem o mercado do algodão, nem os bazares, nem as mesquitas, nem as synagogas, nem as igrejas armenias, nem o esplendido pagode de Malebar-Hill, ornado de duas torres polygonas. Não contemplaria nem as obras primas de Elephanta, nem os seus mysteriosos hypogeos, occultos a sueste do ancoradouro, nem as grutas Kanhéria da ilha Salcete, esses admiraveis restos da architectura budhista!

Nada! Da repartição dos passaportes Phileas Fogg dirigiu-se tranquillamente para a gare, e ali mandou que lhe servissem de jantar. Entre outros manjares o dono da casa entendeu que lhe devia recommendar um fricassé de coelhos «naturaes d'ali», de que disse maravilhas.

Phileas Fogg accitou o fricassé e provou-o conscienciosamente; mas, a despeito do molho muito adubado que o acompanhava, achou-o detestavel.

Chamou o hospedeiro.

— Isto é coelho? perguntou, olhando para elle fixamente.

— Sim, mylord, respondeu o velhaco com descaro, coelho das selvas indiaticas.

— E este coelho quando o mataram não miou?

— Oh! mylord, um coelho miar! Juro-lhe...

— Senhor hospedeiro, replicou friamente mr. Fogg, não jure e lembre-se de uma cousa: em outros tempos, na India, o gato era considerado um animal sagrado. Eram bons tempos.

— Para os gatos, mylord ?

— E talvez tambem para os viajantes que comiam coelho !

Depois d'esta observação mr. Fogg continuou tranquilamente a jantar.

Instantes depois de mr. Fogg, o agente Fix desembarcava tambem do *Mongolia* e corria a casa do director da policia de Bombaim. Deu a conhecer a sua qualidade de agente, a missão de que estava encarregado, a sua situação a respeito do supposto auctor do roubo. Havia-se já recebido uma ordem de prisão de Londres ?... Não. E com effeito a ordem expedida depois de Fogg partir ainda não podia ter chegado.

Fix ficou muito desanimado. Quiz obter do director uma ordem de prisão contra mr. Fogg. O director recusou. O negocio dizia respeito á administração metropolitana, e só ella podia legalmente dar similhante ordem. Esta severidade de principios, esta rigorosa observancia da legalidade explica-se perfeitamente com os costumes inglezes, que, em questões de liberdade individual, nunca admittem a arbitrariedade.

Fix não insistiu, e comprehendeu que devia resignar-se a esperar a ordem de prisão. Resolveu entretanto não perder de vista o seu impenetravel tratante, durante o tempo todo que este estivesse em Bombaim. Fix não duvidava de que Phileas Fogg ali se demorasse. — e, como se sabe, era esta tambem a convicção de Passepartout, — o que dava ao mandado de prisão o tempo de chegar.

Mas depois das ultimas ordens que o amo lhe dera ao desembarcar do *Mongolia*, comprehendeu Passepartout que havia de succeder com Bombaim o mesmo que succedêra com Suez e Paris, que a viagem não terminaria ali, e continuaria até Calcuttá ou talvez mais longe. E começou a perguntar a si proprio se a aposta de mr. Fogg não seria absolutamente uma cousa séria, e se a fatalidade não o iria arrastar, a elle, que tanto desejava

viver em repouso, n'uma viagem á roda do mundo em oitenta dias!

Entretanto, depois de ter feito aquisição de algumas meias e camisas, Passepartout poz-se a divagar pelas ruas de Bombaim. Havia n'ellas grande concorrência de povo, a qual se compunha de europeus de todas as nacionalidades, de persas de chapéu pontagudo, de bunhyas de turbantes redondos, de sindos de gorros quadrados, de armenios de vestidos compridos e dos parsis de mitra negra. N'aquelle dia, exactamente, celebravam uma festa os parsis ou guebros, descendentes directos dos sectarios de Zoroastro, que são os mais industriaes e austeros dos hindus, — raça a que pertencem os actuaes negociantes indigenas de Bombaim. Consistia a festa n'uma especie de carnaval religioso, com procissões e festejos, em que figuravam bailadeiras vestidas de gaze bordada a ouro e prata, as quaes, ao som das violas e dos tan-tans, dançavam admiravelmente, e aliás com a maior decencia.

Se Passepartout contemplava estas curiosas ceremonias com espanto, se dilatava desmedidamente os olhos para ver, e apurava extraordinariamente os ouvidos para ouvir, se mostrava nos modos e na physionomia o todo do mais acabado papalvo, é no que nós julgâmos superfluo insistir.

Infelizmente para si e para o amo, cuja viagem elle esteve a pique de comprometter, a curiosidade levou-o mais longe do que era conveniente.

Com effeito, depois de ter entrevisto este carnaval parsi, Passepartout dirigiu-se para o caes, quando, ao passar pelo admiravel pagode de Malebar-Heill, teve a fatal idéa de o visitar.

Ora, Passepartout ignorava duas cousas : primeiramente que a entrada de certos pagodes é formalmente interdicta aos christãos, e em segundo logar que os proprios crentes não podem ahi entrar sem deixarem as chinellas á porta. Devemos, porém, notar que, em virtude de rasões

de boa politica, o governo inglez, respeitando e fazendo respeitar até nos seus mais insignificantes detalhes a religião do paiz, pune severamente todo aquelle que lhe offende as praticas.

Passepartout entrou, pois, no pagode sem más intenções, e, como um simples *touriste*, admirava os deslumbrantes europeis da ornamentação brahmanica, quando de subito foi derribado nas sagradas lages. Tres padres, com os olhares accessos em indignação, precipitaram-se sobre elle, arrancaram-lhe os sapatos e as piugas e começaram a desancal-o furiosamente, soltando gritos selvagens.

Agil e vigoroso, o francez ergueu-se rapidamente. Com um murro e um pontapé derribou dois dos adversarios, aliás muito atrapalhados com os seus trajos compridos, e irrompendo do pagode com toda a velocidade que as pernas lhe permittiam, bem depressa tomou grande dianteira ao terceiro indio, que lhe saíra no encalço, açulando contra elle a multidão.

As oito menos cinco minutos, isto é, quando pouco faltava para a partida do comboio, Passepartout chegava á *gare* do caminho de ferro sem chapéu, descalço, e sem o embrulho das compras que perdêra na lucta.

Fix estava na *gare*. Tendo seguido o *gentleman*, comprehendêra que este tratante ia deixar Bombaim. No mesmo momento tomou a resolução de o acompanhar até Calcuttá e até mais longe se preciso fôsse. Passepartout não viu Fix, que estava occulto na sombra, mas Fix ouviu a narração das aventuras de Passepartout, que este contou em poucas palavras.

— Espero que isto não lhe torne a acontecer, redarguiu Phileas Fogg com simplicidade, tomando logar n'um dos wagons do comboio.

O pobre moço, descalço e todo confuso, seguiu o amo sem dizer palavra.

Fix ia a subir para outro wagon, quando um pensa-

mento o fez parar, e completamente lhe modificou o seu projecto de viagem.

— Não, fico, disse elle. Um delicto commettido em territorio indiano... tenho seguro o homem.

N'este momento a locomotiva soltou um silvo agudissimo, e o comboio sumiu-se nas trevas da noite.

CAPITULO XI

EM QUE PHILEAS FOGG COMPRA UMA CAVALGADURA POR PREÇO FABULOSO

O comboio partira á hora regulamentar. Levava um certo numero de viajantes, alguns officiaes, varios funcionarios civis e negociantes de opio e de anil, a quem o seu commercio chamava para o lado oriental de peninsula.

Passepartout occupava o mesmo compartimento de seu amo. No canto opposto achava-se um terceiro viajante.

Era o brigadeiro general sir Francis Cromarty, um dos parceiros de mr. Fogg durante a viagem de Suez a Bombaim, que reunia ás suas tropas aquarteladas perto de Benarés.

Alto, louro, de cincoenta anos pouco mais ou menos, sir Francis Cromarty, que se distinguira durante a ultima revolta dos cypaes, mereceria com rasão a qualificação de indigena. Desde muito novo que residia na India, e poucas vezes apparecêra no seu paiz natal. Era sугeito instruído, que de bom grado daria quaesquer informações sobre os costumes, a historia e a organização do paiz hindu, se Phileas Fogg fôsse homem para lh'as pedir. Mas o nosso *gentleman* não perguntava cousa alguma. Não viajava, descrevia um circulo. Era um corpo que perfazia uma orbita em volta do orbe ter-

restre, seguindo as leis da mechanica racional. N'este momento tornava elle a fazer o calculo das horas gastas desde que partira de Londres, e teria de certo esfregado as mãos, se estivesse na sua indole fazer algum movimento inutil.

Não passára despercebida a sir Francis Cromarty a originalidade do seu companheiro de viagem, apesar de o não ter estudado senão com as cartas na mão e entre duas partidas. Estava por isso inclinado a perguntar a si mesmo se debaixo d'aquelle frio envolvero batia um coração humano, se Phileas Fogg tinha uma alma sensivel ás bellezas da natureza, ás aspirações moraes. Achava-se n'isto suas duvidas. Entre todos os originaes que o brigadeiro encontrára na vida, nenhum era comparavel a este producto das sciencias exactas.

Phileas Fogg não occultara a sir Francis Cromarty o seu projecto de viagem á roda do mundo, nem quaes as condições em que o realisava. O brigadeiro general viu apenas n'esta aposta uma excentricidade sem alcance util, e á qual faltava necessariamente o *transire beneficiando* que se deve servir de norma a todo o homem razoavel. Na maneira por que procedia, o caprichoso *gentleman* devia por certo passar a existencia sem nada fazer para si nem para os outros.

Uma hora depois de ter deixado Bombaim, o trem, transpondo os viaductos, atravessára á ilha Salcete e corria já no continente. Na estação de Callian deixou á direita o ramal que, por Kandallah e Pounah, desce para sueste da India, e dirigiu-se para a estação de Pauwell. N'este ponto embrenhou-se nas cordilheiras dos Ghates Occidentaes, formadas de basalto, cujos cumes mais elevados estão cobertos de espessas florestas.

De tempos a tempos sir Francis Cromarty e Phileas Fogg trocavam algumas palavras, e n'este momento, reatando o fio da conversação que muitas vezes se quebrava, disse :

— Ha alguns annos, mr. Fogg, teria tido n'estas paragens uma demora que de certo lhe comprometteria o itinerario.

— Porque, sir Francis?

— Porque o caminho de ferro termina no sopé d'estas montanhas, as quaes era preciso atravessar de palanquim ou em poneys até á estação de Kardallah, situada na vertente opposta.

— Essa demora não prejudicava de modo nenhum a aconomia do meu programma, redarguiu mr. Fogg. Não deixei de prever a eventualidade de certos obstaculos.

— Entretanto, mr. Fogg, volveu o brigadeiro general, corre grande risco de se ver a braços com uma grave difficuldade em consequencia da aventura succedida ao seu creado.

Passepartout, com os pés embrulhados na sua manta de viagem, dormia profundamente, e nem sequer lhe passava pela idéa que fallavam d'elle.

— O governo inglez é extremamente severo, e com razão, para esta especie de delictos, tornou sir Francis Cromarty. O seu primeiro cuidado é fazer que respeitem os costumes religiosos dos hindous, e se o seu creado fôsse preso...

— Mas bem, se fôsse preso, sir Francis, replicou mr. Fogg, seria condemnado, soffreria a pena que lhe impozessem e depois voltaria tranquillamente para a Europa. Não vejo n'isso motivo para eu retardar a viagem!

E n'este ponto a conversação interrompeu-se novamente. Durante a noite o trem transpoz os Ghates, atravessou Nassik, e no dia seguinte, 21 de outubro, corria através de uma região relativamente plana, formada pelo territorio de Khandeish. A campina, bem cultivada, estava coberta de aldeias, por entre cujas casas se elevava o minarete do pagode, correspondendo ao campanario da igreja christã. Pequenos rios, na maior parte confluentes do Godavery, regavam esta fertil terra.

Passepartout, que acordára, contemplava o espectáculo que o rodeava, e custava-lhe a crer que atravessava o Indostão n'um trem do «Great Peninsular rail-way». Parecia-lhe inverosimil. E contudo nada havia de mais real. A locomotiva dirigida por braço de um machinista inglez, aquecida com carvão inglez, desenrolava o seu pennacho de fumo sobre plantações de algodão, de café, de noz moscada, de cravo e de pimenta. O vapor contornava-se em espiral á roda de grupos de palmeiras, por entre os quaes appareciam pittorescos *bungalows*, alguns *viharis*, especie de mosteiros abandonados, de templos maravilhosos, profusamente ornamentados ao gosto da architectura indiana. Depois, desdobravam-se a perder de vista terrenos extensissimos, juncaes onde não faltavam nem as serpentes, nem os tigres espantados pelos silvos do comboio, e, finalmente, densas florestas, sulcadas pelo traçado da via, mas ainda povoadas pelos elephantes que viam, com olhos melancolicos, passar o comboio agitando ao vento a sua cabelleira de fumo.

Durante esta manhã, passada a estação de Malligaum, os viajantes atravessaram esse territorio funesto, tantas vezes ensanguentado pelos sectarios da deusa Kalí. Não muito longe elevava-se Ellora e os seus admiraveis pagodes, mais adiante Aurungabad, a capital feroz Auren-Zeb, presentemente simples capital de uma das provincias desmembradas do reino de Nizam. Eram n'esta provincia que Feringhea, o chefe dos thugs, o rei dos estranguladores, exercia o seu dominio. Estes assassinos, formando uma associação mysteriosa, estrangulavam em honra da deusa da Morte, victimas de todas as idades, sem nunca derramarem sangue, e houve tempo em que não se podia revolver nenhum ponto d'este solo que não se encontrasse logo um cadaver. O governo inglez já conseguiu, em notavel proporção, impedir estes assassinatos, mais a temivel associação ainda existe e continua a funcionar.

Meia hora depois do meio dia, o comboio parou na estação de Burhampour, e Passepartout poudé ali alcançar a peso de ouro um par de chinelas enfeitadas de perolas falsas, que elle calçou com bem visível sentimento de vaidade.

Os viajantes almoçaram rapidamente, e tornaram a partir para a estação de Assurghur, depois de ter um instante costeado a margem do Taptý, pequeno rio que se vae lançar no golfo de Cambaya, proximo de Surate.

É opportuno dar a conhecer que pensamentos occupavam n'este momento o espirito de Passepartout. Até chegar a Bombaim, julgára, e com razão, que as cousas ficavam por ali. Mas agora que corria a todo o vapor através da India, operara-se-lhe uma mudança no espirito. A indole de outros tempos renascia n'elle rapidamente. Volviam-lhe á imaginação as idéas phantásticas da mocidade, tomava a serio os projectos do amo, acreditava na realidade da aposta, e por conseguinte na viagem á volta do mundo e no minimum do tempo que era preciso não ultrapassar. Já começava até a inquietar-se com as demoras possiveis, com os accidentes que podiam sobrevir em viagem. Sentia-se como que interessado na aposta, e estremecia ao lembrar-se de que tinha podido compromettel-a na vespera pela sua indesculpavel pasmaceira. Por isso tambem, muito menos fleugmatico do que mr. Fogg, mostrava-se muito mais inquieto. Contava e tornava a contar os dias decorridos, amaldiçoava as paragens do trem, accusava-o de lentidão, e censurava *in petto* mr. Fogg de não ter promettido uma gratificação ao machinista. Não sabia, o bom moço, que o que era possivel nos paquetes, não era em caminho de ferro, cuja velocidade está prescripta n'um regulamento.

Ao cair da tarde embrenharam-se nos desfiladeiros de Stutpour que separam o territorio do Kandeish do de Bundelkund.

No dia seguinte, 22 de outubro, a uma pergunta de

sir Francisco Cromarty, Passepartout consultou o relógio e respondeu que eram tres horas da manhã. E com effeito, este famoso relógio, sempre regulado pelo meridiano de Greenwich, que ficava quasi a sententa sete graus no occidente, devia mostrar, e effectivamente mostrava, um atrazo de quatro horas.

Sir Francis rectificou por isso a hora que Passepartout dizia, e ao qual fez a mesma observação que Fix já lhe fizera. Procurou convencer-o de que se devia regular por cada meridiano novo, e que, visto ser a sua direcção constantemente para o oriente, e por consequente para a banda do sol, os dias tornavam-se mais curtos na rasão de tantas vezes quatro minutos quanto os graus percorridos. Foi trabalho baldado. Compreendesse ou não o teimoso rapaz as observações do brigadeiro, insistiu em não adiantar o relógio, que invariavelmente conservava regulado pela hora de Londres. Mania innocente, e que a final a ninguem prejudicava.

As oito horas da manhã, e a quinze milhas adiante da estação de Rothal, o trem parou no meio de uma vasta clareira, orlada de alguns *bungalows* e de algumas cabanas de operarios. O conductor passou pela fileira dos wagons dizendo:

— Os viajantes descem aqui.

Phileas Fogg olhou para sir Francis Cromarty, que pareceu não comprehender esta paragem em meio de uma floresta de tamarindos e de *khajours*.

Passepartout, não menos surprehendido, saltou para a via e voltou no mesmo instante exclamando:

— Senhor, não ha mais caminho de ferro!

— O que quer dizer com isso? disse sir Francis Cromarty.

— Quero dizer que o trem não continua a andar.

O brigadeiro general desceu logo do wagon.

Phileas Fogg seguiu-o sem se apressar. Dirigiram-se ambos para o conductor.

— Onde estamos? perguntou sir Francis Cromarty.

— Na aldeia de Kholby, respondeu o conductor.

— Parâmos então aqui?

— De certo. O caminho de ferro não está acabado...

— Como! não está acabado?

— Não! ha ainda cincoenta milhas de rails a estabelecer entre este ponto e Allahabad, onde a via continúa.

— Mas os jornaes annunciaram a abertura de todo o caminho!

— Que quer, meu official, os jornaes enganaram-se.

— E deram-nos bilhetes de Bombaim a Calcuttá! replicou sir Francis Cromarty, que principiava a exaltar-se.

— De certo, volveu o conductor, mas os viajantes não ignoram que devem fazer-se transportar de Kholby até a Allahabad.

Sir Francis Cromarty estava furioso. Passepartout sentia grande vontade de desancar o conductor. Não se atrevia a olhar para o amo.

— Sir Francis, disse socegradamente mr. Fogg, se lhe parece, vamos resolver qual será o meio de chegarmos a Allahabad.

— Mr. Fogg, isto é uma demora absolutamente prejudicial aos seus interesses.

— Não, sir Francis, estava prevista.

— O que! pois sabia que o caminho de ferro...

— Nada, apenas sabia que um obstaculo qualquer cedo ou tarde surgiria na viagem. Ora, nada está corpremetido. Tenho dois dias de avanço a sacrificar. Ha um vapor que parte de Calcuttá para Hong-Kong a 25, ao meio dia. Estamos ainda a 22, e chegaremos a tempo a Calcuttá.

Não havia nada a dizer a uma resposta dada com tanta segurança.

Era verdade que os trabalhos do caminho de ferro paravam, n'aquelle ponto. Os jornaes são como certos relógios que têm a mania de se adiantar, e haviam prematuramente annuciado a conclusão da linha. A maior parte

conheciam a interrupção da via, e ao descerem do trem apoderaram-se dos vehiculos de toda a especie que havia na aldeia, *palligharis* de quatro rodas carretas puxadas por zebús, — especie de bois com corcovas, — carros de viagem semelhantes a pagodes ambulantes, palanquins, poneys, etc. Por isso mr. Fogg e sir Francis Cromarty, depois de correrem a aldeia, voltaram sem nada ter achado.

— Irei a pé, disse mr. Fogg.

Passepartout, que n'aquelle momento se aproximou do amo, fez uma careta significativa, lançando ao mesmo tempo um olhar expressivo para as suas esplendidas mas inuteis chinellas. Felizmente para elle, andára tambem á descoberta, e com voz um pouco hesitante disse:

— Mr. Fogg, parece-me que a final achei um meio de transporte.

— Qual é?

— Um elephante! um elephante pertencente a um indio que mora a cem passos d'aqui.

— Vamos ver o elephante, redarguiu mr. Fogg.

Cinco minutos depois, Phileas Fogg, sir Francis Cromarty e Passepartout chegavam a uma cabana, contigua a um cerrado feito de altas pallissadas. Na cabana havia um indio, no cerrado um elephante. A pedido de mr. Fogg e dos seus companheiros, o indio introduziu-os no cerrado.

Ali, acharam-se em presença de um elephante meio domesticado, que o seu proprietario creava, não para fazer d'elle um animal de carga, mas de combate. Para este fim começára a modificar a indole naturalmente meiga do bicho, de modo que o levasse gradualmente a esse paroxysmo de raiva chamado «mutsh» na lingua indiana, o que elle conseguia sustentando-o durante tres mezes a manteiga e assucar. Parece este tratamento improprio para dar um tal resultado, mas a verdade é que não deixa por isso de ser proficuamente empregado pelos creadores.

Felizmente para mr. Fogg, o elephante em questão vinha apenas de ser submettido a semelhante regimen, e o «mutsh» ainda não se declarára.

Kiouni — era este o nome do animal — podia, como todos os seus congeneres, sustentar durante muito tempo uma marcha rapida, e á falta de outro ginete, Phileas Fogg resolveu servir-se d'elle.

Mas os elephantes são caros na India, onde começam a tornar-se raros. Os machos, que são os que convem aos combates dos circos, têm grande procura. Estes animaes raras vezes se reproduzem no estado de domesticidade, de maneira que só se podem obter por meio da caça. Por isso são objecto de grandes cuidados, e quando mr. Fogg perguntou ao indio se queria alugar o elephante, o indio recusou redondamente.

Fogg insistiu e offereceu pelo animal um preço excessivo, dez libras por hora. O indio recusou. Vinte libras? Nova recusa. Quarenta libras? O indio continuou a recusar. Passepartout dava pulo a cada augmento de preço. Mas o indio não se deixava tentar.

Comtudo, era um bonita quantia. Suppondo que o elephante gastasse quinze horas até Allahabad, eram, seiscentas libras que renderia ao proprietario.

Phileas Fogg nem por sombra se exaltou, propoz então ao indio que lhe vendesse o animal, e offereceu-lhe logo mil libras.

O indio tambem não queria vendel-o! Talvez o velhaco farenasse algum negocio magnifico.

Sir Francis Cromarty chamou mr. Fogg á parte e rogou-lhe que reflectisse antes de ir mais longe. Phileas Fogg respondeu ao seu companheiro que não tinha por costume obrar sem primeiro reflectir, que a final de contas se tratava de uma aposta de vinte mil libras, que o elephante lhe era necessario, e, embora tivesse de pagal-o por vinte vezes o seu valor, havia de obter o animal.

Mr. Fogg veio ter outra vez com o indio, cujos olhos

pequeninios, accesos pela cubiça, deixavam perceber que para elle aquillo era apenas questão de preço. Phileas Fogg offereceu sucessivamente mil e duzentas libras, mil e quinhentas, mil e oitocentas, a final duas mil libras. Passepartout, usualmente tão córado, estava pallido de commoção.

A duas mil libras o indio rendeu-se.

— Pelas minhas chinellas, exclamou Passepartout, isto é que é levar a carne do elephante a um bonito preço!

Ultimada a transacção, só restava arranjar um guia. Foi mais facil. Um moço parsi, de physionomia intelligente, offereceu os seus serviços. Mr. Fogg acceitou e prometeu-lhe uma boa remuneração, o que não deixaria de lhe estimular a intelligencia.

Foram buscar o elephante e equiparam-no sem demora. O parsi era habil no mister de «mahout» ou cornaca. Cobriu-lhe o lombo com uma especie de gualdrapa, e poz-lhe de cada lado dos flancos um como cesto ou canistrel, que nada offereria de commodo.

Phileas Fogg pagou ao indio em notas do Banco, que foram tiradas do famoso sacco. A Passepartout parecia mesmo que lh'as tiravam das entranhas. Depois, mr. Fogg offereceu a sir Francis Cromarty aquelle meio de transporte até Allahabad. O brigadeiro general acceitou. Um viajante a mais não era cousa que fatigasse o gigantesco animal.

Em Kholby compraram-se viveres. Sir Francis Cromarty tomou logar n'um dos flancos do elephante, Phileas Fogg no outro. Passepartout escarranchou-se-lhe no lombo, entre seu amo e o brigadeiro general. O parsi empoleirou-se no pescoço do elephante e ás nove horas o animal, deixando a aldeia, embrenhava-se na espessa floresta de palmeiras.

CAPITULO XII

EM QUE PHILEAS FOGG E OS COMPANHEIROS SE AVENTURAM
ATRAVÉS DAS FLORESTAS DA INDIA, E O MAIS QUE D'AHÍ SE
SEGUE

A fim de encurtar a distancia que tinha de percorrer, o guia deixou á direita o traçado da via cujos trabalhos estavam em execução. Este traçado, muito contrariado pelas caprichosas ramificações dos montes Vindhias, não seguia o caminho mais curto que Phileas Fogg tinha interesse em tomar. O parsi, muito familiarisado com as estradas e os atalhos d'aquella região, levava em vista, atravessando a floresta, poupar umas vinte milhas de caminho, e todos se conformaram com o que elle entendesse.

Phileas Fogg e sir Francis Cromarty, mettidos até ao pescoço, cada qual no seu respectivo cesto, eram fortemente sacudidos pelo trote violento do elephante, ao qual o *mahout* imprimia um andamento rapido. Mas ambos supportavam a situação com o fleugma britannico, conversando, porém, pouco, e mal se vendo um ao outro.

Quanto a Passepartout, collocado no lombo do animal e sujeito directamente aos abalos desencontrados produzidos pelo trote, tinha todo o cuidado, em conformidade com uma recommendação de seu amo, de não metter a lingua entre os dentes, aliás ficaria sem ella. O bom do moço, uma vez arremessado para a banda do pescoço do elephante, outras repellido para a garupa, dava seus ares de clown ou de volatin nos exercicios da sua profissão. Entretanto ia rindo e gracejando no meio dos seus saltos de carpa, e de quando em quando tirava do sacco um pedaço de assucar, que o intelligente Kiouni agarrava com a extremidade da tromba, sem por um momento interromper o trote regular.

Depois de duas horas de marcha, o guia fez parar o elephante, e deu-lhe uma hora de repouso. O animal poz-se a devorar ramos e arbustos, depois de ter satisfeito a sêde n'um charco proximo. Sir Francis Cromarty não se queixou da paragem. Tinha os ossos como n'um feixe. Mr. Fogg parecia sentir-se tão bem disposto como se acabasse de sair da cama.

— Mas elle é de ferro! disse o brigadeiro general contemplando-o com admiração.

— De ferro forjado! redarguiu Passepartout, que tratou de preparar um ligeiro almoço.

Ao meio dia o guia deu o signal de partida. O terreno tomou bem depressa um aspecto selvatico. As grandes florestas succederam-se os matagaes de tamarindos e de palmeiras anãs, em seguida planicies extensas e aridas, erichadas de arbustos enfiados e cobertas em certos sitios de grandes pedaços de syénites. Toda esta parte do alto Bundelkund, pouco frequentada dos viajantes, é habitada por uma população fanatica, endurecida nas praticas mais terriveis da religião indiana. O dominio dos inglezes não poudé estabelecer-se regularmente n'um territorio submettido á influencia dos rajahs, aos quaes seria difficil alcançar nas suas posições inacessiveis dos Vindhias.

Por varias vezes os viajantes avistaram alguns bandos de indios selvagens e ferozes, que faziam um gesto de colera ao verem passar o veloz quadrupede. Entretanto o parsi evitava-os o mais possivel, considerando-os como creaturas cujo encontro seria funesto. No decurso d'este dia foram vistos poucos animaes, apenas alguns macacos, que fugiam fazendo mil caretas e contorsões, com as quaes muito folgava e se divertia o bem do Passepartout.

Um pensamento, entre muitos outros, inquietava o nosso moço. Que faria mr. Fogg do elephante quando chegasse á estação de Allahabad? Leval-o-ia consigo? Era impossivel! O preço do transporte acrescentado ao da

adquisição fariam d'elle um animal ruinoso. Vendel-o-ia, restituir-lhe-ia a liberdade? Este apreciavel bicho era merecedor de algumas considerações. Se por acaso mr. Fogg lhe fizesse presente d'elle, Passepartout ver-se-ia muito embaraçado. Todas estas reflexões não deixavam de o preocupar.

Pelas oito horas da noite tinha sido transposta a cordilheira principal dos Vindhias, e os viajantes fizeram alto na base de vertente septentrional, n'um *bungalow* em ruínas.

A distancia percorrida durante este dia foi de vinte e cinco milhas, e ainda faltava outro tanto para chegar á estação de Allahabad.

Estava fria a noite. No interior do *bungalow*, o parsi accendeu um lume de ramos seccos, cujo calor agradou sobremodo. A ceia compoz-se de provisões compradas em Kholby. Os viajantes comeram como pessoas fatigadas e moidas. Começando por algumas phrases entrecortadas, a conversa terminou bem depressa por sonorosos roncos. O parsi ficou de vigia ao pé de Kiouni, que adormeceu em pé, apoiado a um grosso tronco de arvore.

Nenhum incidente asignalou esta noite. Alguns rugidos de lobos-tigres e de pantheras perturbaram por vezes o silencio, misturados com os gritos agudos dos macacos. Porém, as feras limitaram-se a estes gritos, e não fizeram nenhuma demonstração hostil contra os hospedes do *bungalow*. Sir Francis Cromarty dormiu de um somno pesado como bravo militar prostrado de fadiga. Passepartout, entregue a somno agitado, recomeçou em sonhos as cabriolas da vespera. Quanto a mr. Fogg, dormia tão tranquilamente como se estivesse na sua casa pacifica de Saville-row.

As seis da manhã tornaram a pôr-se a caminho. O guia esperava chegar á estação de Allahabad n'aquella mesma tarde. D'este modo mr. Fogg só perdia uma parte das quarenta e oito horas economisadas desde o começo da viagem.

Desceram as ultimas rampas dos Vindhias. Kiouni retomára o seu andamento rapido. Perto do meio dia o parsi torneou a aldeia de Kallenger, situada á beira de Cani, um dos confluente do Ganges. Evitára sempre os logares habitados, sentindo-se mais em segurança nas campinas desertas, que distinguem as primeiras depressões do leito do grande rio. A estação de Allahabad ficava a menos de doze milhas ao nordeste. Fizeram alto sob um grupo de bananeiras, cujos fructos, são salutaes como o pão, «tão succulentos como o creme», dizem os viajantes, foram grandemente apreciados.

As duas horas o guia entrou n'uma espessa floresta, que elle devia atravessar n'um espaço de muitas milhas. Preferia viajar ao abrigo dos bosques. Entretanto não houvera até ali nenhum encontro desagradavel, e a viagem parecia dever terminar sem accidente, quando o elephante, dando alguns signaes de inquietação, parou de subito.

Eram quatro horas.

— Que temos? perguntou sir Francis Cromarty, que deitou a cabeça fóra do cesto.

— Não sei, meu official, respondeu o parsi, prestando o ouvido a um murmurio confuso que se repercutia debaixo da espessa ramagem.

Instantes depois tornou-se o murmurio mais distincto. Dir-se-ia um concerto, ainda muito distante, de vozes humanas e de instrumentos de cobre.

Passepartout era todo olhos e ouvidos. Mr. Fogg estava em paciente expectativa, sem proferir palavra.

O parsi saltou para o chão, prendeu o elephante a uma arvore e internou-se na espessura.

Momentos depois voltou, dizendo :

— Uma procissão de brahmanes que se dirige para este lado. Se for possivel evitemos que nos vejam.

O guia desprendeu o elephante e conduziu-o para a espessura, recommendando aos viajantes que não se apeassem. Elle mesmo se conservou prompto para montar rapi-

damente no elephante, se a fuga se tornasse necessaria. Contudo, imaginou que a procissão dos fieis passaria sem dar por elle, pois que a densidade da folhagem o occultava perfeitamente.

O clamor discorde das vozes e dos instrumentos aproximava-se. Com o ruido dos tambores e dos cymbalos misturavam-se monotonos cantos. D'ali a pouco a fente da procissão appareceu por debaixo das arvores, a cincoenta passos do posto occupado por mr. Fogg e os seus companheiros. Mr. Fogg distinguia facilmente através dos ramos o curioso pessoal d'esta cerimonia religiosa.

Em frente vinham os padres de mitras na cabeça e trajando vestidos compridos sarapintados de varias côres. Rodeavam-n'os grande numero de homens, de mulheres e de creanças, que faziam ouvir uma especie de psalmodia funebre, interrompida em intervallos iguaes por toques de tambor e de cymbalos. Atraz d'elles, sobre um carro de grandes rodas, cujos raios figuravam serpentes entrelaçadas, appareceu uma figura horrivel, puxada por duas parellhas de zebús cobertos de ricos caparações. A estatua tinha quatro braços, o corpo pintado de um vermelho sombrio, os olhos ferozmente arregalados, os cabellos revoltos, a lingua pendente, os labios tintos de henné e de betel. Cingia-lhe o pescoço um collar de cabeças humanas, e os flancos uma faixa de mãos decepadas. Estava em pé sobre um gigante derribado e sem cabeça.

Sir Francis Cromarty reconheceu a estatua.

— A deusa Kali, murmurou elle, a deusa do amor e da morte.

— Da morte, admitto, mas do amor, nunca! disse Pas-separtout. Excommungada mulher!

O parsi fez-lhe signal para se calar.

Em roda da estatua agitava-se, cloudejava, contorcia-se um grupo de velhos fakirs, sarapintados de listas de ocre, cobertos de incisões cruciaes vertendo sangue gota a gota, energumenos estupidos que, nas grandes ceremo-

nias indianas, se precipitam ainda debaixo do carro de Jaggoernaut.

Atraz d'elles, alguns brahmanes, em toda a sumptuosidade do seu trajo oriental, arrastavam uma mulher que difficilmente se sustinha em pé.

A mulher era joven e clara como uma europeia. Tinha a cabeça, o pescoço, os hombros, as orelhas, os braços, as mãos, os artelhos, carregados de joias, collares, braceletes, brincos e anneis. Uma tunica matisada de ouro, coberta de cassa transparente, amoldava-se-lhe aos contornos do corpo, desenhando-lh'os nitidamente.

Atraz d'esta mulher, — contraste violento á vista, — varios guardas armados de sabres desembainhados, entalados em cintos, e de grandes pistolas com embutidos, transportavam um cadaver em cima de um palanquim.

O cadaver era de um velho, revestido dos seus opulentos trajos de rajah, e trazendo, como em vida, o turbante bordado de perolas, a veste tecida de seda e ouro, o cinto de cachemira enfeitado de diamantes, e as armas magnificas de principe indiano.

A final os musicos, e um acompanhamento de fanaticos, cujos gritos cobriam ás vezes o ruido atroador dos instrumentos, fechavam o cortejo.

Sir Francis Cromarty olhava com extrema tristeza para o pomposo cortejo, e voltando-se para o guia disse :

— Um suttty !

O parsi fez um signal affirmativo e poz um dedo nos labios. A comprida procissão deslisou lentamente por debaixo das arvores, e bem depressa os seus ultimos personagens desappareciam na profundidade da floresta.

Pouco a pouco os cantos extinguiam-se. Ouviram-se ainda alguns gritos distantes, e a final a todo este tumulto succedeu um profundo silencio.

Mr. Fogg, que ouvira a palavra pronunciada por sir Francis Cromarty, assim que a procissão desappareceu, perguntou :

— O que é um sutty?

— Um sutty, mr. Fogg, é um sacrificio humano, mas voluntario, respondeu o brigadeiro general. Aquella mulher que viu, ha de ser queimada ámanhã ao romper do dia.

— Ah! grandes malvados! exclamou Passepartout, que não poude conter este brado de indignação.

— E o cadaver? perguntou mr. Fogg.

— É o do principe, seu marido, respondeu o guia, um rajah independente do Bundelkund.

— Como, replicou mr. Fogg, sem que na voz revelasse a mais pequena commoção, esses costumes barbaros subsistem na India e os inglezes não os poderam destruir?

— Na maior parte da India já esses sacrificios não se fazem, porém, nós não temos nenhuma influencia n'estes paizes selvagens, e principalmente no territorio do Bundelkund. Toda a vertente septentrional dos Vindhias é theatro de assassinatos e de devastações incessantes.

— Desgraçada! murmurou Passepartout, queimada em vida!

— Sim, replicou o general brigadeiro, queimada, e se o não quizesse ser, não podem imaginar a que miseravel condição ella se veria reduzida pelos parentes. Cortavam-lhe os cabellos, sustentavam-n'a apenas com alguns punhados de arroz, e repelliam-n'a, considerando-a como uma creatura immunda, e morria para um canto como um cão lazarento. Por isso, é mais a perspectiva de tão horrivel existencia que impelle essas desgraçadas ao supplicio, do que verdadeiramente o amor ou o fanatismo religioso. Comtudo, ás vezes, o sacrificio não deixa de ser realmente voluntario, e torna-se necessaria a intervenção energica do governo para o impedir. Tanto isto é assim que, ha alguns annos, residindo em Bombaim, viu uma joven viuva pedir ao governador auctorisação para se queimar em vida com o corpo do marido. Como bem deve imaginar, o governador recusou a auctorização. En-

tão a viuva deixou a cidade, refugiou-se nos domínios de um rajah independente, e ali consummou o sacrificio.

Durante a narrativa do brigadeiro general, o guia sacudia a cabeça, e quando o brigadeiro concluiu, disse :

— O sacrificio que amanhã ha de ter logar não é voluntario.

— Como sabe isso?

— É uma historia que ninguem ignora no Bundelkund, respondeu o guia.

— Mas aquella infeliz parecia não fazer resistencia alguma, observou sir Francis Cromarty.

— Isso é porque a embriagaram com fumo de opio e de canamo.

— Mas para onde a levam?

— Para o pagode de Pillaji, que fica d'aqui a duas milhas. É lá que ha de passar a noite enquanto não chega a hora do sacrificio.

— E o sacrificio consummar-se-ha?

— Amanhã, logo que romper o dia.

Depois d'esta resposta, o guia fez sair o elephante da espessura, e subiu para o pescoço o animal. Mas no momento em que o ia excitar por um silvo particular, mr. Fogg deteve-se, e dirigindo-se a sir Francis Cromarty, exclamou :

— Se salvassemos aquella mulher!

— Salvar aquella mulher, mr. Fogg!... exclamou o brigadeiro general.

— Tenho ainda doze horas de ganho. Posso consagral-as a isso.

— Espera! Mas a final sempre tem coração, mr. Fogg? disse sir Francis Cromarty.

— Às vezes, respondeu com simplicidade Phileas Fogg. Quando ha tempo.

CAPITULO XIII

EM QUE PASSEPARTOUT PROVA MAIS UMA VEZ QUE A FORTUNA
SORRI AOS AUDACIOSOS

Era arrojado o intento, erigido de difficuldades, impraticavel talvez. Mr. Fogg ia arriscar a vida, ou, pelo menos, a liberdade, e por conseguinte o exito feliz dos seus projectos, mas não hesitou. Demais, em sir Francis Cromarty achou um auxiliar decidido.

Quanto a Passepartout, estava prompto, podiam dispor d'elle. A idéa do amo exaltava-o. Presentia, debaixo d'aquelle envolucro glacial, um coração, uma alma. Começava a ter affeição a Phileas Fogg.

Faltava o guia. Que partido tomaria na empreza? Não estaria inclinado a favor dos indios? Quando não prestasse auxilio, era pelo menos preciso contar com a sua neutralidade.

Sir Francis Cromarty apresentou-lhe a questão com toda a franqueza.

— Meu official, respondeu o guia, sou parsi, e aquella mulher é da minha seita. Disponha de mim.

— Bem, guia, volven mr. Fogg.

— Entretanto fiquem sabendo, replicou o parsi, não só pomos a vida em perigo, como tambem nos arriscâmos a horriveis supplicios, se nos apanharem. Portanto, reflectam.

— Estão feitas as reflexões, disse mr. Fogg. Entendo que devemos esperar pela noite para mettermos hombros á empreza.

— Sou da mesma opinião, ajuntou o guia.

Este bom indio deu então algumas informações a respeito da victima. Era uma indiana de singular belleza, pertencente á raça parsi, filha de ricos negociantes de

Bombaim. Recbera n'esta cidade uma educação inteiramente ingleza, e, pelas maneiras e pela instrução, qualquer a julgaria europea. Chamava-se Aouda.

Orphã, casaram-n'a contra vontade com o velho rajah o Bundelkund. Tres mezes depois enviuvou. Sabendo que sorte a esperava, fugiu, mas foi bem depressa apanhada, e os parentes do rajah, que tinham a ganhar com a morte d'ella, votaram-n'a ao supplicio a que parecia não poder escapar.

Como era bem de prever, esta narração fortaleceu mr. Fogg e os seus companheiros na resolução tomada. Decidiu-se que o guia dirigisse o elephante para o pagode de Pillaji, do qual se aproximaria o mais possivel.

Passada meia hora, fizeram uma paragem á sombra de uma floresta de corte, distante quinhentos passos do pagode de Pillaji, que não se podia avistar; entretanto o alarido dos fanaticos deixava-se perfeitamente ouvir.

Discutiram-se então os meios de chegar proximo da victima. O guia conhecia o pagode de Pillaji, no qual affirmou estar encarcerada a victima. Seria possivel lá entrar por uma das portas, quando todo o bando estivesse mergulhado no somno da embriaguez, ou tornar-se-ia necessario fazer alguma ruptura na parede? Eis o que não se podia decidir senão no proprio local e no momento mesmo de se tentar o rapto. O que, porém, não offereceu duvida alguma, foi que a empresa devia effectuar-se n'aquella mesma noite, e não quando, ao despontar do dia, a victima fôsse conduzida ao supplicio. N'esse instante nenhuma intervenção humana seria capaz de a salvar.

Mr. Fogg e os seus companheiros esperaram, pois, pela noite. Assim que escureceu, por volta das seis horas, resolveram operar um reconhecimento em volta do pagode. Os ultimos gritos dos fakirs extinguiram-se. Segundo o seu costume, os indios deviam já estar entregues á pesada embriaguez do «hang», — opio liquido

misturado com uma infusão de canamo, — e talvez então fôsse possível deslizar por meio d'elles até ao templo.

O parsi, guiando mr. Fogg, sir Francis Cromarty e Passepartout, avançou, sem fazer ruido, através da floresta. Depois de se arrastarem como reptis por baixo da ramagem, chegaram á borda de um pequeno rio, e ali, ao clarão da resina que ardia na extremidade de varas de ferro, distinguiram um montão de lenha. Era a pyra feita de sandalo precioso, e já impregnado de um oleo aromatico. Na parte superior da pyra repousava o corpo embalsamado do rajah, que devia ser consumido ao mesmo tempo que a sua viuva. A cem pasos da pyra elevava-se o pagode, cujos minaretes se distinguíam na sombra alteando-se por sobre a coma das arvores.

— Venham! Disse o guia em voz baixa.

E redobrando de precaução, seguido dos seus companheiros, deslizou silenciosamente através da herva muito alta.

O silencio apenas era interrompido pelo murmurio do vento na ramagem.

D'ali a pouco parava o guia na extremidade de uma clareira. Alumíavam aquelle sitio alguns fachos de resina. O solo estava juncado de indios, que dormiam aos grupos, prostrados pela embriaguez. Parecia um campo de batalha coberto de mortos. Homens, mulheres e creanças tudo jazia em confusão. Alguns ainda se estorciam na convulsão da embriaguez, luctando com a rasão.

No ultimo plano, entre o massiço das arvores, o templo de Pillaji erguia-se confusamente delineado em meio das trevas. Mas, com immenso dissabor do guia, os guardas do rajah, alumíados por archotes fuliginosos, vigiavam as portas, passeando de um lado para outro de sabre desembainhado. Era para suppor que da banda de dentro os padres tambem vigiassem.

O parsi não avançou mais. Reconhecera a impossibili-

dade de forçar a entrada do templo, e conduziu os seus companheiros para a rectaguarda.

Phileas Fogg e sir Francis Cromarty tinham também comprehendido que, por aquelle lado, nada podiam tentar.

Pararam e consultaram-se em voz baixa.

— Esperemos, disse o brigadeiro generai; são oito horas apenas, e é possível que aquelles guards também succumbam ao somno.

— Effectivamente é possível, redarguiu o prsi.

Phileas Fogg e os seus companheiros estendeam-se ao pé de uma arvora e ficaram na expectativa.

Bem comprido lhes pareceu o tempo. O guia dexava-os ás vezes e ia observar a orla do bosque. Os guards do rajah continuavam a velar ao clarão dos fachos, e através das janellas do pagode infiltrava-se uma luz indecisa.

Permaneceram assim até á meia noite. A situação não mudou. Da banda de fóra continuava a mesma vigilância. Era evidente que não se podia contar com a modorra dos guardas. Provavelmente tinham-n'os dispensado da embriaguez do «hang». Era preciso, portanto, proceder de maneira differente e entrar por uma abertura feita nas paredes do pagode. Restava saber se os padres vigiavam ao pé da victima com tanto cuidado como os soldados á porta do templo.

Após uma ultima consulta, o guia disse que estava prompto a partir. Mr. Fogg, sir Francis e Passepartout seguiram-n'o. Deram um longo rodeio, a fim de chegarem ao pagode pelo lado de traz.

Quasi meia hora depois da meia noite chegaram ao pé da muralha sem terem encontrado ninguem. D'aquelle lado não se estabelecera vigilancia alguma; mas também deve-se dizer que as janellas e as portas faltavam absolutamente.

A noite estava sombria. N'aquelle momento a lua, no seu mingunte, começava apenas a subir no horisonte,

coberto de densas nuvens. A elevação das arvores augmentava ainda mais a escuridão.

Mas não bastava chegar junto das paredes, era preciso tambem fazer n'ellas uma abertura. Para esta operação Phileas Fogg e os seus companheiros apenas tinham as suas navalhas. Por um feliz acaso, porém, as paredes do templo eram feitas de uma mistura de tijolos e de madeira que não devia custar a romper. Tirado o primeiro tijolo, os outros caíam mais facilmente.

Metteram mãos á obra, fazendo o menor ruido possível. O paísi de um lado, Passepartout do outro, tratavam de arrancar os tijolos a fim de obterem uma abertura de dois pés de largura.

O trabalho avançava, quando se ouviu um grito no interior do templo, ao qual responderam outros gritos da banda de fóra.

Passepartout e o guia interromperam a tarefa. Teriam sido surprehendidos? Seria um signal de rebate? A prudencia mais vulgar recommendava-lhes que se afastassem — o que elles fizeram ao mesmo tempo que Phileas Fogg e sir Francis Cromarty tomavam igual resolução. Tornaram a achar-se sob a ramagem, esperando que o alarme, suppondo que o houvesse, se dissipasse, e n'esse caso estavam promptos a recommençar as suas operações.

Mas — contratempo funesto — na trazeira do pagode appareceram guardas, e installaram-se ali de modo que impediam a approximação de estranhos.

Difficil seria descrever o dissabor d'estes quatro homens detidos na sua empresa. Agora, que não podiam chegar proximo da victima, como a haviam de salvar? Sir Francis Cromarty mordia os punhos de raiva. Passepartout estava fóra de si, e o guia com difficuldade o continha. O impassivel Fogg conservava-se na espectativa, sem manifestar os seus sentimentos.

— Não nos resta, pois, outra cousa senão partir? perguntou o brigadeiro em voz baixa.

— Só, de certo, respondeu o guia.

— Esperemos, disse mr. Fogg. Basta-me que amanhã ao meio dia esteja em Allahabad.

— Mas o que espera? redarguiu sir Francis Cromarty. D'aqui a poucas horas surge o dia, e...

— A occasião favoravel que nos foge agora, póde apparecer no momento supremo.

O brigadeiro general desejava n'aquelle momento poder ler nos olhos de Phileas Fogg.

Em que se fiava aquelle inglez frio como uma pedra? Queria, no momento do supplicio, correr para a joven e arrancal-a do poder dos seus, á vista de todo o mundo?

Era uma loucura isto, e como seria possivel admittir que a loucura d'aquelle homem chegasse a tal ponto? Comtudo, sir Francis Cromarty consentiu em esperar até ao desenlace d'aquelle terrivel episodio. O guia, porém, não deixou os seus companheiros no lugar onde se haviam refugiado e trouxe-os para a parte interior da clareira. Alli abrigados por umas arvores, podiam observar os grupos adormecidos.

A este tempo Passepartout, empoleirado nos mais baixos ramos de uma arvore, ruminava certa idéa que lhe atravessara o espirito como um relampago, e que se lhe arraigára no cerebro.

Começára por dizer: — Que loucura! — e agora repetia: Porque não, a final! É uma probabilidade, talvez a unica, e com uns brutos assim!...

Em todo o caso Passepartout não formoulou o seu pensamento de outro modo, mas d'ali a nada deslisava com a agilidade de uma serpente pelos ramos mais baixos da arvore, cujas extremidades se curvavam para o solo.

Corriam as horas, e bem depressa algumas gradações menos sombrias annunciaram a aproximação do dia. Comtudo, a escuridão era ainda profunda.

Chegára o momento. Houve uma especie de resurreição n'aquella multidão mergulhada no somno. Os di-

versos grupos animaram-se. Soaram pancadas de tautan, tornaram a ouvir-se os cantos e os gritos. Chegára a hora em que a desgraçada ía morrer.

Com effeito, abriram-se as portas do pagode. Saiu do interior uma luz mais viva. Mr. Fogg e sir Francis Cromarty puderam aperceber a victima, vivamente illuminada, que dois padres arrastavam para fóra do templo. Pareceu-lhes até que, sacudindo o entorpecimento que lhe tolhia os membros, por um supremo instincto de conservação, a desgraçada tentava fugir aos seus verdugos. O coração de sir Francis Cromarty deu um pulo, e por um movimento convulsivo, agarrando na mão de Phileas Fogg, sentiu que aquella mão tinha uma navalha aberta.

N'aquelle instante a multidão poz-se em movimento. A joven recaíra no seu torpor habitual por effeito do fumo de canamo. Passou por meio dos fakirs que a escoltavam soltando vociferações religiosas.

Phileas Fogg e os seus companheiros, confundindo-se com as ultimas fileiras da multidão, seguiram-n'a.

Dez minutos depois chegavam á borda do rio, e paravam a menos de cincoenta passos da pyra sobre a qual estava deitado o corpo do rajah. Na meia escuridão que reinava, puderam ver a victima absolutamente inerte, estendida ao pé do cadaver do esposo.

Depois chegaram-lhe um facho, e a lenha, impregnada de oleo, inflammou-se logo.

N'este momento sir Francis Cromarty e o guia contiveram Phileas Fogg, que n'um accesso de generosa loucura queria correr para a fogueira...

Mas Phileas Fogg já os tinha repellido, quando a scena mudou de subito. Levantou-se um gitro de terror. Toda aquella multidão se prostrou rapidamente, cheia de assombro.

O velho rajah não estava, pois, morto, porque o viram erguer-se de repente como um fantasma, levantar a joven

nos braços e descer da pyra em meio de turbilhões de fumo que lhe davam a apparencia de um espectro.

Os fakirs, os guardas, os padres, tomados de subito terror jaziam com a fronte sobre a terra, sem se atreverem a levantar os olhos e a contemplar semelhante prodigio!

A victima inanimada passou por entre a multidão nos braços vigorosos que a levavam, e sobre os quaes não parecia pesar. Mr. Fogg e sir Francis Cromarty tinham ficado de pé. O parsi curvara a cabeça, e Passepartout de certo que não estava menos estupefacto!...

O resuscitado chegou d'este modo ao sitio onde estavam mr. Fogg e sir Francis Cromarty, e ali, com uma voz breve, disse :

— Safemo-nos !

Era Passepartout em pessoa que deslisára até junto da pyra no meio da densa fumaceira! Era Passepartout que, aproveitando a escuridão profunda ainda, arrancára a joven á morte! Era emfim Passepartout que, desempenhando o seu papel com feliz audacia, passára incolume no meio do geral assombro!

Um instante depois, todos quatro desappareciam na floresta, e o elephante transportava-os n'um trote rapido. Mas os gritos, o clamor, que de repente se levantou, e mesmo uma bala, que atravessou o chapéu de Phileas Fogg, fez-lhe saber que se tinha descoberto o estratagemma.

Com effeito, sobre a fogueira distinguia-se o corpo do velho rajah. Os padres, que tinham tornado a si do terror que os dominava, comprehenderam que acabava de se commetter um rapto.

Precipitaram-se immediatamente na floresta. Os guardas seguiram-nos. Ouviu-se uma descarga, mas os raptadores fugiam rapidamente, e d'ali a alguns instantes achavam-se fóra do alcance das balas e das flechas.

CAPITULO XIV

EM QUE PHILEAS FOGG DESCE TODO O VALLE ADMIRAVEL DO GANGES SEM PENSAR SEQUER EM LHE DEITAR UM GOLPE DE VISTA

O arrojado rapto tinha sido realisado com facilidade. Uma hora depois, Passepartout ria ainda do exito. Sir Francis Cromarty dera um aperto de mão ao intrepido moço. O amo dissera-lhe: — Bem, — o que, na bôca d'aquelle *gentleman*, equivalia a um signal eloquente de approvação. A isto respondêra Passepartout que toda a honra da empreza pertencia a seu amo. Na sua opinião só tivera uma idéa — exquisita — e ria ao pensar que, durante alguns instantes, elle, Passepartout, antigo gymnasta, ex-bombeiro, fôra o viuvo de uma mulher encantadora, e um velho rajah embalsamado!

Quanto á joven indiana, não tivera consciencia do que se passára. Embrulhada nas coberturas de viagem, repousava n'um dos cestos.

Entretanto, o elephante, guiado com extrema segurança pelo parsi, corria rapidamente na floresta immersa ainda na escuridão. Uma hora depois de ter deixado o pagode de Pillaji, lançava-se através de uma immensa planicie. As sete horas fizeram alto. A joven continuava ainda em completa prostração. O guia fez-lhe beber algumas gotas de agua e de aguardente, mas o entorpecimento que a tolhia tinha de prolongar-se por algum tempo.

Sir Francis Cromarty, que conhecia os effeitos da embriaguez produzida pela inalação dos vapores do canamo, não se inquietava.

Mas se o restabelecimento da joven não offerecia duvida ao brigadeiro general, mostrava-se comtudo menos tranquilo quanto ao futuro. Não hesitou em dizer a Phi-

leas Fogg que se mrs. Aouda permanecesse na India, inevitavelmente recairia nas mãos dos seus verdugos. Existiam em toda a península energuménos d'aquelles, e com certeza, a despeito da policia ingleza, saberiam rehaver a sua victima, fôsse em Madrasta, em Bombaim ou em Calcuttá. E sir Francis Cromarty citava, em apoio da sua asserção um facto do mesmo genero que se passára recentemente. Na sua opinião, a joven só ficaria em verdadeira segurança depois de ter saído da India.

Phileas Fogg respondeu que tomava estas observações em devida conta e resolveria em conformação com ellas.

Por volta das dez horas o guia annunciava a estação de Allahabad. Ali continuava a via interrompida, cujos trens transpõem em menos de um dia e de uma noite a distancia que separa Allahabad de Calcuttá.

Phileas Fogg devia, pois, chegar a tempo para tomar logar n'um paquete que não partia senão no dia seguinte, 25 de outubro, ao meio dia, para Hong-Kong.

A joven foi transportada para um aposento de *gare*. Passepartout recebeu a incumbencia de ir comprar para ella diversos objectos de *toilette*, um vestido, um chale, pellissas, etc., o que achasse. O amo abria-lhe para isso um credito illimitado.

Passepartout poz-se logo a caminho e correu as ruas da cidade. Allahabad é a cidade de Deus, uma das mais respeitadas da India, em rasão de estar edificada na confluencia de dois rios sagrados, o Ganges e o Jumna, cujas aguas attraem os peregrinos de toda a península. Sabendo alem d'isso que, segundo as lendas de Ramayana, o Ganges tem a sua nascente no céu, d'onde, graças a Brahma, desce para a terra.

Ao mesmo tempo que fazia as compras, Passepartout viu rapidamente a cidade, outr'ora defendida por um forte magnifico que se tornou prisão de estado. Nem commercio nem industria havia já n'esta cidade d'antes tão commercial e industrial. Passepartout, que debalde pro-

curava um armazem de modas, como se estivesse no Regent-Street, a alguns passos de distancia de Farmer e Co, apenas encontrou em casa de um adello, judeu velho e meticoloso, os objectos de que tinha necessidade, isto é, um vestido de estofos escocoz, um grande manto e uma bella pellissa de lontra, os quaes não poz duvida em pagar por setenta e cinco libras. Depois, com ar de triumpho, voltou para a estação.

Mrs. Aouda começava a tornar a si. A influencia a que os padres de Pillaji a tinham submettido dissipava-se pouco a pouco, e os seus lindos olhos recuperavam toda a doçura indiana de que eram dotados.

Quando o rei-poeta Uçaf Uddaul celebra os encantos da rainha de Alménagara, exprime-se assim :

«Os seus cabellos reluzentes, divididos ao meio, em-
«molduram-lhe o harmonioso contorno das faces alvas e
«delicadas, scintilantes de lustre e de frescura. As suas
«sobrancelhas de ebano têm a fórma e o poder do arco
«de Kama, deus do amor, e sob as pestanas compridas e
«assetinadas, na negra pupilla dos olhos limpidos, fluc-
«tuam-lhe como nos sagrados lagos do Himalaya, os re-
«flexos mais puros da luz celeste. Finos, iguaes, de des-
«lumbrante alvura, resplandecem-lhe os dentes entre os
«labios banhados de riso, como resplandecem as gotas de
«orvalho no seio entreaberto da flor da romeira. As suas
«orelhas delicadas de curvas symetricas, as suas mãos
«macaradas, os seus pequeninos pés arqueados e tenros
«como os renovaes do lotus, igualam no brilho as mais
«bellas perolas de Ceylão, os mais formosos diamantes de
«Golconda. A cintura delgada e flexivel, que cabe em
«qualquer mão, realça-lhe a elegante curva dos arredon-
«dados rins e a opulencia do busto onde a mocidade em
«flor ostenta os mais perfeitos thesouros, o seu corpo, sob
«as sedosas ondulações da tunica que o envolve, parece
«ter sido modelado em prata pura pela mão divina de
«Vivvacarma, o eterno estatuario».

Mas, dispensando toda esta amplificação poetica, basta dizer que mrs. Aouda, a viuva do rajah do Bundelkund, era uma mulher encantadora na rigorosa accepção europeia da palavra. Fallava inglez com extraordinaria correcção, e o guia não exaggerára affirmando que a joven parsi fôra transformada pela educação.

Entretanto, o trem ia deixar a estação de Allahabad. O parsi esperava pela paga. Mr. Fogg pagou-lhe o que se convencionára, sem um *farthing* (*) a mais ou a menos. Isto admirou um pouco Passepartout, que sabia quanto seu amo era devedor á dedicação do guia. O parsi tinha na realidade arriscado voluntariamente a vida na surpresa de Pillaji, e se mais tarde os indios viessem a saber d'isto, difficilmente escaparia á sua vingança.

Restava a questão do Kiouni. Que se havia de fazer de um elephante que tão caro custára?

Phileas Fogg já tinha tomado uma resolução a esse respeito.

— Parsi, disse elle ao guia, tu és serviçal e dedicado. Paguei os teus serviços, mas não recompensei a tua dedicação. Queres este elephante? Dou-t'o.

Os olhos do guia brilharam.

— É uma fortuna que Vossa Honra me dá! exclamou elle.

— Aceita, guia, redarguiu mr. Fogg, e sou eu que ainda fico teu devedor.

— Ora muito bem! exclamou Passepartout. Toma, amigo! Kiouni é um animal corajoso e valente!

E indo direito ao animal apresentou-lhe alguns pedaços de assucar, dizendo:

— Toma, Kiouni, toma, toma, toma!

O elephante fez ouvir alguns grunhidos de satisfação. Em seguida, agarrando Passepartout pela cintura e enro-

(*) *Farthing*, moeda ingleza de cobre, que vale um quarto de *penny*, ou cinco réis pouco mais ou menos.
(N. do T.)

lando-o com a tromba, levantou-o até á altura da sua enorme cabeça.

Passepartout não teve o menor susto, fez uma carícia affectuosa ao animal, que o tornou a pôr em terra com toda a cautela, e ao aperto da tromba do bom Kiouni correspondeu um vigoroso aperto de mão do bom moço.

Instantes depois Phileas Fogg, sir Francis Cromarty e Passepartout, installados num commodo wagon, do qual mrs. Aouda occupava o melhor lugar, corriam a todo o vapor em direcção a Benarés.

Oitenta milhas, o muito, separam esta cidade de Allahabad, as quaes foram percorridas em duas horas.

Durante o tracto a jovem tornou completamente a si; os vapores suporiferos do «hang» dissiparam-se.

Qual não foi, porém, a sua admiração ao achar-se no caminho de ferro, n'aquelle compartimento, trajando á maneira da Europa, em meio de viajantes que lhe eram completamente desconhecidos!

Os seus companheiros trataram logo de lhe prodigalizar os maiores cuidados, e reanimaram-na com algumas gotas de licor; em seguida o brigadeiro contou-lhe o que se passára com ella. Insistiu na dedicação de Phileas Fogg, que não hesitára em arriscar a vida para a salvar, e no desenlace da aventura, devida á audaciosa imaginação de Passepartout.

Mr. Fogg deixou-o fallar, sem dizer palavra. Passepartout, todo envergonhado, repetia que «aquillo não valia nada!»

Mrs. Aouda, enternecida, agradeceu aos seus salvadores mais com lagrimas do que com palavras. N'ella, os olhos formosos, mais do que os labios, foram interpretes do seu reconhecimento. Depois, volvendo o pensamento para as scenas do suttty, dirigindo os olhos para aquella terra indiana onde tantos perigos ainda a esperavam, sentiu um estremecimento de terror.

Phileas Fogg comprehendeu o que se passava no espi-

rito de mrs. Aouda, e para a tranquillisar, offereceu-lhe, aliás com muita frieza, que a levaria para Hong-Kong, onde podia ficar até que aquelle acontecimento caísse completamente nò olvido.

Mrs. Aouda acceitou, reconhecida, o offerecimento. Exactamente, em Hong-Kong, residia um dos seus parentes, parsi tambem, e um dos principaes negociantes d'esta cidade, que é absolutamente ingleza, apesar de occupar um ponto da costa chineza.

Meia hora depois parava o trem na estação de Benarés. Affirmam as lendas brahmanicas que esta cidade occupa o local da antiga Casi, que estava outr'ora suspensa no espaço, entre o zenite e o nadir (*) como o tumulo de Mahomet. Mas n'esta época mais realista, Benarés, a Athenas da India, no dizer dos orientalistas, jazia muito prosaicamente no solo, e Passepartout poudo por um momento entrever as suas casas construidas de tijolo, as suas choças feitas de cannas, que lhe davam um aspecto de absoluta desolação, e nenhuma côr real.

Era ali que devia ficar sir Francis Cromarty. As tropas a que se reunia acampavam a algumas milhas ao norte da cidade. O brigadeiro general fez as suas despedidas a Phileas Fogg, desejando-lhe o melhor exito possivel, e dizendo-lhes que fazia votos para que tornasse a empehender aquella viagem de um modo menos original, mas mais proveitoso. Mr. Fogg apertou levemente os dedos do seu companheiro. Os cumprimentos de mrs. Aouda foram mais affectuosos. Jámais havia de esquecer o que devia a sir Francis Cromarty. Quanto a Passepartout, foi honrado com um verdadeiro aperto de mão da parte do brigadeiro general. Muito commovido, perguntou-lhe onde e quando se poderia sacrificar por elle. A final separaram-se.

(*) Zenith é, na esphera celeste, o ponto imaginario que está exactamente sobre as nossas cabeças, e o nadir é o que lhe fica diametralmente opposto.
(N. do T.)

A partir de Benarés, a via ferrea seguia em parte o valle do Ganges. Através das vidraças do wagon, graças á limpidez da atmosphera, avistava-se a variegada paisagem do Béhar, depois as montanhas cobertas de verdura, os campos de cevada, de milho e de trigo, os rios e lagos povoados de crocodilos esverdeados, as aldeias em bom estado de conservação e de aseio, e as florestas ainda verdejantes. Alguns elephantes, e alguns zebus de grandes carcovas, vinham banhar-se nas aguas do rio sagrado, como tambem varios bandos de indios de ambos os sexos que faziam as santas abluções. Estes fieis, inimigos encarniçados do *boudhismo*, são sectarios ferventes da religião brahmanica, que se encarna em tres pessoas : Whisnou, a divindade solar ; Shiva, a personificação divina das forças da natureza ; e Brahma, o senhor supremo dos padres e dos legisladores. Mas, com que olhos deviam Brahma, Shiva e Whisnou considerar esta India, agora — britannisada — quando algum barco a vapor passava, silvando e agitando as sagradas aguas do Ganges, espantando as gaivotas que adejavam sobre a sua superficie, as tartarugas que pullulavam nas suas margens, e os devotos deitados ao longo das suas praias !

Todo este panorama passou como um relampago, e por vezes uma nuvem de vapor branco lhe occultava os detalhes. Os viajantes mal puderam entrever o forte de Chunar, a vinte milhas ao sueste de Benarés, antiga fortaleza dos rajahs do Béhar, Ghazepour e as suas importantes fabricas de agua de rosa, o tumulto de lord Cornwallis, que se eleva sobre a margem esquerda do Ganges, a cidade fortificada de Buxar, Patna, grande centro commercial e principal mercado do opio da India, Mongbir, cidade mais que europea, ingleza como Manchester ou Birmingham, afamada pelas suas fundições de ferro, pelas suas serralherias e fabricas de armas brancas, cujas altas chaminés obscureciam com uma fumaceira negra

o céu de Brahma, — verdadeiro murro prosaicamente despedido sobre o paiz dos sonhos!

Sobreveiu a noite, e em meio do uivar dos tigres, dos ursos, dos lobos que fugiam diante da locomotiva, o trem passou a toda a velocidade, e nada mais se apercebeu das maravilhas de Bengala, nem Golconda, nem Gour em ruínas, nem Mourshedabad, que em outros tempos teve honras de capital, nem Burdwan, nem Hougly, nem Chandernagor, esse ponto do territorio indio sobre o qual Passepartout teria tido o orgulho de ver fluctuar a bandeira da sua patria!

Finalmente, ás sete horas da manhã chegaram a Calcuttá. O paquete, a partir para Hong-Kong, só levantava ferro ao meio dia. Phileas Fogg tinha, pois, cinco horas á sua disposição.

Segundo o itinerario que traçara, devia o *gentleman* achar-se na capital das Indias a 25 de outubro, vinte e tres dias depois de ter saído de Londres, e chegava ali no dia fixado. Não havia, pois, nem atrazo nem avanço. Infelizmente os dois dias ganhos por elle entre Londres e Bombaim tinham sido perdidos da maneira que se sabe, no trajecto através da península indiana, — mas é de suppor que Phileas Fogg não deplorasse a perda.

CAPITULO XV

EM QUE O SACO DAS NOTAS FICA ALLIVIADO DE ALGUNS
MILHARES DE LIBRAS

O trem parára na estação. Passepartout foi o primeiro a sair do wagon, e mr. Fogg seguiu-o, ajudando a joven indiana a descer. Phileas Fogg esperava dirigir-se immediatamente para o paquete de Hong-Kong, a fim de ahi installar mrs. Aouda, a quem não queria abandonar enquanto estivesse em terra perigosa para ella.

No momento em que mr. Fogg ia a sair da *gare* aproximou-se d'elle um policia e disse :

— Mr. Phileas Fogg ?

— Sou eu.

— Este homem é seu creado ? acrescentou o policia designando Passepartout.

— É.

— Queiram ambos seguir-me.

Mr. Fogg não fez um movimento que podesse denotar a mais leve surpresa. Aquella agente era para elle um representante da lei, e todo o inglez considera a lei como uma cousa sagrada. Passepartout, com os seus costumes francezes, quiz fazer observações, mas o policia tocou-lhe com a sua varinha, e Phileas Fogg fez-lhe signal para que obedecesse.

— Esta joven póde acompanhar-nos ? perguntou mr. Fogg.

— Póde, respondeu o policia.

Mr. Fogg, mrs. Aouda e Passepartout foram conduzidos para um *palki-ghari*, especie de carruagem de quatro rodas e quatro logares, puxada por dois cavallo. Pozeram-se a caminho. Durante o trajecto, que durou quasi vinte minutos, não se proferiu uma palavra.

A carruagem atravessou primeiramente a «cidade negra», formada de ruas estreitas, nas quaes formigava uma população cosmopolita, immunda e andrajosa ; em seguida entrou na cidade europea, composta de edificações de tijolo que lhe davam um aspecto alegre, ensombrada de coqueiros, e erigada de mastros, por entre os quaes, apesar da hora matinal, deslisavam já elegantes cavalheiros e trens splendidos.

O *palki-ghari* parou á porta de um edificio de modesta apparencia, mas que não devia de certo servir para usos domesticos. O policia fez descer os presos, — pois que em rigor se lhes podia dar este nome, — e conduziu-os para um aposento de janellas gradeadas, dizendo lhes :

— É ás oito horas e meia que devem comparecer na presença do juiz Obadiah.

Depois retirou-se e fechou a porta.

— Bem! estamos presos! exclamou Passepartout, deixando-se cair n'uma cadeira.

Mrs. Aouda, dirigindo-se a mr. Fogg, disse-lhe com uma voz cuja commoção debalde procurava dissimular:

— Senhor, é preciso que me abandone! É por minha causa que o perseguem! Por me haver salvado!

Phileas Fogg limitou-se a responder que isso não era possível. Perseguido pelo acontecimento do *sutty*! não se podia admittir! Como é que os queixosos se atreveriam a apresentar? Havia engano. Mr. Fogg acrescentou que em todo o caso não abandonaria a joven, e a conduziria a Hong-Kong.

— Mas o vapor parte ao meio dia! observou Passepartout.

— Antes do meio dia havemos de estar a bordo, respondeu simplesmente o impassível *gentleman*.

Esta affirmação foi tão claramente proferida, que Passepartout não poudé deixar de dizer consigo:

— Já se vê! Com certeza, antes do meio dia havemos de estar a bordo!

Mas não ficou muito convencido.

As oito horas e meia a porta do aposento abriu-se. O polícia tornou a apparecer, e introduziu os presos na sala proxima. Era uma casa de audiencia, occupada já por uma multidão bastante numerosa, composta de europeus e de indigenas.

Mr. Fogg, mrs. Aouda e Passepartout assentaram-se n'um banco em frente dos logares reservados para o magistrado e para o escrivão.

O magistrado, o juiz Obadiah, entrou no mesmo instante, seguido do escrivão. Era um homem tão gordo que parecia uma bola. Deitou a mão a uma cabelleira pendurada n'um prego e pôl-a rapidamente na cabeça.

— A primeira causa, disse elle.

Mas, levando no mesmo instante a mão á cabeça, exclamou:

— Olá, esta não é a minha cabelleira!

— Effectivamente, mr. Obadiah, é a minha, redarguiu o escrivão.

— Meu caro mr. Oysterpuf, como quer que o juiz possa dar uma sentença justa com a cabelleira do escrivão?

Passou-se á troca das cabelleiras. Durante estes preliminares, Passepartout não podia socegar; o ponteiro do relógio parecia-lhe andar com terrível velocidade sobre o mostrador do grande relógio do tribunal.

— A primeira causa, tornou então o juiz Obadiah.

— Phileas Fogg, disse o escrivão Oysterpuf.

— Eis-me aqui, respondeu mr. Fogg.

— Passepartout?

— Presente! respondeu Passepartout.

— Bem! disse o juiz Obadiah. Acusados, ha dois dias que a justiça espreita a sua chegada em todos os trens que vem de Bombaim.

— Mas de que somos accusados? perguntou Passepartout impaciente.

— Vac saber, redarguiu o juiz.

— Senhor, disse então mr. Fogg, sou cidadão inglez, e tenho direito...

— Faltaram-lhe ao respeito? Perguntou Obadiah.

— Em cousa alguma.

— Bem, faça entrar os queixosos.

Em cumprimento da ordem do juiz, abriu-se uma porta, e tres padres indios foram introduzidos por um ponteiro.

— É exactamente! murmurou Passepartout, são os tres velhacos que queriam queimar a nossa joven!

Os padres conservaram-se de pé diante dos juizes, e o escrivão leu em voz alta uma accusação de sacrilegio formulada contra o senhor Phileas Fogg e o seu creado,

accusados de terem violado um lugar consagrado pela religião brahmanica.

— Ouviu? Perguntou o juiz a mr. Fogg.

— Sim, senhor, respondeu mr. Fogg consultando o seu relógio, confesso.

— Ah! confessa?

— Confesso e espero que estes tres padres tambem confessem o que queriam fazer no pagode de Pillaji.

Os padres olharam uns para os outros. Pareciam não comprehender cousa alguma das palavras do accusado.

— É verdade! exclamou impetuosamente Passepartout, no pagode de Pillaji, diante do qual iam queimar a sua victima!

Nova estupefacção dos padres, e profunda admiração do juiz Obadiah.

— Que victima? perguntou elle. Queimar quem! Em meio da cidade de Bombaim!

— Bombaim? exclamou Passepartout.

— De certo. Não se trata de pagode de Pillaji, mas do pagode de Malebar-Hill, em Bombaim.

— E como corpo de delicto, eis os sapatos do profanador, acrescentou o escrivão, pondo um par de sapatos em cima da mesa do tribunal.

— Os meus sapatos! exclamou Passepartout, que, surprehendido ao ultimo ponto, não poudo conter esta exclamação involutaria.

Adivinha-se a confusão que se deu no espirito do amo e do creado. Tinham esquecido o incidente que se deu no pagode de Bombaim, e era isso mesmo que os levava á presença do juiz Obadiah.

Effectivamente, o agente Fix comprehendêra todo o partido que podia tirar d'este malfadado successo. Demorando doze horas a sua partida, arvorava-se em conselheiro dos padres de Malebar-Hill, promettera-lhe valiosas indemnisações, não ignorando que o governo inglez se mostrava severo para este genero de delictos; depois, no comboio

seguinte, lançara-os na pista do sacrilego. Mas, em consequencia da demora occasionada pelo libertamento da joven viuva, Fix e os hindous chegaram a Calcuttá antes de Phileas Fogg e o seu creado, a quem os magistrados, prevenidos pelo despacho telegraphico, deviam mandar prender no momento de descerem do comboio. Avalie-se, porém, qual foi o dissabor de Fix, quando soube que Phileas Fogg não chegára á capital da India. Imaginou logo que o seu ladrão, parando n'alguma das estações do *Peninsular Railway*, se refugiára nas provincias septentrionaes. Durante vinte e quatro horas, em meio de mortaes inquietações, Fix esteve aguardando a sua chegada, postado na *gare*. E qual não foi a sua alegria, quando, n'aquella manhã mesmo, o viu descer do wagon, é verdade que na companhia de uma joven cuja presença elle não podia explicar. Immediatamente lançou sobre elle um policia, e eis porque mr. Fogg, Passepartout e a viuva do rajah Bundelkund foram conduzidos á presença do juiz Obadiah.

E se Passepartout estivesse menos preocupado com o que lhe succedia, de certo teria visto, a um canto da sala, o «detective», que seguia os debates com um interesse facil de comprehender, — porque em Calcuttá, como em Bombaim, e em Suez, faltava-lhe ainda a ordem de prisão!

Entretanto o juiz Obadiah tomára nota da confissão que escapára a Passepartout, o qual de boa vontade daria tudo o que possuia para poder retirar as suas palavras imprudentes.

— Confessam os factos? perguntou o juiz.

— Estão confessados, respondeu friamente mr. Fogg.

O juiz proseguiu então:

— Visto que a lei ingleza protege igual e rigorosamente todas as religiões da população da India, e que foi confessado pelo senhor Passepartout o delicto de ter com pé sacrilego violado o chão do pagode de Malebar-Hill, em Bombaim, no dia 20 de outubro, é condemnado o dito Pas-

separtout a quinze dias de prisão, e a uma multa de trezentas libras.

— Trezentas libras! exclamou Passepartout, que só era verdadeiramente sensível á multa.

— Silencio! exclamou o porteiro com voz esganiçada.

— E, acrescentou o juiz Obadiah, visto que não está provado materialmente que houvesse connivencia entre o amo e o creado, mas que em todo o caso o amo deve ser considerado responsavel pelas acções e os gestos das pessoas que traz de soldada, é detido o dito Phileas Fogg e condemnado a oito dias de prisão e a cento e cinquenta libras de multa. Escrivão, passe a chamar outros accusados.

Do seu canto, Fix, experimentava uma indizível satisfação. Phileas Fogg retido em Calcuttá oito dias, era mais que sufficiente para dar ao mandado de prisão o tempo de chegar.

Passepartout estava aturdido. Esta condemnação arruinava o amo. Uma aposta de vinte mil libras perdida, e tudo porque elle, como um verdadeiro papalvo, entrára no maldito pagode!

Phileas Fogg, tão senhor de si como se a condemnação não lhe dissesse respeito, nem mesmo franzira o sobr'olho. Mas no momento em que o escrivão ia chamar outros accusados, levantou-se e disse:

— Dou fiança.

— Está no seu direito, redarguiu o juiz.

Fix sentiu um arrepio na espinha, mas recobrou logo a serenidade, quando ouviu o juiz, attendendo a qualidade de estrangeiros de Phileas Fogg e do seu creado, arbitrar para cada um d'elles a enorme quantia de mil libras de fiança.

Eram duas mil libras que saiam da algibeira de mr. Fogg, se não quizesse sujeitar-se á prisão.

— Pago, disse o *gentleman*.

E do sacco que Passepartout trazia, tirou um maço de notas de Banco que poz em cima da mesa do escrivão.

— Ser-lhe-ha restituída esta somma quando sair da prisão, disse o juiz. Entretanto, fica solto sob fiança.

— Venha d'ahi, disse Phileas Fogg para o creado.

— Mas ao menos restituam-me os sapatos! exclamou Passepartout n'um accesso de raiva.

Foram-lhe restituídos os sapatos.

— Saem caro! mudmurou elle. Para cima de mil libras cada um! E ainda em cima estão-me apertados!

Passepartout, com ar de lastima, seguiu mr. Fogg, que offerecera o braço á joven. Fix ainda tinha esperanças de que o seu ladrão nunca se resolvesse a abandonar a somma das duas mil libras, e se sujeitaria aos oito dias de prisão. Por isso lançou-se na pista de Fogg.

O *gentleman* alugou uma carruagem, para a qual subiu logo com mrs. Aouda e Passepartout. Fix deitou a correr atrás da carruagem, que parava d'ali a pouco n'um dos caes da cidade.

No porto, a meia milha da cidade, estava ancorado o *Rangoon*, com o signal de partir no topo do mastro. Davam onze horas. Mr. Fogg tinha uma hora de ganho. Fix viu-o descer da carruagem e embarcar n'uma canoa com mrs. Aouda e o creado. O «detective» bateu com o pé no chão.

— Maroto! exclamou elle, parte! Duas mil libras sacrificadas! Ê prodigo como um ladrão! Ah! seguil-o-hei até ao fim do mundo se preciso for; mas d'aquella maneira vae-se todo o dinheiro do roubo!

O inspector de policia tinha razão. Effectivamente, depois que saíra de Londres, tanto em despesas de viagem como nas gratificações, na compra do elephante, nas fianças e na multa, Phileas-Fogg deixára já pelo caminho mais de cinco mil libras, e o tanto por cento da somma encontrada, que pertencia aos «detectives», ia diminuindo.

CAPÍTULO XVI

EM QUE FIX NÃO DÁ ARES DE PERCEBER A MAIS PEQUENA COUSA
DO QUE SE PASSA

O *Rangoon*, um dos paquetes que a companhia peninsular e oriental emprega no serviço dos mares da China e do Japão, era um vapor de ferro, de helice, do porte de mil setecentas e setenta toneladas, e da força nominal de quatrocentos cavallos. Igualava o *Mongolia* na velocidade, mas não nas commodidades. Por esta rasão, mr. Aouda não foi tão bem installada como desejava Phileas Fogg. A final, apenas se tratava de uma viagem de tres mil e quinhentas milhas, isto é, de onze a doze dias de duração, e a joven não se mostrou difficil de contentar.

Durante os primeiros dias, mrs. Aoude travou mais intimo conhecimento com mr. Phileas Fogg. Em todas as occasiões que se lhe offereciam, testemunhava-lhe o mais vivo reconhecimento. Escutava-a o fleugmatico *gentleman*, pelo menos na apparencia, com a maior frieza, sem que uma leve entoação, um gesto sequer, revelasse n'elle a menor commoção. Cuidava de que não faltasse coisa alguma á joven. Vinha regularmente a certas horas, se não conversar, pelo menos escutar o que ella dizia. Cumpria para com ella os deveres da mais rigorosa civilidade, mas com a graça e o repente de um automato, cujos movimentos fôsem combinados para esse fim. Mrs. Aouda não sabia o que pensasse d'aquillo, mas Passepartout explicou-lhe um pouco qual era a excentrica personalidade de seu amo. Disse-lhe qual o compromisso que arrastava o *gentleman* em redor do mundo. Mrs. Aouda sorriu, mas a final devia-lhe a vida, e o seu salvador nada podia perder em que ella o visse através do prisma do seu reconhecimento.

Mrs. Aouda confirmou a narrativa que o parsi fizera da sua tocante historia. Pertencia effectivamente a essa raça que occupa o primeiro logar entre as raças indigenas. Muitos negociantes parsis têm feito grandes fortunas nas Indias com o commercio dos algodões. Um d'elles, sir James Jejeebhoy, recebeu do governo inglez o brazão de nobreza, e mrs. Aouda estava aparentada com este opulento personagem, que habitava em Bombaim. Era até um primo de sir Jejeebhoy, o honrado Jejeeli, a quem ella esperava reunir-se em Hong-Kong. Encontraria ao pé d'esse primo amparo e refúgio? Eis o que não podia affirmar. A isto respondia mr. Fogg que ella não se devia inquietar, e que tudo se arranjaría mathematicamente! Foi o termo de que se serviu.

Comprehenderia a joven este horrivel adverbio? Não sabemos. Comtudo, os seus grandes olhos «limpidos como os lagos sagrados da Himalaya! fitavam os de mr. Fogg. Mas o intratavel mr. Fogg, mais do que nunca encerrado na sua reserva, não parecia homem capaz de se arremessar ao lago.

A primeira parte da viagem do *Rangoon* fez-se em excellentes condições. O tempo estava favoravel. Toda a porção da immensa bahia que os marinheiros chamam as «braças de Bengala» mostrou-se favoravel ao andamento do paquete. O *Rangoon* bem depressa avistou o Grand-Andaman, a principal do grupo, que os navegadores distinguem a grande distancia, em consequencia da pittoresca montanha de Saddle-Peake, cuja altura anda por dois mil e quatrocentos pés.

A ilha foi costeada de perto. Os selvagens papuas que a habitam, não appareceram. São creaturas no ultimo grau da escala humana, mas que erradamente têm sido considerados como anthropophagos.

Era sublime o panorama que as ilhas apresentavam. Florestas immensas de palmeiras, de arecas, de bambús, de moscadeiras, de tecas, de sensitivas gigantescas, de fe-

tos arborescentes, figuravam no primeiro plano, e ao fundo recortava-se no horisonte o elegante contorno das montanhas. Sobre a costa pullulavam em grande numero essas preciosas salanganas, cujos ninhos constituem um manjar muito procurado no celeste imperio. Mas todo este espectaculo variado offerecido á vista pelo grupo dos Andaman, perpassou fugitivo, e o *Rangoon* deslizou rapidamente em direcção ao estreito de Malaca, estreito que lhe devia dar accesso nos mares da China.

Durante este percurso, o que fazia o inspector Fix, tão desventuradamente arrastado n'uma viagem de circum-navegação? Em Calcuttá, depois de ter deixado instrucções? para que a ordem de prisão, quando a final chegasse, lhe fôsse dirigida a Hong-Kong, poudé embarcar a bordo do *Rangoon* sem ser observado por Passepartout, e esperava occultar a sua presença até que o paquete chegasse ao seu destino. Com effeito, ser-lhe-ia difficil explicar a rasão por que se achava a bordo, sem despertar as suspeitas de Passepartout, que devia julgal-o em Bombaim. Porém, a logica das circumstancias levou-o a renovar conhecimento com o honrado moço. Como? É o que se vae ver.

Todas as esperanças, todos os desejos do inspector de policia, concentravam-se agora n'um ponto unico do mundo, em Hong-Kong, porque o paquete demorava-se pouco tempo em Singapura para que elle podesse operar n'esta cidade. Era, pois, em Hong-Kong que a prisão do roubador se havia de effectuar, ou então, escapava-lhe, póde-se assim dizer, para sempre.

Effectivamente, Hong-Kong era uma terra ingleza, mas a ultima que se encontrava na viagem circular. Para lá de Hong-Kong, a China, o Japão, a America, offereciam um refugio quasi seguro a mr. Fogg. Em Hong-Kong, se a final encontrasse a ordem de prisão, que de certo corria atrás d'elle, Fix prendia Fogg, entregando-o á policia local. D'este modo não se apresentavam diffi-

culdades algumas. Mas para lá de Hong-Kong, não bastaria uma simples ordem de prisão. Seria preciso proceder-se á extradição. Isso daria logar a demoras, a atrasos, a obstaculos de toda a especie, que o tratante poderia aproveitar para se pôr definitivamente ao abrigo de toda a perseguição. Se a operação falhasse em Hong-Kong, tornar-se-ia, se não impossivel, pelo menos bem difficil recommençar-a com alguma probabilidade de exito.

—Portanto, repetiu Fix a si mesmo durante as compridas horas que passava no seu beliche, ou a ordem de prisão está em Hong-Kong e eu prendo o homem, ou não está, e torna-se então preciso, a todo o custo, que eu lhe demore a partida! Saí-me mal em Bombaim e em Calcuttá! Se o mesmo me succede em Hong-Kong, fica perdida a minha reputação! Custe o que custar, é preciso conseguir o meu resultado. Mas de que meio me hei de eu servir para demorar, se preciso for, a partida d'esse maldito Fogg?

Como ultimo recurso, Fix estava muito resolvido a confessar tudo a Passepartout, a fazer-lhe conhecer o amo a quem servia e de quem não era com certeza cumplice. Esclarecido por esta revelação, Passepartout devia recear um comprometimento, e passaria para o lado de Fix. Mas, a final, era este um meio arriscado, que só á falta de outro poderia ser empregado. Uma palavra só que Passepartout dissesse ao amo, seria bastante para comprometter irremediavelmente o negocio.

Achava-se, pois, extremamente embaraçado o agente de policia, quando a presença de mrs. Aouda a bordo do *Rangoon* em companhia de Phileas Fogg lhe offereceu novas perspectivas.

Quem era aquella mulher? Que concurso de circumstancias a fizera companheira de Fogg. Fôra evidentemente entre Bombaim e Calcuttá que o encontro se déra. Mas em que ponto da Peninsula? Seria o acaso que reunira Phileas Fogg e a joven viajante? Não teria tido o

gentleman na viagem através da India, unicamente o fim de encontrar aquella seductora creatura? E na verdade ella era seductora; Fix muito bem vira isso na sala da audiencia em Calcuttá.

Comprehende-se qual seria a confusão em que todas estas reflexões punha o agente. Perguntou a si proprio se em todo aquelle negocio não havia algum rapto criminoso. Sim, devia ser, isso. Esta idéa arraigou-se no cerebro de Fix, e reconheceu todo o partido que podia tirar de uma tal circumstancia. Fôsse ou não casada a joven, havendo rapto, era possivel em Hong-Kong suscitar ao raptador taes embaraços, que não podesse sair d'elles senão á força de dinheiro.

Mas não convinha esperar a chegada do *Rangoon* a Hong-Kong. Este Fogg tinha o costume detestavel de saltar de um para outro vapor, e antes de se dar começo á execução do plano, já elle podia estar longe.

O que importava, pois, era prevenir as auctoridades inglezas, e dar os signaes do passageiro antes d'elle embarcar. Ora, nada havia mais facil, pois que o paquete fazia escala por Singapura, a qual está ligada á costa da China por um fio telegraphico.

Comtudo, antes de operar, e para andar com mais segurança, Fix resolveu interrogar Passepartout. Sabia que não era difficil fazer-lhe dar á lingua, e decidiu-se a romper o incognito que guardára até ali. Não havia, pois, tempo a perder. Estavam a 31 de outubro, e logo no dia seguinte o *Rangoon* devia aportar a Singapura.

N'aquelle dia, portanto, Fix, saindo do seu beliche, subiu á tolda, com intenção de ser o primeiro a chegar-se a Passepartout, com mostras da mais extrema surpresa. Passepartout passeava tranquillamente á prôa, quando o agente correu para elle, exclamando:

— O senhor no *Rangoon*!

— Mr. Fix a bordo! redarguiu Passepartout absolutamente surprehendido ao reconhecer o seu companheiro

de viagem do *Mongolia*. O que é isto! deixei-o em Bombaim, e venho encontrá-lo a caminho de Hong-Kong! Mas, n'este caso, também faz a viagem á roda do mundo?

— Não, não, respondeu Fix, tenciono ficar em Hong-Kong, ao menos alguns dias.

— Ah! disse Passepartout, que pareceu por um instante maravilhado. Mas como é que desde que partimos de Calcuttá ainda o não tinha visto a bordo!

— Palavra, um incommodo... algum enjôo... Conservei-me deitado no meu beliche... Não me dou tão bem com o golfo de Bengala como me dei com o oceano indico. E seu amo, mr. Phileas Fogg.

— Está de perfeita saúde, e é tão pontual como o seu itinerário! Nem um dia de demora! Ah! mr. Fix, ainda não sabe, temos uma joven conosco.

— Uma joven? redarguiu o agente que mostrou cara de quem não comprehendia o que o seu interlocutor queria dizer.

Mas Passepartout pôl-o bem depressa ao facto da historia. Contou-lhe o incidente do pagode de Bombaim, a aquisição do elephante pela quantia de duas mil libras, o caso do *sutty*, o rapto de Aouda, a condemnação do tribunal de Calcuttá, a liberdade sob fiança. Fix, que conhecia a ultima parte d'estes successos, parecia ignorar todos, e Passepartout deixava-se arrastar pelo prazer de narrar as suas aventuras diante de um ouvinte que mostrava tanto interesse.

— Mas a final, perguntou Fix, seu amo tem tenção de levar essa joven para a Europa?

— Não, mr. Fix, não! Vamos simplesmente entregal-a a um dos seus parentes, rico negociante de Hong-Kong.

— Não ha nada a fazer! disse consigo o agente, dissimulando a má impressão que lhe causava um tal contratempo. Um copo de genebra, mr. Passepartout?

— Com todo o gosto, mr. Fix. O menos que devemos fazer é bebermos ao nosso encontro a bordo do *Rangoon*!

CAPÍTULO XVII

EM QUE SE TRATA DE VARIAS COUSAS DURANTE A VIAGEM
DE SINGAPURA PARA HONG-KONG

D'este dia em diante encontraram-se frequentemente o espião e Passepartout, mas o espião conservava-se em extrema reserva diante do seu companheiro, e não procurou fazel-o fallar. Apenas uma ou duas vezes entrevira mr. Fogg, que preferia ficar no salão do *Rangoon*, quer em companhia de mrs. Aouda, quer a jogar o whist, segundo o seu invariavel costume.

Quanto a Passepartout, poz-se a meditar muito seriamente no estranho acaso que mais uma vez punha Fix no mesmo caminho que seu amo seguia. E na verdade, qualquer se admiraria por menos. O facto d'aquelle *gentleman*, incontestavelmente muito complascente e amavel, ser primeiramente encontrado em Suez, embarcar no *Mongolia*, desembarcar em Bombaim, onde devia ficar, tornar a ser encontrado no *Rangoon*, fazendo viagem para Hong-Kong, n'uma palavra, seguir passo a passo o itinerario de mr. Fogg, era cousa em que valia a pena reflectir-se. Havia em tudo isto uma coincidencia pelo menos exquisita. O que pretendia este Fix? Passepartout estava prompto a apostar as suas chinellas, — as que cuidadosamente conservára, — que Fix deixaria Hong-Kong ao mesmo tempo que elles, e provavelmente no mesmo paquete.

Podia Passepartout estar um seculo a reflectir, que nunca adivinharia a missão de que o agente fôra encarregado. Jámais seria capaz de imaginar que Phileas Fogg fôsse espiado e seguido, como qualquer ladrão, á roda do globo terrestre. Mas, como é proprio da natureza humana procurar uma explicação para tudo, eis como Passepartout, subitamente inspirado, interpretou a presença

permanente de Fix, interpretação na verdade muito plausível. Na sua opinião, Fix não era nem podia ser senão um agente lançado no rasto de mr. Fogg pelos seus collegas do Reform-Club, a fim de verificar se a viagem se fazia regularmente em volta do mundo, segundo o itinerario que fôra combinado.

— É evidente! é evidente! repetia a si mesmo o bom do moço, todo vaidoso da sua perspicacia. É um espião que aquelles senhores nos largaram no encalço! Mas não é bonito isso! Mr. Fogg, tão probo, tão respeitavel, fazerem-no espiar por um agente! Ah! senhores do Reform-Club, ha de custar-vos caro isto!

Encantado com a sua descoberta, Passepartout resolveu comtudo nada dizer a seu amo, receando que elle se offendesse, e com razão, da desconfiança dos seus adversarios. Em todo o caso fez tenção de zombar de Fix na primeira occasião, com palavras encapotadas e sem nada comprometter.

Na quarta feira, 30 de outubro, depois do meio dia, o *Rangoon* embocava o estreito de Malaca, que separa a península d'este nome das terras de Sumatra. Varias ilhotas montanhosas, muito escarpadas e pittorescas, occultavam aos passageiros a vista da grande ilha.

No dia seguinte o *Rangoon*, tendo ganho meio dia sobre o tempo marcado para a viagem, aportava a Singapura, a fim de ahi renovar a sua provisão de carvão.

Phileas Fogg inscreveu este avanço na columna dos ganhos, e saltou em terra, na companhia de mrs. Aouda que mostrára desejos de passear algumas horas.

Fix, a quem qualquer acção de mr. Fogg se tornava suspeita, seguiu-o sem se deixar ver. Passepartout, que se ria interiormente ao observar a manobra de Fix, foi fazer as compras do costume.

A ilha de Singapura não é grande, nem tem aspecto imponente. As montanhas, isto é, os perfis, faltam-lhe. Mas apesar da sua monotonia, não deixa de ser encan-

tadora. É um parque cortado por bellas ruas. Um bonito trem, puxado por elegantes cavallos, que foram importados de Nova Hollanda, conduziu mrs. Aouda e Phileas Fogg por entre os massiços de palmeiras de brilhante folhagem, e de arvores do cravo cujo fructo é formado das petalas da propria flor. N'aquella paizagem as pimenteiras faziam as vezes das sebes espinhosas das campinas europeas; as arvores que dão o sagú, e grandes fetos com a sua esplendida ramagem, variavam o aspecto d'esta região tropical; as moscadeiras, de folhagem envernizada, saturavam a atmospheria de um perfume intenso. Nos bosques não faltavam os macacos, bandos todos vivacidade e momices, nem os juncaes faltavam talvez os tigres. A quem se admirar de que n'esta ilha, relativamente tão pequena, os animaes carnivoros ainda não tenham sido completamente destruidos, responderemos que elles vem de Malaca, atravessando a nado o estreito.

Depois de terem, durante duas horas, divagado pelos campos, mrs. Aouda e mr. Fogg, — que olhava um pouco sem ver, — tornaram a entrar na cidade, vasta agglomeração de casas toscas e baixas, rodeadas de formosos jardins onde crescem as mangas, os ananazes e os melhores fructos do mundo.

As dez horas voltavam para o paquete, depois de terem sido seguidos, sem suspeitarem, pelo agente que tambem fôra obrigado a metter-se nas despezas de um vehiculo.

Passepartout esperava-os na tolda do *Rangoon*. O excellente rapaz comprára algumas duzias de mangas do tamanho de batatas não muito grandes, castanho escuro por fóra, de um vermelho muito vivo por dentro, e cujo fructo branco, ao desfazer-se na bôca, proporciona aos verdadeiros golosos um prazer sem igual. Passepartout teve o prazer de as offerecer a mrs. Aouda, que lhe deu muito graciosamente os agradecimentos,

As onze horas, o *Rangoon*, com a sua provisão completa de carvão, levantava ferro, e horas depois os passageiros perdiam de vista as altas montanhas de Malaca, cujas florestas abrigam os mais bellos tigres da terra.

Quasi mil e trezentas milhas separam Singapura da ilha de Hong-Kong, pequena possessão ingleza que se destaca da costa chinesa. Phileas Fogg tinha interesse em percorrel-as no espaço de seis dias, o muito, a fim de tomar logar em Hong-Kong no vapor que devia partir a 6 de novembro para Yokohama, um dos principaes portos do Japão.

O *Rangoon* ía muito carregado. Numerosos passageiros tinham embarcado em Singapura, indios, chinas, malaios, portuguezes, que na maior parte occupavam lugares inferiores.

De repente o tempo, que estivera bom até então, mudou com o ultimo quarto da lua. O mar encapellou-se. De vez em quando o vento soprava rijo, mas felizmente da banda do sueste, o que favorecia o andamento do vapor. Quando o tempo se prestava a isso, o capitão largava o panno. O *Rangoon*, armado em brigue, por vezes navegou com a mesena e as vélas de gavea, e a sua rapidez augmentou sob a acção dupla do vapor e do vento. Foi d'este modo que costeou, com o mar ás vezes picado, a terra de Annam e da Cochinchina.

Mas a falta era mais do *Rangoon* do que do mar, e foi d'este paquete que os passageiros, a maior parte dos quaes passaram mal, se queixaram do incommodo que soffriam.

Effectivamente, os navios da companhia peninsular, que fazem as carreiras dos mares da China, têm um importante defeito de construcção. A proporção entre a agua que demandam e a sua capacidade foi mal calculada, e por isso pouca resistencia offerecem ao mar. O seu volume, fechado, impenetravel á agua, é insufficiente. Afogam-se segundo a expressão maritima, e, em

consequencia d'esta disposição, basta metterem alguma agua para que se lhes modifique o andamento. Estes navios são inferiores, — se não no motor e no apparelho de evaporação, pelo menos na construcção, — aos typos das *Messageries françaises*, taes como a *Imperatriz* e o *Cambodge*. Emquanto, segundo os calculos dos engenheiros, estes navios podem metter a bordo um peso de agua igual ao seu proprio peso primeiro que sossobrem, os vapores da companhia peninsular, o *Golconda*, o *Corea*, e finalmente o *Rangoon*, não poderiam metter a sexta parte do seu peso sem irem a pique.

Portanto, em occasião de mau tempo, convinha tomar grandes precauções. Era preciso muitas vezes metter á capa com pouco vapor. Resultava d'isto uma perda de tempo que não parecia de modo nenhum affectar Phileas Fogg, mas com a qual Passepartout se mostrava muito irritado. Punha-se então a accusar o capitão, o machinista, a companhia, e dava ao demonio todos os que se mettião a transportar viajantes. Talvez que tambem a lembrança do bico de gaz, que estava a arder por sua conta na casa de Saville-row, concorresse muito para a sua impaciencia.

— Mas, visto isso, tem então muita pressa de chegar a Hong-Kong? perguntou-lhe certo dia o agente.

— Muita! respondeu Passepartout.

— E julga que mr. Fogg tambem tem pressa de alcançar o paquete de Yokohama?

— Uma pressa incrivel.

— Então já acredita na tal viagem á roda do mundo.

— Firmemente. E o senhor acredita?

— Eu? de modo nenhum.

— Farçante! redarguiu Passepartout piscando-lhe o olho.

Esta palavra fez scismar o agente. O tal qualificativo inquietou-o sem elle saber bem porque. O francez teria adivinhado? Não sabia o que pensasse. Mas como é que Passepartout podia adivinhar a sua profissão de agente

de policia? Em todo o caso, fallando-lhe d'aquelle modo, Passepartout tivera de certo segunda intenção.

Aconteceu mesmo que certo dia o bom do moço foi mais longe. Aquillo era mais forte do que elle; não podia ter mão na lingua.

— Vamos a ver, mr. Fix, perguntou elle ao seu companheiro em tom malicioso, dar-se-ha caso que, chegados a Hong-Kong, tenhamos a desgraça de ali o deixarmos?

— Mas, respondeu Fix bastante embaraçado, não sei!... Talvez que...

— Ah! disse Passepartout, se nos acompanhasse, seria uma fortuna para mim. Vejamos! um agente da companhia peninsular não pôde parar no caminho. O senhor ía só a Bombaim, e eil-o quasi na China! A America não fica longe, e da America á Europa vae um passo apenas!

Fix olhou attentamente para o seu interlocutor, que lhe mostrava a cara mais amavel do mundo, e tomou a resolução de rir com elle. Mas Passepartout, que estava com veia, perguntou-lhe se aquelle officio rendia muito.

— Sim e não, respondeu Fix sem pestanejar. Ha negocios bons e maus. Bem deve perceber que não viajo á minha custa!

— Oh! quanto a isso, tenho a certeza! exclamou Passepartout cada vez com mais vontade de rir.

Acabada a conversa, Fix entrou no seu camarote e poz-se a reflectir. Evidentemente tinham-lhe adivinhado as idéas. De um modo ou de outro, o francez reconhecera-lhe a qualidade de espião. Mas teria prevenido o amo? Que papel desempenhava elle em tudo isto? Era cumplice ou não? O negocio estaria descoberto e por conseguinte perdido? O agente passou algumas horas bem amargas, ora julgando tudo perdido, ora afagando a esperança de que Fogg ignorasse a situação, e a final ficou sem saber que partido tomasse.

Entretanto voltou-lhe ao espirito a tranquillidade, e resolveu andar lealmente com Passepartout. Se as cir-

cumstancias não lhe permitissem prender Fogg em Hong-Kong, e se Fogg se preparasse para definitivamente deixar o territorio inglez, elle, Fix, diria tudo a Passepartout. Ou o creado era cúmplice do amo, — e este tudo sabia, e portanto o negocio estava definitivamente perdido, — ou o creado não tinha parte alguma no roubo, e então o seu interesse seria abandonar o ladrão.

Tal era, pois, a situação d'estes dois homens, acima dos quaes se erguia Phileas Fogg em magestosa indiferença. Descrevia racionalmente a sua orbita em roda do mundo, sem se inquietar com os asteroides que gravitavam em torno d'elle.

E comtudo, nas suas proximidades movia-se um astro que devia produzir certas perturbações no coração do *gentleman*. Mas não succedia assim! Os encantos de Mrs. Aouda não tinham n'elle influencia alguma, com extrema surpresa de Passepartout, e as perturbações, se as havia, eram mais difficeis de calcular do que as de Urano, que occasionaram a descoberta de Neptuno.

Na verdade, todos os dias era isto o assombro de Passepartout, que lia tanto reconhecimento nos olhos da joven! Decididamente Phileas Fogg só tinha o coração preciso para se portar heroicamente, mas não como homem amoroso. Quanto ás preocupações que os acasos da viagem deviam n'elle causar, não se lhes viam vestigios. Mas Passepartout, esse vivia sempre no meio de transees crueis. Um dia, apoiado á balaustrada do «engine-room» contemplava a potente machina, que em certos momentos tomava maior força, quando a arfagem mais violenta fazia com que o helice se movesse fóra da agua. O vapor saía então pelas valvulas, o que provocava a colera do excellente moço.

— Não estão bem fechadas as valvulas! exclamou elle. Não andâmos! São inglezas e basta! Ah! se isto fôsse um navio americano, íamos talvez pelos ares, mas caminhavamos mais depressa!

CAPITULO XVIII

EM QUE PHILEAS FOGG, PASSEPARTOUT, FIX, CADA QUAL PARA SEU LADO, VÃO TRATAR DOS SEUS NEGOCIOS

Duante os ultimos dias da viagem, o tempo esteve muito mau. O vento soprou mais rijo. Tendo rodado para noroeste, estorvou o andamento do navio. O *Rangoon*, muito instavel, balouçou de um modo terrivel, e os passageiros tiveram direito a queixar-se das grandes vagas que o vento levantava ao largo e que muito os fatigavam. A borrasca agitou bastante o mar. O *Rangoon* teve de pôr-se á capa durante metade do dia, conservando-se com dez voltas de helice apenas, para não apanhar a vaga de frente. Tinham-se colhido todas as vélas, e já era de mais o apparelho que assobiava em meio do vendaval.

Como bem se imagina, a velocidade do vapor diminuiu consideravelmente, e poudese calcular que chegaria a Hong-Kong com vinte horas de atrazo relativamente ao tempo regulamentar, ou talvez mais, se a tempestade não diminuisse.

Phileas Fogg assistia com a habitual impassibilidade ao espectáculo de um mar furioso, que parecia directamente lutar contra elle. A fronte não se lhe assombrou por um instante, e contudo uma demora de vinte horas podia comprometter-lhe a viagem, fazendo-lhe faltar ao paquete de Yokohama. Mas este homem sem nervos não experimentava nem impaciencia nem enfado. Parecia até que a tempestade entrava no seu programma, que fôra prevista. Mrs. Aouda, que discursou com o seu companheiro a respeito d'este contratempo, achou-o tão socegado como em outras occasiões normaes.

Quanto a Fix, não encarava as cousas com a mesma disposição de animo. Pelo contrario, a tempestade agra-

dava-lhe. A sua satisfação chegaria mesmo a não conhecer limites, se o *Rangoon* fôsse obrigado a fugir acossado pela tempestade. Todas estas demoras lhe faziam conta, porque obrigariam mr. Fogg a ficar alguns dias em Hong-Kong. Em summa o céu, com as suas rajadas e as suas borrascas, favorecia-lhe o jogo. Estava até um pouco incommodado, mas que importava? Não mettia em conta as náuseas, e quando o corpo se lhe estorcia com as ancias do enjôo, o seu espirito exultava extraordinariamente.

Quanto a Passepartout, adivinha-se em que estado de colera mal dissimulada passou este tempo de provação. Até ali tudo lhe corrêra perfeitamente. Terra e céu pareciam dedicados a seu amo. Paquetes e caminhos de ferro obedeciam-lhe. O vento e o vapor uniam-se para favorecerem a viagem. A hora dos desenganos teria enfim soado? Passepartout, como se as vinte mil libras tivessem de sair da sua bolsa, já não vivia em si. A tempestade exasperava-o, o vento tornava-o furioso, e teria de boa vontade fustigado aquelle mar desobediente! Pobre rapaz! Fix occultou-lhe com todo o cuidado a satisfação que sentia, e fez bem, porque Passepartout, se adivinhasse o contentamento secreto de Fix, ter-lhe-ia feito passar um máu bocado.

Enquanto durou a tempestade, Passepartout permaneceu na tolda do *Rangoon*. Não podia conservar-se em baixo; subia á mastreação; causava assombro á equipagem, e ajudava a tudo com a ligeireza de um macaco. Repetidas vezes interrogou o capitão, os officiaes, os marinheiros, que não podiam deixar de rir ao verem o rapaz tão alterado. Passepartout queria por força saber quanto tempo duraria a tempestade. Mandavam-n'o para o barometro, que não se resolvia a subir. Então punha-se a sacudir o barometro, mas não fazia nada, nem com as sacudiduras, nem com as injurias de que cobria o irresponsavel instrumento.

A final a tempestade diminuiu. No dia 4 de novembro o estado do mar modificou-se. O vento saltou dois quartos para o sul e tornou-se favorável.

Passepartout serenou com o tempo. Poderam-se largar as vélas de gaveas e as vélas grandes, e o *Rangoon* recommçou a sua carreira com velocidade admirável.

Não era possível, porém, recuperar o tempo perdido. Não havia remédio senão resignar-se á sorte, e a terra só foi avistada no dia 6, ás cinco horas da manhã. O itinerário indicava para o dia 5 a chegada do vapor. Ora, chegando a 6, havia um atraso de vinte e quatro horas, e o paquete de Yokohama de certo que se perdia.

As seis horas o piloto subiu a bordo do *Rangoon* e tomou o seu lugar, a fim de dirigir o navio, por meio dos escolhos, até Hong-Kong.

Passepartout ardia em desejos de o interrogar, de lhe perguntar se o paquete de Yokohama já largára de Hong-Kong. Mas não se atrevia, porque desejava conservar até ao fim alguma esperança. Confiára as suas inquietações a Fix, que — manhoso — procurava consolal-o, dizendo-lhe que mr. Fogg se indemnisaria tomando lugar no paquete seguinte, o que encolerisava de tal fôrma Passepartout que quasi lhe fez fazer perder a cabeça.

Mas se Passepartout não se atreveu a interrogar o piloto, mr. Fogg, depois de ter consultado o seu *Bradshaw*, perguntou-lhe com voz tranquillã se elle sabia quando partia um vapor de Hong-Kong para Yokohama.

Amanhã no primeiro praiamar, respondeu o piloto.

— Ah! exclamou mr. Fogg, sem se mostrar admirado.

Passepartout, que estava presente, sentiu desejos de abraçar o piloto, ao qual Fix desejaria torcer o pescoço.

— Que nome tem esse vapor? perguntou mr. Fogg.

— O *Carnatic*, respondeu o piloto.

— Não era hontem que devia partir?

— De certo, mas teve de reparar uma das caldeiras, e a partida foi adiada para amanhã,

— Obrigado, voltou mr. Fogg, que no seu passo automatico tornou a descer para o salão do *Rangoon*.

Quanto a Passepartout, agarrou a mão do piloto e apertou-lh'a vigorosamente, dizendo ao mesmo tempo:

— Piloto, o senhor, o senhor é uma excellente pessoa.

De certo que o piloto nunca soube porque é que as suas respostas lhe grangearam tão amigável expansão. A um silvo da machina tornou a tomar o seu lugar, e dirigiu o paquete pelo meio da esquadilha de juncos, de tankas, de bateis de pescadores, de barcos de toda a especie que embarçavam a entrada para Hong-Kong.

A uma hora já o *Rangoon* tinha lançado ferro e os passageiros desembarcavam.

D'esta vez devemos concordar, o acaso favorecêra de um modo singular, Phileas Fogg. Se não fôra a necessidade de reparar as caldeiras teria o *Carnatic* partido a 5 de novembro, e os viajantes para o Japão seriam obrigados a esperar o paquete seguinte, que só partia d'ali a oito dias. Mr. Fogg ficava, é verdade, com um atrazo de vinte e quatro horas, mas este atrazo não podia ter consequências muito graves para o resto da viagem.

Com effeito, o paquete que faz a carreira do Pacifico de Yokohama a San Francisco estava em correspondencia directa com o paquete de Hon-Kong, e não podia partir sem que este chegasse. Evidentemente havia vinte e quatro horas de demora em Yokohama, mas na passagem do Pacifico podiam-se recuperar. Phileas Fogg achava se, trinta e cinco dias depois de ter partido de Londres, com a differença quasi de vinte e quatro horas, nas mesmas condições do seu programma.

Como o *Carnatic* só partia no dia seguinte ás cinco horas da manhã, mr. Fogg dispunha de dezeseis horas para tratar dos seus negocios, isto é, dos que diziam respeito a mrs. Acuda. Ao desembarcar do vapor, offereceu o braço á joven e conduziu-a para um palanquim. Pediu aos conductores que lhe indicassem um hotel, e

elles designaram-lhe o *Hotel do Club*. Poz-se a caminho o palanquim, seguido de Passepartout, e vinte minutos depois chegava ao seu destino.

Phileas Fogg tomou um quarto para a joven, e cuidou de que lhe não faltasse cousa alguma. Depois disse a mrs. Aouda que ía immediatamente tratar de procurar o parente a quem a devia deixar entregue em Hong-Kong. Ao tempo deu ordem a Passepartout para se deixar estar no hotel até elle voltar, a fim de que a joven não ficasse só.

O *gentleman* fez-se transportar á Bolsa. Ali deviam por força conhecer um personagem da classe do respeitavel Jejeeh, que era um dos mais ricos commerciantes da cidade.

O corretor a quem se dirigiu, conhecia effectivamente o negociante parsi. Mas havia dois annos que Jejeeh não residia na China. Depois de fazer fortuna, transferira a residencia para a Europa, — para a Hollanda, segundo se suppunha, — o que se explicava pelas muitas relações que tivera com este paiz durante a sua vida commercial.

Phileas Fogg voltou para o *Hotel do Club*. No mesmo momento mandou pedir licença a mrs. Aouda para se lhe apresentar, e sem mais preambulos participou-lhe que o respeitavel Jejeeh já não habitava em Hong-Kong, e provavelmente residia na Hollanda.

A isto não respondeu logo mrs. Aouda. Passou a mão pela frente, e ficou alguns momentos absorto nas suas reflexões. Em seguida redarguiu com a sua voz meiga :

— Que devo fazer, mr. Fogg ?

— Uma cousa bem simples, respondeu o *gentleman*. Voltar para a Europa.

— Mas não devo abusar...

— Não abusa, e a sua presença em nada transtorna o meu programma.

— Passepartout ?

— Senhor, respondeu Passepartout.

— Vá ao *Carnatic* e tome tres logares.

Passepartout, encantado com a idéa de continuar a viagem em companhia da joven, que era para elle muito amavel, abalou logo do *Hotel do Club*.

CAPITULO XIX

EM QUE PASSEPARTOUT VIVAMENTE SE INTERESSA PELO AMO
E O QUE D'ALLI SE SEGUE

Hong-Kong é apenas uma ilha, cuja posse foi assegurada á Inglaterra pelo tratado de Nankin, depois da guerra de 1842. Em poucos annos, o genio colonizador da Gran-Bretanha ali fundou uma cidade importante e creou um porto, o porto Victoria. Está situada na embocadura do rio Cantão, e apenas sessenta milhas a separam da cidade portugueza de Macau, edificada na outra margem. Docas, hospitaes, caes, alfandegas, uma cathedral gothica, uma «government-house», casa do governo, ruas cobertas de mac-adam, tudo fazia suppor que algumas das cidades commerciaes do condado de Kent ou de Surrey, atravessando o espherioide terrestre, viera saír o ponto da China, quasi nos antipodas.

Passepartout, de mãos nas algibeiras, dirigiu-se para o porto de Victoria, contemplando pelo caminho os palanquins, os carrinhos de véla, ainda em estimação no Celeste Imperio, e a multidão de chinezes, de japonezes e de europeus que mal cabiam nas ruas. Com pequena differença, era ainda Bombaim, Calcuttá ou Singapura, que o digno moço encontrava no seu trajecto. Ha assim uma fileira de cidades inglezas em volta do mundo.

Passepartout chegou ao porto Victoria. Ali, na embocadura de Cantão, havia um formigueiro de navios de todas as nações, inglezes, francezes, americanos, hollandezes,

navios de guerra ou de commercio, embarcações japonezas e chinezas, juncos, sempas, tankas, e mesmo barcos de flores que formavam outros tantos taboleiros de jardim sobre a superficie das aguas no seu passeio, Passepartout fez reparo n'um certo numero de indigenas, de idade muito avançada, vestidos de amarello. Entrando n'um barbeiro chinez para se fazer barbear á chineza soube pelo Figaro da localidade, que fallava menos mal inglez, que todos aquelles velhos tinham pelo menos oitenta annos, e que n'essa idade gosavam do privilegio de trazer a côr amarella, que é a côr imperial. Passepartout, sem saber explicar bem a razão porque, achou aquillo uma cousa muito exquisita.

Feita a barba, dirigiu-se para o caes, onde se embarcava para o *Carnatic*, e ali avistou Fix que andava a passear de um lado para o outro, o que não lhe causou grande admiração. Mas o inspector de policia deixava transparecer no rosto todos os indícios de quem soffrera um grande contratempo.

— Bem! disse consigo Passepartout, as cousas vão correndo mal para os senhores do Reform-Club.

E dirigiu-se para Fix com o seu alegre sorriso, fingindo não dar pela cara apoquentada do agente.

Na verdade, Fix tinha boas razões para amaldiçoar a infernal fatalidade que o perseguia. Nada de ordem de prisão. Era evidente que ella corria após elle, mas só poderia alcançal-o se Fix se demorasse alguns dias n'aquella cidade. Hong-Kong era a ultima terra ingleza do trajecto, Phileas Fogg ía de todo escapar-lhe, se Fix não conseguisse demoral-o.

— Muito bem, mr. Fix, sempre está resolvido a vir connosco até á America? perguntou-lhe Passepartout.

— Estou, respondeu Fix com os dentes cerrados.

— Ora vamos, exclamou Passepartout soltando uma estrondosa gargalhada. Bem sabia que não se podia separar de nós. Venha, venha tomar o seu lugar.

Entraram ambos no escriptorio dos transportes maritimos e tomaram logares para quatro pessoas. Mas o empregado fez-lhes observar que as reparações do *Carnatic* estavam concluidas, e o paquete partiria n'aquella mesma tarde ás oito horas, e não no dia seguinte, como fôra annuciado.

— Muito bem! exclamou Passepartout, isso faz muita conta a meu amo. Vou prevenil-o.

N'este momento, Fix tomou uma resolução extrema. Decidiu-se a dizer tudo a Passepartout. Era o unico meio que tinha para demorar mr. Phileas Fogg mais alguns dias em Hong-Kong.

Ao saírem do escriptorio, Fix convidou o seu companheiro para beberem alguma cousa n'uma taberna proxima. Passepartout tinha tempo ainda. Aceitou o convite.

No caes havia uma taberna. Tinha um aspecto attraente. Entraram ambos. Era uma vasta sala bem mobilada, ao fundo da qual se via armado um leito de campanha guarnecido de almofadas. Sobre o leito estavam enfileirados alguns individuos que dormiam.

Na sala principal achavam-se cerca de trinta consumidores sentados a pequenas mesas de junco entrançado. Alguns bebiam copos de cerveja ingleza, *ale* ou *porter*, outros serviam-se de bebidas alcoolicas, genebra ou aguardente. Alem d'isto, a maior parte fumavam em compridos cachimbos de barro vermelho, cheios de bolinhas de opio misturado com essencia de rosa. De tempos a tempos algum fumador enervado caía para baixo da mesa, e os creados do estabelecimento, agarrando n'elle pelos pés e pela cabeça, conduziam-no para o leito e collocavam-no proximo de um collega. Uns vinte embriagados estavam já deitados ao lado uns dos outros, no ultimo grau de embrutecimento.

Fix e Passepartout comprehenderam que tinham entrado n'uma das casas de fumar frequentadas por esses

miseraveis, dementados, magros, idiotas, aos quaes a especuladora Inglaterra vende annualmente duzentos e sessenta milhões de francos d'essa droga funesta chamada opio! Tristes milhões aquelles, ganhos com um dos mais perniciosos vicios da natureza humana.

O governo chinez tem diligenciado remediar um tal abuso por meio de leis severas, mas debalde. Da classe rica, á qual esta droga era unicamente reservada, desceu o uso d'ella até ás classes inferiores, e desde então nunca mais se poudo pôr cobro ás suas devastações. Constantemente e por toda a parte fuma-se opio no imperio do Meio. Homens e mulheres dão-se a este vicio deploravel, e uma vez costumados ao opio nunca mais podem passar sem elle, em risco de experimentarem horriveis contracções do estomago. Um grande fumador pôde fumar oito cachimbos por dia, mas morre ao fim de cinco annos.

Era, pois, n'uma das casas d'este genero, que pullulam, mesmo em Hong-Kong, que Fix e Passepartout tinham entrado com a intenção de se refrigerar. Passepartout não levava dinheiro, mas accitou com muito gosto a «atenção» do seu companheiro, reservando-se o direito de lh'a retribuir em occasião propria.

Mandaram vir duas garrafas de vinho do Porto, das quaes o francez bebeu copiosamente, ao mesmo tempo que Fix, mais reservado, o observava com muita attenção. Conversaram a respeito de cousas diversas, e principalmente da excellente idéa que Fix tivera em tomar logar a bordo do *Cornatic*. E a proposito do vapor, cuja partida fôra algumas horas antecipada, Passepartout, como as garrafas estavam vacias, levantou-se a fim de ir prevenir o amo.

Fix deteve-o.

— Um instante, disse elle.

— Que quer, mr. Fix?

— Tenho que lhe fallar de cousas muito serias,

— De cousas muito serias! exclamou Passepartout acabando de beber algumas gotas que restavam no fundo do copo. Bem, amanhã fallaremos n'isso. Hoje não tenho tempo.

— Fique, redarguiu Fix. Trata-se de seu amo!

A estas palavras Passepartout olhou attentamente para o seu interlocutor.

A expressão do rosto de Fix pareceu-lhe singular. Tornou a sentar-se.

— Que tem então a dizer-me? perguntou elle.

Fix poz a mão no braço do seu companheiro, e perguntou-lhe, abaixando a voz:

— Já adivinhou quem eu seja?

— Podera! disse Passepartout sorrindo.

— Então vou confessar-lhe tudo...

— Agora que já o sei! Oh amiguinho, isso é forte de mais! Emfim continue. Mas, primeiramente, deixe-me sempre dizer-lhe, esses senhores metteram-se em despesas bem inuteis!

— Inuteis! disse Fix. Como falla e alto! Bem se vê que não conhece a quantia de que se trata.

— Se conheço! redarguiu Passepartout. Vinte mil libras!

— Cincoenta e cinco mil! retorquiu Fix, apertando a mão ao francez.

— O que! exclamou Passepartout, mr. Fogg ousaria!... Cincoenta e cinco mil libras!... Pois bem! rasão de mais para não perder um instante, acrescentou elle levantando-se novamente.

— Cincoenta e cinco mil libras! replicou Fix, que obrigou Passepartout a sentar-se, depois de mandar vir um frasco de aguardente; e se me sair bem, obtenho uma gratificação de duas mil libras. Quer quinhentas com a condição de me ajudar?

— De o ajudar? exclamou Passepartout com os olhos muito abertos.

— Sim, obrigando mr. Fogg a demorar-se alguns dias em Hong-Kong?

— O que! exclamou Passepartout, o que está a dizer? Como! não contentes de fazerem seguir meu amo, de suspeitarem da sua lealdade, esses senhores querem ainda levantar-lhe embaraços! Eu mesmo me envergonho de um procedimento assim!

— Mas espere! que quer o senhor dizer com isso? perguntou Fix.

— Quero dizer que é perfeitamente uma falta de delicadeza. É o mesmo que despojar mr. Fogg e tirar-lhe o dinheiro da algibeira!

— Oh! pois é isso que nós pretendemos!

— Mas o que me está dizendo é uma armadilha! exclamou Passepartout, — que se ia animando sob a influencia da aguardente que Fix lhe servira, e que elle bebia quasi insensivelmente, — uma verdadeira armadilha. Cavalheiros e collegas!

Fix começava a não perceber.

— Collegas! continuou Passepartout, membros do Reform-Club! Saiba, mr. Fix, que meu amo é um homem honrado, e quando faz uma aposta, é lealmente que pretende ganhar-a.

— Mas quem julga que eu seja? perguntou Fix, fitando Passepartout.

— Ora essa! um agente dos membros do Reform-Club, encarregado de verificar o itinerario de meu amo, o que é na verdade humilhante! Mas tambem, apesar de haver já algum tempo que adivinhei a sua qualidade tomei todo o cuidado em não a revelar a mr. Fogg!

— Elle não sabe nada?... perguntou mr. Fix com vacillação.

— Nada, respondeu Passepartout despejando o copo mais uma vez.

O agente de policia passou a mão pela fronte. Hesitou antes de tomar novamente a palavra. O que deveria fa-

zer? O erro de Passepartout parecia sincero, mas tornava o seu projecto mais difficil de realisar. Era evidente que aquelle rapaz fallava com extrema boa fé, e não era cumplice do seu amo, — o que Fix devia recear. — Ora bem, disse elle comsigo, visto que não é seu cumplice, ha de me ajudar.

O «detective» tomára por segunda vez uma resolução extrema. Demais, não tinha tempo a perder. Custasse o que custasse tornava-se necessario prender Fogg em Hong-Kong.

— Escute, disse Fix em voz breve, escute bem. Não sou o que julga, não sou um agente dos membros do Reform-Club...

— Sim! redarguiu Passepartout, olhando para elle com ar malicioso.

— Sou um agente de policia, encarregado pela administração metropolitana de certa missão...

— O senhor... agente de policia!...

— Sim, e provo-o, replicou Fix. Eis a minha nomeação.

E o agente, tirando um papel da algibeira, mostrou um documento assignado pelo director da policia central. Passepartout, estupefacto, litava Fix sem poder articular uma palavra.

— A aposta de Phileas Fogg, tornou Fix, é apenas um pretexto com que são illudidos tanto os membros do Reform-Club como o amigo Passepartout, pois que o *gentleman* tinha interesse em obter a sua inconsciente cumplicidade.

— Mas porque?... exclamou Passepartout.

— Ouça. No dia 28 do mez passado, houve no Banco de Inglaterra um roubo de cincoenta e cinco mil libras feito por um individuo cujos signaes se poderam obter. Ora eis os taes signaes, e são, feição por feição, os de mr. Fogg.

— Deixemo-nos d'isso! exclamou Passepartout dando um murro na mesa com o seu punho robusto. Meu amo é o homem mais honrado do mundo.

— Como sabe isso? redarguiu Fix. Nem mesmo o conhece! Entrou para o seu serviço no dia em que elle partiu, partida que effectuou precipitadamente, sem malas, tomando um pretexto insensato e levando consigo uma quantia importantissima em notas do Banco. E ainda se atreve a sustentar que é um homem de bem!

— É, é, repetia o pobre moço machinalmente.

— Quer então ser preso como seu cúmplice?

Passepartout agarrára a cabeça com ambas as mãos. Não parecia o mesmo. Não se atrevia a encarar o agente de policia. Phileas Fogg um ladrão! elle, o salvador de Aouda, o homem generoso e valente! E contudo, que de suspeitas não levantava contra si! Passepartout procurava repellir as desconfianças que lhe começavam a invadir o espirito! Não queria crer na culpabilidade de seu amo.

— Enfim, que pretende de mim? disse elle ao agente de policia, contendo-se por um esforço violento.

— O seguinte, respondeu Fix. Tenho seguido a pista de mr. Fogg até aqui, mas não recebi ainda a ordem de prisão, que pedi de Londres. É preciso que me ajude a reter em Hong-Kong...

— Eu! que o...

— E reparto com o senhor a gratificação de duas mil libras promettida pelo Banco de Inglaterra!

— Nunca! retorquiu Passepartout, que quiz levantar-se e caiu, sentindo que lhe fugiam ao mesmo tempo a força e a razão.

— Mr. Fix, disse elle babuciando, quando mesmo fôsse verdade tudo o que me diz... quando o meu amo fôsse o ladrão que procura... o que eu nego... tenho estado... estou ao seu serviço... tenho-o visto dar provas de bondade e de generosidade... Trail-o... nunca... nem por todo o dinheiro do mundo... Não sou homem d'esse estofo!...

— Recusa?

— Recuso.

— Façamos de conta que eu nada disse, bebamos.

— Sim, bebamos!

Passepartout cada vez se sentia mais dominado pela embriaguez. Fix, compreendendo que era preciso, custasse o que custasse, separal-o do amo, quiz acabar de o perder. Em cima da mesa havia alguns cachimbos cheios de opio. Fix metten um na mão de Passepartout, que o levou aos labios, accendendo-o, tomou algumas fumaças e deixou em seguida cair a cabeça sobrecarregada com o peso do narcotico.

— Enfim, disse Fix ao ver Passepartout aniquilado, mr. Fogg não será prevenido a tempo da partida do *Carnatic*, e se partir, irá ao menos sem o maldito francez!

CAPITULO XX

EM QUE FIX ENTRA DIRECTAMENTE EM RELAÇÕES
COM PHILEAS FOGG

Durante esta scena que ia talvez comprometter-lhe tão gravemente o futuro, mr. Fogg acompanhado de mrs. Aouda passeava pelas ruas da cidade ingleza. Depois que a joven acceitára o offerecimento que elle fizera para a levar para a Europa, mr. Fogg tinha de cuidar em todas as minuciosidades exigidas n'uma viagem tão demorada. Que um inglez como elle fizesse a viagem á roda do mundo com um sacco de viagem na mão, admitte-se; mas uma mulher não a podia fazer em similhantes condições. D'ahi a necessidade de comprar o vestuario e os objectos indispensaveis á viagem. Mr. Fogg desempenhou esta tarefa com a serenidade que o caracterisava, e a todas as desculpas e objecções da joven viuva, confusa diante de tanta condescendencia, respondia elle invariavelmente:

— É no interesse da minha viagem, está no meu programma.

Feitas as compras, mr. Fogg e a joven regressaram ao hotel e jantaram á mesa redonda, que era sumptuosamente servida. Em seguida mrs. Aouda, um pouco fatigada, subiu para o seu quarto, depois de ter apertado, á ingleza, a mão do seu impertubavel salvador.

Quanto ao respeitavel *gentleman*, absorveu-se na leitura do *Times* e do *Illustrated-London-News*.

Se fôsse homem capaz de se admirar de alguma cousa, deveria admirar-se de não ver apparecer o seu creado á hora de deitar. Mas, sabendo que o paquete de Yokohama não devia sair de Hong-Kong senão no dia seguinte pela manhã, não se preocupou com isso. No dia seguinte, Passepartout não se apresentou ao toque da campainha de mr. Fogg.

O que pensou o honrado *gentleman* quando soube que o seu creado não se recolhera ao hotel, ninguém o poderá dizer. Contentou-se com deitar a mão ao seu sacco de viagem, fez prevenir mrs. Aouda, e mandou buscar um palanquim.

Eram oito horas, e o preamar, de que se devia aproveitar o *Carnatic* para salvar os escolhos do porto, estava indicado para as nove e meia.

Quando o palanquim chegou ao hotel, mr. Fogg e mrs. Aouda subiram para o commodo vehiculo, e as bagagens partiram atrás n'um carrinho de mão.

Meia hora depois, os viajantes apeavam-se no caes, e ali mr. Phileas Fogg era informado de que o *Carnatic* partira na vespera.

Mr. Fogg, que esperava encontrar ao mesmo tempo o paquete e o creado, ficára reduzido a passar sem um e sem outro. Mas no seu rosto não se observou nenhum signal de dissabor, e como mrs. Aouda olhava para elle com inquietação, limitou-se a dizer :

— É um incidente, apenas, um incidente, mistress.

N'aquelle momento, um personagem que o observava

com atenção aproximou-se d'elle. Era o agente Fix, que o cumprimentou e lhe disse :

— O senhor não é, como eu, um dos passageiros chegados hontem no *Rangoon*?

— Sim, senhor, respondeu mr. Fogg com frieza, mas não tenho a honra...

— Perdão, julgava encontrar aqui o seu creado.

— Sabe onde elle está? perguntou a joven com vivacidade.

— O que! respondeu Fix, fingindo surpresa, não está com os senhores?

— Não, respondeu mrs. Aouda. Desde hontem que não apparece. Embarcaria elle sem nós no *Carnatic*?

— Sem os senhores?... retorquiu o agente. Mas desculpe a minha pergunta, tencionava partir n'este paquete?

— Sim, senhor.

— Eu tambem, e, como vê, estou muito descontente. O *Carnatic*, tendo terminado as suas reparações, largou de Hong-Kong doze horas mais cedo sem prevenir ninguém e agora é preciso esperar oito dias pela proxima viagem.

Ao pronunciar estas palavras «oito dias» Fix sentia o coração pular-lhe de alegria. Oito dias! Fogg retido oito dias em Hong-Kong! Havia tempo de se receber a ordem de prisão. A final a sorte declarava-se a favor do representante da lei.

Avalie-se, porém, o golpe violento que elle recebeu, quando mr. Fogg disse com a sua voz tranquila :

— Mas parece-me que ha outros navios alem do *Carnatic* no porto de Hong-Kong?

E mr. Fogg, offerecendo o braço a mrs. Aouda, dirigiu-se para as docas á procura de um navio que estivesse a partir. Fix, assombrado, seguia-o. Dir-se-hia que um laço o prendia áquelle homem.

Comtudo, a sorte parecia na verdade abandonar aquelle

a quem até então tanto protegera. Phileas Fogg, durante tres horas, percorreu o porto em todos os sentidos, resolvido, se preciso fôsse, a fretar um navio para o transportar a Yokohama; mas só viu navios a carregarem ou a descarregarem, e que por conseguinte não podiam apparelhar. Fogg sentiu renascer-lhe a esperança.

Entretanto mr. Fogg não se desorientava, e ia continuar as suas pesquisas quando se lhe chegou a elle um marinheiro.

— Vossa Honra procura um barco? perguntou-lhe o marinheiro descobrindo-se.

— Tem algum barco prompto? perguntou-lhe mr. Fogg.

— Sim, Vossa Honra, o barco de pilotagem n.º 43, o melhor da esquadrilla.

— É veleiro?

— Faz oito a nove milhas por hora, pouco mais ou menos. Quer vel-o?

— Quero.

— Ha de ficar satisfeito. Trata-se de algum passeio por mar?

— Não. De uma viagem.

— De uma viagem?

— Quer levar-me a Yokohama?

O marinheiro, ao ouvir estas palavras, deixou cair os braços e abriu muito os olhos.

— Está zombando? disse elle.

— Não! Perdi o *Carnatic*, e é preciso que eu esteja, o mais tardar, no dia 14, em Yokohama, para tomar logar no paquete da carreira de San Francisco.

— Sinto muito, redarguiu o piloto, mas é impossivel.

— Offereço-lhe cem libras por dia e uma gratificação de duzentas libras se chegar a tempo.

— É serio? perguntou o piloto.

— Muito serio, respondeu mr. Fogg.

O piloto afastára-se um pouco. Observava o mar, evi-

dentemente hesitando entre a perspectiva de um ganho enorme e o perigo de se aventurar tão longe.

Fix estava em afflicções de morte.

A este tempo, mr. Fogg voltára-se para mrs. Aouda.

— Tem medo? perguntou-lhe elle.

— Na sua companhia, de certo que não, mr. Fogg, respondeu a joven.

O piloto aproximara-se outra vez do *gentleman*, e dava voltas ao chapéu que tinha entre as mãos.

— Então, piloto? disse mr. Fogg.

— Então, respondeu o piloto, não posso arriscar a minha gente, nem me posso arriscar a mim, nem mesmo a Vossa Honra, em viagem tão longa n'um barco de vinte toneladas apenas e n'esta época do anno. Demais, não chegariamos a tempo, porque vão mil seiscentas e cincoenta milhas de Hong-Kong a Yokohama.

— Só mil e seiscentas, ponderou mr. Fogg.

— Vem a ser o mesmo.

Fix tomou o folego com ancia.

— Mas, acrescentou o piloto, ha talvez um meio de se arranjamem as cousas de outro modo.

D'esta vez Fix perdeu o folego.

— Como? perguntou Phileas Fogg.

— Indo a Nagasaki, na extremidade sul do Japão, que fica a mil e cem milhas de Hong-Kong, ou apenas a Shangai, que fica a oitocentas milhas. N'este ultimo trajecto não nos afastariamos da costa da China, o que seria grande vantagem, tanto mais que n'essas paragens as correntes têm a direcção do norte.

— Piloto, é em Yokohama que deve tomar o paquete americano, e não em Shangai ou em Nagasaki.

— Porque não? redarguiu o piloto. O paquete de San Francisco não parte de Yokohama. Faz escala ali e em Nagasaki, mas o seu porto de partida é Shangai?

— Está certo d'isso?

— Estou.

— E quando é que o paquete larga de Shangai?

— No dia 11, ás sete horas da tarde. Temos, pois, quatro dias á nossa disposição. Quatro dias são o mesmo que noventa e seis horas, e com uma média de oito milhas por hora, se o tempo nos for favoravel, com vento de sueste e o mar manso, podemos fazer as oitocentas milhas que nos separam de Shangai.

— E pôde partir...

— Dentro de uma hora. O tempo preciso para metter mantimentos e fazer-me de véla.

— Está tratado... É mestre do barco.

— Sou; John Bunsby, mestre da *Tankadère*.

— Quer um signal?

— Se isso não offende Vossa Honra.

— Eis duzentas libras á conta... Senhor, acrescentou Phileas Fogg voltando-se para o agente, se quer aproveitar...

— Senhor, respondeu resolutamente mr. Fix, estava para lhe pedir esse favor...

— Bem, d'aqui a uma hora estaremos a bordo.

— Mas o pobre rapaz... disse mrs. Aouda, a quem a desaparição de Passepartout muito preocupava.

— Vou fazer por elle tudo o que me é possivel, redarguiu Phileas Fogg.

E enquanto Fix, nervoso, ardendo em febre, desesperado, se encaminhava para o barco, dirigiram-se ambos para a repartição de policia de Hong-Kong. Ali, Phileas Fogg deu os signaes de Passepartout, e deixou uma quantia sufficiente para elle poder voltar á patria.

Foi preenchida a mesma formalidade em casa do consul francez, e o palanquim reconduziu os viajantes ao embarcadouro.

Davam tres horas. O barco de pilotagem n.º 43, com a equipagem a bordo e devidamente abastecido, estava prompto a largar.

Era a *Tankadère* um bonito barquinho armado em

hiate de vinte toneladas, bem lançada, airosa nas suas fôrmas, e muito fina na linha de agua. Dir-se-ia um barco de regatas. O brilho do cobre, a ferragem galvanizada, a tolda que parecia um espelho, indicavam que o mestre John Bunsby sabia conservar-a em bom estado. Os seus dois mastros inclinavam-se um pouco para a ré. Tinha vélas latinas, traquete e véla grande, véla de estai, bujarrona e gaff-topes, e, com vento pela pôpa, podia içar um redondo. Devia ter andamento admiravel, e de facto ganhára já muitos premios nas regatas de barcos de pilotagem.

A equipagem da *Tankadère* compunha-se do mestre John Bunsby e de mais quatro. Eram d'esses valentes marinheiros que, faça o tempo que fizer, se aventuram á busca dos navios, e são perfeitamente conhecedores d'aquelles mares. John Bunsby, homem de cerca de quarenta e cinco annos, vigoroso, tisonado do sol, de olhar vivo, expressão energica, bem aprumado e habil na manobra, era capaz de inspirar confiança aos mais timidos.

Phileas Fogg e mrs. Aouda embarcaram. Fix já ali se achava. Pela escotilha de pôpa da goleta, descia-se para uma camara quadrada, cujas anteparas se desdobravam em fôrma de catres por cima de um divan circular. Ao meio havia uma mesa sobre a qual estava uma lampada de bordo. Era acanhado o recinto, mas asseiado.

—Tenho pena de não lhe poder offerecer cousa melhor, disse mr. Fogg a Fix, que se inclinou sem responder.

O agente de policia sentiu uma especie de humilhação em se aproveitar assim dos favores de mr. Fogg.

—É na verdade um tratante muito delicado, pensava elle, mas é um tratante.

As tres horas e dez minutos largou-se o panno. No penol da carangueja fluctuava a bandeira de Inglaterra. Os passageiros estavam sentados na tolda. Mr. Fogg e mrs. Aouda lançaram um ultimo olhar para o caes, a fim de ver se *Passepartout* apparecia.

Fix não deixava de ter os seus receios, porque o acaso podia conduzir áquelle mesmo logar o desgraçado a quem tão indignamente tratára, e então dar-se-iam explicações, das quaes Fix não se sairia muito bem. Mas o francez não deu mostra de si, e de certo que o narcotico embrutecedor ainda exercia n'elle a sua influencia.

— A final, o mestre John Bunsby fez-se ao largo e a *Tankadère*, apanhando o vento nas suas vélas, partiu logo, saltando sobre as ondas.

CAPITULO XXI

EM QUE O MESTRE DA «TANKADÈRE» CORRE GRANDE PERIGO
DE PERDER UMA GRATIFICAÇÃO DE DUZENTAS LIBRAS

Era aventureosa aquella expedição de oitocentas milhas, n'uma embarcação de vinte toneladas, e principalmente n'aquella época do ano.

São geralmente maus os mares da China, estão expostos a terribes furacões, principalmente durante os equinócios, e corriam então os primeiros dias de novembro.

Teria sido por certo uma vantagem para o piloto conduzir os seus passageiros até Yokohama, visto que era pago a tanto por dia. Mas seria grande imprudencia o tentar uma viagem d'aquellas, em taes condições; e só o ir até Shangai já era acto de audacia, se não de temeridade. Mas John Bunsby tinha confiança da sua *Tankadère*, que se elevava sobre a crista da vaga como uma folha de malva, e talvez não deixasse de ter razão.

Durante as ultimas horas do dia, a *Tankadère* navegou por entre os escolhos caprichosos de Hong-Kong, e marcando de diversos modos, á bolina ou á pôpa, comportou-se admiravelmente.

— Não tenho necessidade, mestre, disse Phileas Fogg, de lhe recomendar a maior diligencia possível?

— Vossa Honra póde fiar-se em mim, redarguiu John Bunsby. Vamos com todo o panno que o vento permite, os gaff-topes só serviriam para prejudicar o andamento do navio e fatigal-o.

— É o seu officio e não o meu, piloto, e eu fio-me no senhor.

Phileas Fogg, com o corpo direito, as pernas abertas, firme como um marinheiro, contemplava, sem cambar, o mar agitado. A joven, sentada á pôpa, sentia-se commovida ao contemplar o oceano, já invadido pelas sombras de crepusculo, e cuja furia ella arrostavava n'uma fragil embarcação. Por cima da sua cabeça desdobravam-se as brancas vélas, que a levavam pelo espaço como azas enormes. O barco, impellido pelo vento, parecia voar.

Sobreveiu a noite. A lua entrava no primeiro quarto, a sua frouxa luz devia d'ali a nada extinguir-se em meio das trevas que assomavam no horisonte. Da banda do oriente surgiam algumas nuvens que começavam a invadir uma parte do céu.

O piloto collocára os pharoes de navegação, — precaução indispensavel em mares muito frequentados nas proximidades da terra. Os encontros de navios não eram raros n'aquellas paragens e, com a velocidade de que ia animado, o barquinho despedaçar-se-ia ao menor choque.

Fix, postado na prôa, scismava. Conservava-se afastado por conhecer que Phileas Fogg era pouco amigo de conversar. Demais, repugnava-lhe fallar áquelle homem, cujos favores acceitára. Pensava tambem no futuro. Parecia-lhe certo que o *gentleman* não ficaria em Yokohama, que tomaria immediatamente o paquete de San Francisco, a fim de alcançar a America, cuja vasta extensão lhe garantia a impunidade e a segurança. O plano

de Phileas Fogg afigurava-se-lhe a cousa mais simples do mundo.

Em vez de embarcar directamente da Inglaterra para a America, como qualquer velhaco vulgar, este Fogg fazia um grande rodeio e atravessava tres quartas do globo, a fim de alcançar com mais segurança o continente americano, onde comeria tranquillamente o milhão do Banco, depois de ter feito perder a pista á policia. Mas uma vez em terra dos Estados da União, o que faria Fix? Abandonaria este homem? Não! cem vezes não! e enquanto não obtivesse uma ordem de extradição, não o perderia de vista. Era o seu dever e havia de cumpril-o até ao fim. Em todo o caso dera-se uma circumstancia feliz. Passepartout já não estava junto de seu amo, e importava muito, principalmente depois das confidencias de Fix, que amo e creado se tornassem a ver.

Quanto a Phileas Fogg tambem não deixava de pensar no creado, que de modo tão extraordinario desapparecera. Feitas todas as reflexões, não lhe parecia impossivel que, em consequencia de um equivoco, o rapaz não se mettesse a bordo do *Carnatic*, no ultimo momento. Era tambem esta opinião de mrs. Aouda, que tinha muita pena d'este excellente servidor, a quem tanto devia. Podia succeder que o tornassem a encontrar em Yokohama, e, se o *Carnatic* para ali o tivesse transportado, seria facil verificar isso.

Por volta das dez horas o vento refrescou. Talvez fôsse prudente metter as vélas nos primeiros, mas o piloto, depois de ter observado o céu com toda a attenção, deixou o velame no estado em que estava. Demais, a *Tankadère*, em consequencia de demandar muita agua, aguentava perfeitamente o panno, e no caso de aguaceiro tudo estava preparado para carregar rapidamente.

A meia noite, Phileas Fogg e mrs. Aouda desceram

para o camarote. Fix precedera-os, e estendera-se sobre um dos catres. Quanto ao piloto, ficou toda a noite na tolda com a sua gente.

No dia seguinte, 8 do mez, ao nascer do sol, o hiate tinha feito mais de cem milhas. A barquinha, lançada ao mar repetidas vezes, indicava que a média da velocidade era de nove milhas. A *Tankadère* ia com todo o panno largo, e obtinha n'estas condições a sua maxima rapidez. Se o vento se conservasse assim, as probabilidades eram a favor d'ella.

Durante todo este dia, a *Tankadère* não se afastou sensivelmente da costa, cujas correntes lhe eram favoráveis. Ficava-lhe a cinco milhas, o muito, por bom-bordo, e apparecia-lhe com o seu recorte irregular quando havia alguma aberta. Como o vento soprava de terra, o mar estava por isso mesmo menos picado. Esta circumstancia era muito favoravel ao hiate, porque as embarcações de pequena tonelagem padecem principalmente com a vaga, que lhes diminue a velocidade, que as «affronta» segundo a expressão maritima.

Pelo meio dia, o vento amainou um pouco e rondou para sudoeste. O piloto largou os gaff-topes; porém, no fim de duas horas, foi preciso ferral-os, porque o vento tornava a refrescar.

Mr. Fogg e a joven, com os quaes, felizmente, não entrava o enjôo, comeram com appetite as conservas e a bolacha de bordo. Fix foi convidado a partilhar aquella refeição, e teve de acceitar, porque bem sabia que é tão necessario metter lastro no estomago como nos navios. Porém aquillo incommodava-o! Viajar á custa d'aquelle homem, servir-se dos seus proprios mantimentos, achava um procedimento pouco leal. Comtudo, comeu, — pouco, é verdade, — mas comeu.

Entretanto, terminada a refeição, julgou dever chamar mr. Fogg á parte, e disse-lhe:

— Senhor...

Este «senhor» escaldava-lhe os labios, e esforçou-se para não deitar a mão ao tal senhor.

— O senhor teve a delicadeza de me offerecer passagem a bordo do seu navio ; mas, ainda que os meus recursos não me permittam gastar tão generosamente como o senhor, quero pagar a minha parte...

— Não fallemos n'isso, redarguiu mr. Fogg.

— Mas, se insisto...

— Não, senhor, repetiu mr. Fogg em tom que não admittia replica. Isso entra nas despesas geraes !

Fix inclinou-se. Suffocava. Foi deitar-se á prôa, e não proferiu mais palavra em todo o dia.

Entretanto marchava-se velozmente. John Bunsby tinha boas esperanças. Disse repetidas vezes a mr. Fogg que chegariam no tempo preciso a Shangai. Mr. Fogg respondeu simplesmente que elle contava com isso. Demais, toda a equipagem do pequeno barco fazia a diligencia de o conseguir. A gratificação estimulava aquelles bravos marinheiros. Por isso não se via uma escota que não estivesse conscienciosamente *tesada*, não havia véla que não estivesse içada a *beijar*, nem se dava a mais pequena guinada de que podessem accusar o homem do leme. Em qualquer regata do Royal-Yacht-Club não se faria a manobra com mais precisão.

N'aquella noite, o piloto tinha achado por meio da barquinha um percurso de duzentas milhas desde Hon-Kong, e Phileas Fogg podia nutrir a esperança de que em chegando a Yokohama não teria nenhum atrazo que inscrever no seu programma. Portanto, o primeiro contratempo serio que experimentava depois da sua partida de Londres, não lhe causava provavelmente nenhum prejuizo.

Proximo do amanhecer, a *Tankadère* entrava no estreito de Fo-Kien, que separa a grande ilha Formosa da costa chineza, e atravessava o tropico de Cancer. N'este estreito o mar estava muito agitado, cheio de re-

demoinhos causados pelas correntes oppostas. O barco fatigou-se muito. As pequenas vagas embaraçavam-lhe o andamento. Tornou-se muito difficil estar alguém de pé sobre a tolda.

Com o romper do dia o vento refrescou mais. Havia no céu indícios de borrasca. Demais, o barometro annunciava uma mudança proxima na atmosphaera, as suas alterações diurnas eram irregulares e o mercurio oscillava de um modo caprichoso. Para sueste, viam-se formar immensas vagas que denunciavam tempestade. Na vespera o sol tinha-se posto em meio de um nevoeiro avermelhado e das scintillações phosphorescentes do oceano.

O piloto examinou durante muito tempo o mau aspecto do céu e murmurou algumas palavras pouco intelligiveis. Em certa occasião, achando-se proximo do seu passageiro, disse-lhe :

— Póde-se tudo declarar a Vossa Honra ?

— Tudo, respondeu Phileas Fogg.

— Bem, então digo-lhe que vamos ter borrasca.

— Virá do norte ou do sul ? perguntou simplesmente Phileas Fogg.

— Do sul. Veja. É um tufão que se prepara.

— Pois venha o tufão do sul, que nos levará para o lado conveniente, redarguiu mr. Fogg.

— Se encara as cousas d'esse modo, replicou o piloto, não tenho mais nada a dizer.

Os presentimentos não enganavam John Bunsby. N'uma época menos adiantada do anno o tufão, segundo a expressão de um celebre meteorologista, ter-se-ia desfeito em luminosa cascata de flammæ electricas, mas no equinocio do inverno, era para reccar que se desencadeasse com violencia.

O piloto tomou de antemão as suas providencias. Mandou ferrar todas as vélas e arrear as vergas. Arreou os mastaréus. As portinholas foram fechadas com todo o

cuidado. Desde esse momento nem uma gota de agua podia penetrar no interior do navio.

Apenas içou uma véla de prôa e tratou de dar a pôpa ao vento. Tomadas estas disposições, esperou-se pelo que succedesse.

John Bunsby convidou os passageiros a descerem para o camarote; mas, n'um espaço tão acanhado, quasi privado de ar, e no meio das sacudiduras produzidas pela vaga, aquella prisão nada tinha de agradavel. Nem mr. Fogg, nem mrs. Aouda, nem o proprio Fix, consentiram em deixar a tolda.

Pelas oito horas desencadeou-se a borrasca de vento e chuva. Apesar de ter apenas um pedaço de panno, a *Tankadère* foi levantada como uma penna pelo vento, do qual não se poderia dar uma idéa exacta, quando sopra em tempestade. Comparar a sua velocidade á quadrupla velocidade de uma locomotiva lançada a todo o vapor, seria ficar áquem da verdade.

Durante o dia todo, a embarcação correu na direcção do norte, arrastada pelas vagas monstruosas, conservando felizmente, porém, uma velocidade igual á d'ellas. Vinte vezes esteve em perigo de ser submergida por uma das montanhas de agua que se elevavam subitamente sobre a sua pôpa; mas um movimento do leme, habilmente executado pelo piloto, evitava a catastrophe.

Algumas vezes os passageiros eram completamente envolvidos pelas ondas que elles supportavam philosophicamente. Fix resmungava de certo, mas a intrepida Aouda, com os olhos fixos no seu companheiro, cujo sangue frio não podia deixar de admirar, mostrava-se digna d'elle e arrostando a tormenta ao seu lado. Quanto a Phileas Fogg, parecia que aquelle tufão fazia parte do seu programma.

Até então a *Tankadère* approára sempre para o norte; mas ao chegar a noite, como era de recear, o vento rondou tres quartos para noroeste. Então o hiate, offere-

cendo a borda á vaga, foi sacudido de um modo terrível. O embate do mar tinha essa violencia que assusta quando se não sabe a solidez com que todas as peças do navio estão ligadas entre si.

Com a noite, a tempestade augmentou. Ao ver a escuridão invadir o mar, e com a escuridão crescer a tormenta, John Bunsby sentiu-se vivamente inquieto. Perguntou a si mesmo se não seria tempo de arribar, e consultou a equipagem.

Depois de interrogar a sua gente, John Bunsby aproximou-se de mr. Fogg, e disse-lhe :

— Parece-me que fariamos bem em aproarmos a um dos portos da costa.

— Tambem me parece o mesmo, respondeu mr. Phileas Fogg.

— Ah! exclamou o piloto, mas a qual?

— Só conheço um, respondeu tranquillamente mr. Fogg.

— E é...

— Shangai.

O piloto esteve algum tempo sem comprehender quanta obstinação e tenacidade encerrava aquella resposta. A final exclamou:

— Bem, Vossa Honra tem razão. Para Shangai.

E a prôa da *Tankadère* foi invariavelmente conservada na direcção do norte.

Foi uma noite verdadeiramente terrível! Dependeu de um milagre o não virar-se o barco. Duas vezes esteve em perigo d'isso. Mrs. Aouda estava meia morta de fadiga, mas não fez ouvir uma queixa. Mais de uma vez mr. Fogg teve de correr para ella a fim de a proteger da violencia das ondas.

O dia tornou a apparecer. A tempestade desencadeou-se então com um furor immenso. Contudo, o vento virou para sueste. Era uma mudança favoravel, e a *Tankadère* abriu novamente caminho sobre este mar agitado, cujas

ondas se encontravam com as que o novo vento levantava. D'aqui produzia-se um choque de vagas desencontradas, que teria esmagado uma embarcação menos solidamente construída.

De tempos a tempos avistava-se a costa através das abertas do nevoeiro, mas não se via um unico navio. Só a *Tankadère* aguentava o mar.

Ao meio dia houve alguns symptomas de bonança, os quaes com o pôr do sol, se tornaram mais sensíveis.

A pouca duração da tempestade era consequencia da sua propria violencia. Os passageiros, absolutamente prostrados de fadiga, puderam a final comer alguma cousa e tomar algum repouso.

A noite foi relativamente socegada. O piloto largou outra vez as vélas nos primeiros rizes. A velocidade da embarcação tornou-se consideravel. No dia seguinte, ao romper do sol, John Bunsby fez o reconhecimento da costa e ponde affirmar que não estavam a cem milhas de Shangai.

Cem milhas, só tinha aquelle dia para as percorrer! Era n'aquella mesma tarde que mr. Fogg devia chegar a Shangai, se não quizesse perder o paquete de Yokohama. Sem aquella tempestade, durante a qual perdeu muitas horas, estaria n'aquelle momento a trinta milhas do porto.

O vento abonançava sensivelmente, mas por fortuna o mar caia tambem. O barco largou todo o panno. Gafftopes, vélas de estai, bujarrona, tudo entrára em acção, e o mar escumava sob a roda da proa.

Ao meio dia estava a *Tankadère* apenas a quarenta e cinco milhas de Shangai. Só restavam seis horas para alcançar este porto antes da partida do paquete de Yokohama.

Houve grandes receios a bordo. Queriam todos chegar a todo o custo. Todos — menos Phileas Fogg por certo — sentiam pulsar o coração com impaciencia. Era preciso

que o barco se conservasse n'uma velocidade média de nove milhas por hora, e o vento continuava a amainar! Soprava um vento irregular; vinham da costa lufadas caprichosas. Passavam, e o mar tornava-se logo chão.

Contudo, a embarcação era tão leve, as suas vélas altas, de um tecido fino, apanhavam tão bem as lufadas irregulares, que John Bunsby, com a ajuda da corrente, achava-se apenas á distancia de dez milhas do rio de Shanghai, porque a cidade está situada a doze milhas, pelo menos, acima da embocadura.

As sete horas achavam-se ainda a tres milhas de Shanghai. Uma formidável praga saíu da bôca do piloto... ia com certeza perder a gratificação de duzentas libras. Olhou para mr. Fogg. Mr. Fogg estava impassível, e contudo, n'aquelle momento, jogava toda a sua fortuna.

N'aquelle momento tambem uma especie de fuso negro, coroadado de um pennacho de fumo, appareceu á superficie de agua. Era o paquete americano que saia á hora regulamentar.

— Maldição! exclamou John Bunsby, que repelliu o leme com desespero.

— Signaes! disse Phileas Fogg com simplicidade.

Na prôa da *Tankadère* alongava-se um pequeno canhão de bronze. Servia para dar signal em tempo de nevoeiro.

A peça foi carregada até á bôca, mas no mesmo momento em que o piloto ía chegar uma braza ao ouvido da peça, mr. Fogg disse:

— Ponha a bandeira a meio pau.

A bandeira foi arreada até meio mastro. Era o signal de perigo, e devia-se esperar que o paquete americano, quando o avistasse, dirigisse a prôa para a *Tankadère*.

— Fogo! disse mr. Fogg.

E a detonação da pequena peça de bronze estalou nos ares.

CAPÍTULO XXII

EM QUE PASSEPARTOUT RECONHECE QUE, MESMO NOS ANTIPODAS É PRUDENTE TER ALGUM DINHEIRO NA BOLSA

O *Carnatic*, tendo saído de Hong-Kong a 7 de novembro, às seis horas e meia da tarde, dirigia-se a todo o vapor para as terras do Japão. Levava um carregamento completo de mercadorias e de passageiros. Só dois camarotes da pôpa estavam desocupados. Eram os que tinham ficado por conta de mr. Phileas Fogg.

Na manhã seguinte a gente da prôa pôde ver, não sem alguma surpresa, um passageiro, com o olhar vago, andar pouco firme, cabelo em desordem, sair da segunda camara e vir, cambaleando, sentar-se n'uma boia.

Este passageiro era Passepartout em pessoa. Eis o que acontecera.

Instantes depois de Fix haver saído da taberna, dois creados tinham pegado em Passepartout, que dormia profundamente, deitando-o no leito reservado aos fumadores. Mas tres horas depois, Passepartout, perseguido até nos seus pesadelos por uma idéa fixa, acordava e luctava contra a força embrutecedora do narcotico. O pensamento do dever não cumprido sacudia-lhe o torpor. Deixou o leito dos bebedos, e, tropeçando a cada passo, apoiando-se às paredes, caindo e levantando-se a cada momento, mas sempre impellido por uma especie de instincto, saíu da taberna, gritando como n'um sonho: o *Carnatic!* o *Carnatic!*

O paquete ali estava, no ancoradouro, deitando fumo. Passepartout só tinha alguns passos a dar. Saltou sobre a prancha, atravessou a abertura da amurada, e caiu inanimado á pôpa, no momento em que o *Carnatic* levantava ferro.

Alguns marinheiros, como gente habituada a scenas d'esta especie, conduziram o pobre moço para um camarote de segundos, e Passepartout só acordou no outro dia pela manhã, a cento e oitenta milhas da terra da China.

Eis por que n'aquella manhã Passepartout se achava sobre a tolda do *Carnatic* e vinha aspirar com soffreguidão a fresca brisa do mar. O ar puro dissipou-lhe a embriaguez. Començou a coordenar as idéas, o que elle conseguiu não sem difficuldade. Mas, a final, lembrou-se das scenas da vespera, das confidencias de Fix, da taberna, etc.

— É evidente que fui embriagado de um modo abominavel. O que dirá mr. Fogg! Em todo o caso não perdi o vapor, e é o principal!

Depois, pensando em Fix, disse :

— D'aquelle espero que ficaremos livres, e que não se terá atrevido, depois do que me propoz, a seguir-nos a bordo do *Carnatic*. Um inspector de policia, um «detective» no seguimento de meu amo, accusado de um roubo feito no Banco de Inglaterra! Ora! mr. Fogg é tanto ladrão como eu sou assassino!

Deveria Passepartout contar estas cousas a seu amo? Conviria dizer-lhe que papel representava Fix em meio de tudo aquillo? Não faria melhor, esperando a sua chegada a Londres, e dizer-lhe então que um agente da policia metropolitana o seguira em volta do mundo, e rirem ambos á custa da policia? De certo. Em todo o caso era uma questão que podia ficar para depois. O mais urgente era reunir-se ao amo, e apresentar-lhe as suas desculpas por um procedimento tão inqualificavel.

Passepartout levantou-se. O mar estava picado, e o barco balouçava immenso. O digno moço, com as pernas ainda pouco firmes, dirigiu-se conforme poudes para a poupa.

Sobre a tolda não viu ninguem que se parecesse com seu amo, nem com mrs. Aouda.

— Bem, exclamou elle, mrs. Aouda ainda está deitada. Quanto a mr. Fogg, talvez tenha encontrado algum jogador de whist, e, segundo o seu costume...

Dizendo isto, Passepartout desceu ao salão. Mr. Fogg não estava ali. Passepartout só tinha uma cousa a fazer: perguntar ao *purser* qual era o camarote de mr. Fogg. O *purser* respondeu que não conhecia nenhum passageiro com aquelle nome.

— Perdão, disse Passepartout insistindo. É um *gentleman* alto, de aspecto frio, pouco communicativo, acompanhado de uma joven...

— Não temos nenhuma joven a bordo, respondeu o *purser*. Demais, veja a lista dos passageiros. Póde consultal-a.

Passepartout consultou a lista... O nome de seu amo não figurava n'ella.

Teve uma especie de deslumbramento. Depois uma idéa atravessou-lhe o espirito.

— Mas espere! Estou na verdade a bordo do *Carnatic*?

— Está, respondeu o *purser*.

— Em viagem para Yokohama?

— Exactamente.

Passepartout receára por um instante ter-se enganado no navio! Mas achando-se no *Carnatic*, era certo que seu amo ali não estava.

Passepartout deixou-se cair n'uma poltrona. Pareceu fulminado. De repente teve uma idéa. Lembrou-se que a hora da partida tinha sido antecipada, e que devia ter prevenido seu amo, mas não o fizera. Era, pois, sua a falta, se mr. Fogg e mrs. Aouda tinham perdido o paquete!

Era sua a falta, mas ainda mais do tratante, que, para o separar do amo, para reter este em Hong-Kong, o embriagára! Porque a final, comprehendera a estrategia do agente de policia. E agora, mr. Fogg estava com certeza arruinado, a aposta perdida, preso, encarcerado tal-

vez!... A esta idéa Passepartout puxou pelos cabellos. Ah! Se alguma vez Fix lhe caía nas unhas, que ajuste de contas!

Por fim, depois do primeiro momento de oppressão, Passepartout recuperou o seu sangue frio e analysou a situação. Era pouco invejavel. O francez achava-se em caminho do Japão. Tinha a certeza de lá chegar; como é, porém, que regressaria á patria? Estava com as algibeiras vazias. Não tinha nem um *schilling*, nem um *penny*! Entretanto, a sua passagem e o seu sustento a bordo, estavam pagos adiantados. Tinha, pois, cinco ou seis dias ao seu dispor para tomar uma resolução. Se comeu e bebeu durante estes dias, não é preciso dizer. Comeu por seu amo, por mrs. Aouda e comeu por si mesmo. Comeu como se o Japão, onde ia desembarcar, fôsse paiz deserto, falto de toda a substancia alimenticia.

No dia 13, no praiamar da manhã, o *Carnatic* entrava no porto de Yokohama.

Este porto é uma estação importante do Pacifico, onde fazem escala todos os vapores empregados no serviço da posta e dos viajantes entre a America do norte, a China, o Japão e as ilhas da Malasia. Yokohama está situada mesmo na bahia de Yeddo, a pouca distancia d'esta immensa cidade, segunda capital do imperio japonéz, outr'ora residencia do taikoun, no tempo em que existia este imperador civil, e rival de Meako, a grande cidade habitada pelo mikado, imperador ecclesiastico, descendente dos deuses.

O *Carnatic* lançou ferro proximo do caes, junto dos molhes do porto e dos armazens da alfandega, em meio de numerosos navios pertencentes a todas as nações.

Passepartout desembarcou, sem enthusiasmo algum, n'aquella terra tão curiosa dos Filhos do Sol. O melhor que tinha a fazer era tomar o acaso por guia, e seguir, sem direcção certa, pelas ruas da cidade.

Passepartout achou-se a principio n'uma cidade abso-

lutamente europeia, de casas pouco elevadas, ornadas de varandas, por baixo das quaes se viam elegantes peristylos, e que occupava com as suas ruas, praças, docas e casas de armazenagem, todo o espaço comprehendido entre o promontorio do Traité e o rio. Ali, como em Hong-Kong e Calcuttá, formigava uma variegada multidão de individuos de todas as raças, americanos, inglezes, chinezes, hollandezes, mercadores promptos a comprar tudo e a tudo vender, no meio dos quaes o francez se achava tão estrangeiro como se tivesse sido lançado em terra de hottentotes.

Passepartout tinha, na verdade, um recurso: era recomendar-se junto dos agentes consulares francez ou inglez estabelecidos em Yokohama; mas repugnava-lhe contar a sua historia, tão intimamente ligada com a de seu amo, e antes de chegar a isso, queria primeiramente esgotar todos os outros recursos.

Por isso, depois de ter percorrido a parte europea da cidade, sem que o acaso de nada lhe tivesse servido, entrou na parte japoneza, decidido, se preciso fôsse, a avançar até Yeddo.

Esta porção indigena de Yokohama é chamada Bente, em rasão do nome de uma deusa do mar, adorada nas ilhas proximas. Viam-se n'ella formosas alamedas de pinheiros e de cedros, porticos sagrados de estranha architectura, pontes quasi occultas pelo enredado dos bambús e dos cauniços, templos abrigados sob a ramagem immensa e melancholica de cedros seculares, mesquitas de bonzos, ao fundo das quaes arrastavam uma vida ociosa os padres do boudhismo e os sectarios da religião de Confucio, ruas interminaveis onde se poderia fazer abundante messe de creanças de cutis rosadas e faces vermelhas, dando ares de figurinhas recortadas de algum biombo indigena, e brincando em meio de cadelas de pernas curtas e de gatos amarellados, sem cauda, muito indolentes e muito meigos.

Nas ruas havia um bulício, um movimento incessante: estavam atulhadas de bonzos (*) que passavam processionalmente tocando nos seus monotonos tambores; de yakounines, officiaes da alfandega ou da policia, de chapéus ponteados encrustados de laca e trazendo dois sabres á cinta; de soldados vestidos de trajos de algodão azul listrado de branco, e armados de espingardas de percussão; de homens de armas do mikado, mettidos nos seus gibões de seda, com loriga e cota de malha, e muitos outros militares de todas as condições, — porque, no Japão, a profissão de soldado é tão estimada como desprezada na China; depois viam-se tambem leigos pedintes, peregrinos de grandes tunicas, simples funcionarios civis, de cabellos compridos e pretos como o ebano, cabeça grande, busto comprido, pernas delgadas, estatura pouco elevada, côr do rosto passando por todas as gradações, desde o tom carregado do cobre até ao branco pallido, mas nunca amarella como a dos chinezes, de que os japonezes differem essencialmente. Finalmente, entre as carruagens, os palanquins, os cavallos, os moços de frete, os carrinhos de véla, os «nori-mons» com paredes de laca, os fôfos «cangos», verdadeiras liteiras de bambú, viam-se circular no passo miudo dos seus pés pequeninos, calçados de sapatos de panno, de sandalias de palha ou de sócos de madeira com lavo-res, algumas mulheres pouco bonitas, com os olhos contraídos, o peito deprimido, os dentes ennegrecidos á moda do tempo, mas vestindo com elegancia o trajo nacional, o «kirimon», especie de *chambre* cingido por uma facha de seda formando na cintura, pelo lado de trás um laço extravagante, — que as senhoras de hoje parecem ter imitado das japonezas.

Passepartout passeou algumas horas pelo meio d'esta multidão de côres variegadas, contemplando as lojas

(*) Bonzos são os sacerdotes na Asia.

curiosas e opulentas, os bazares onde se accumulam toda a farfalhada da ourivesaria japoneza, as casas de pasto enfeitadas de bandeiras e flamulas, nas quaes lhe era prohibido entrar, e as lojas de chá onde se tomam chavenas cheias de agua quente odorifera, e bem assim, o «saki» licôr tirado, arroz fermentado, e essas commo-das casas de fumo onde se saboreia um tabaco muito fino, e não opio, cujo uso é desconhecido no Japão.

Depois, Passepartout achou-se nos campos, em meio de immensos arrozaes. Ali, não em arbustos, mas em arvores, em meio de muitas outras especies de flores que rescendiam os seus derradeiros perfumes, viam-se brillhantes camelias, e dentro de cerrados de bambús, cresciam pereiras, cerejeiras e macieiras, que os indigenas cultivam mais por causa das flôres que dos fructos, os quaes são defendidos por meio de espantalhos e de ruinosos molinetes do bico dos pardaes, dos pombos, dos corvos e de outras aves vorazes. Não havia cedro magestoso que não abrigasse alguma grande aguia, nem salgueiro sob cuja folhagem se não occultasse alguma garça real, melancholicamente empoleirada n'um pé; finalmente, por toda a parte abundavam as gralhas, os patos mansos e bravos, os gaviões, e grande numero d'essas cegonhas a que os japonezes chamam «senhorias» e que para elles symbolisam a longevidade e a ventura.

Vagueando d'este modo, Passepartout descobriu algumas violetas entre a relva.

— Bom, disse elle, eis aqui a minha ceia.

Mas, quando as colheu, não lhes achou nenhum perfume.

— A sorte não me favorece, pensou elle.

Era verdade que o excellente moço tinha, por previsão, almoçado o mais copiosamente que podéra antes de desembarcar; mas, depois de um dia de passeio, sentia a estomago muito vasio. Observára effectivamente que nos açougues indigenas faltava carne de porco ou de

carneiro, e como sabia que é um sacrilegio matar os bois, que são unicamente destinados á agricultura, concluiu elle que no Japão a carne é muito rara. Não se enganára ; mas á falta de carne no açougue, o seu estomago dar-se-ia perfeitamente com algum naco de javali ou de gamo, com alguma perdiz ou codorniz, com algum pedaço de ave ou de peixe, de que os japonezes, conjunctamente com o arroz, se sustentam exclusivamente. Mas teve de se resignar á sorte, e guardar para o dia seguinte a tarefa de prover ao seu sustento.

A noite sobreveiu. Passepartout tornou a entrar na cidade indigena, e divagou pelas ruas no meio de lanternas multicores, e contemplou os diversos grupos de volantins que executavam os seus prodigiosos exercicios, e varios astrologos que, ao ar livre, reuniam a multidão em volta do seu oculo. Em seguida voltou para o ancoradouro, illuminado pelos fogos dos pescadores, que attraíam o peixe ao clarão de pedaços de resina inflamados.

A final as ruas despovoaram-se. A multidão succederam as rondas dos yakounines. Estes officiaes, com os seus trajos magnificos e no meio de luzido acompanhamento, pareciam embaixadores, e Passepartout repetia em tom de gracejo, cada vez que encontrava alguma das deslumbrantes patrulhas:

— Ainda bem! mais uma embaixada japoneza que parte para a Europa.

CAPITULO XXIII

EM QUE O NARIZ DE PASSEPARTOUT TOMA AVANTAJADAS
PROPORÇÕES

No dia seguinte, Passepartout, estafado, esfomeado, disse consigo que lhe era preciso comer a todo o custo, e quanto mais depressa melhor. Restava-lhe, é verdade,

o recurso de vender o relógio, mas mais depressa se deixaria morrer de fome. Apresentava-se-lhe então uma ocasião, como poucas, de utilizar a voz sonora, se não melodiosa, de que a natureza o dotára.

Sabia algumas canções de França e de Inglaterra, e resolveu experimental-as. Os japonezes deviam por força ser amadores de musica, pois que entre elles tudo se faz ao som dos cymbalos, do tam-tan e de tambores, e não podiam deixar de apreciar o talento do *virtuose* europeu.

Mas era talvez cedo de mais para organizar um concerto, e os *dilettanti*, acordados de repente, não era de crer que pagassem ao cantor em moeda com effigie do mikado.

Passepartout decidiu, pois, esperar algumas horas; mas pelo caminho reflectiu que, para um cantor ambulante, parecia vestido com muito luxo, e veio-lhe á idéa trocar aquelle trajo por alguma vestimenta mais em harmonia com a sua posição. Além d'isso, a troca devia produzir um saldo, que immediatamente podia applicar á satisfação do seu appetite.

Tomada esta resolução, apenas lhe faltava executal-a. Só depois de demoradas pesquisas é que achou um adelo japonéz, a quem expoz o pedido. O trajo europeu agradou ao adelo, e d'ali a nada Passepartout saía envolvido n'um velho vestido japonéz e com uma especie de turbante na cabeça, desbotado pela acção do tempo. Mas em compensação, tinia-lhe na bolsa algumas pequenas moedas de prata.

— Bem, pensou elle, imagino que estamos no carnaval!

O primeiro cuidado de Passepartout, assim *japonificado*, foi entrar n'um «tea-house», loja onde se bebe chá, de modesta apparencia, e ali almoçou um resto de ave e alguns punhados de arroz, como homem para quem o jantar era um problema que ainda faltava resolver.

— Agora, disse elle, depois de copiosamente ter restaurado as forças, convem não perder a cabeça. Não me

resta o recurso de vender esta vestimenta por alguma outra ainda mais japoneza. É preciso encontrar meio de sair depressa d'este paiz do Sol, do qual só me ficará uma penosa lembrança!

Passepartout pensou então em visitar os navios que partem para a America. Tencionava offerecer-se em qualidade de cosinheiro ou de creado, exigindo como retribuição apenas a passagem e o sustento. Uma vez em San Francisco, veria como havia de sair de difficuldades. O importante era atravessar as quatro mil e setecentas milhas do Pacifico que se estendem entre o Japão e o Novo Mundo.

Passepartout, que não era homem para deixar morrer uma idéa, dirigiu-se para o porto de Yokohama. Mas, á medida que se aproximava das docas, o seu projecto, que lhe parecera tão simples ao principio, parecia-lhe agora cada vez mais difficil de execução. Porque é que haviam de ter necessidade de um cosinheiro ou de um creado a bordo de um navio americano, e que confiança podia inspirar vestido d'aquelle modo? Que recommendações tinha que fizesse valer? Que pessoas podia indicar que dessem informações d'elle?

Enquanto fazia estas reflexões, o seu olhar deparou com um immenso cartaz que uma especie de palhaço passeava pelas ruas de Yokohama.

O cartaz dizia o seguinte, em inglez:

COMPANHIA JAPONEZA ACROBATICA
DE
L'HONORABLE WILLIAM BATULCAR

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

Antes de partirem para os Estados Unidos da America, dos nari-longos
Sob a invocação directa do deus Tingou

GRANDE ESPECTACULO!

Os Estados Unidos da America! exclamou Passepartout, eis exactamente o que me convem!...

E seguiu o homem-cartaz, entrando atrás d'elle na cidade japoneza. Um quarto de hora depois, parava diante de uma grande barraca, coroada de feixes de bandeirinhas, e cujas paredes exteriores representavam, sem perspectiva, e em côres carregadas, uma companhia completa de pelotiqueiros.

Era a casa de espectaculos do *hanorable* Batulcar, especie de Barnum americano, director de uma companhia de saltimbancos, pelotiqueiros, clowns, acrobatas, equilibristas, gymnastas, que, segundo dizia o cartaz, dava as suas ultimas representações antes de deixar o paiz do Sol e partir para o Estados Unidos.

Passepartout entrou n'um peristylo que precedia a barraca, e perguntou por mr. Batulcar. Apareceu Batulcar em pessoa.

—O que quer? perguntou a Passepartout, a quem tomou a principio por um indigena.

—Precisa de algum creado? tornou Passepartout.

—Um creado, exclamou Barnum, afagando a barbinha espessa e ponteaguda que lhe prolongava o queixo, tenho dois, obedientes, fieis, que nunca me deixaram, que me servem com a condição apenas de os sustentar... E elles aqui estão, accrescentou mostrando os seus braços robustos, sulcados de veias grossas como cordas de rabeção.

—De maneira que de nada lhe posso servir?

—De nada.

—Que demonio! convinha-me muito partir com o senhor.

—Mas espere, disse o *honorable* Batulcar, o senhor tem tanto de japonez como eu de macaco! porque está vestido assim?

—A gente veste-se como póde!

—Isso é verdade. É francez, não é?

—De Paris.

— Então deve saber fazer caretas.

— Palavra, respondeu Passepartout, escandalisado de ver a sua nacionalidade provocar uma tal pergunta, nós, os francezes, sabemos fazer caretas, mas não tão bem como os americanos!

— Exacto. Pois bem, se o não tomo como creado, posso tomal-o como clown. Deve comprehender, bom moço, que em França apresentam-se pelotiqueiros estrangeiros e no estrangeiro pelotiqueiros francezes.

— Ah!

— Alem d'isso, tem força, não é verdade?

— Principalmente quando acabo de comer.

— E sabe cantar?

— Sei, respondeu Passepartout, que n'outros tempos figurára em alguns concertos ambulantes.

— Mas sabe cantar de cabeça para baixo, com um pião, a andar na planta do pé esquerdo, e uma espada em equilibrio na planta do pé direito?

— Se sei! respondeu Passepartout, que se lembrava ainda dos primeiros exercicios da sua infancia.

— Porque, como deve ver, n'isso é que está tudo, redarguiu o respeitavel Batulcar.

O contrato foi concluido *hic et nunc*.

A final Passepartout achára uma posição. Obrigara-se a fazer *tudo* na celebre companhia japoneza. Era pouco lisongeiro, com certeza, mas em menos de oito dias estaria a caminho de San Francisco.

A representação annunciada estrondosamente pelo respeitavel Batulcar devia começar ás tres horas, e bem depressa os instrumentos de uma orchestra japoneza, tambores e tam-tans, trovejavam á porta. Facilmente se imagina que Passepartout não tinha podido estudar um papel, mas devia prestar o apoio dos seus solidos hombros no grande exercicio da «pyramide humana» executado pelos nari-longos do deus Tingou. Era este, na phrase ingleza, o «great-attraction» ou, fallando mais

chá e portuguezmente, o chamariz da representação, e devia encerrar a serie dos exercicios.

Antes das tres horas os espectadores tinham invadido o barracão. Europeus e indigenas, chinezes e japonezes, homens e mulheres, precipitavam-se para as estreitas bancadas e para os camarotes que ficavam em frente da scena. Os musicos tinham-se recolhido á barraca, e a orchestra completa, gongos, tam-táns, castanhetas, tam-borís e bombos, trabalhavam com furor.

A repesenação foi como todas as exhibições de acrobatas. Mas, é preciso confessar que effectivamente os japonezes são os primeiros equilibristas do mundo. Um, de leque em punho, e munido de pedacinhos de papel, executava o exercicio tão gracioso das borboletas e das flores. Um outro, com o fumo odorifero do cachimbo, traçava rapidamente no ar uma serie de letras azuladas, que formavam um comprimento dirigido á assembléa. Este jogava com vélas accesas, que successivamente apagava quando lhe passavam por diante dos labios, e que tornava a accender sem por um instante interromper o seu jogo prestigioso. Aquelle, como os piões a girarem, reproduzia as mais inverosímeis combinações ; na mão d'elle, estas machinas roncadoras pareciam animar-se de uma vida propria em gyro interminavel ; corriam sobre pipos de cachimbo, sobre o fio de espadas, por cima de arames — verdadeiros cabellos estendidos de um a outro lado da scena ; giravam em roda de grandes vasos de crystal, subiam escadas de bambú, dispersavam-se para todos os lados, produzindo, pela combinação dos seus tons diversos, estranhos effeitos de harmonia. Os pelotiqueiros jogavam com os piões, e os piões giravam no ar ; lançavam-n'os á maneira de volantes com *raquettes* de madeira, e elles continuavam a girar ; mettiham-n'os na algibeira, e quando os tornavam a tirar, giravam ainda, — até ao momento em que occulta mola os fazia abrir e formar feixes de fogo de artificio !

É escusado descrever os prodigiosos exercícios dos acrobatas e dos gymnastas da companhia. Os trabalhos da escada, da vara, da bola, dos toneis, etc., foram executados com admirável precisão. Mas o principal chamariz do espectáculo eram os taes «nari-longos», assombrosos equilibristas que a Europa ainda não conhece.

Formam os «nari-longos» uma corporação particular collocada sob a protecção do deus Tingou. Vestidos como os heroes da idade média, traziam nas costas um par de esplendidas azas. Mas, o que mais especialmente os distinguia, era o comprido nariz que lhes enfeitava o rosto, e principalmente o uso que d'elles faziam. Eram os taes narizes nada mais nem menos do que bambús, do comprimento de cinco, seis e dez pés, uns, direitos, outros recurvos, estes lisos, aquelles cobertos de verrugas. Ora, sobre estes appendices, fixados com solidez, é que se faziam todos os exercícios de equilibrio. Uma duzia dos sectarios do deus Tingou deitaram-se de costas, e sobre os seus narizes, aprumados como pára-raios, vieram brincar os collegas, e começaram a saltitar e a voltear de uns para os outros, executando os trabalhos mais incríveis.

Para conclusão do espectáculo annunciára-se principalmente ao publico a pyramide humana, na qual uns cincuenta nari-longos deviam figurar o «Carro de Jagger-naut». Mas, em vez de formarem a pyramide tomando os hombros por ponto de apoio, os artistas do respeitavel Batulcar deviam sobrepor-se uns aos outros pelo nariz. Ora, um dos que formavam a base, abandonára a companhia, e como bastava ser vigoroso e agil para o substituir, a escolha do substituto recaiu em Passepartout.

Na verdade, o excellente moço bem lastimou a sua sorte quando, — triste recordação da mocidade — enfiou o traje da idade média e lhe applicaram ao rosto um nariz de seis pés! Mas enfim aquelle nariz era o seu ganha-pão, e resignou-se.

Passepartout entrou em scena, e veio tomar logar ao

lado dos seus collegas que deviam servir de base ao Carro de Jaggernaut. Estenderam-se todos por terra com o nariz para o ar. Uma segunda secção de equilibristas veio pousar sobre estes longos appendices, uma terceira collocou-se por cima, e depois uma quarta, e sobre estes narizes que só se tocavam pela extremidade, bem depressa se elevou um monumento humano até aos frisos do theatro.

Os applausos redobravam e os instrumentos da orchestra faziam o estrondo de uma trovoadas, quando a pyramide oscillou, desfez-se o equilibrio, faltou um dos narizes da base, e o monumento desmoronou-se como um castello de cartas...

A culpa foi de Passepartout, que, abandonando o seu posto, saltando a rampa sem o auxilio das azas, e trepando á galeria da direita, caía aos pés de um espectador, exclamando:

— Ah! meu amo! meu amo!

— Passepartout?

— Eu mesmo!

— Bem, então para o paquete, meu rapaz, para o paquete!

Mr. Fogg, mrs. Aouda, que o acompanhava, e Passepartout, precipitaram-se pelos corredores a fim de saírem da barraca. Mas á porta encontraram o *honorable* Batulcar que, furioso, reclamava perdas e damnos pela catastrophe. Phileas Fogg socegou-o atirando-lhe com um punhado de notas do Banco. E ás seis horas e meia, mr. Fogg e mrs. Aouda, embarcavam no paquete americano, exactamente no momento em que elle ia a partir. Passepartout seguia-os, com as azas nas costas, e levando ainda o nariz de seis pés de comprimento que não tivera tempo de tirar do rosto!

CAPITULO XXIV

DURANTE O QUAL SE ATRAVESSA O PACIFICO

Comprehende-se o que succedeu em frente de Shangai. Os signaes feitos pela *Tankadère* tinham sido percebidos do paquete de Yokohama. Vendo a bandeira a meio pau, o capitão dirigira-se para o barco. Instantes depois Phileas Fogg, pagando a passagem pelo preço que se convenionára, mettia na algibeira do patrão John Bunsby quinhentas e cincoenta libras. Em seguida o respeitavel *gentleman*, mrs. Aouda e Fix subiram para bordo do vapor, que no mesmo momento tomou o caminho de Nagasaki e Yokohama.

Phileas Fogg, que n'aquella noite mesmo devia partir para San Francisco, poz-se immediatamente em busca do creado. Dirigiu-se, mas debalde, aos agentes consulares francez e inglez, e depois de ter inutilmente percorrido as ruas de Yokohama, já perdia a esperança de encontrar Passepartout, quando o acaso, ou talvez uma especie de presentimento, o fez entrar na barraca do respeitavel Baturkar. Não seria capaz, por certo, de reconhecer o creado sob o ridiculo vestuario que o disfarçava, mas Passepartout, de costas como estava, avistou o amo na galeria. Não poudo conter um movimento do nariz. Foi d'isso que se originou a perda do equilibrio e tudo o mais que se seguiu.

Estas cousas soube-as Passepartout da propria bôca de mrs. Aouda, que lhe contou então como se fizera a viagem de Hong-Kong a Yokohama, em companhia de mr. Fix, na goleta a *Tankadère*.

Ao ouvir o nome de Fix, Passepartout nem pestanejou. Entendeu que ainda não chegara o momento de dizer ao amo o que se passára entre elle e o agente de policia. Por

isso, na narrativa que fez das suas aventuras, accusou-se e pediu desculpa sómente de ter sido vencido pela embriaguez do opio n'uma taberna de Hong-Kong.

Mr. Fogg escutou com frieza este dialogo, sem dizer palavra; depois abriu ao creado um credito sufficiente para que este podesse comprar a bordo algum trajo mais conveniente. Com effeito, não decorrêra ainda uma hora, já o excellente moço tinha tirado o nariz postiço e cortado as azas de emprestimo, apparecendo sem cousa alguma que n'elle fizesse lembrar o adepto do deus Tingou.

O paquete onde iam pertencia á companhia da «Pacific Mail steam» e chamava-se o *General Grant*. Era um grande vapor de rodas, porte de duas mil e quinhentas toneladas, bem construido e capaz de grande velocidade. Acima da tolda elevava-se e abaixava-se succesivamente um enorme balancim; n'uma das suas extremidades articulava-se um piston, e na outra uma manivela que, transformando o movimento rectilineo em movimento circular, se applicava directamente ao eixo das rodas. O *General Grant* armava em escuna, e possuia muito panno, o que ajudava extraordinariamente o vapor. Fazendo as suas doze milhas por hora, o paquete não devia gastar mais de vinte e um dias a atravessar o Pacifico. Phileas Fogg pois, tinha, motivos para crer que achando-se no dia 2 de dezembro em San Francisco, estaria no dia 11 em Nova York e no dia 20 em Londres, — antecipando assim algumas horas a data fatal de 21 de dezembro.

Os passageiros eram numerosos a bordo do vapor: havia alguns inglezes, muitos americanos, uma verdadeira emigração de coolis para a America, e um certo numero de officiaes do exercito das Indias que se aproveitavam da sua licença para vaguearem em volta do mundo.

Durante o trajecto não se deu nenhum incidente a bordo. O paquete, sustentado pelas suas grandes rodas, apoiado no seu forte velame, jogava pouco. O Oceano Pacifico justificava o nome que tinha.

Mr. Fogg estava tão impassível, tão pouco communicativo como de costume. A sua joven companheira cada vez se sentia mais ligada áquelle homem por laços que não eram apenas de reconhecimento. Aquella indole silenciosa, tão generosa a final, impressionava-a mais do que ella suppozera, e, quasi sem dar por isso, deixava-se arrastar por certos sentimentos que aliás não influíam de modo algum em Phileas Fogg.

Alem d'isso, mrs. Aouda interessava-se extraordinariamente pelos projectos do *gentleman*. Inquietava-se com as contrariedades que lhe podiam comprometter o exito da viagem. Muitas vezes conversava com Passepartout, que não deixava de entrever o que se passava no coração de mrs. Aouda. O bom moço tinha agora, a respeito do amo, uma especie de fé cega; não se fartava de elogiar a honestidade, a generosidade, a dedicação de Phileas Fogg; depois tranquillisava a joven a respeito do exito da viagem, repetindo que o mais difficil estava feito, que haviam saído dos paizes phantasticos da China e do Japão, que iam já de volta aos paizes civilisados, e que a final um trem de San Francisco a Nova York e um paquete transatlantico de Nova York a Londres bastavam de certo para concluir aquella incrível viagem á roda do mundo no praso marcado.

Nove dias depois de haver deixado Yokohama, Phileas Fogg tinha já percorrido exactamente metade do globo terrestre.

Com effeito, o *General Grant*, em 25 de novembro atravessava o octogesimo meridiano, aquelle sob o qual se acham, no hemispherio austral, os antipodas de Londres. É verdade que dos oitenta dias postos á sua disposição, mr. Fogg já gastára cincoenta e dois, e só lhe restavam vinte e oito; deve-se, porém, notar que se o *gentleman*, a avaliar pela differença dos meridianos, se achava apenas a meio da viagem, tinha na realidade andado mais de dois terços do percurso total. Na verdade, que desvios forçados

não fizera de Londres a Aden, de Aden a Bombaim, de Calcuttá a Singapura, de Singapura a Yokohama! Seguindo circularmente a quinquagesima parallela, que é a parallela de Londres, a distancia a percorrer teria apenas sido de quasi doze mil milhas, enquanto que Phileas Fogg se via obrigado, pelo capricho dos meios de locomoção, a percorrer vinte e seis mil milhas, das quaes, até ao dia 23 de novembro, já fizera quasi dezesete mil. O resto, porém, era caminho direito, e Fix já ali não estava para levantar obstaculos!

Sucedeu tambem que, em 23 de novembro, Passepartout teve um alegrão. Devemos estar lembrados de que o teimoso obstinára-se em conservar regulado pela hora de Londres o seu famoso relogio de familia, dando como erradas todas as horas dos paizes que atravessava. Ora, n'aquelle dia, apesar de não ter adiantado nem atrasado o relogio, achava-o de accordo com o chronometro de bordo.

Escusado é dizer se Passepartout sentiu gloria com isso. Teve pena de que Fix ali não estivesse para ouvir o que elle dizia.

— E aquelle velhaco que me contava tantas historias a respeito dos meridianos, do sol e da lua! repetia Passepartout. Que tal! Se a gente dêsse ouvidos a estes sujeitos, haviam de se fazer bons relogios. Eu tinha a certeza que mais dia menos dia, o sol havia de se regular pelo meu!...

Mas Passepartout ignorava o seguinte: é que se o mostrador do seu relogio estivesse dividido em vinte e quatro horas, como os relogios italianos, não teria motivos para se gloriar, porque os ponteiros, quando fôsem nove horas da manhã a bordo, teriam indicado nove horas da noite, isto é, a vigesima primeira hora depois da meia noite, — differença exactamente igual á que existe entre Londres e o centesimo octogesimo meridiano.

Mas, suppondo que Fix fôsse capaz de explicar este facto puramente physico, Passepartout é que não seria com certeza capaz, não já de o comprehender, mas de o

admittir. Em todo o caso, se por um milagre o inspector de policia apparecesse inesperadamente a bordo n'aquelle momento, Passepartout, a quem sobravam razões para lhe conservar algum rancor, talvez discutisse com elle um assumpto diverso, por maneira differente.

Porém, onde é que Fix se achava n'aquelle momento?...

Fix estava precisamente a bordo do *General Grant*.

Com effeito o agente, chegando a Yokohama, largou o *gentleman*, a quem esperava tornar a encontrar pelo dia adiante, e dirigiu-se immediatamente a casa do consul inglez. Ali achou a final o mandado de prisão que, correndo após elle desde Bombaim, tinha já uma data de quarenta dias de atraso, — mandado que lhe fôra expedido por aquelle mesmo *Carnatic*, a bordo do quel se suppunha que o agente estivesse! Imagine-se o desgosto de Fix! O mandado tornava-se-lhe inutil! Mr. Fogg saíra já dos dominios inglezes! Agora, para o prender, era preciso um acto de extradição.

— Paciencia! disse Fix passado o primeiro impeto de colera, aqui já não serve de nada o mandado, mas servirá em Inglaterra. O velhaco dá-se ares de quem volta á patria, depois de ter feito perder o rasto á policia. Não importa. Seguil-o-hei até Inglaterra. Quanto ao dinheiro, Deus queira que reste algum! Mas em viagens, em gratificações, em processos, em multas, no elephante e em despesas de toda a especie, o meu homem já deixou pelo caminho mais de mil libras! Em todo o caso o Banco é rico!

Adoptada uma resolução, embarcou logo no *General Grant*. Já estava a bordo quando mr. Fogg e mrs. Aouda appareceram. Com immensa surpresa reconheceu Passepartout sob o seu estranho vestuario. Para evitar alguma explicação que tudo deitasse a perder, occultou-se no seu camarote, — e, graças ao grande numero de passageiros, tinha boas esperanças de não ser visto pelo seu inimigo, quando n'aquelle mesmo dia se encontrou cara a cara com elle na prôa do navio.

Passepartout não se demorou em explicações ; atirou-se logo ao agente, com extrema satisfação de alguns americanos que immediatamente apostaram a favor d'elle, e applicou-lhe uma boa sova, que demonstrou a grande superioridade do sôco francez sobre o sôco inglez.

Quando acabou, sentiu-se Passepartout mais tranquillo e a modo consolado. Fix levantou-se muito maltratado, e olhando para o seu adversario, disse-lhe friamente:

— Acabou ?

— Por agora.

— Então venha commigo, porque lhe quero dizer uma cousa.

— Que va...

— E para bem do seu amo.

Passepartout, como que subjugado por este sangue frio, seguiu o inspector de policia, e ambos se sentaram na prôa do vapor.

— Sovou-me, disse mr. Fix. Bem. Agora ouça-me. Até aqui tenho sido adversario de mr. Fogg, mas agora ponho-me do seu lado.

— Ora até que enfim ! exclamou Passepartout, já o tem na conta de homem de bem ?

— Não, respondeu friamente Fix, tenho-o na conta de um velhaco... Caluda ! esteja quieto e deixe-me fallar. Enquanto mr. Fogg se achou em dominios inglezes, tive interesse em retel-o, esperando que viesse a ordem de prisão. Fiz toda a diligencia para isso. Lancei em sua perseguição os padres de Bombaim, embriaguei-o ao senhor em Hong-Kong, separei-o de seu amo, fiz-lhe perder o paquete de Yokohama...

Passepartout escutava-o com os punhos fechados.

— Agora, proseguiu Fix, mr. Fogg parece voltar para Inglaterra. Bem, seguil-o-hei. Porém com a differença que d'aqui em diante empregarei tanto zelo em lhe facilitar a viagem, como d'antes empregava em levantar-lhe obstaculos. Bem vê, mudei de tactica, e mudei porque está

n'isso o meu interesse. Devo acrescentar que o seu interesse é igual ao meu, porque é em Inglaterra só que poderá saber se está ao serviço de um criminoso ou de um homem honrado!

Passepartout escutára Fix com muita atenção, e convenceu-se de que elle fallava de boa fé.

— Ficâmos amigos? perguntou Fix.

— Amigos não, respondeu Passepartout. Alliados sim, e salvando certos direitos, porque á menor traição torço-lhe o pescoço.

— De accordo, redarguiu tranquilamente o agente de policia.

Onze dias depois, a 3 de dezembro, o *General Grant* entrava na bahia da Porte d'Or, e chegava a San Francisco.

Mr. Fogg não tinha ganho nem perdido um só dia.

CAPITULO XXV

EM QUE SE DÁ UMA IDÉA DE SAN FRANCISCO EM DIA DE MEETING

Eram sete horas da manhã quando mr. Phileas Fogg, mrs. Aouda e Passepartout pozeram pé no continente americano, — admittindo que se possa dar este nome ao caes fluctuante onde elles desembarcaram.

Estes caes, subindo e descendo com as marés, facilitam a carga e a descarga dos navios. É ali que amarram os *clippers* de todas as nações, os *steamers* de todas as nacionalidades, e esses barcos a vapor de mais de um andar, que fazem serviço no Sacramento e nos seus confluents. É ali tambem que se amontoam os productos de um commercio que envolve o Mexico, o Perú, o Chili, o Brazil, a Europa, a Asia e todas as ilhas do Oceano Pacifico.

Passepartout, com a alegria de tocar a final em terra americana, julgou dever operar o seu desembarque dando um salto mortal do mais bello estylo. Mas quando caiu no caes, cujo tabuado estava carunchoso, quasi se ía mettendo por elle abaixo. Todo desconsolado da maneira por que pozera pé no novo continente, o excellente moço soltou um grito formidavel, que fez voar espavoridos grande numero de corvos marinhos e de pelicanos, hospedes costumados dos caes moveis.

Mr. Fogg, assim que desembarcou, informou-se da hora que partia o primeiro comboio para Nova York. Era ás seis horas da tarde. Mr. Fogg tinha, pois, um dia á sua disposição que podia passar na capital da California. Mandou vir uma carruagem para si e para mrs. Aouda. Passepartout subiu para a almofada, e o vehiculo, a tres *dollars* por corrida, dirigiu-se para o *International Hotel*.

Do logar elevado que occupava, Passepartout observava cheio de curiosidade a grande capital americana. Ruas espaçosas, casas baixas bem alinhadas, igrejas e templos de um gothico anglo-saxonio, docas immensas, armazens que pareciam palacios, uns de madeira, outros de tijolo, carruagens numerosas, omnibus, carros de «*tramways*» em constante movimento, e uma grande multidão composta não só de americanos e de europeus, mas tambem de chinezes e de indios, com que se poderia formar uma população de mais de duzentos mil habitantes, — tal era o espectaculo deslumbrante que se offerecia á vista.

Passepartout ficou bem surprehendido do que via. Esperava ainda a cidade legendaria de 1849, a cidade dos bandidos, dos incendiarios e dos assassinos que ali tinham affluido em busca de barras de ouro, immenso pandemonio composto de todos os profugos da sociedade, onde se jogava a ouro em pó, com um revolver na mão e um punhal na outra. Mas esse *bom tempo* já tinha passado. San Francisco offerecia o aspecto de uma grande cidade commercial. O elevado campanario da casa da

camara, com os seus vigias, dominava todo este conjuncto de ruas e de avenidas, que se cruzavam em anulos rectos, entre as quaes se abriam praças ajardinadas; do campanario igualmente se avistava uma cidade chinesa que parecia ter sido importada do Celeste Imperio dentro de alguma caixinha de brinquedos. Já não se viam chapéus de aba larga, nem camisas vermelhas, nem indios de pennas na cabeça, mas chapéus de seda e sobrecasacas pretas trajadas por *gentleman* dotados de uma actividade devoradora. Certas ruas, entres outras Montgommery-street — a *Regent street* de Londres, o *boulevard* dos Italianos de Paris, o *Broadway* de Nova York — eram ladeadas de esplendidos armazens que ostentavam nos armarios os productos do mundo inteiro.

Quando Passepartout chegou ao *International Hotel*, parecia-lhe que não tinha saído de Londres.

O rez-do-chão do hotel era occupado por um como balcão immenso, especie de *buffet* aberto gratis a todo o transeunte. Carne fria, sopa de ostras, bolacha e queijo *chester*, offereciam-se ali sem que o consumidor tivesse de abrir a bolsa. Só pagava a bebida, cerveja, vinho do Pôrto ou de Xerez, se a phantasia lhe dêsse para se refrescar. Tudo isto pareceu muito *americano* a Passepartout.

A sala de jantar do hotel era bem servida. Mr. Fogg e mrs. Aouda sentaram-se a uma mesa e foram copiosamente servidos em pratos microscopicos por negros de azeviche.

Depois do almoço, Phileas Fogg, acompanhado de mrs. Aouda, saiu do hotel com intenção de se dirigir a casa do consul inglez, a fim de fazer pôr o *visto* no passaporte. A porta da rua encontrou o creado, que lhe perguntou se antes de tomar logares para o caminho de ferro não seria prudente comprar algumas duzias de carabinas Enfield ou revolvers Colt. Passepartout ouvira fallar dos Sioús e dos Pawnios, selvagens que fazem, como se fôsem

bandidos hespanhoes, parar os trens. Mr. Fogg disse-lhe que era uma precaução inutil, mas deixou-lhe a liberdade de fazer o que entendesse. Depois dirigiu-se para o escriptorio do consul.

Phileas Fogg apenas tinha dado dois passos quando, pelo mais espantoso dos casos, encontrou Fix. O inspector mostrou-se extremamente surprehendido. Como! dois tinham juntos atravessado o Pacifico e não se haviam visto a bordo! Fôsse como fôsse, Fix não podia deixar de se dar por honrado em tornar a ver o *gentleman* a quem tanto devia, e como os seus negocios o chamavam á Europa, estimava immenso continuar a viagem em tão agradável companhia.

Mr. Fogg respondeu que a honra seria para elle, e Fix, — que tinha todo o interesse em não o perder de vista, — pediu-lhe licença para visitarem juntos a curiosa cidade de San Francisco. Foi-lhe concedida a licença.

Mrs. Aouda, mr. Fogg e mr. Fix começaram a divagar pelas ruas. Bem depressa se acharam em Montgomery-street, onde a affluencia do povo era enorme. Nos passeios dos lados, em meio da calçada, sobre os carris dos caminhos de ferro, apesar da passagem continuada dos *coaches* e dos omnibus, no limiar das portas, nas janellas de todas as casas, e mesmo em cima dos telhados, a multidão era immensa. Homens com cartazes circulavam por entre os grupos. Fluctuavam ao vento bandeirinhas e pavilhões. Por toda a parte se ouviam gritos.

— Hurrah por Kamerfield!

— Hurrah por Mandiboy!

Era um *meeting*. Pelo menos foi o que Fix logo imaginou e disse a mr. Fogg, acrescentando porém :

— Faremos talvez melhor em não nos mettermos n'essa balburdia. Só se tira em resultado alguns sôcos.

— É verdade, redarguiu Phileas Fogg, e os sôcos, por serem politicos, não deixam, ainda assim, de ser sôcos!

Fix entendeu dever sorrir quando ouviu esta obser-

vação, e a fim de verem o que se pasava sem serem envolvidos no tumulto, mrs. Aouda, Phileas Fogg e o agente postaram-se no patamar superior de uma escada que conduzia a um terraço, situado no alto da rua Montgomery-street. Diante d'elles, do outro lado da rua, entre uma carvoaria e o armazem de um commerciante de petroleo, havia, ao ar livre, uma especie de escriptorio, para o qual as diversas correntes da multidão pareciam convergir.

Mas porque era este *meeting*? Qual seria o successo occasional que o motivava? Phileas Fogg ignorava isso absolutamente. Tratar-se-ia da nomeação de algum alto funcionario civil ou militar, de algum governador do Estado ou de algum membro do Congresso? Em vista da grande animação que reinava na cidade, era licito fazer uma tal supposição.

N'aquelle momento houve na multidão uma oscillação extraordinaria. Todas as mãos estavam levantadas para o ar. Algumas, fechadas solidamente, pareciam erguer-se e abaixar-se com rapidez em meio de grandes brados, — maneira energica, de certo, de formular um voto. A multidão recuava ondulando. As bandeiras oscillavam, desapareciam por um instante e tornavam a apparecer em farrapos. As ondulações do povo propagavam-se até á escada, ao mesmo tempo que todas as cabeças se agitavam como o mar picado pela borrasca. O numero de chapéus pretos diminuia a olhos vistos, e a maior parte pareciam ter perdido a altura normal.

— É com toda a certeza um *meeting*, disse Fix, e a questão que o occasionou deve ser interessante. Não seria para admirar que ainda se tratasse da questão do *Alabama*, apesar de já estar resolvida.

— Talvez, redarguiu mr. Fogg com toda a simplicidade.

— Em todo o caso, tornou Fix, estão em frente um do outro dois campeões, o respeitavel Kernerfield e o respeitavel Mandiboy.

Mrs. Aouda, pelo braço de Phileas Fogg, contemplava com surpresa esta scena tumultuosa, e Fix ia perguntar a um dos seus visinhos a razão de tamanha effervescencia popular, quando se deu na multidão um movimento mais accentuado. Os *hurrahs*, acompanhados de injurias, redobram. A haste das bandeiras transformou-se em arma offensiva. Já não se viam mãos, só se viam punhos fechados. Do alto das carruagens, que estacionavam no logar da scena, e dos omnibus, cuja carreira fôra impedida, trocavam-se grande numero de armas de arremesso. Tudo servia de projectil. Botas e sapatos descreviam no ar trajetorias muito extensas, e parecia até que alguns revolvers misturavam com as vociferações da turba as suas detonações puramente nacionaes.

A turba-multa aproximou-se da escada e refluio para os degraus. Um dos partidos era evidentemente repellido sem que os simples espectadores podessem reconhecer se a vantagem ficava do lado de Mandiboy ou do lado de Kamerfield.

— Parece-me prudente retirarmo-nos, disse Fix, que não desejava que o *seu homem* fôsse maltratado ou tivesse alguma pendencia. Se figura a Inglaterra n'esta questão, e nos reconhecem, ficaremos compromettidos no meio do alvoroço.

— Um cidadão inglez... redarguiu Phileas Fogg.

Mas o *gentleman* não poudo acabar a phrase. Por traz d'elle, do terraço que precedia a escada, partiram uivos espantosos. Bradavam todos: *Hurrah! Hip! Hip!* (*) *por Mandiboy!* Era um troço de eleitores que chegava inesperadamente de reforço, atacando de flanco os partidarios de Kamerfield.

Mr. Fogg, mr. Aouda e Fix viram-se entre dois fogos. Era tarde para fugir. Esta torrente de homens armados de bengalas chumbadas e de *casse-têtes* torna-se irresis-

(*) Exclamações inglezas de enthusiasmo.

(N. do T.)

tivel. Phileas Fogg e Fix, nas suas diligencias para preservarem a joven, soffreram temerosos repellões. Mr. Fogg, não menos fleugmatico do que de costume, quiz defender-se com as armas naturaes que a natureza poz na extremidade dos braços de todo o inglez, mas foi debalde. Um homenzarrão, de barba avermelhada, afogueado de rosto, de hombros largos, que parecia chefe do bando, levantou o formidavel punho sobre mr. Fogg, e teria gravemente maltratado o *gentleman*, se Fix, por dedicação, não recebesse o murro em seu lugar. No mesmo instante desenvolveu-se um enorme inchaço, a que vulgarmente se chama «gallo» sob o chapéu do agente, transformado n'uma especie de touca.

— Yankee! (*) disse mr. Fogg, lançando ao seu adversario um olhar de desprezo.

— Inglez! retrucou o outro.

— Quando nos tornaremos a encontrar?

— Quando quizer.

— O seu nome?

— Phileas Fogg. O seu?

— O coronel Stamp. W. Proctor.

Dito isto, a maré passou. Fix foi derribado e levantou-se, com o fato despedaçado, mas sem ferimento grave. Tinha o *paletot* de viagem dividido em duas partes iguaes, e as suas calças pareciam-se com os calções de que os indios — questão de moda — se servem depois de lhe terem tirado os fundilhos. Mas, em todo o caso, mrs. Aouda ficára incolume, e só a Fix é que aquillo custara um murro.

— Obrigado, disse mr. Fogg ao agente, logo que se viram livres do tumulto.

— Não ha de que, redarguiu Fix, mas venha d'ahi.

— Aonde?

— A um armazem de fato feito.

(*) Termo que serve para designar um cidadão dos Estados Unidos.
(N. do T.)

Com effeito, a visita era opportuna. Os fatos de Phileas Fogg e de Fix estavam em bocados, como se estes dois *gentleman* se tivessem batido por conta dos respeitaveis Kamerfield e Mandiboy.

Uma hora depois achavam-se convenientemente vestidos e com a cabeça coberta. Em seguida voltaram ao *International Hotel*.

Passepartout esperava o amo, armado de meia duzia de revolvers-punhaes de seis tiros e de inflammação central. Quando viu Fix em companhia de mr. Fogg, carregou o rosto. Mas Aouda, fazendo-lhe em poucas palavras a descripção do que se passára, socegou-o. Evidentemente mr. Fix já não era inimigo, era um alliado. Cumpria a sua palavra.

Quando o jantar acabou, foi-se buscar uma carruagem para conduzir os viajantes e as suas bagagens ao caminho de ferro. No momento de subir para a carruagem, mr. Fogg disse a Fix :

— Não tornou a ver o coronel Proctor ?

— Não, respondeu Fix.

— Voltarei á America para o procurar, disse Phileas Fogg com frieza. Não seria conveniente que um cidadão inglez se deixasse tratar de similhante modo.

O agente sorriu e não respondeu. Como se vê, mr. Fogg era d'essa raça de inglezes que, não tolerando no seu paiz o duello, batem-se no estrangeiro quando se trata da sua honra.

As seis menos um quarto, os viajantes chegavam á *gare* e encontravam o comboio prestes a partir.

No momento em que mr. Fogg ía a entrar para o seu compartimento, perguntou a um empregado:

— Meu amigo, não houve hoje alguns tumultos na capital ?

— Foi um *meeting*, respondeu o empregado.

— Comtudo, parece-me que notei uma certa animação nas ruas,

— Tratava-se apenas de um *meeting* para uma eleição.

— Eleição de algum general em chefe, por certo? Perguntou mr. Fogg.

— Não, senhor, de um juiz de paz.

Depois d'esta resposta, Phileas Fogg subiu para o wagon, e o trem partiu a todo o vapor.

CAPITULO XXVI

EM QUE SE TOMA O COMBOIO EXPRESSO DO CAMINHO DE FERRO DO PACIFICO

«De oceano a oceano» — assim dizem os americanos, — e estas tres palavras deviam ser a denominação geral do grande traçado que atravessa os Estados Unidos da America em toda a extensão. Porém, na realidade, o caminho de ferro do Pacifico divide-se em duas partes distinctas: «Pacifico Central» entre San Francisco e Odgen e «Pacifico União» ente Odgen e Omaha. D'aqui partem cinco linhas distinctas que põem Omaha em communição frequente com a cidade de Nova York.

Estão, pois, Nova York e San Francisco presentemente ligadas entre si por uma faixa de metal não interrompida que mede nada menos do que tres mil setecentas e oitenta e seis milhas. Entre Omaha e o Pacifico, o caminho de ferro percorre um territorio frequentado ainda pelos indios e pelas feras — vasta extensão de terreno que os Mormons começaram a colonisar em 1845, depois de terem sido expulsos do Illinois.

Outr'ora, nas circumstancias as mais favoraveis, gastavam-se seis mezes para ir de Nova York a San Francisco. Agora, apenas se gastam sete dias.

Foi em 1862, apesar da opposição dos deputados do Sul, que queriam uma linha mais meridional, que o traçado do caminho de ferro se assentou entre as parallelas

quarenta e uma e quarenta e duas. O presidente Lincoln, de saudosa memoria, fixou em pessoa, na villa de Omaha, estado de Nebraska, o principio da nova linha. Os trabalhos foram logo começados e continuados com a actividade americana, que é contraria a papellada e a formalidades burocraticas. A rapidez dos trabalhos em nada devia prejudicar a boa construcção do caminho. Nos terrenos planos avançava-se na rasão de milha e meia por dia. Uma locomotiva, deslizando sobre os *rails* da vespera, conduzia os *rails* do dia seguinte, e corria logo por elles á proporção que eram collocados.

No seu tracto, o caminho de ferro do Pacifico lança muitos ramaes nos estados de Iowa, de Kansas, do Colorado e do Oregon. Saindo de Omaha, costeia a margem esquerda do rio da Prata até á embocadura da ramificação do norte, segue pela do sul, atravessa os terrenos de Laramie e as montanhas Wahasatch, rodeia o lago Salgado, chega a Lake-Salt-City, capital dos Mormons, mette-se pelo valle de la Tuilla, prolonga-se pelos confins do deserto americano, e ao longo dos montes de Cédar e de Humboldt, Humboldt-river, Sierra Nevada, e torna a descer por Sacramento até ao Pacifico, sem que a sua maior inclinação exceda cento e doze pés por milha, mesmo ao atravessar as montanhas Rocheuses.

Tal era a longa arteria que os trens percorriam em sete dias, e que ía permittir ao respeitavel Phileas Fogg, — pelo menos elle assim os esperava, — tomar logar a 11, no paquete de Nova York para Liverpool.

O wagon occupado por Phileas Fogg era uma especie de omnibus comprido assente sobre dois jogos, formados de quatro rodas cada um, cuja mobilidade permittia atacar curvas de pequeno raio. No interior não havia compartimentos, mas duas filas de logares, dispostos de ambos os lados, perpendicularmente ao eixo, e entre os quaes havia uma passagem reservada que conduzia aos gabinetes de *toilette* e a varios outros de que era provido

cada *wagon*. Em todo o comboio, as carruagens communicavam entre si por meio de passadiços, e os viajantes podiam passear de uma extremidade á outra do comboio, onde havia á sua disposição carruagens-salões, carruagens-terrassos, carruagens para comer e carruagens para tomar café. Só faltavam carruagens-theatros; mas algum dia as haverá.

Sobre os passadiços circulavam incessantemente vendedores de livros e de jornaes, que negociavam com a sua fazenda, e vendedores de licor, de comestiveis, de charutos, a quem não faltavam freguezes.

Os viajantes tinham partido da estação de Oakland ás seis horas. Era já noite, — noite fria, escura, com o céu coberto de nuvens que ameaçavam desfazer-se em neve. O trem não marchava com extrema rapidez. Tomando em conta as paragens, não percorria mais de vinte milhas por hora, velocidade que lhe devia contudo permittir atravessar os Estados Unidos no tempo regulamentar.

Pouco se conversava na carruagem. Demais, o somno bem depressa ía vencer os viajantes. Passepartout estava sentado ao pé do agente de policia, mas não lhe dirigia a palavra. Depois dos ultimos acontecimentos, as suas relações tinham esfriado de um modo extraordinario. Deixara de haver sympathia e intimidade. Fix não mudára nos seus modos, mas Passepartout conservava-se, pelo contrario, n'uma reserva extrema, prompto á primeira suspeita a estrangular o seu amigo de outros tempos.

As oito horas um creado entrou no *wagon* e annunciou aos viajantes que a hora de dormir tinha soado. Este *wagon* era um — *sleeping-car* — carro de dormir, que em poucos instantes passou por uma transformação que o tornava proprio para o uso que o seu nome indicava. Os encostos dos bancos dobravam-se, pequenos leitos que vinham cuidadosamente enfardados, desenrolaram-se por um systema engenhoso. Improvisaram-se, n'um abrir e

fechar de olhos, pequenos camarotes, e bem depressa cada viajante teve á sua disposição uma cama bastante commoda, que espessas cortinas abrigavam dos olhos indiscretos. Os lençoes eram claros, os travesseiros fôfos. Nada mais havia a fazer do que deitar-se e dormir — necessidade a que todos cederam, como se estivessem no camarote delicioso de um paquete, — enquanto o comboio corria com toda a força de vapor através do estado da California.

No tracto do terreno que se estende entre San Francisco e o Sacramento, o solo é pouco accidentado. A porção do caminho de ferro que tem por nome «Central Pacific road» toma Sacramento por ponto de partida, e dirige-se para o Oriente ao encontro da que parte de Omaha. De San Francisco á capital da California a linha corria directamente para o nordeste, costeando o «American-river» que desagua na bahia de S. Paulo. As cento e vinte milhas comprehendidas entre estas duas importantes cidades foram percorridas em seis horas, e pela meia noite, enquanto estavam no primeiro somno, os viajantes passaram por Sacramento. Nada viram por isso d'esta cidade cosideravel, séde da legislatura do estado da California, nem os seus bellos caes, nem as ruas espaçosas, os hoteis esplendidos, as praças e os templos que a adornam.

Saíndo de Sacramento, o trem, depois de ter passado para alem das estações de Junction, de Roelin, de Auburn, e de Colfax, embrenhou-se na Sierra Nevada. Eram sete horas da manhã quando se atravessou a estação de Cisco. Uma hora depois o dormitorio tornára-se um *wagon* ordinario, e os viajantes podiam, através das vidraças, entrever os pontos de vista pittorescos d'este territorio montanhoso. O traçado do caminho subordinava-se aos caprichos de Sierra, e aqui seguia as encostas, acolá suspendia-se por cima dos precipicios, evitando os angulos, que inopinadamente se encontravam, por meio de curvas arrojadas, e internando-se em estreiti-

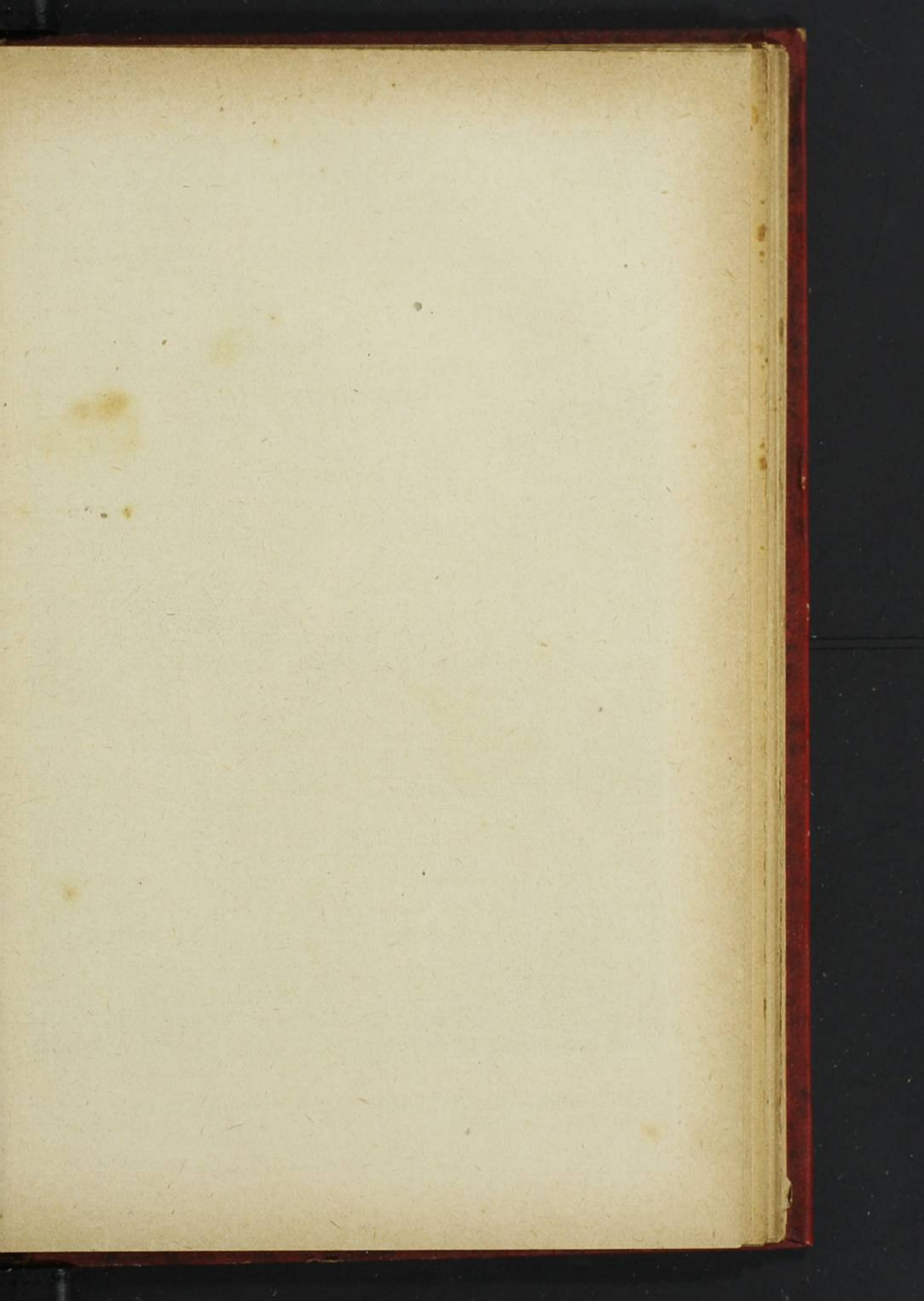
tes desfiladeiros que não pareciam ter saída. A locomotiva como um espelho, com o seu grande fogacho que deitava reflexos afogueados, o sino que parecia de prata, e o guarda calhas que se alongava em forma de esporão, misturava os seus mugidos e os seus silvos com o ruído das torrentes e das cascatas, envolvendo com a sua fumaceira a ramagem negra dos pinheiros.

Poucos ou nenhuns tuneis e raras pontes havia no trajecto. O *rail-road* contornava o flanco das montanhas, não procurando na linha recta o caminho mais curto, e nunca violentando a natureza.

Proximo das nove horas, o comboio penetrava no estado de Nevada, seguindo sempre na direcção do nordeste. Ao meio dia deixava Rens, onde os viajantes tiveram vinte minutos para almoçar.

D'este ponto em diante a via ferrea, costeando Humboldt-River, elevou-se, pelo espaço de algumas milhas, na direcção do norte. Em seguida inclinou-se para o oriente, e não se afastou da corrente do rio antes de chegar ao Humboldt-Rangs, onde elle tem a sua nascente, quasi na extremidade oriental do estado de Nevada.

Depois de almoçarem, mr. Fogg, mrs. Aouda e os seus companheiros tornaram a tomar lugar no *wagon*. Phileas Fogg e a joven, Fix e Passepartout, commodamente sentados, contemplavam a paizagem variada que lhe passava por diante dos olhos — grandes prados, montanhas que se recortavam no horisonte, e impetuosas correntes alvejantes de espuma. Por vezes arrastavam-se ao longe grandes e compactas manadas de bisões, que pareciam diques fluctuantes. Estes numerosos bandos de ruminantes oppõem muitas vezes incrível obstaculo á passagem dos trens. Têm-se visto milhares d'estes animaes desfilar pelo espaço de muitas horas, em esquadões cerrados, através da via ferrea. Quando se dão estes casos a locomotiva é obrigada a parar e esperar que a via fique livre.





Passepartout não teve o menor susto

Foi exactamente o que aconteceu n'esta occasião. Pelas tres horas, um rebanho de dez a doze mil cabeças obstruiu o caminho de ferro. A machina, depois de ter moderado a velocidade, procurou metter o esporão no flanco d'aquelle immensa columna, mas teve de parar diante da impenetravel massa.

Viam-se estes ruminantes, estes bufalos, como propriamente os chamam os americanos — caminhar com o seu passo tranquillo, soltando por vezes formidaveis mugidos. Tinham um tamanho superior aos touros da Europa, as pernas e o rabo curto, o cachaço formando uma corcova muscular, os chifres afastados na base, a cabeça, o pescoço e o lombo cobertos de uma juba de pello comprido. Nem se podia pensar em deter uma transmigração d'estas. Quando os bisões resolvem seguir uma direcção, nada é capaz de os deter ou de lhes modificar a marcha. É uma torrente de carne viva que nenhum dique póde represar.

Os viajantes, dispersos pelos passadiços, contemplavam este curioso espectáculo. Mas o que devia ter mais pressa, Phileas Fogg, ficára no seu logar e esperava philosophicamente que aprouvesse aos bufalos deixarem o caminho livre. Passepartout estava furioso com a demora causada por esta agglomeração de animaes. Teve vontade de descarregar contra elles o seu arsenal de revolvers.

— Que paiz! exclamou. Uns simples bois fazem parar os comboios e vão caminhando proceSSIONalmente, sem a mais pequena pressa, como se não embaraçassem a circulação. Com a fortuna! Desejava muito saber se mr. Fogg previu este contratempo no seu programma! E o tal machinista que não se atreve a lançar a machina através d'este gado tão embaraçoso!

O machinista não havia tentado derribar o obstaculo, e fizera bem. Teria de certo esmagado os primeiros bufalos atacados pelo esporão da locomotiva; mas, por

muito potente que ella fôsse, a machina seria obrigada a parar, dar-se-ia inevitavelmente um descarrilamento, e o comboio ficaria em deploravel situação.

O melhor, pois, era esperar com paciência, e recuperar depois o tempo perdido por uma aceleração da marcha do comboio. O desfilar dos bisões durou tres compridas horas, e a via só ficou livre ao caír da noite. N'aquelle momento, os ultimos bufalos atravessavam os *rails*, enquanto que os primeiros desapareciam no horizonte do sul.

Eram, pois, oito horas quando o trem atravessou os desfiladeiros de Humboldt-Ranges, e nove horas e meia quando penetrou no territorio de Utah, a região do grande lago Salgado, o curioso paiz dos Mormons.

CAPITULO XXVII

EM QUE PASSEPARTOUT SEGUE, COM UMA VELOCIDADE DE VINTE MILHAS POR HORA, UM CURSO DE HISTORIA MORMON

Durante a noite de 5 ou 6 de dezembro o trem correu na direcção de sueste um espaço de quasi cincoenta milhas; em seguida elevou-se outro tanto para o nordeste, aproximou-se do grande lago Salgado.

Pelas nove horas da manhã, Passepartout veio tomar ar para os passadiços. O tempo estava frio, o céu escuro, mas já não caía neve. O disco do sol, amplificado pela nevoa, similhava uma enorme moeda de ouro, e Passepartout entretinha-se a calcular-lhe o valor em libras sterlinas, quando foi distraído d'este trabalho pela aparição de um personagem bastante estranho.

Este personagem, que tomára o comboio na estação de Elko, era homem de estatura elevada, muito trigueiro, de bigode preto, meias pretas, chapéu de seda preta,

colete preto, calça preta, gravata branca e luvas de pelle de cão. Parecia um reverendo. Ia de uma extremidade a outra do comboio, e na portinhola de cada *wagon* pregava com obreias uma especie de cartaz feito á mão.

Passepartout aproximou-se de um dos cartazes e leu que o respeitavel «elder» William Hitch, missionario mormon, aproveitando a sua presença no comboio n.º 48, faria das onze horas para o meio dia, no carro n.º 117, uma conferencia a respeito do Mormonismo, — convidando a ouvir-o todos os *gentleman* desejosos de se instruirem nos mysterios da religião dos Santos dos ultimos tempos.

— Não falto, disse Passepartout, que apenas conhecia do Mormonismo os seus usos polygamos, base da sociedade mormon.

A noticia espalhou-se rapidamente no comboio, que levava uns cem viajantes. N'este numero, trinta, o muito, attraídos pelo engodo da conferencia, occupavam ás onze horas os bancos do carro n.º 117. Passepartout figurava na primeira correnteza dos fieis. Nem seu amo nem Fix se deram ao incommodo de sair dos logares que occupavam.

Á hora annunciada, o *elder* William Hitch levantou-se, e com uma voz bastante irritada, como se fôsse de antemão contradito nas suas palavras, exclamou:

— Digo-vos eu que Joseph Smith é um martyr, que o seu irmão Hyran é um martyr, e que as perseguições do governo da União contra os prophetas vão fazer igualmente um martyr de Brogham Young! Quem ousará sustentar o contrario?

Ninguém se atreveu a contradizer o missionario, cuja exaltação contrastava com a sua physionomia naturalmente serena. Mas com certeza que aquella colera se explicava pelo facto de estar a seita mormon actualmente submettida a duras privações. E, com effeito, o governo dos Estados Unidos acabava, não sem difficul-

dade, de dominar estes fanaticos independentes. O governo assenhoreara-se de Utah, e submetera-a ás leis da União, depois de ter preso Brigham Young, accusado de rebelião e de polygamia. A partir d'esta época, os discipulos do propheta redobram de esforços, e aguardando os actos do governo, resistiam pela palavra ás pretensões do Congresso.

Como se vê, o *elder* William Hitch fazia proselitismo mesmo no caminho de ferro.

E então contou, tornando a sua oração vehemente pelas explosões da voz e pela violencia dos gestos, a historia do Mormonismo desde os tempos biblicos: «como em Israel, um propheta mormon da tribu de Joseph publicou os annaes da nova religião e os legou a seu filho Morom; como, muitos seculos depois, foi feita a traducção d'este livro precioso, escripto em caracteres egypcios, por Joseph Smith junior, cultivador do estado de Vermont, que se deu a conhecer com o propheta mystico em 1825; como, finalmente, um mensageiro celeste lhe appareceu n'uma floresta luminosa, e lhe entregou os annaes do Senhor.

N'este momento alguns ouvintes pouco interessados pela narrativa retrospectiva do missionario, saíram do *wagon*; mas William Hitch, continuando, contou como Smith junior, reunindo o pae, os dois irmãos e alguns discipulos, fundou a religião dos Santos dos ultimos tempos, religião que, adoptada não só na America, mas na Inglaterra, na Scandinavia, na Allemanha, conta entre os seus fieis não só operarios, mas tambem grande numero de pessoas exercendo profissões liberaes; como se fundou uma colonia no Ohio, como se edificou um templo, que custou duzentos mil *dollars* e uma cidade em Kirkland; como Smith veio a ser um banqueiro apprehendedor, e recebeu de um simples expositor de mummies certo papyrus contendo uma narrativa escripta pela mão de Abraham e outros celebres egypcios,

Tornando-se um pouco extensa esta narrativa, as fileiras dos ouvintes rarearam mais ainda, e o auditorio ficou só composto de umas vinte pessoas.

Mas o *elder*, sem se inquietar com esta deserção, contou minuciosamente como foi que Joseph Smith fez bancarrota em 1837; como os seus accionistas o untaram de alcatrão e o rolaram por cima de pennas; como foi que o tornaram a encontrar mais honrado e respeitavel que nunca, annos depois, em Indépendance, no Missouri, feito chefe de uma communitade florescente, que não contava menos de tres mil discipulos, e, perseguido pelo odio dos gentios, como teve de fugir para o Far-West americano.

Estavam ainda presentes dez individuos, e entre elles o bom Passepartout, que era todo ouvidos. Foi assim que soube como, depois de longas perseguições, Smith tornou a apparecer no Illinois e fundou em 1839, sobre as margens do Mississipi, Nauvoola-Belle, cuja população se elevou até vinte e cinco mil almas; como Smith veio ali a ser o *maire*, o supremo juiz e o general em chefe; como em 1843 se propoz candidato á presidencia dos Estados Unidos; e como finalmente, attraído n'um laço, em Carthago, foi mettido n'uma prisão e assassinado por um bando de homens mascarados.

A este tempo Passepartout achava-se só no *wagon* e o *elder*, fitando-o, fascinando-o com as suas palavras, lembrou-lhe que, dois dias depois do assassinato, o seu successor, o propheta inspirado, Brigham Young, abandonando Nauvoo, veio estabelecer-se nas margens do lago Salgado, e que ali, n'este admiravel territorio, em meio d'esse paiz fertil, no caminho dos emigrantes que atravessavam Utah para se dirigirem á California, o novo estabelecimento, graças aos principios polygamos dos Mormons, adquiriu proporções consideraveis.

—E ahi está, acrescentou William Hitch, ahi está porque o ciume do Congresso se manifestou contra nós! ahi está porque os soldados da União pisaram o solo de

Uath! porque o nosso chefe, o propheta Brigham Young, foi preso com menosprezo de toda a justiça! Devemos ceder perante a força? Nunca! Expulsos do Vermont, expulsos do Illinois, expulsos do Ohio, expulsos do Missouri, expulsos do Utah, ainda acharemos algum territorio independente onde levantaremos a nossa tenda... E vós, meu fiel, acrescentou o *elder*, fitando no seu unico ouvinte um olhar colerico, levantareis a vossa á sombra da nossa bandeira?

— Não, respondeu resolutamente Passepartout, que fugiu a final, deixando o energumeno prégar no deserto.

Mas, durante esta conferencia, o comboio marchára rapidamente, e meia hora depois do meio dia chegava á extremidade noroeste do grande lago Salgado. D'ahi podia-se abranger com a vista, n'um grande perimetro, o aspecto d'esse mar interior, que tambem tem o nome de Mar Morto, e no qual desagua um Jordão americano. Lago admiravel, cingido de bellissimas rochas de aspecto selvagem, formadas de grandes camadas encrustadas de sal branco, soberbo lençol de agua, que outr'ora afferecia uma extensão mais consideravel; mas com o andar do tempo as suas margens, subindo pouco a pouco, reduziram-lhe a superficie augmentando-lhe a profundidade.

O lago Salgado, do comprimento de quasi setenta milhas e trinta e cinco de largura, está situado a tres mil e oitocentos pés acima do nivel do mar. Bem differente do lago Asphaltite, que denuncia uma depressão de duzentos pés, é extremamente salgado, e as suas aguas contêm em dissolução materia solida equivalente á quarta parte do seu peso. Quanto ao peso especifico é elle de 1:170, emquanto que o da agua distillada é de 1:1000. Por isso os peixes não podem viver dentro do lago Salgado. Os que o Jordão, o Weber e outros rios ahi deitam morrem logo; não é, porém, verdade que a densidade das aguas seja tal que um homem não possa mergulhar n'ellas.

Em roda do lago, o campo estava admiravelmente cultivado, porque os mormons são habéis em trabalhos agrícolas: por toda a parte *ranchos e corraes* para animais domesticos, searas de trigo, de milho e de sorgo, prados fertilissimos, sebes de roseiras silvestres, massiços de acacias e de euphorbios, tal era o aspecto d'este paiz seis mezes mais tarde, porque n'aquelle momento o solo estava coberto por uma ligeira camada de neve que o cobria em parte.

As duas horas os viajantes apeavam-se na estação de Ogden. O comboio não tinha, pois, tempo de se dirigir á cidade dos Santos pelo pequeno ramal que parte da estação de Ogden. Duas horas bastariam para visitar esta cidade absolutamente americana, é, como tal, edificada pelo modelo de todas as cidades da União, especie de vastos taboleiros de xadrez, de linhas compridas e monotonas, todas cheias da «lugubre tristeza dos angulos rectos» segundo a expressão de Victor Hugo. O fundador das cidades dos Santos não podia subtrair-se á necessidade de symetria que caracteriza os anglo-saxo-nios. N'este paiz tão singular, onde os homens não estão de certo á altura das instituições, tudo é quadrado, as cidades, as casas e as tolices.

As tres horas os viajantes passeavam pelas ruas da cidade, edificada entre a margem do Jordão e as primeiras ondulações dos montes Wahsatch. Poucas os nenhuma igrejas viram, e como monumentos notaram a casa do propheta, o tribunal de justiça e o arsenal; depois observaram o resto da cidade, composta de casas de tijolo azulado, com varandas e galerias, rodeadas de jardins, de acacias, de palmeiras e de alfarrobeiras. Uma muralha feita de calhaus e argilla, construida em 1853, cingia a cidade. Na rua principal, onde se estabelece o mercado, elevavam-se alguns hoteis ornados de pavilhões, entre outros Lake-Salt-House.

Mr. Fogg e os seus companheiros não acharam a ci-

dade muito povoada. As ruas estavam quasi desertas, menos a parte do Templo, onde não chegaram senão depois de ter atravessado muitos bairros rodeados de palissadas. As mulheres eram muito numerosas, o que explica pela singular composição das familias mormons. Não se deve comtudo suppor que todos os mormons sejam polygamos. Cada qual tem a liberdade de o ser ou deixar de ser, mas deve-se observar que as cidadãs de Utah é que principalmente têm interesse em ser desposadas, porque, segundo a religião do paiz, o céu mormon não admitte ao gozo da sua beatitide os celibatarios de sexo feminino. Estas pobres creaturas não parecem nem felizes nem satisfeitas. Algumas, as mais ricas de certo, trajavam jaqueta de seda preta aberta na cintura, por baixo de uma capucha ou de um chale muito modesto. Outras apenas vestiam de chita.

Passepartout, esse, na sua qualidade de celibatario convicto, não olhava sem certo terror para as mormons encarregadas de fazerem, aos magotes, a felicidade de um só mormon. Na maneira sensata por que habitualmente encarava as cousas, quem elle mais lastimava era o marido. Parecia-lhe uma cousa terrivel ter de guiar tantas mulheres através das vicissitudes da vida, e conduzi-las assim em multidão ao paraíso mormon, com a perspectiva de ali as tornar a encontrar na eternidade, em companhia do glorioso Smith, que devia fazer o ornamento d'este logar de delicias. Decididamente não se sentia com vocação, e achava — talvez n'isto se illudisse — que as cidadãs do Great-Lake-City deitavam á sua pessoa olhares um pouco inquitadores.

Felizmente a sua permanencia na cidade dos Santos não devia prolongar-se. As quatro horas menos alguns minutos estavam outra vez na *gare* e tornavam a tomar os seus logares nos *wagons*.

Fez-se ouvir o apito; mas no momento em que as rodas motoras da locomotiva, movendo-se sobre os *rails*,

começavam a imprimir ao trem alguma velocidade, ouviram-se estes gritos: «Parem! parem!».

Não se detem um comboio em movimento. O cavalleiro que proferia estes gritos era evidentemente algum mormon que se demorára. Corria a deitar os bofes pela bôca fóra. Felizmente para elle, a *gare* não tinha nem portas nem muros. Precipitou-se por isso para a via, saltou sobre o estribo da ultima carruagem, e caiu sem folego sobre um banco do *wagon*.

Passepartout, que seguira com interesse os incidentes d'esta gymnastica, veio contemplar o retardatario, pelo qual extremamente se interessou quando soube que este cidadão de Uta não tinha assim tentado a fuga senão depois de uma scena desagradavel de familia.

Quando o mormon tomou folego, Passepartout animou-se a perguntar-lhe com toda a delicadeza quantas mulheres tinha elle só para si, — pois que da maneira que o vira abalar, supunha-lhe vinte, pelo menos.

— Uma, senhor! respondeu o mormon levantando os braços ao céu, uma e já era bastante!

CAPITULO XXVIII

EM QUE PASSEPARTOUT NÃO CONSEGUE FAZER OUVIR
UM ALVITRE RASOAVEL

O comboio, depois de sair de Great-Sal-Lake e da estação de Ogden, subiu durante uma hora na direcção do norte, até Veber-Riber, tendo percorrido quasi novecentas milhas desde que partira de San Francisco. N'este ponto tomou outra vez a direcção do oriente, seguindo o massiço accidentado dos montes Wahsatch. Foi n'esta parte do territorio, comprehendida entre as montanhas Rochosas propriamente ditas, que os americanos lutaram com as maiores difficuldades. Por isso tambem

n'esta porção do trajecto a subvenção do governo subiu a quarenta e oito mil *dollars* por milha, enquanto que não era mais de dezeseis mil *dollars* na planície; mas os engenheiros, como já dissemos, não violentaram a natureza, usaram de estratégia com ella, torneando as difficuldades, e em toda a linha apenas abriram um tunnel de quatorze mil pés de extensão.

Era no lago Salgado mesmo que o caminho de ferro attingia a maior altura. D'este ponto em diante descrevia uma curva muito extensa, abaixando-se para o valle de Bitter-Creek, para depois subir até ao ponto onde se dividem as aguas do Atlantico e do Pacifico. Os pequenos rios eram numerosos n'esta região montanhosa. O Muddy, o Green e outros, foram atravessados sobre pequenas pontes. A medida que se aproximava do termo da viagem, Passepartout ía-se tornando mais impaciente. Fix, pela sua parte, desejava tambem ver-se fóra d'aquella região. Receava as demoras e os accidentes, e tinha mais pressa do que o proprio Phileas Fogg de pôr pé em terra ingleza.

As dez horas da noite parava o trem na estação de Fort Bridger, que elle deixou pouco depois, e vinte milhas mais adiante entrava no estado de Wyoming, — a antiga Dakota, — seguindo todo o valle do Bitter-Creek, d'onde deslisa uma parte das aguas que formam o systema hydrographico do Colorado.

No dia seguinte, 7 de dezembro, houve um quarto de hora de paragem na estação de Green-River. Durante a noite, a neve caíra em abundancia, mas misturada com a chuva, e meio derretida, não podia estorvar a marcha do comboio. Entretanto o mau tempo não deixou de inquietar Passepartout, porque a accumulação da neve, atolando as rodas dos *wagons*, havia de certamente comprometter a viagem.

— Na verdade, dizia elle consigo, que idéa teve meu amo de viajar no inverno! Não podia esperar o bem tempo para augmentar as probabilidades de exito?

Mas, no momento em que o excellente rapaz só se preocupava com o estado do céu e o abaixamento da temperatura, mrs. Aouda experimentava receios mais serios, e que provinham de causa bem differente.

Alguns viajantes tinham descido do *wagon*, e passeavam pela plataforma da estação de Green-River, á espera que o trem partisse. Ora, através da vidraça, a joven reconheceu entre elles o coronel Stemp W. Proctor, o americano que tão grosseiramente se portára com Phileas Fogg no *meeting* de San Francisco. Mrs. Aouda, que não queria ser vista, retirou-se da vidraça.

Esta circumstancia impressionou-a extremamente. Affeição-se ao homem que, por muito friamente que fôsse, lhe dava todos os dias provas da mais absoluta dedicação. Não comprehendia ella de certo toda a profundez do sentimento que o seu salvador lhe inspirava, sentimento a que dava o nome de reconhecimento, mas, sem o saber, na sua alma passava-se mais alguma cousa. Por isso o coração opprimiu-se-lhe quando reconheceu o grosseiro personagem a quem mr. Fogg, cedo ou tarde, queria pedir uma explicação do seu procedimento. Era claro que só o acaso trouxera n'este trem o coronel Proctor, mas, fôsse como fôsse, o certo é que elle estava ali, e tornava-se necessario impedir a todo o custo que Phileas Fogg o avistasse.

Mrs. Aouda, quando o trem se poz novamente a caminho, aproveitou um momento em que mr. Fogg dormitava, para informar Passepartout e Fix do que succedia.

— O tal Proctor está aqui! exclamou Fix. Pois bem, senhora, tranquillise-se, antes de se bater com mr. Fogg ha de bater-se commigo! Parece-me que, no meio de tudo isto, fui eu tambem quem recebeu os mais graves insultos.

— E demais, acrescentou Passepartout, eu o tomo á minha conta, apesar de ser coronel.

— Mr. Fix, volven mrs. Aouda, mr. Fogg não deixára a ninguem o cuidado de o desaffrontar. É homem, como disse, para voltar á America e procurar o seu offensor.

Se elle, portanto, dá pela presença do coronel, não nos será possível impedir um duello que póde ter graves resultados. Convem, pois, que elle o não veja.

— Tem razão, senhora, redarguiu Fix, um duello poderia deitar tudo a perder. Vencedor ou vencido, mr. Fogg demorar-se-ia, e...

— E, acrescentou Passepartout, isso conviria aos *gentleman* do Reform-Club. Dentro de quatro dias havemos de estar em Nova York! Ora bem, se durante quatro dias meu amo não sair do *wagon*, é de esperar que o acaso o não ponha em frente do maldito americano, que Deus confunda! Mas nós impediremos isso...

A conversa ficou n'este ponto. Mr. Fogg acordára, e contemplava a campina, coberta de neve em alguns pontos. Mas quando o não podiam ouvir nem seu amo nem mrs. Aouda, Passepartout disse ao agente de policia:

— Mas, na verdade, o senhor sempre se batia por causa d'elle?

— Hei de fazer tudo o que for possível para o conduzir vivo á Europa! respondeu simplesmente Fix em tom que denunciava resolução inabalavel.

Passepartout sentiu uma especie de arripio por todo o corpo, mas a sua convicção a respeito do amo não passou pela mais leve modificação.

Tratava-se agora de saber se havia algum meio para reter mr. Fogg no seu compartimento, a fim de que elle e o coronel se não encontrassem. Não devia isto ser difficil, pois que o *gentleman* era de indole pouco dada ao movimento e á curiosidade. Em todo o caso o agente de policia julgou ter descoberto esse meio, porque momentos depois dizia a Phileas Fogg:

— São umas horas bem compridas e fastidiosas as que se passam em caminho de ferro.

— Effectivamente, volveu o *gentleman*, mas passam-se.

— A bordo dos paquetes, tornou o agente, tinha o costume de jogar a sua partida de whist.

— Sim, respondeu Phileas Fogg, mas aqui seria difficil. Não tenho cartas nem parceiros.

— Oh! quanto ás cartas, compam-se. Nos *wagons* americanos tudo se vende. Quanto a parceiros, se por acaso aqui a senhora...

— De certo, acudiu a joven com vivacidade. Isso faz parte da educação ingleza.

— E eu, volveu Fix, tenho algumas pretensões a jogar bem esse jogo. Ora nós tres e um morto...

— Como quizer, exclamou Phileas Fogg, encantado de recommençar o seu jogo favorito, mesmo em caminho de ferro.

Passepartout foi mandado em busca do *stewart*, e voltou d'ali a pouco, com dois baralhos completos, com marcas e tentos, e um taboleiro forrado de panno. Não faltava nada. O jogo começou. Mrs. Aouda sabia menos mal o whist, e até recebeu alguns cumprimentos do severo Phileas Fogg. Quanto ao agente era simplesmente de primeira força, e digno de fazer frente ao *gentleman*.

— Agora, disse consigo Passepartout, temol-o seguro, e não se mexe!

As onze da manhã o comboio chegára ao ponto onde se dividem as aguas dos dois oceanos. Era em Passe-Bridger, n'uma altura de sete mil quinhentos e oitenta e quatro pés inglezes acima do nivel do mar, um dos pontos mais elevados em que toca a linha ferrea na sua passagem através das montanhas Rochosas. Quasi duzentas milhas mais adiante, os viajantes achar-se-iam finalmente sobre essas extensas planicies que se estendem até ao Atlantico, e que a natureza tornava proprias para o estabelecimento de um caminho de ferro.

Na vertente da bacia atlantica já se viam os primeiros rios, confluentes do North-Platte-river. Todo o horisonte do norte e do oriente estava encoberto pela immensa cortina semi-circular que fórma a porção septentrional das Rocky-Mountains, dominada pelo pico de Laramia. Entre

esta curva e o caminho de ferro estendiam-se vastas planícies abundantemente regadas. À direita da linha ferrea sobrepunham-se em fôrma de degraus as primeiras rampas do massiço montanhoso que se arredonda ao sul até ao rio de Arkansas, um dos maiores tributarios do Missouri.

Meia hora depois do meio dia, os viajantes entreviam por um momento o forte Halleck, que domina esta região. A neve cessára de cair. O tempo tornava-se secco e frio. Grandes passaros, assustados pela locomotiva, fugiam ao longe. Nenhuma fera, urso ou lobo, apparecia na planicie. Era o deserto na sua nudez.

Depois de um almoço bastante confortativo, servido mesmo no *wagon*, mr. Fogg e os seus parceiros recommençavam o interminavel whist, quando se ouviram fortissimos gritos. O comboio parou.

Passepartout metteu a cabeça pela portinhola e nada viu que motivasse a paragem. Não estava proxima nenhuma estação.

Mrs. Aouda e Fix tiveram rasão para recear por um momento que mr. Fogg quizesse apear-se. Mas o *gentleman* contentou-se com dizer ao creado:

— Veja o que é.

Passepartout saltou para fóra do *wagon*. Uns quarenta passageiros tinham já abandonado os seus logares, entre elles o coronel Stamp W. Proctor.

O comboio parára por causa de um signal vermelho que impedia a passagem. O machinista e o conductor tinham-se apeado, e discutiam acaloradamente com um guarda, a quem o chefe da estação proxima de Medecine-Bow mandára sair ao encontro do comboio. Alguns viajantes tinham-se aproximado do grupo e tomavam parte na discussão;—entre elles achava-se o mencionado coronel Proctor, com a sua voz altiva e gestos imperiosos.

Passepartout, que se reunira ao grupo, ouviu o guarda dizer :

— Não! não ha meio de passar! A ponte de Medecine-Bow está aluida e não poderia com o peso do comboio.

A ponte em questão era uma ponte pensil lançada sobre um desfiladeiro, ao fundo do qual corria uma torrente impetuosa, e que ficava a uma milha de distancia do lugar onde o comboio parára. No dizer do guarda, ameaçava ruina, tinha muitos fios quebrados, e era impossivel atravessal-a. O guarda não exagerava. E demais, com a indole negligente dos americanos, póde-se dizer que em elles se mettendo a prudentes, é loucura não o ser.

Passepartout não se atrevia a ir prevenir o amo, e escutava aquillo, com os dentes cerrados e immovel como uma estatua.

— Ora bem! bradou o coronel Proctor, parece-me que não havemos de ficar aqui a crear raizes na neve!

— Coronel, redarguiu o conductor, telegraphou-se para a estação proxima de Omaha pedindo um comboio, mas não é provavel que chegue a Medecine-Bow d'aqui a menos de seis horas.

— Seis horas! exclamou Passepartout.

— De certo, respondeu o conductor: Demais, esse tempo ser-nos-ha necessario para alcançar a estação a pé.

— A pé! exclamaram os viajantes.

— Mas a que distancia fica então essa estação? perguntou um d'elles ao conductor.

— A doze milhas, do outro lado do rio.

— Doze milhas pelo menos! exclamou W. Proctor.

O coronel soltou uma enfiada de pragas, queixando-se da companhia, queixando-se do conductor; e Passepartout, furioso, não estava longe de fazer côro com elle. Surgia um obstaculo, contra o qual se tornavam inuteis d'esta vez todas as notas de seu amo.

E demais, o desgosto era geral entre os viajantes, que, alem da demora, se viam obrigados a andar quinze milhas sobre uma planicie coberta de neve. Por isso levantou-se logo grande borborinho, ouviram-se exclamações, e vocí-

ferações que teriam de certo despertado a atenção de Phileas Fogg, se o *gentleman* não estivesse tão aborvido no seu jogo.

Mas já Passepartout reconhecia a necessidade de o prevenir, e dirigia-se de cabeça baixa para o *wagon*, quando o machinista do comboio, — um verdadeiro yankee chamado Forster, — elevando a voz, disse:

— Senhores, talvez houvesse meio de passar.

— Sobre a ponte? redarguiu um viajante.

— Sobre a ponte.

— Com o comboio? perguntou o coronel.

— Com o comboio.

Passepartout parára, e escutava com avidez as palavras do machinista.

— Mas a ponte ameaça ruína? voltou o conductor.

— Não importa, redarguiu Forster. Parece-me que, lançando o trem com toda a velocidade, haverá algumas probabilidades de passarmos.

— Demonio! exclamou Passepartout.

Mas um certo numero de viajantes tinham ficado seduzidos com as palavras do machinista. A proposta agradava particularmente ao coronel Proctor. Este cerebro esquentado achava a cousa facil. Lembrou mesmo que certos engenheiros tinham tido a idéa de fazer passar os rios sem pontes, por meio de comboios rigidos lançados com toda a velocidade, etc. E a final de contas, todos os interessados na questão foram do parecer do machinista.

— Temos cincoenta probabilidades de passar, dizia um.

— Sessenta, dizia outro.

— Oitenta!... noventa sobre cem!

Passepartout estava estonteado; apesar de se sentir disposto a tentar tudo o que fôsse possível para realisar a passagem de Medecine-Creek, a tentativa parecia-lhe comtudo americana de mais.

— Depois, ha uma cousa muito mais simples a fazer, pensou elle, e esta gente nem sequer se lembra d'ella!...

Senhor, disse elle a um dos viajantes, o meio proposto pelo machinista parece-me um pouco arrojado, mas...

— Oitenta probabilidades, redarguiu o viajante que lhe voltou as costas.

— Bem sei, tornou Passepartout dirigindo-se a um outro *gentleman*, mas uma simples reflexão...

— Nada de reflexão, é escusado! exclamou o americano encolhendo os hombros, visto que o machinista affirma que se póde passar!

— De certo, voltou Passepartout, de certo que se passa, mas seria talvez mais prudente...

— O que! prudente! exclamou o coronel Proctor, a quem esta palavra, que ouviu casualmente, fez dar um pulo. Com toda a velocidade, é o que se diz! Comprehen-de? Toda a velocidade!

— Bem sei, comprehendo... repetia Passepartout, a quem ninguem deixava concluir a phrase, mas seria, já não digo mais prudente, porque esta palavra desagrada-lhes, pelo menos mais natural...

— O que? o que? Que está elle a dizer com o seu natural?... exclamaram de todos os lados.

O pobre moço já não sabia de quem se fizesse ouvir.

— Tem medo? perguntou-lhe o coronel Proctor.

— Eu! medo! exclamou Passepartout. Bem, como quizerem. Vou mostrar a esta gente que um francez póde ser tão americano como elles!

— Para o comboio, para o comboio! exclamava o conductor.

— Sim, para o comboio, repetia Passepartout, para o comboio! e depressa. Mas não me impedem de entender que o mais natural era fazer-nos primeiramente passar a pé a ponte, e depois que passasse o comboio.

Mas ninguem ouviu esta prudente reflexão, e ninguem de certo reconheceria quanto ella era plausivel.

Os viajantes tornaram a entrar para os *wagons*. Passepartout retomou o seu lugar, sem dizer cousa alguma do

que se passára. Os jogadores estavam todos absortos no jogo.

A locomotiva assobiou vigorosamente. O machinista fez recuar o trem quasi uma milha, — manobrando como um saltador que quer formar o pulo.

Depois, a um segundo silvo, a marcha para a frente recommçou. Accelerou-se; bem depressa a velocidade se tornou terrivel; só se ouvia uma especie de uivo que a locomotiva soltava; os embolos davam vinte movimentos por segundo; os eixos das rodas fumagavam. Sentia-se, por assim dizer, que o comboio, marchando com uma rapidez de cem milhas por hora, já não pesava sobre os *rails*. A velocidade destruia o peso.

E passou! Foi como um relampago. Nem se via a ponte. O comboio saltou, pôde-se assim dizer, de uma a outra margem, e o machinista não conseguiu deter a machina, levada do impulso, senão cinco milhas para além da estação onde devia parar.

Apenas, porém, tinha o comboio transposto o rio, a ponte, definitivamente arruinada, desmoronava-se, e caía com estrondo na torrente de Medecine-Bow.

CAPÍTULO XXIX

ONDE SE FARÁ UMA NARRAÇÃO DE INCIDENTES DIVERSOS,
QUE SÓ SE ENCONTRAM NOS CAMINHOS DE FERRO DA UNIÃO

N'aquella mesma noite o trem, proseguindo a marcha livre de obstaculos, passava para além do forte Sanders, transpunha o desfiladeiro de Cheyenne, e chegava ao de Evans. N'este ponto, o caminho de ferro attingia a maior elevação do seu traçado, isto é, ficava oito mil noventa e um pés acima do nivel do oceano. Os viajantes só tinham agora que descer até ao Atlantico sobre essas planicies sem limites, niveladas pela natureza.

Era aqui, no «grande trunk», que estava situado o ramal de Denver-City, a principal cidade do Colorado. Este territorio é rico em minas de ouro e de prata, e mais de cincoenta mil habitantes ali têm fixado a sua residencia.

N'este momento já se contavam mil trezentas oitenta e duas milhas andadas desde que o comboio partira de San Francisco, no espaço de tres dias e tres noites. Segundo todas as previsões, deviam bastar quatro dias e quatro noites para o comboio chegar a Nova York. Phileas Fogg conservava-se, pois, dentro dos prazos regulamentares.

Durante aquella noite deixaram á esquerda o campo Walbah. O Lodge-pole-creek corria parallelo á via, seguindo a fronteira rectilinea commum aos estados de Wyrming e do Colorado. As onze horas entravam no Nebraska, passavam proximo de Sedgwick, e chegavam a Julesburgh, situado na ramificação sul do Platte-river.

Foi n'este ponto que em 23 de outubro de 1867 se fez a inauguração do *Union Pacific-Road*, cujo engenheiro em chefe foi o general J. M. Dodge. Ali pararam as duas potentissimas locomotivas, que puxavam os nove *wagons* dos convidados, no numero dos quaes figurava o vice-presidente, mr. Thomas C. Durant; ali reboaram os vivas; ali os siús e os pawnios deram o espectáculo de uma pequena guerra indiana; ali arderam grandes fogos de artificio; ali finalmente se publicou, por meio de uma imprensa portatil, o primeiro numero do jornal *Railway Pioneer*. Assim foi celebrada a inauguração d'este grande caminho de ferro, instrumento de progresso e de civilização, lançado através do deserto, e destinado a ligar villas e cidades que não existiam ainda. O silvo da locomotiva, mais potente que a lyra de Amphion, ía bem depressa fazel-as surgir do solo americano.

As oito horas da manhã o forte Marc-Person ficára

para traz. Trezentas cincoenta e sete milhas separam este ponto de Omaha. A via ferea, seguia por sobre a margem esquerda, as caprichosas sinuosidades do braço meridional do rio da Prata. As nove horas chegavam á importante cidade de North-Platte, edificada entre os dois braços d'aquella immensa corrente, os quaes se unem, depois de a rodear, formando d'ali em diante uma só arteria, — confluenta importante cujas aguas se confundem com as do rio Missouri, um pouco acima de Omaha.

Mr. Fogg e os seus parceiros tinham recommçado o jogo. Nenhum d'elles se queixava da demora da viagem, — nem mesmo o morto. Fix começára por ganhar alguns guinéus, que estava em risco de perder, mas nem por isso se mostrava mais entusiasmado que mr. Fogg. A sorte favoreceu extraordinariamente este cavalheiro toda a manhã. Os trunfos e as cartas de mais valor choviam-lhe nas mãos. Em certo momento, depois de ter combinado um lance audacioso, preparava-se para jogar espadas, quando ouviu uma voz por de traz d'elle dizer-lhe :

— Eu jogava ouros...

Mr. Fogg, mrs. Aouda e Fix levantaram a cabeça. O coronel Proctor estava ao pé d'elles.

Stamp W. Proctor e Phileas Fogg reconheceram-se mutuamente.

— Ah! por aqui, senhor inglez! exclamou o coronel, é o senhor que queria jogar espadas!

— E que jogo, redarguiu friamente Phileas Fogg, deitando na mesa um dez de espadas.

— Pois bem, eu quero que sejam ouros, replicou o coronel Proctor com voz irritada.

E fez menção de agarrar a carta jogada, acrescentando :

— O senhor não entende nada d'este jogo.

— Talvez seja mais habil em outro, disse Phileas Fogg, levantando-se.

— É do senhor que depende a experiencia, filho de John Bull? replicou o grosseiro personagem.

Mrs. Aouda fizera-se pallida. Todo o sangue lhe refluiu para o coração. Machinalmente agarrou no braço de Phileas Fogg, que a repelliu com brandura. Passepartout estava quasi a lançar-se sobre o americano, que fitava o seu adversario com olhar insultante. Mas Fix levantou-se, indo direito ao coronel Proctor, disse-lhe :

— Esquece-se de que é commigo a questão, commigo a quem o senhor não só injuriou, mas aggredu!

— Mr. Fix, disse Phileas Fogg, peço-lhe perdão, mas isto só a mim diz respeito. Pretendendo que andei mal em jogar espadas, o coronel fez-me nova injuria, e ha de dar-me uma satisfação.

— Quando e onde quizer, redarguiu o americano, e com a arma que lhe agradar!

Mrs. Aouda debalde procurou reter mr. Fogg. O agente tentou em vão tomar sobre si a contenda. Passepartout queria atirar o coronel pela portinhola, mas um signal do amo conteve-o. Phileas Fogg saiu do *wagon*, e o americano seguiu-o sobre o passadiço.

— Senhor, disse mr. Fogg ao seu adversario, tenho muita pressa de voltar para a Europa, e a mais pequena demora prejudicaria muito os meus interesses.

— Mas o que tenho eu com isso? redarguiu o coronel Proctor.

— Senhor, volveu mr. Fogg com toda a delicadeza, depois do nosso encontro em San Francisco eu tinha formado o projecto de vir ter com o senhor á America logo que concluísse os negocios que me chamam ao velho continente.

— Na verdade!

— Quer aprazar uma entrevista para d'aqui a seis mezes?

— Porque não ha de ser para d'aqui a seis annos?

— Disse seis mezes, volveu mr. Fogg, e serei pòntual.

— Desculpas! exclamou Stamp W. Proctor. Agora ou nunca.

— Seja agora, retorquiu mr. Fogg. Vae para Nova York?

— Não.

— Para Chicago?

— Não.

— Para Omaha?

— Pouco lhe deve importar isso! Conhece Plum-Creek?

— Não, respondeu mr. Fogg.

— É a estação proxima. D'aqui a uma hora deve lá chegar o trem. Tem n'esse ponto uma demora de dez minutos. Em dez minutos podem-se trocar alguns tiros de revolver.

— Bem, disse mr. Fogg. Deter-me-hei em Plum-Creek.

— Parece-me até que lá ha de ficar! acrescentou o americano com uma insolencia sem igual.

— Quem sabe! exclamou mr. Fogg, e voltou ao *wagon*, tão tranquillo como de costume.

O *gentleman* começou por socegar mrs. Aouda, dizendo-lhe que os fanfarrões não eram nunca para reear. Depois rogou a mr. Fix que lhe servisse de testemunha no duello que ía travar-se. Fix não podia dizer que não e mr. Fogg recommçou tranquillamente o seu jogo interrompido, jogando espadas com perfeita serenidade.

Pelas onze horas annunciou o apito da locomotiva a aproximação da estação de Plum-Creek. Mr. Fogg levantou-se, e seguido de Fix, dirigiu-se para o passadiço. Passepartout acompanhava-o com um par de revolvers. Mrs. Aouda ficára no *wagon*, pallida de morte.

N'este momento a porta do outro *wagon* abriu-se e o coronel Proctor appareceu tambem no passadiço, seguido da sua testemunha, um yankee da mesma tempera. Mas no instante em que os dois adversarios íam descer para a via, o conductor appareceu e gritou-lhes:

— Não se póde descer, senhores.

— Mas porque? perguntou o coronel.

— Ha um atrazo de vinte minutos, e o trem não pára.

— Mas eu tenho de me bater com este senhor.

— Sinto muito, redarguiu o empregado ; temos, porém, de partir no mesmo instante. Ali está a tocar o sino !

Effectivamente tocava, e o trem tornou a pôr-se a caminho.

— Tenho realmente muita pena do que succede, disse então o conductor. Em qualquer outra occasião poderia têl-os obsequiado. Mas a final, já que não têm tempo de se baterem aqui, quem os impede de se baterem em caminho ?

— Isso talvez não conviesse a este senhor ! disse o coronel Proctor em tom chocarreiro.

— Convem-me perfeitamente, redarguiu Phileas Fogg.

— Vamos lá, não ha duvida alguma de que estamos na America ! pensou Passepartout, e o conductor do comboio é um cavalheiro da melhor sociedade !

E dizendo isto consigo seguiu o amo.

Os dois adversarios e os padrinhos, precedidos do conductor, dirigiram-se, passando de uns *wagons* para os outros, á trazeira do comboio. O ultimo *wagon* estava occupado por uns doze viajantes apenas. O conductor perguntou-lhes se teriam a condescendencia de deixarem o logar livre a dois *gentleman* que queriam resolver uma pendencia de honra.

— Pois não ! responderam todos.

E os viajantes mostraram a maior satisfação de poderem ser agradaveis aos dois cavalheiros, e retiraram-se para os passadiços.

O *wagon*, de uns cincoenta pés de comprimento, prestava-se muito bem ao caso. Podiam os dois adversarios caminhar um para o outro e arcabuzarem-se muito á vontade. Nunca houve duello mais facil de regular. Mr. Fogg e o coronel Proctor, cada qual munido de um revolver de seis tiros, entraram no *wagon*. Os padrinhos, que ficaram de fóra, fecharam-n'os lá dentro. Ao primeiro silvo da locomotiva deviam começar o fogo...

Depois, passados dez minutos, tirar-se-ia do *wagon* o que restasse dos dois cavalheiros.

Na verdade, nada mais simples. Era mesmo tão simples, que Fix e Passepartout sentiam o coração bater de modo que parecia querer-lhes estalar o peito.

Esperava-se, pois, o signal convencionado, quando subitamente se ouviram gritos selvagens. Succederam detonações a estes gritos, mas que não partiam do *wagon* reservado aos duellistas. Pelo contrario, as detonações prolongavam-se para a frente do comboio e por toda a linha dos trens. No interior dos *wagons* ouviam-se gritos de terror.

O coronel Proctor e mr. Fogg, de revolver em punho, saíram logo do *wagon* e precipitaram-se para a frente, onde mais estrondosamente se ouviam as detonações e os gritos.

Tinham comprehendido que o comboio fôra atacado por um bando de siús.

Estes atrevidos selvagens não faziam a sua estreia, e mais de uma vez tinham já detido os comboios. Segundo o seu costume, sem esperar que o comboio parasse, saltando sobre os estribos, em numero de cem, tinham trepado para os *wagons* como um *clown* n'um cavallo a galope.

Os indios estavam munidos de espingardas, as quaes originavam as detonações a que os viajantes, quasi todos armados, respondiam com tiros de revolver. Logo no começo os selvagens haviam-se precipitado para a machina. O machinista e o fogueiro estavam quasi prostrados a golpes de maça. Um chefe siú, querendo fazer parar a locomotiva, mas não sabendo manejar a manivella do regulador, tinha introduzido immensa quantidade de vapor em vez de o fechar, e a locomotiva, impellida d'este modo, corria com assustadora velocidade.

Ao mesmo tempo os indios invadiam os *wagons*,

corriam como macacos enraivecidos por cima dos tejadilhos, arrombavam as portinholas e luctavam com os viajantes. Do *wagon* das bagagens, arrombado e saqueado, os fardos eram arremessados para a via. Os gritos e os tiros não cessavam.

Entretanto os viajantes combatiam corajosamente. Alguns *wagons*, defendidos por barricadas construídas de improviso, sustentavam um cerco, como verdadeiros fortes ambulantes, levados com uma rapidez de cem milhas por hora.

Desde o principio do ataque, mrs. Aouda portára-se com a maior coragem. De revolver em punho, defendia-se com heroismo, dando tiros através dos vidros quebrados, quando algum selvagem se lhe apresentava. Uns vinte selvagens, mortalmente feridos, tinham caído na via, e as rodas dos *wagons* esmagavam como vermes os que do alto dos passadiços deslisavam sobre os *rails*.

Muitos viajantes, gravemente feridos pelas balas ou pelas maçãs, jaziam sobre os bancos dos *wagons*.

Entretanto era preciso pôr termo á lucta. Durava ella havia dez minutos e não podia deixar de terminar em favor dos siús, se o trem não parasse. Com effeito, o forte de Kearney estava a menos de duas milhas de distancia. Havia ali um posto americano, mas passado elle, entre o forte Kearney e a estação seguinte, os siús ficariam senhores do comboio.

Batia-se o conductor ao lado de mr. Fogg, quando uma bala o derribou. No momento de cair exclamou:

— Ficamos perdidos, se o trem não pára antes de cinco minutos!

— Ha de parar! exclamou mr. Phileas Fogg, que quiz sair do *wagon*.

— Fique senhor! bradou-lhe Passepartout. Isso é commigo!

Phileas Fogg não teve tempo de deter o corajoso rapaz que, abrindo a portinhola sem ser visto dos indios,

conseguiu deslizar para baixo do *wagon*. E então, enquanto a lucta continuava, enquanto as balas se cruzavam por cima da sua cabeça, tornando a achar a sua agilidade de *clown*, mettendo-se por baixo dos *wagons*, agarrando-se ás correntes, valendo-se das alavancas dos freios, deslizando de uma carruagem para a outra com maravilhosa facilidade, alcançou d'este modo a dianteira do comboio. Não tinha sido visto, nem seria possível verem-n'o.

Ali, suspenso por uma das mãos entre o *wagon* e o *tender* da machina, com a outra desenganchou as cadeias de segurança; mas, em consequencia da tracção do trem, nunca poderia ter desaparafusado o engaste, se um abalo que a machina então experimentou não o tivesse feito saltar, e o comboio, desligado da locomotiva, foi parando pouco a pouco, enquanto que aquella readquiria dobrada velocidade.

Por effeito da força adquirida, o comboio ainda rodou alguns minutos, porém, os freios pozeram-se em movimento no interior dos *wagons*, e a final o comboio parou a menos de cem passos da estação de Kearney.

Attraídos pelos tiros, os soldados do forte acudiram a toda a pressa. Os siús não os esperavam, e antes que o comboio parasse completamente, todo o bando se poz em fuga.

Mas, quando os viajantes se contaram na esplanada da estação, reconheceram que faltavam muitos á chamada, e entre elles o corajoso francez, cuja dedicação os salvara.

CAPITULO XXX

EM QUE PHILEAS FOGG CUMPRE SIMPLEMENTE O SEU DEVER

Tres viajantes, comprehendendo Passepartout, haviam desaparecido. Teriam morrido na lucta? Estariam prisioneiros dos selvagens? Não se podia ainda saber.

Eram numerosos os feridos, mas reconheceu-se que nenhum ferimento fôra de morte. Um dos que se achavam em estado mais grave era o coronel Proctor, que se batera com toda a coragem, e que uma bala na verilha derribara. Foi por isso transportado para a estação, conjunctamente com outros viajantes, cujo estado reclamava prompto tratamento.

Mrs. Aouda estava salva. Phileas Fogg, que não se poupára, não tinha nem uma arranhadura. Fôra ferido n'um braço, mas o ferimento não tinha importancia. Passepartout, porém, não apparecia, e as lagrimas deslisavam dos olhos da joven indiana.

Entretanto todos os viajantes se tinham apeado. As rodas dos *wagons* estavam manchadas de sangue. Dos cubos e dos raios pendiam informes pedaços de carne humana. Sobre a planicie alvacentas divisavam-se, a perder de vista, longos rastos avermelhados. Os ultimos indios desapareciam então no sul, para o lado do Republican-river.

De braços cruzados, mr. Fogg permanecia immovel. Tinha uma grave resolução a tomar. Mrs. Aouda, proxima d'elle, contemplava-o sem proferir uma palavra... Mr. Fogg comprehendeu este olhar. Se o seu servidor estava prisioneiro, não devia tudo arriscar para o tirar do poder dos indios?

— Hei de tornar a encotral-o vivo ou morto, disse elle simplesmente a mrs. Aouda.

— Ah! mr.... mr. Fogg! exclamou a joven, agarrando nas mãos do seu companheiro e cobrindo-as de lagrimas.

— Vivo! acrescentou mr. Fogg, se não perdermos um só minuto!

Por esta resolução Phileas Fogg sacrificava-se completamente. Vinha de sentenciar a propria ruina. Um só dia de demora fazia-lhe faltar ao paquete de Nova-York. A sua aposta ficava irremediavelmente perdida. Mas adiante d'este pensamento: «É o meu dever», não hesitára.

Estava ali o capitão que governava o forte Kearney. Os seus soldados — andavam por uns cem — haviam-se posto na defensiva, receando que os siús tentassem um ataque directo contra a estação.

— Senhor, disse mr. Fogg ao capitão, tres dos viajantes desapareceram.

— Morreram? perguntou o capitão.

— Morreram ou ficaram prisioneiros, respondeu Phileas Fogg. É esta uma incerteza de que é preciso saír-mos. A sua intenção é perseguir os siús?

— Isso seria uma cousa muito grave, senhor, disse o capitão. Os indios podem fugir até para além do Arkansas! Não devo abandonar o forte que me foi confiado.

— Senhor, replicou Fogg, trata-se da vida de tres homens.

— É verdade... mas posso eu arriscar a vida de cinquenta homens para salvar tres?

— Não sei se póde, senhor, sei, porém, que deve.

— Senhor, respondeu o capitão, ninguem precisa aqui de me indicar qual é o meu dever.

— Bem, disse com frieza Phileas Fogg. Irei só!

— Só, o senhor! exclamou Fick que se aproximara, o senhor ir só em perseguição dos indios?

— Quer então que eu deixe morrer esse desgraçado, a quem todos os que aqui estão vivos são devedores da vida? Eu irei.

— Pois bem, não irá só, não! exclamou o capitão, commovido bem o seu pezar. Não! O senhor tem coração excellentel... Trinta homens de boa vontade! acrescentou elle, voltando-se para os soldados.

Toda a companhia deu um passo á frente. O capitão apenas teve que escolher entre estes valentes. Foram designados trinta soldados, e á sua frente poz-se um velho sargento.

— Obrigado, capitão! disse mr. Fogg.

— Permite-me que o acompanhe? perguntou Fix ao *gentleman*.

— Faça o que quizer, senhor, redarguiu Phileas Fogg. Mas se me quer obsequiar, fique ao pé de mrs. Aouda. Se me succedesse alguma desgraça...

Subita pallidez invadiu o rosto do agente de policia. Separar-se do homem a quem seguira passo a passo, e com tanta persistencia! Deixal-o assim aventurar-se n'aquelle deserto! Fix olhou attentamente para o *gentleman*, e apesar das desconfianças que alimentava, apesar do combate que se lhe travou no intimo, baixou os olhos diante d'aquelle olhar sereno e cheio de franqueza.

— Ficarei, disse elle.

Instantes depois, mr. Fogg apertava a mão da joven, e depois de lhe entregar o precioso sacco de viagem, partia com o sargento e a sua pequena força.

Antes, porém, de partir, dissera aos soldados :

— Meus amigos, ha mil libras para vós se salvamos os prisioneiros.

Passavam alguns minutos do meio dia.

Mrs. Aouda retirara-se para um compartimento da *gare*, e ali só, ficou aguardando o resultado da expedição, pensando em Phileas Fogg, na sua generosidade tão simples e grandiosa, na sua coragem tão serena e impassivel. Mr. Fogg sacrificára a fortuna e agora punha a vida em perigo, e tudo isto sem hesitação, por

dever, sem phrases. A seus olhos Phileas Fogg era um heroe.

Quanto ao agente Fix não pensou da mesma maneira, e não podia conter a sua agitação. Passeava inquieto pela esplanada da *gare*. Depois de ter estado por um momento subjugado, tornava a ser o mesmo. Após a partida de Fogg, comprehendeu a tolice que tinha feito em o deixar partir. Pois que! consentira em separar-se d'aquelle homem, a quem seguira em volta do mundo! A sua indole readquiria o predominio, e Fix crimina-se, accusava-se, tratava-se a si mesmo como se fôsse o director da policia metropolitana admoestando um agente apanhado em flagrante delicto de ingenuidade.

—Fui inepto! pensou elle. O outro ha de lhe ter dito quem eu era! Agora onde o ir apanhar? Mas como pude eu deixar-me assim fascinar, eu, Fix, eu que tenho na algibeira a sua ordem de prisão! Decididamente sou animal!

Assim discorria o agente de policia, enquanto as horas deslisavam lentamente. Não sabia o que fizesse. Algumas vezes tinha vontade de tudo dizer a mrs. Aouda. Mas comprehendia como seria recebido pela joven. Que resolução tomar? Sentia tentações de ir através das planicies branqueadas pela neve em perseguição do tal Fogg! Não lhe parecia impossivel tornar a achá-lo. As pégadas do destacamnto estavam ainda impressas no solo!... Mas d'ali a pouco nova camada desfaria todos os vestigios.

Então o desanimo apossou-se de Fix. Experimentou uma especie de invencivel desejo de abandonar a partida. Ora, exactamente n'aquelle momento, offerecia-se-lhe a oportunidade de deixar a estação de Kearney e de continuar a viagem tão fecunda em transtornos.

Com effeito, perto das duas horas da tarde, enquanto a neve caia em grandes flocos, ouviram-se agudos apitos

da banda de leste. Uma sombra enorme, precedida de um clarão avermelhado, avançava com lentidão, consideravelmente augmentada pelo nevoeiro que lhe dava um aspecto phantastico.

Comtudo, ainda não se esperava nenhum trem vindo de leste. Os soccorros reclamados pelo telegrapho não podiam chegar tão depressa, e o trem de Omaha a San Francisco só no dia seguinte devia passar. Porém, bem depressa se soube ao certo o que era aquillo.

A locomotiva, que marchava com pouco vapor, soltando grandes silvos, era aquella que, depois de se ter desprendido do trem, continuára a viagem com velocidade vertiginosa, levando o machinista e o fogueiro inanimados. Correrá sobre os *rails* pelo espaço de muitas milhas; depois o lume começára a amortecer por falta de combustivel; o vapor perdera a tensão, e uma hora depois, diminuindo-se-lhe pouco a pouco o andamento, a machina parava a final, vinte milhas para alem da estação de Kearney.

Nem o machinista nem o fogueiro tinham succumbido, e depois de um desmaio bastante prolongado, haviam voltado a si.

N'este momento a machina parára. Quando o machinista se viu no deserto, não tendo já nenhuns *wagons* atraz de si, comprehendeu o que se passára. Não ponde adivinhar a maneira como a locomotiva se desprendera dos trens, mas o que não lhe offereceu duvida foi que o comboio que ficára para traz carecia de soccorro.

Não hesitou sobre o que devia fazer. Continuar o caminho na direcção de Omaha era prudente; voltar para o sitio onde o comboio se achava era perigoso... Não se importou! Metteu na fornalha algumas pás de carvão e alguns pedaços de lenha, o fogo avivou-se, a pressão tornou a subir, e pelas duas horas da tarde a machina voltava para a estação de Kearney. Era ella que asso- biava em meio do nevoeiro.

Foi grande satisfação para os viajantes o verem a locomotiva pôr-se á frente do comboio. Podiam continuar a viagem tão desgraçadamente interrompida.

Quando a machina chegou, mrs. Aouda saiu da estação, e dirigindo-se ao condutor, perguntou :

— Vae partir ?

— No mesmo instante.

— Mas os prisioneiros... os nossos desgraçados companheiros...

— Não posso interromper o serviço, redarguiu o conductor. Já temos tres horas de atrazo.

— E quando passará o outro trem que vem de San Francisco ?

— Amanhã á noite, senhora.

— Amanhã á noite ! mas então será muito tarde. É preciso esperar...

— É impossivel, respondeu o conductor. Se quer partir, suba para o *wagon*...

— Não parto, replicou a joven.

Fix ouvira a conversa. Alguns momentos antes, quando lhe faltava todo o meio de locomoção, estava resolvido a deixar Kearney, e agora que o comboio se achava ali, prestes a partir, que só tinha a retomar o seu lugar no *wagon*, uma força irresistivel prendia-o ao solo. A esplanada da *gare* queimava-lhe os pés, não podia d'ali arrancar-se. A lucta recomeçava no seu intimo. A colera originada pelo mau resultado das diligencias que até ali fizera, suffocava-o. Queria luctar até á ultima.

Entretanto, os viajantes e alguns feridos — entre outros o coronel Proctor, cujo estado era grave — tinham tomado lugar nos *wagons*. Ouvia-se o ruido da caldeira em ebulição, e o vapor escapava-se pelas valvulas. O machinista apitou, o trem poz-se em marcha, e desapareceu bem depressa, misturando a sua fumaceira com os turbilhões da neve.

O agente Fix deixára-se ficar.

Passaram-se algumas horas. O tempo estava muito mau, fazia um frio intenso. Fix, assentado sobre um banco da *gare*, permanecia immovel. Podia-se suppor que dormia. Mrs. Aouda, apesar da ventaneira, estava a cada momento a saír do aposento que tinha sido posto á sua disposição. Vinha á extremidade da esplanada, e procurava ver através da nevada que caía, diligenciando penetrar o nevoeiro que lhe reduzia o horisonte a estreitos limites, pondo o ouvido á escuta para verificar se se ouvia o mais pequeno ruido. Nada, porém, succedia de novo. Tornava então a recolher-se, toda transida de frio, para voltar momentos depois, mas sempre inutilmente.

Começou a escurecer. O pequeno destacamento não voltára. Onde estaria n'aquelle momento? Teria alcançado os indios? Teria havido lucta, ou os soldados, perdidos em meio do nevoeiro, vagueavam ao acaso? O capitão do forte Kearney estava muito inquieto embora não quizesse dar a perceber o seu desasocego.

Sobreveiu a noite, a neve começou a cair com menos intensidade, mas o frio augmentou. Na planicie reinava silencio absoluto. Nem o vôo de um passaro, nem os passos de algum animal silvestre, perturbavam aquella infinita serenidade.

Durante toda a noite mrs. Aouda, com o espirito cheio de sinistros presentimentos, o coração repleto de angustias, vagueou pela orla da campina. Transportando-se pela imaginação a grande distancia, antevia milhares de perigos. O que ella soffreu durante estas longas horas não poderia dizer-se.

Fix conservava-se immovel no mesmo lugar, mas tambem não dormia. Houve um momento em que um homem se aproximou d'elle, fallou-lhe até, mas o agente despediu-o depois de ter respondido ás suas palavras por um signal negativo.

Passou-se d'este modo a noite. No dia seguinte o disco

meio apagado do sol ergueu-se sobre um horisonte coberto de nevoeiro. Entretanto o olhar podia alcançar até duas milhas de distancia. Fôra para a banda do sul que Phileas Fogg e o destacamento se haviam dirigido... N'aquella direcção a soledade era completa.

Davam então sete horas da manhã.

O capitão, extremamente preocupado, não sabia que resolução tomasse. Deveria enviar um segundo destacamento em auxilio do primeiro? Deveria sacrificar novos homens com tão poucas probabilidades de salvar os primeiros? Mas durou pouco a sua hesitação, e chamando com o gesto um dos seus tenentes, dava-lhe ordem de operar um reconhecimento na direcção do sul, — quando se ouviram tiros. Seria um signal? Os soldados precipitaram-se para fóra do forte, e a meia milha de distancia avistaram um pequeno troço de soldados caminhando em boa ordem.

À frente marchava mr. Fogg, e ao pé d'elle vinham Passepartout e os outros dois viajantes arrancados ao poder dos siús.

Houvera combate a dez milhas ao sul de Kearney. Momentos antes da chegada do destacamento, Passepartout e os seus dois companheiros luctavam contra os guardas, e o francez derribara já tres á força de sôco quando o amo e os soldados se precipitaram em seu soccorro.

Todos, salvadores e salvados, foram acolhidos com brados de alegria, e Phileas Fogg distribuiu aos soldados a gratificação que lhes fôra promettida, ao mesmo tempo que Passepartout repetia consigo, não sem alguma rasão :

— Decididamente, é preciso confessar que eu custo caro a meu amo!

Sem proferir uma palavra, Fix contemplava mr. Fogg, e seria difficil analysar as impdensões que n'elle se debatiam n'aquelle momento. Quanto a mrs. Aouda, pe-

gára na mão do *gentleman*, e apertava-a nas suas, sem poder pronunciar uma palavra.

Entretanto Passepartout, desde que chegára, procurava o comboio. Julgava que o viria ali achar, prompto a partir para Omaha, e esperava que se poderia recuperar o tempo perdido.

— O comboio! o comboio! exclamou elle.

— Partiu já, redarguiu Fix.

— E o comboio seguinte quando passa? perguntou Phileas Fogg.

— Só esta noite.

— Ah! exclamou apenas o impassivel *gentleman*.

CAPITULO XXXI

EM QUE O AGENTE FIX TOMA MUITO A SERIO OS INTERESSES
DE PHILEAS FOGG

Phileas Fogg achava-se em atrazo de vinte horas. Causa involuntaria da demora. Passepartout estava desesperado. Incontestavelmente arruinára o amo.

N'aquelle momento, o agente aproximou-se de mr. Fogg, e olhando bem fito para elle, perguntou-lhe:

— Fallando muito a serio, tem pressa?

— Se tenho, respondeu Phileas Fogg.

— Insisto, redarguiu Fix. Tem muito interesse em estar em Nova York a 11, antes das onze horas da noite, que é quando parte o paquete de Liverpool?

— Grande interesse.

— E se a viagem não fôsse interrompida pelo ataque dos indios, teria chegado a Nova York logo pela manhã?

— De certo, com onze horas de avanço sobre o paquete.

— Bem, n'esse caso tem vinte horas de atrazo. Entre vinte e doze ha differença de oito. São oito horas que tem a aproveitar. Quer tental-o?

— A pé? perguntou mr. Fogg.

— Não, em trenó, respondeu Fix, em trenó de vélas. Alguem me propoz esse meio de transporte.

Era o homem que fallára ao agente n'aquella noite, e cujo offerecimento Fix recusára.

Phileas Fogg não respondeu a Fix; mostrando-lhes este o homem em questão, o *gentleman* foi direito a elle. Um instante depois, Phileas Fogg e o americano, que se chamava Mudge, entravam n'uma cabana construida junto da base do forte de Kearney.

Ahi, mr. Fogg examinou um vehiculo de aspecto bastante singular, especie de taboleiro, collocado sobre duas vigas compridas, um pouco arqueadas para cima na parte dianteira como os pontos de apoio de um trenó, e sobre o qual cinco ou seis pessoas podiam tomar logar. Quasi na frente do taboleiro levantava-se um mastro bastante alto, em que se envergava uma grande véla latina; este mastro, solidamente sustentado por ovens metallicos, tinha um estâe de ferro que servia para içar uma bujarrona de grandes dimensões. A ré, uma especie de leme servia para dirigir a embarcação.

Era, como se vê, um trenó armado em chalupa. No inverno, sobre a planicie coberta de gelo, quando os comboios não podem transitar por causa da neve, estes vehiculos fazem jornadas extremamente rapidas de uma estação para a outra. Demais tem muito panno — mais do que seria conveniente n'um cutter de recreio, que facilmente se pôde virar, — e com o vento á pôpa, deslisam sobre a superficie dos campos com uma rapidez igual, se não superior, ao dos comboios expressos.

Em poucos instantes se ultimou um contrato entre mr. Fogg e o patrão d'este barco terrestre. O vento estava favoravel. De oeste soprava rijo. A neve estava dura, e Mudge compromettera-se a levar mr. Fogg á estação de Omaha em poucos horas. Ali os comboios são muito frequentes e numerosas as vias que conduzem a Chicago e a

Nova York. Não era impossível recuperar o tempo perdido. Não e devia hesitar na experiência.

Mr. Fogg, tendo pouca vontade de expor mrs. Aouda ás torturas de uma viagem ao ar livre, no meio de um frio que a velocidade tornaria mais insupportavel ainda, propoz-lhe que ficasse entregue ao cuidado de Passepartout na estação de Kearney. O excellent moço encarregava-se de reconduzir a joven á Europa por uma via melhor e em condições mais acceitaveis.

Mrs. Aouda não quiz separar-se de mr. Fogg, e Passepartout folgou muito com esta determinação. Com effeito, por cousa nenhuma do mundo queria elle separar-se do amo, visto que Fix o devia acompanhar.

Quanto ao agente, difficil seria dizer o que elle pensava.

Estaria um pouco abalada a sua convicção, em vista do regresso de Phileas Fogg, ou tel-o-ia por um velhaco de grande força, que, depois de haver feito a volta do mundo, se julgava absolutamente seguro em Inglaterra? Talvez que a opinião de Fix a respeito de mr. Fogg se achasse effectivamente modificada. Mas nem por isso estava menos resolvido a cumprir o seu dever, e apressar, quanto lhe fôsse possível, o regresso a Inglaterra.

As oito horas o trenó estava prompto a partir. Os viajantes,—quasi se poderia dizer, os passageiros—tomavam logar n'elle e envolviam-se muito bem nas suas mantas de viagem. Foram içadas as duas vélas, e, sob o impulso do vento, deslizou o vehiculo sobre a neve com uma rapidez dê quarenta milhas por hora.

A distancia que separa o forte Kearney de Omaha, é em linha recta — a vôo de abelha, como dizem os americanos — de duzentas milhas o muito. Se o vento não amainasse, em cinco horas podia ser vencida esta distancia. Se não houvesse nenhum incidente, á uma hora da tarde devia o trenó chegar a Omaha.

Que jornada! Os viajantes, apertados uns contra os outros, não podiam conversar. Augmentando pela velocidade,

o frio ter-lhes-ia cortado a palavra. O trenó deslisava tão serenamente pela superficie da planicie como uma embarcação pela superficie das aguas, — com o balanço de menos. Quando o vento, varrendo o solo, accommettia o trenó, parecia que o iam levantar as vélas — azas enormes de immensa envergadura. Mudge, conservava o vehiculo em linha recta, e com um movimento do leme, rectificava os desvios que o aparelho tendia a fazer. Ia-se com todo o panno. O mestre içou tambem um redondo, e, largando um gaff-tope, augmentou a força da impulsão que arras-tava o trenó. Não era possivel avalial-a mathematicamente, mas com certeza que a velocidade do trenó não devia ser de menos de quarenta milhas por hora.

— Se não se despedaçar cousa alguma, disse Mudge, devemos chegar ao noso destino.

E Mudge tinha interesse em chegar no praso estipulado. Mr. Fogg, fiel ao seu systema, estimulára-o com a promessa de uma gratificação.

A campina, que o trenó cortava em linha recta, era plana como o mar. Parecia um immenso tanque gelado. O caminho de ferro que atravessava esta parte do territorio subia do sueste para o nordeste, por Grand-Island, Columbus, cidade importante de Nebraska, Schuyler, Fremont, e depois Omaha. Em toda a sua extensão seguia a margem direita do Platte-river. O trenó, para abreviar esta extensão, tomava a corda do arco descripto pela via ferrea. Mudge não podia reccar que o Platte-river lhe embaraçasse o trajecto, no pequeno cotovello que este rio faz adiante de Fremont, porque as suas aguas estavam geladas. O caminho achava-se, pois, completamente livre de obstaculos, e Phileas Fogg só tinha duas circumstancias de que reccar: uma avaria no aparelho, ou alguma mudança do vento.

Podia tambem succeder que o vento caísse, mas, por enquanto, nem sequer abrandava. Pelo contrario, soprava de modo que fazia vergar o mastro que os ovens de ferro

aguentavam solidamente. Estes fios de metal, semelhantes ás cordas de um instrumento, soavam como se algum arco os fizesse vibrar. O trenó voava em meio de uma harmonia plangente, de sonoridade muito particular.

— Estas cordas dão a quinta e a oitava, disse mr. Fogg.

Foram as unicas palavras que elle pronunciou durante a viagem. Mrs. Aouda, cuidadosamente embuçada nas mantas de viagem, estava, quanto era possivel, abrigada do frio.

Quanto a Passepartout, com as faces vermelhas como o disco solar quando se occulta em meio do nevociro, aspirava este ar penetrante. Com a indole propensa á extrema confiança de que era dotado, a esperança renascera-lhe. Em vez de chegarem de manhã a Nova York, chegariam á noite, mas havia ainda algumas probabilidades para que fôsse antes da partida do paquete de Liverpool.

Passepartout sentia mesmo grandes desejos de apertar a mão do seu alliado. Não se esquecia de que fôra o proprio agente que procurára o trenó de vélas, e, portanto, o unico meio que havia de chegar a Omaha em tempo util. Mas, fôsse por que presentimento fôsse, conservou-se na costumada reserva.

Em todo o caso, uma coisa nunca Passepartout esqueceria era o sacrificio que mr. Fogg fizera, sem hesitação, para o arrancar ás mãos dos siús. N'aquella empreza arriscára mr. Fogg a fortuna e a vida... Não, o fiel servidor jámais o esqueceria!

Enquanto cada um dos viajantes se entregava a tão diversas reflexões, deslisava rapido o trenó sobre o immenso tapete de neve. Nem sequer conheciam se passavam por algum confluente ou sub-confluente de Little-Blue-River. Os campos e as torrentes desapareciam sob um lençol de alvura uniforme. A planicie estava completamente deserta. Compreendida entre o Union-Pacific-road e o ramal que deve ligar Kearney com S. José, formava uma espe-

cie de grande ilha deshabitada. Nem uma villa, nem uma estação, nem mesmo um forte. De tempos a tempos via-se passar como um relampago alguma arvore de carrancudo aspecto, cujo espectro esbranquiçado se contorcia fustigado pelo vento. De quando em quando alguns bandos de passaros selvaticos levantavam subitamente o vôo uniforme. As vezes, tambem, numerosas alcatéas de lobos, magros, esfaimados, incitados pela ferocidade da fome, corriam em perseguição do trenó. Então, Passepartout, de revolver na mão, preparava-se para fazer fogo sobre os mais proximos. Se algum accidente detivesse n'aquelle momento o trenó, atacados por estes ferozes animaes carnivoros, os viajantes teriam corrido os maiores perigos. Mas o trenó sustentava perfeitamente a carreira, não tardava em alcançar grande avanço, e bem depressa todo o bando uivador ficava para trás.

Ao meio dia, Mudge reconheceu por alguns indicios, que passava pela corrente gelada do Platte-river. Nada disse, mas já tinha a certeza de que vinte milhas mais longe, alcançaria a estação de Omaha.

E com effeito, não se passou uma hora que este guia habil, largando o leme, se precipitasse para as adriças e ferrasse o panno, enquanto o trenó, levado do seu irresistivel impulso, corria ainda meia milha em arvore secca. A final parava, e Mudge, mostrando um ajuntamento de telhados branqueados pela neve, dizia :

— Chegámos.

Tinham effectivamente chegado á estação que, por meio de numerosos comboios, está em comunicação quotidiana com a parte oriental dos Estados Unidos !

Passepartout e Fix saltaram para terra, sacudindo os membros entorpecidos. Ajudaram mr. Fogg e a joven a descer do trenó. Phileas Fogg pagou generosamente a Mudge, ao qual Passepartout apertou a mão, como se fôsse a um amigo, e todos se precipitaram para a *gare* de Omaha.

É n'esta importante cidade de Nebraska onde pára o caminho de ferro do Pacifico propriamente dito, que põe a bacia do Mississippi em communicação com o Oceano. Para se ir de Omaha a Chicago, o rail-road, sob o nome de «Chicago-Rock-island-road», corre directamente para leste, ligando cincoenta estações entre si.

Estava prestes a partir um comboio directo. Phileas Fogg e os seus companheiros apenas tiveram tempo de se precipitar n'um *wagon*. Nada viram de Omaha, mas Passepartout confessou a si mesmo, que não tinha motivos para se lastimar, porque não era d'isso que se tratava.

Com extrema rapidez, o comboio passou pelo estado de Iowa, por Council-Bluffs e Iowa-City. N'aquella noite atravessava o Mississippi em Daven-port, e pela Rock-Island entrava no Illinois. No dia seguinte, io, ás quatro horas da tarde, chegava a Chicago, que já surgira das suas ruínas, e que, mais soberba que nunca, se assentava nas margens do seu bello lago Michigan.

Novecentas milhas separam Chicago de Nova York. Mr. Fogg transportou-se de uma para outra cidade com a maior rapidez. A veloz locomotiva do «Pittsburg-Fort-Wayne-Chicago-rail-road» partiu a toda a força do vapor como se comprehendesse que o respeitavel *gentleman* não tinha tempo a perder. Atravessou como um raio a Indiana, o Ohio, a Pennsilvania, a Nova Jersey, passando por cidades de nomes antiquados, das quaes algumas tinham ruas e *tramways*, mas não tinham ainda casas. Finalmente appareceu o Hudson, e a 11 de dezembro, pelas onze horas e um quarto da noite, o trem parava na estação, situada na margem direita do rio, mesmo em frente do embarcadouro dos vapores da linha Cunard, ou, por outras palavras, da «British and north American royal mail steam packet Co».

O *China*, com destino a Liverpool, partira havia quarenta e cinco minutos!

CAPÍTULO XXXII

EM QUE PHILEAS FOGG SE EMPENHA N'UMA LUCTA DIRECTA
COM A MÁ SORTE

Partindo, o *China* parecia ter levado consigo a ultima esperança de Phileas Fogg.

Com effeito, nenhum dos outros paquetes que fazem o serviço directo entre a America e a Europa, nem os transatlanticos francezes, nem os navios do «White-star-line», nem os *steamers* da companhia Imman, nem os da linha hamburgueza, nem varios outros podiam servir para os projectos do *gentleman*.

O *Pereira*, da companhia transatlantica franceza,— cujos barcos admiraveis igualam em velocidade e excedem em commodidades todos os paquetes das outras linhas sem excepção, — só partia d'ali a dois dias, a 14 de dezembro. Alem d'isso, do mesmo modo que os paquetes da companhia hamburgueza, não ía directamente a Liverpool ou a Londres, mas ao Havre, e a passagem supplementar do Havre a Southampton, demorando Phileas Fogg, annullar-lhe-ia os ultimos esforços.

Quanto aos paquetes Imman, um dos quaes, o *City-of-Paris*, partia no dia seguinte, não se devia nem pensar n'elles. São barcos particularmente destinados a transportes de emigrantes, têm machinas de pouca força, navegam tanto á véla como a vapor, e a sua velocidade é mediocre. Gastam em atravessar de Nova York para Inglaterra mais tempo do que restava a mr. Fogg para ganhar a aposta.

De tudo isto teve o *gentleman* cabal conhecimento consultando o seu *Bradshaw*, que lhe dava informação, dia a dia, dos movimentos da navegação transoceanica.

Passepartout estava anniquilado. Ter faltado ao paquete

por quarenta e cinco minutos, era uma idéa que dava cabo d'elle. A culpa era sua, que em vez de ajudar o amo, não cessára de lhe levantar obstaculos pelo caminho! E quando em seu espirito passava revista a todos os incidentes da viagem, quando calculava as quantias despendidas inutilmente e só no seu interesse, quando pensava que aquella grandiosa aposta, com a addição das despesas consideraveis da viagem agora perdida, arruinava completamente mr. Fogg, cobria-se a si mesmo de injurias.

Comtudo mr. Fogg não lhe dirigiu nenhuma censura, e retirando-se ao embarcadouro dos paquetes trasatlanticos só lhe disse estas palavras :

— Venha d'ahi. Amanhã veremos o que se póde fazer.

Mr. Fogg, mrs. Aouda, Fix e Passepartout atravessaram o Hudson no « Jersey-city-ferry-boat » e subiram para um trem, que os conduziu ao hotel Saint-Nicolas, em Broadway. Pozeram aposentos á disposição dos viajantes, e a noite passou breve para Phileas Fogg, que dormia profundamente, mas muito longa para mrs. Aouda e os seus companheiros, aos quaes a agitação não permittiu que repousassem.

No dia seguinte, eram 12 de dezembro. Das sete horas da manhã de 12, até ás oito e quarenta e cinco minutos da noite de 21 íam nove dias, treze horas e quarenta e cinco minutos. Se, pois, Phileas Fogg tivesse partido na vespera pelo *China*, um dos navios mais velozes da linha Cunard, chegaria a Liverpool, e depois a Londres, no praso exigido!

Mr. Fogg saiu do hotel só, depois de ter recommendado ao creado que o esperasse e prevenisse mrs. Aouda para que estivesse prompta á primeira voz.

Mr. Fogg dirigiu-se ás margens do Hudson, e entre os navios amarrados ao caes, ou ancorados no rio, procurou attentamente com o olhar os que estavam para partir. Muitos barcos tinham o signal de partida e preparavam-se para se fazerem ao largo na maré da manhã,

porque no immenso e admiravel porto de Nova York, não ha dia em que não saiam cem navios para todos os pontos do globo; mas a maior parte eram navios de véla, e não podiam convir a Phileas Fogg.

Parecia o *gentleman* dever falhar na sua ultima tentativa, quando avistou ancorado diante da Batterie um navio de commercio, a helice, airoso de fórmas, e cuja chaminé, vomitando grandes novellos de fumo, indicava que se preparava para partir.

Phileas Fogg chamou um bote, embarcou, e em poucos remadas achou-se na escada do *Henrietta*, vapor construído de madeira e ferro.

O capitão do *Henrietta* estava a bordo. Phileas Fogg subiu á tolda e chamou por elle. O capitão apresentou-se no mesmo instante.

Era um homem de cincoenta annos, uma especie de lobo marinho, um resmungão que não devia ser tratavel. Olhos esbogalhados, rosto côr de cobre oxydado, cabellos avermelhados, cachação de touro,—nada se lhe via no aspecto que denotasse um homem sociavel.

—O capitão? perguntou mr. Fogg.

—Sou eu.

—Eu sou Phileas Fogg, de Landres.

—E eu Andrew Speedy, da Cardiff.

—Vae largar?

—D'aqui a uma hora.

—Tem carregação para...

—Bordéus.

—E de que?

—Pedra no porão. Não estou fretado. Parto em lastro.

—Leva passageiros?

—Não levo, nunca levo passageiros. Mercadoria que embarça e que palra.

—Tem bom andamento o seu navio?

—Faz onze a doze milhas. O *Henrietta* é bem conhecido.

— Quer-me transportar para Liverpool a mim e mais tres pessoas?

— Para Liverpool? Porque não ha de ser para a China?

— Digo para Liverpool.

— Não!

— Não?

— Não. Destino-me a Bordéus, e hei de ir para Bordéus.

— Seja qual for o preço?

— Seja qual for o preço.

O capitão fallára n'um tom que não admittia replica.

— Mas os armadores do *Henrietta*... volven Phileas Fogg.

— Os armadores, sou eu, replicou o capitão: O navio pertence-me.

— Eu frete-lh'o?

— Não.

— Compro-lh'o?

— Não.

Phileas Fogg não pestanejou. Entretanto a situação ía-se tornando grave. Não se passavam as cousas em Nova York como se tinham passado em Hong-Kong; nem succedia com o capitão do *Henrietta* o mesmo que succedera com o mestre da *Tankadére*. Até aqui o dinheiro do *gentleman* vencera sempre os obstaculos. Mas d'esta vez o dinheiro falhava.

Entretanto, era-lhe preciso achar o meio de atravessar o Atlantico em navio, — toda a vez que o não quizesse fazer em balão, — o que seria muito arriscado e, demais, irrealisavel...

Mas parece que Phileas Fogg teve uma idéa, porque disse ao capitão:

— Pois bem, quer transportar-me a Bordéus?

— Não, nem que me pagasse cem dollars!

— Offereço-lhe dois mil (*).

(*) Dois contos de réis.

— Por pessoa ?

— Por pessoa.

— E são quatro ?

— Quatro.

O capitão Speedy começou a coçar na testa com desespero, como se quizesse arrancar a pelle. Oito mil dollars a ganhar sem alterar a viagem, era cousa por amor da qual valia muito a pena pôr de lado a sua antipathia declarada contra toda a especie de passageiros. Demais, passageiros a dois mil dollars já não são passageiros, são mercadoria preciosa.

— Parto ás nove horas, disse com toda a simplicidade o capitão Speedy, e se o senhor e os seus apparecerem ?...

— As nove horas estaremos a bordo ! redarguiu Philias Fogg com simplicidade não inferior.

Eram oito e meia. Desembarcar do *Henrietta*, subir para uma carruagem, dirigir-se ao hotel Saint-Nicolas, e trazer mrs. Aouda, Passepartout e até o inseparavel Fix, a quem graciosamente offereceu passagem, foi o que o *gentleman* fez com a serenidade que não o abandonava em circumstancia alguma.

No momento em que o *Henrietta* levantava ferro, já se achavam todos quatro a bordo.

Quando Passepartout soube quanto custava esta ultima viagem, soltou um d'esses « Ah ! » prolongados, que percorrem todas as notas da escala chromatica descendente !

Quanto ao agente Fix, disse consigo que decididamente o Banco de Inglaterra não ficaria indemnizado do roubo. Com effeito, chegando a Inglaterra e suppondo que o *gentleman* não deitasse mais alguns punhados de notas ao mar, faltariam mais de sete mil libras no sacco das notas.

CAPÍTULO XXXIII

EM QUE PHILEAS FOGG SE MOSTRA Á ALTURA DAS
CIRCUMSTANCIAS

D'ali a uma hora, passava o *Henrietta* o navio-pharol que marca a entrada do Hudson, dobrava a ponta de Sandy-Hook e fazia-se ao largo. N'aquelle dia costeou Longs-Island, na altura dos pharoes de Fire-Island, e correu rapidamente para leste.

No dia seguinte, ao meio dia, veio um homem acima para marcar o ponto. Todos supõem de certo que este homem era o capitão Speedy! Longe d'isso; era Phileas Fogg, esq.

Quanto ao capitão Speedy, estava apenas fechado á chave no seu camarote, e soltava uivos que denotavam uma colera aliás bem desculpavel, levada ao paroxismo.

Fôra muito simples o que se passára. Phileas Fogg queria ir a Liverpool, o capitão não o quiz lá conduzir. Então Phileas Fogg resignára-se a tomar passagem para Bordeus, e, nas primeiras trinta horas que passou a bordo, tão bem manobrou com as suas notas de Banco, que a equipagem, marinheiros e fogueiros, — equipagem um pouco contrabandista, que não andava muito em harmonia com o capitão, — lhe pertencia. Eis porque Phileas Fogg commandava em logar do capitão Speedy, porque o capitão estava fechado no camarote, e porque, finalmente, o *Henrietta* se dirigia para Liverpool. Sómente seprehendia muito claramente, ao ver manobrar mr. Fogg, que este tinha sido marinheiro.

Mas, como ía acabar aquella aventura, é o que mais tarde se havia de saber. Mrs. Aouda não deixava de se sentir inquieta, mas nada dizia. Fix, esse ficára ao principio estonteado. Quanto a Passepartout achava a cousa simplesmente adoravel.

— Ouze a doze milhas, dissera o capitão Speed, e com effeito o *Henrietta* conservava-se n'esta média de velocidade.

Se, pois, o mar, — que de condicionaes ainda! — se, pois, o mar não peorasse, se o vento não saltasse para leste, se não succedesse nenhuma avaria ao barco, nenhum accidente á machina, o *Henrietta*, nos nove dias contados de 12 de dezembro a 21 podia atravessar as tres mil milhas que separam Nova York de Liverpool. É verdade que, chegando a tempo, o negocio do *Henrietta*, complicado com o do Banco, podia levar o *gentleman* mais longe do que queria.

Durante os primeiros dias a navegação fez-se em excellentes condições. O mar não era de grande vaga; o vento parecia querer conservar-se ao nordeste; largaram-se as vélas, e o *Henrietta* marchou como um verdadeiro transatlantico.

Passepartout estava encantado. A ultima proeza do amo, cujas consequencias finaes elle não queria prever, enthusiasmava-o. Nunca a equipagem vira um rapaz mais agil e folgasão. Fazia mil afagos aos marinheiros e assombrava-os com as suas palliaces. Dava-lhes com verdadeira prodigalidade os nomes mais affectuosos e as bebidas mais agradaveis. Na opinião d'elle, os marinheiros faziam as manobras como uns verdadeiros *gentleman*, e os fogueiros atiçavam as fornalhas como uns heroes. O seu bom humor, muito communicativo, propagava-se por todos. Esquecera o passado, as zangas, os perigos. Só pensava no objecto da viagem, tão prestes a alcançar-se, e ardia de impaciencia como se estivesse mettido nas fornalhas do *Henrietta*. Muitas vezes tambem punha-se a andar á volta de Fix e deitava-lhe uns olhares que queriam dizer muito, mas não lhe fallava, porque já não existia intimidade entre os amigos de outro tempo.

Demais, Fix, deve-se dizer, já não comprehendia

cousa alguma d'aquillo! A conquista do *Henrietta*, a compra da equipagem, aquelle Fogg manobrando como um bom marinheiro, todo este conjunto de circumstancias fazia-lhe a cabeça em agua. A final, porém, um *gentleman* que principiava pelo roubo de cincoenta e cinco mil libras podia muito bem acabar pelo roubo de um navio. E Fix inclinou-se muito naturalmente a crer que o *Henrietta*, dirigido por Fogg, não ia a Liverpool, mas a algum ponto do globo onde o ladrão, transformado em pirata, se poria tranquilamente em segurança! Esta hypothese, devemos confessal-o, não podia ser mais plausivel, e o agente começava a arrepender-se muito seriamente de ter embarcado.

Quanto ao capitão Speedy, continuava a uivar no camarote, e Passepartout, encarregado de lhe ministrar os alimentos, não o fazia, apesar de ser muito vigoroso, sem grande cautela. Mr. Fogg, esse nem mesmo parecia suspeitar que houvesse um capitão a bordo.

No dia 13 passaram pelo banco da Terra Nova. São más paragens estas. Principalmente no inverno, ha ali frequentes nevoeiros e furacões temiveis. Desde a vespera o barometro, que baixára repentinamente, annunciava proxima mudança na atmosphaera. Com effeito, durante a noite modificou-se a temperatura, o frio tornou-se mais intenso, e, ao mesmo tempo, o vento rodou para oeste.

Era um contratempo. Mr. Fogg, a fim de não se afastar do rumo, teve de ferrar as vélas e aguentar a pressão do vapor. Comtudo, o andamento do navio diminuiu em consequencia do estado do mar, cujas immensas ondas se quebravam contra a roda da prôa. O navio começou a arfar violentamente, em prejuizo da sua velocidade. O vento degenerou em furacão, e já se receava ver chegar o momento em que o *Henrietta* não podesse romper o mar. Ora, se fôsse preciso fugir diante do temporal, surgiria o ignoto com todas as suas más probabilidades.

O rosto de Passepartout carregou-se ao mesmo tempo que o céu, e durante dois dias o excellente moço passou por transeis cruéis. Mas Phileas Fogg era um marinheiro atrevido, que sabia resistir ao mar, e continuou a sua derrota sem diminuir sequer o vapor. O *Henrietta*, quando não podia levantar-se sobre a vaga, atravessava-a, o mar varria-lhe a tolda, mas o navio passava. Por vezes o helice saía fóra de água agitando os raios no ar vertiginosamente, quando algum vagalhão lhe levantava a pôpa. Porém, o navio não se detinha.

Comtudo, o vento não se tornou tão rijo como era de reear. Não degenerou em nenhum d'esses tufões que correm com uma velocidade de noventa milhas por hora. Apenas refrescou bastante, mas infelizmente soprou com obstinação do lado do sueste, não permittindo que se largasse o panno. E, comtudo, como se vae ver, teria sido de grande conveniencia que o vento auxiliasse o vapor.

O dia 16 de dezembro era o septagesimo quinto dia decorrido depois da partida de Londres. Comtudo o *Henrietta* não soffrera por enquanto nenhum atraso inquietador. Estava feita metade da viagem, e tinham-se já passado as paragens más. No verão poder-se-ia responder pelo exito da viagem. Mas no inverno estava-se á mercê do mau tempo. Passepartout não formulava a sua opinião. No fundo tinha esperanças, e se o vento lhe faltasse, contava pelo menos com o vapor.

Ora, n'aquelle dia, o machinista subiu á tolda, dirigiu-se a mr. Fogg e fallou-lhe com muita vivacidade.

Sem saber porque, por um presentimento de certo, Passepartout sentiu vaga inquietação. Teria dado de boa vontade uma das orelhas para que o outro ouvido podesse perceber o que se dizia. Comtudo, sempre ponde apanhar algumas palavras das que seu amo proferira.

— Tem a certeza de que vamos avançando? perguntou mr. Fogg.

— Toda a certeza, senhor, respondeu o machinista. Não se esqueça de que depois que partimos, temos tido todas as fornalhas accesas, e que se nos resta carvão sufficiente para irmos a pouco vapor de Nova York a Bordéus, não temos o sufficiente para irmos a todo o vapor de Nova York a Liverpool.

— Eu resolverei, redarguiu mr. Fogg.

Passepartout comprehendera. Apoderou-se d'elle mortal inquietação.

O carvão ía-lhes faltar!

— Ah! se meu amo vence esta, disse elle comsigo, é decididamente um grande homem!

Encontrando Fix, não se conteve e pôl-o ao facto da situação.

— Com que então, replicou-lhe o agente com os dentes cerrados, julga que vamos a Liverpool!

— Ora essa!

— Imbecil! redarguiu o agente, que se afastou encolhendo os hombros.

Passepartout esteve quasi a tomar uma satisfação estrondosa d'aquelle qualificativo, cuja verdadeira significação elle não podia aliás comprehender; mas disse comsigo que o desventurado Fix devia estar muito descoroçoado, muito humilhado no seu amor proprio, depois de ter tão tolamente seguido uma pista falsa em roda do mundo. Desculpou-o.

Mas agora que resolução ía tomar Phileas Fogg? Era difficil de imaginar. Entretanto parece que o fleugmatico *gentleman* tomou uma porque n'aquella mesma noite mandou vir á sua presença o machinista, e disse-lhe:

— Augmente o vapor e caminhe até completamente se acabar o combustivel.

Instantes depois a chaminé do *Henrietta* vomitava turbilhões de fumo.

O navio continuava, pois, a andar com todo o vapor; mas, como predissera, dois dias depois, a 18, o ma-

chinista fez saber que o carvão se acabaria n'aquelle dia.

— Não diminuem a pressão, redarguiu mr. Fogg. Pelo contrario, carreguem as valvulas.

Por volta do meio dia, depois de ter tomado a altura do sol, e calculado a posição do navio, Phileas Fogg chamou Passepartout e deu-lhe ordem para ir buscar o capitão Speedy. Era como se mandassem o bom moço soltar um tigre. Desceu do tombadilho, dizendo consigo :

— Deve estar verdadeiramente damnado!

Com effeito, minutos depois, no meio de uma trovada de pragas e de gritos, chegava uma bomba á tolda. A bomba era o capitão Speedy. De certo que ía rebentar.

— Onde estamos? taes foram as primeiras palavras que elle proferiu no meio das suffocações de colera.

— Onde estamos? repetiu elle com uma cara de quem parecia que ía ter uma congestão.

— A setecentas e setenta milhas de Liverpool (trezentas leguas), respondeu mr. Fogg com ar impertubavel.

— Pirata! exclamou Andrew Speedy.

— Mandei-o vir, senhor...

— Corsario!

— Para lhe pedir que me venda o seu navio.

— Não! com todos os diabos, não!

— É que vou ver-me obrigado a queimal-o.

— Queimar o meu navio!

— Sim, ao menos o aparelho, porque nos falta o combustivel.

— Queimar o meu navio! exclamou o capitão Speedy, que já nem podia pronunciar as syllabas. Um navio que vale cincoenta mil dollars!

— Ahi tem sessenta mil! redarguiu Phileas Fogg, offerecendo ao capitão um masso de notas do Banco.

Foi prodigioso o effeito que isto fez em Andrew Speedy. Não se é americano sem que a vista de sessenta mil dollars cause alguma comoção. O capitão esqueceu por um momento a sua colera, a sua prisão, todos os aggravos que recebera do seu passageiro. O navio tinha vinte annos. Aquillo ía talvez ser uma mina!... Já não podia rebentar a bomba; mr. Fogg arrancara-lhe a mecha.

— E o casco de ferro ficará para mim? perguntou elle, com um tom extraordinariamente dulcificado.

— O casco de ferro e a machina, senhor. Está o negocio feito?

— Está.

E Andrew Speed, lançando mão das notas do Banco, contou-as e fêl-as desaparecer na algibeira.

Durante esta scena, Passepartout pozera-se pallido. Quanto a Fix, quasi que teve uma apoplexia. Perto de vinte mil libras gastas, e ainda por cima o tal Fogg abandonava ao vendedor o casco e a machina, isto é, quasi o valor total do navio! É verdade que a quantia roubada ao Banco elevava-se a cincoenta e cinco mil libras!

Depois de Andrew Speedy ter mettido o dinheiro no bolso, mr. Fogg disse-lhe:

— Nada d'isto lhe deve causar admiração. Fique sabendo que perco vinte mil libras se não estiver em Londres a 21 de dezembro, ás oito horas e quarenta e cinco minutos da noite. Ora, eu faltei ao paquete de Nova York, e como recusa conduzir-me a Liverpool...

— E fiz bem, por todos os diabos do inferno, exclamou Andrew Speedy, pois que n'isso ganhei, pelo menos, quarenta mil dollars.

Em seguida, com um modo mais grave, acrescentou:

— Sabe uma cousa, capitão?...

— Fogg.

— Capitão Fogg, pois bem, o senhor tem muito de yankee.

E depois de ter dirigido ao seu passageiro o que elle julgava um cumprimento, ia para retirar-se, quando Phileas Fogg lhe disse :

— Agora este navio pertence-me?

— De certo, desde a quilha até á ponta dos mastros : tudo o que for madeira, entende-se.

— Bem. Mande deitar abaixo as divisões internas e alimente a fornalha com as madeiras.

Imagine-se o que foi preciso consumir de lenha para conservar o vapor em sufficiente pressão. N'aquelle dia, o tombadilho, os camarotes, os beliches, tudo foi abaixo.

No dia seguinte, 10 de dezembro, queimou-se a mastreação, as portinholas, as antenas. Deitaram os mastros abaixo, e cortaram-nos a machado. A equipagem fazia isto com um zelo incrível. Passepartout, rachando, cortando, serrando, trabalhava por dez. Era um furor de demolição.

Ao terceiro dia, 19, foram consumidos os pavezes, as obras mortas, e a maior parte da coberta. O *Henrietta* era apenas um navio raso como um pontão.

Mas n'esse dia foi avistada a costa da Irlanda e o pharol de Fastenet.

Comtudo, ás dez horas apenas se estava na altura de Queenstown. Phileas Fogg só tinha vinte e quatro horas para chegar a Londres! Era este tempo que o *Henrietta* precisava para chegar a Liverpool, — mesmo com todo o vapor. E o vapor ia a final faltar ao audacioso gentleman.

— Senhor, disse então o capitão Speedy, que acabára por se interessar nos seus projectos, lastimo-o na verdade. Tudo é contra o senhor! Apenas estamos na altura de Queenstown.

— Ah! exclamou mr. Fogg, é Queenstown a cidade cujos pharoes se avistam d'aqui?

— É.

— Podemos entrar no porto?

— Não antes de tres horas. Só na maré cheia.

— Esperemos! disse Phileas Fogg tranquillamente, sem dar a conhecer no rosto que por uma inspiração suprema ia tentar mais uma vez vencer a sorte adversa!

Com effeito, Queenstown é um porto da costa da Irlanda onde os paquetes que vem dos Estados Unidos deixam na passagem as suas malas de correspondencia. Estas malas são levadas a Dublin por meio de comboios expressos sempre promptos a partir. De Dublin marcham para Liverpool em vapores de grande velocidade, — precedendo doze horas os barcos mais rapidos das companhias maritimas.

As doze horas que o correio da America costuma ganhar, Phileas Fogg pretendia tambem ganhal-as. Em vez de chegar no *Henrietta* a Liverpool no outro dia á noite, chegava ao meio dia, e por consequente teria tempo de se achar em Londres antes das oito horas e quarenta e cinco minutos da noite.

Pela uma hora da manhã, na occasião do praiamar, o *Henrietta* entrava no porto de Queenstown, e Phileas Fogg, depois de receber um vigoroso aperto de mão do capitão Speedy, deixava-o no casco raso do seu navio, que valia ainda metade do preço porque fôra vendido!

Os passageiros desembarcaram tambem. N'este momento Fix sentiu violentos desejos de prender mr. Fogg. Mas não o fez! Porque? Que lucta se travava n'elle? Teria mudado de idéas a respeito de mr. Fogg? Comprehendera elle a final que se enganára? Comtudo, Fix não abandonou mr. Fogg. Na companhia do *gentleman*, de mrs. Aouda, de Passepartout, que já nem tomava o tempo necessario para respirar, subiu para o trem de Queenstown á uma hora e meia de noite, chegava a Dublin ao rompoer do dia, e embarcava logo n'um d'esses vapores, — verdadeiros fusos de aço, todos machina, — que desdenhando elevar-se sobre a vaga, passam invariavelmente através d'ella.

Ao meio dia menos vinte minutos, em 21 de dezembro, Phileas Fogg desembarcava a final no caes de Liverpool. Estava apenas a seis horas de distancia de Londres.

Mas n'aquelle momento Fix aproximou-se d'elle, poz-lhe a mão no hombro, e apresentando a ordem de prisão, disse-lhe :

— É com certeza mr. Phileas Fogg ?

— Sim, senhor.

— Em nome da rainha, está preso !

CAPITULO XXXIV

QUE OFFERECE A PASSEPARTOUT O ENSEJO DE EMPREGAR
UM TROCADILHO ATROZ, PORÉM INEDITO

Phileas Fogg estava preso. Encerraram-n'o no posto da guarda da alfandega de Liverpool, e ahi devia passar a noite esperando que o transferissem para Londres.

No momento da prisão, Passepartout quizerá precipitar-se sobre o agente, mas contiveram-n'o varios policias. Mrs. Aouda, aterrada pela brutalidade do facto, na sua ignorancia completa a respeito do que se passava, nada podia comprehender. Passepartout explicou-lhe a situação. Mr. Fogg, o probo e corajoso cavalheiro a quem ella devia a vida, era preso como ladrão. A joven protestou contra uma tal affirmativa, o coração revoltou-se-lhe, os olhos encheram-se-lhe de lagrimas quando viu que não podia fazer nem tentar cousa alguma para salvar aquelle que a salvára a ella.

Quanto a Fix, tinha prendido o *gentleman* porque o seu dever lhe ordenava que o prendesse, fôsse elle culpado ou não. A justiça é que devia averiguar a verdade.

Mas então acudiu a Passepartout um pensamento, o

pensamento terrível de que elle era decididamente a causa de toda aquella desgraça! Com effeito, porque occultára elle o que se passava a mr. Fogg? Quando Fix lhe revelou a sua qualidade de agente de policia e a missão de que fôra encarregado, porque não revelára essa aventura a mr. Fogg? prevenindo, seu amo teria de certo dado a Fix provas da sua innocencia; demonstrar-lhe-ia o seu erro; em todo o caso não traria sempre atraz de si aquelle nefasto agente, cujo primeiro cuidado fôra prendel-o, no momento em que punha o pé no solo do Reino Unido. Ao pensar nas suas faltas, nas suas imprudencias, o pobre rapaz sentira-se accommettido de terríveis remorsos. Chorava, causava dó vê-lo. Queria até dar com a cabeça n'uma parede!

Apesar do frio que fazia, mrs. Aouda e Passepartout deixaram-se ficar debaixo do perystilo da alfandega. Nem um nem outro d'ali queria arredar pé. Desejavam ver mais uma vez mr. Fogg.

Quanto ao *gentleman*, estava arruinado, exactamente no momento em que alcançava o fim que queria. Esta prisão perdia-o irremediavelmente. Chegando a Liverpool ao meio dia menos vinte minutos de 21 de dezembro, tinha o tempo que lhe restava, d'ali até ás oito horas e quarenta e cinco minutos, para se apresentar no Reform-Club, isto é, tinha o espaço de nove horas e quinze minutos á sua dsposição,—e só lhe faltavam seis para chegar a Londres.

N'aquelle momento, quem penetrasse na alfandega, acharia mr. Fogg immovel, sentado n'um banco de madeira, imperturbavel, sem dar signaes de colera. Não se poderia affirmar que estivesse resignado, mas este ultimo golpe não o podéra commover, pelo menos na apparencia. Formára-se n'elle uma d'essas tempestades secretas, terríveis porque são reprimidas, e que só no ultimo momento fazem explosão de um modo medonho? E o que não se póde saber, Mas Phileas Fogg estava ali,

tranquillo, aguardando... o que? Conservaria elle alguma esperanza ainda? Confiaria ainda no exito da sua tentativa, depois que a porta d'aquella prisão se fechára sobre elle?

Fôsse como fôsse, mr. Fogg poz com todo o cuidado o seu relógio em cima da mesa, e ficou a olhar para o andamento dos ponteiros. Não lhe escapava uma palavra dos labios, mas o seu olhar tinha uma fixidez extraordinaria.

Em todo o caso a situação em que se achava era terrivel, e para quem não podia ler n'aquella consciencia, resumia-se n'estas palavras:

Homem de bem, Phileas Fogg estava arruinado e preso como tratante.

Teria, porém, idéa de fugir? Aquelle posto offerecera alguma saída praticavel? Havia motivos para o suppor, porque, em certo momento, deu uma volta em roda do quarto. Mas a porta estava fechada com toda a segurança, e as janellas guarnecidas de varões de ferro. Voltou por isso para o seu lugar, e tirando da carteira o itinerario da viagem, na linha onde se dizia:

«21 de dezembro, sabbado, Liverpool»
acrescentou

«80.º dia, 11 horas e 40 minutos»
e esperou.

No relógio da alfandega deu uma hora. Mr. Fogg observou que o seu relógio estava dois minutos adiantado por aquelle.

Duas horas! Admittindo que tomasse um expresso, podia ainda chegar a Londres e ao Reform-Club antes das oito horas e quarenta e cinco. A fronte contraíu-se um pouco...

As duas e trinta e tres minutos ouviu-se da banda de fóra certo ruido, um motim de portas que se abriam. Ouviam-se as vozes de Passepartout e de Fix.

O olhar de Phileas Fogg brilhou por um instante.

Abriu-se a porta e viu mrs. Aouda, Passepartout e Fix que correram para elle.

Fix vinha sem folego, com os cabellos em desordem... Não podia fallar!

— Senhor, balbuciou elle, senhor... perdão... uma deploravel similhança... O ladrão está preso ha tres dias... está livre!...

Phileas Fogg estava livre! Foi direito ao agente, olhou para elle, e fazendo o unico movimento rapido da sua vida, recuou os braços, depois com a precisão de um automato, despediu sobre o desgraçado agente os punhos fechados.

— Boa sova, exclamou Passepartout, que, fazendo, um trocadilho muito digno de um francez, acrescentou :

— Bravo! eis o que se pôde chamar uns punhos de Inglaterra com bonito ponto de applicação.

Fix, que foi derribado, não pronunciou uma palavra. Levava o que merecia. No mesmo momento mr. Fogg, mrs. Aouda e Passepartout saíram da alfandega. Metteram-se n'uma carruagem, e em poucos minutos chegaram á gare de Liverpool.

Phileas Fogg perguntou se havia um expresso prestes a partir para Londres...

Eram duas horas e quarenta... O expresso partira havia trinta e cinco minutos.

Phileas Fogg pediu então um trem especial.

Havia muitas locomotivas de grande velocidade em pressão ; mas, attendendo ás exigencias do serviço, o trem especial não poudé sair da estação senão d'ali a tres horas.

As tres horas Phileas Fogg, depois de ter dito algumas palavras ao machinista a respeito de certa gratificação que podia ganhar, corria na direcção de Londres, em companhia da joven e do seu fiel servidor.

Era preciso percorrer em cinco horas e meia a distancia que separa Liverpool de Londres, — cousa muito facil

quando a via está livre em toda a sua extensão. Houve, porém, demoras obrigadas, e quando o *gentleman* chegou á estação, davam nove horas menos dez minutos em todos os relógios de Londres.

Phileas Fogg, depois de ter feito a sua viagem á roda do mundo, chegava com um atraso de cinco minutos!... Perdêra.

CAPITULO XXXV

EM QUE PASSEPARTOUT NÃO ESPERA QUE SEU AMO LHE DIGA
DUAS VEZES UMA ORDEM

No dia seguinte, os moradores de Saville-row ficariam bem surprehendidos se lhes dissessem que mr. Fogg fôra reintegrado no seu domicilio. Portas e janellas, tudo estava fechado. Nenhuma alteração se produzira no exterior.

Effectivamente, depois de ter saído da estação, Phileas Fogg dêra a Passepartout ordem de comprar algumas provisões, e recolhêra-se a casa.

O *gentleman* recebeu com a costumada impassibilidade o golpe que o ferira. Arruinado! e demais pela falta d'aquelle inhabil agente! Depois de ter feito a passo firme a sua longa viagem, depois de ter derribado milhares de obstaculos, arrostado grande numero de perigos, achando ainda tempo para fazer algum bem pelo caminho, e vir a final perder-se diante de um facto brutal, que não podia prever, e contra o qual estava desarmado, era uma cousa terrivel! Da somma consideravel que levára para a viagem, só lhe restava uma quantia insignificante. A sua fortuna apenas consistia nas vinte mil libras depositadas em casa de Baring Irmãos, e essas vinte mil libras devia-as aos seus collegas do Reform-Club. Depois de tantas despesas, se ganhasse a aposta, não ficaria rico, e era provavel que não tivesse procurado enriquecer por simi-

lhante modo, — porque era d'esses homens que não apostam senão pela honra, — mas perdendo-a, ficava totalmente arruinado. Entretanto a resolução do *gentleman* estava tomada; sabia o que lhe restava fazer.

Para mrs. Aouda fôra reservado um aposento da casa de Saville-row. A joven estava desesperada. Por certas palavras que mr. Fogg proferira, comprehendera ella qce o *gentleman* meditava algum funesto plano.

Sabe-se muito bem a que deploraveis extremos são levados ás vezes esses inglezes monomaniacos, sob a influencia de uma idéa fixa. Por isso Passepartout, com a maior dissimulação, vigiava o amo.

A primeira cousa de que o bom do rapaz tratou ao chegar ao seu quarto, foi de apagar o bico de gaz, que estava acceso havia oitenta dias. Achára na caixa das cartas uma nota da companhia do gaz, e entendeu que já era tempo de pôr termo áquella despesa, pela qual estava responsável.

Passou-se a noite; mr. Fogg deitou-se, mas não sabemos se dormiu. Quanto a mrs. Aouda, não teve um momento de repouso. Passepartout ficára de guarda, como um cão, á porta de seu amo.

No dia seguinte mr. Fogg chamou-o e recommendou-lhe em termos laconicos, que tratasse do almoço de mrs. Aouda. Elle contentar-se-ia com uma chavena de chá e uma torrada, e pedia a mrs. Aouda que dispensasse a sua presença ao almoço e ao jantar, porque todo o tempo seria consagrado a pôr em ordem os seus negocios. Não sairia dos aposentos; só á noite é que pedia licença a mrs. Aouda para uma entrevista de alguns minutos.

Depois de lhe ser communicado este programma, Passepartout só tinha que se conformar com elle. Observava seu amo sempre impassivel, e não podia resolver-se a deixar o seu aposento. Tinha o coração afflicto, a consciencia perturbada pelos remorsos, porque cada vez se accusava mais gravemente de tão irreparavel desastre.

Na verdade, se tivesse prevenido mr. Fogg, se lhe tivesse descoberto os projectos do agente Fix, mr. Fogg não teria de certo arrastado o agente atraz de si até Liverpool, e então...

Passepartout não se poudo conter mais tempo.

— Meu amo! mr. Fogg! exclamou elle, amaldiçoe-me. É por minha falta que...

— Não accuso ninguém, redarguiu Phileas Fogg no tom mais socegado. Vá-se.

Passepartout obedeceu e foi ter com a joven, á qual participou o que lhe dissera o amo.

— Mrs. Aouda, acrescentou elle, por mim nada posso, nada! Não tenho influencia alguma sobre o espirito de meu amo. Talvez que mrs. Aouda...

— Que influencia posso eu ter! volveu mrs. Aouda. Mr. Fogg não se deixa influir por ninguém. Compreendeu elle alguma vez que o meu reconhecimento estava prestes a fazer explosão! Leu elle acaso no meu intimo!... Meu amigo, é preciso não o deixar um só instante. Diz que elle mostrou idéas de fallar commigo esta noite?

— Sim, madame. Trata-se talvez de assegurar a sua situação em Inglaterra.

— Esperemos, redarguiu a joven, que ficou pensativa.

N'este domingo a casa de Saville-row esteve como se não fôsse habitada, e, o que succedia pela primeira vez depois que ali morava, mr. Fogg não foi ao seu Club.

E para que havia elle de ali se apresentar? Os seus collegas já não o esperavam. Logo que na vespera á noite, na data fatal de 21 de dezembro, ás oito horas e quarenta e cinco minutos, Phileas Fogg deixára de comparecer na sala do Reform-Club, perdera a aposta. Não era mesmo preciso ir elle a casa do banqueiro levantar as vinte mil libras. Os seus adversarios tinham na mão um cheque assignado por elle, e bastava um simples lançamento na escripturação de Baring Irmãos para que

as vinte mil libras passassem para o credito d'aquelles cavalheiros.

Mr. Fogg não tinha, pois, que sair e não saiu. Ficou no seu aposento e poz em ordem os negocios. Passepartout não se fartou de subir e descer a escada de Saville-row. As horas não andavam para o pobre rapaz. Punha-se a escutar á porta do aposento de seu amo, e com este procedimento não julgava commetter a mais pequena indiscripção! Olhava pelo buraco da fechadura, e imaginava ter esse direito! Passepartout receava a cada instante alguma catastrophe. Muitas vezes pensava em Fix, mas no seu espirito dera-se uma mudança. Já não queria mal ao agente de policia. Fix enganára-se, como toda a gente, a respeito de Phileas Fogg, e seguindo-o e prendendo-o, apenas fizera o seu dever, enquanto que elle... Opprimia-o esta idéa, e julgava-se o ultimo dos miseraveis.

Quando, finalmente, Passepartout não podia supportar o isolamento, batia á porta de mrs. Aouda, entrava-lhe do quarto, sentava-se a um canto sem dizer palavra, contemplava a joven, sempre pensativa.

Perto das sete e meia da noite, mr. Fogg mandou perguntar a mrs. Aouda se o podia receber, e d'ali a instantes achavam-se ambos sós no aposento.

Phileas Fogg puxou uma cadeira e sentou-se proximo do fogão, em frente de mrs. Aouda. O seu rosto não manifestava commoção alguma. O Fogg do regresso era exactamente o Fogg da partida. A mesma serenidade, a mesma impassibilidade.

Esteve cinco minutos sem fallar. Depois, erguendo os olhos para mrs. Aouda, disse-lhe :

— Perdôa-me tel-a trazido para Inglaterra?

— Eu, mr. Fogg!...volveu mrs. Aouda, comprimindo as palpitações do coração.

— Permitta-me que conclua, tornou mr. Fogg. Quando tive o pensamento de a levar para longe d'aquelle paiz, que tão perigoso se tornára para a senhora, estava rico,

e contava poder pôr uma parte da minha fortuna á sua disposição. Seria livre e venturosa a sua existencia. Agora estou arruinado.

— Bem sei, mr. Fogg, redarguiu a joven, e eu pergunto-lhe pelo meu turno: Perdôa-me tel-o acompanhado e — quem sabe? — ter talvez, fazendo-o demorar, contribuido para a sua ruina?

— Mrs. Aouda não podia ficar na India, e a sua salvação só estava segura se se afastasse o sufficiente para que aquelles fanaticos não podessem tornar a lançar-lhe a mão.

— De modo que, mr. Fogg, volveu mrs. Aouda, não contente de me livrar de uma morte horrivel, julgava-se ainda obrigado a assegurar a minha posição no estrangeiro?

— Sim, senhora, mas os successos saíram-me contrarios. Contudo, do pouco que me resta, peço-lhe licença para dispor em favor seu.

— Mas, mr. Fogg, que será feito do senhor! perguntou a joven.

— Eu, mrs. Aouda, não tenho precisão de cousa alguma, respondeu friamente o *gentleman*.

— Mas como encara a sorte que o espera?

— Como convem encaral-a, respondeu mr. Fogg.

— Em todo o caso, um homem como o senhor não pôde cair na miseria. E seus amigos...

— Não tenho amigos, mrs. Aouda.

— Os seus parentes...

— Já não tenho parentes.

— Lastimo-o bem, n'esse caso, mr. Fogg, porque a solidão é cousa bem triste. O que! pois nem um coração a quem possa communicar as suas maguas? Diz-se contudo, que entre dois a propria miseria é supportavel.

— Assim se diz.

— Mr. Fogg, exclamou então mrs. Aouda, que se levantou e estendeu a mão para o *gentleman*, quer-me ao

mesmo tempo para parenta e para amiga? Quer-me para sua mulher?

A estas palavras, mr. Fogg levantou-se tambem. Nos olhos observava-se-lhe uma especie de reflexo, um tremor nos labios. Mrs. Aouda contemplava-o. A sinceridade, a rectidão, a doçura e firmeza de uma nobre mulher que a tudo se arroja para salvar aquelle a quem tudo deve, causaram-lhe assombro ao principio, e depois commoveram-n'o. Fechou os olhos por um instante, como para evitar que aquelle olhar lhe penetrasse mais fundo... Quando os tornou a abrir, disse com a maior simplicidade:

— Amo-a! Sim, na verdade, por tudo o que ha de mais sagrado no mundo, amo-a, e pertenco-lhe inteiramente.

— Ah!... exclamou mrs. Aouda, levando a mão ao coração.

Passepartout foi chamado. Apareceu bem depressa. Mr. Fogg conservava ainda na sua a mão de mrs. Aouda. Passepartout comprehendeu tudo, e o seu rosto bochechudo radiou como o sol no zenith das regiões tropicaes.

Mr. Fogg perguntou-lhe se não seria muito tarde para ir prevenir o reverendo Samuel Wilson, da parochia de Mary-le-Bone?

Passepartout esboçou o seu melhor sorriso.

— Nunca é tarde, disse elle.

Eram apenas oito horas e cinco minutos.

— Senão ficaria para amanhã, segunda-feira! disse elle.

— Para amanhã, segunda-feira? perguntou mr. Fogg.

— Para amanhã, segunda-feira! redarguiu a joven.

Passepartout saiu a correr.

CAPITULO XXXVI

EM QUE PHILEAS FOGG TORNA A SUBIR NO MERCADO

É tempo de dizer que modificação se operára na opinião publica do Reino Unido, quando se soube que fôra preso o verdadeiro ladrão do Banco, — um tal James Strand, — prisão que se effectuára a 17 de dezembro em Edimburgo.

Tres dias antes Phileas Fogg era um ladrão que a policia perseguia a todo o transe, e agora tornára a ser o *gentleman* mais probo que fazia mathematicamente a sua viagem em volta do mundo.

Que effeito, que ruido nos jornaes! Todos os apostadores pró ou contra, que já se tinham esquecido d'aquelle successo, resuscitaram como por magia. Todas as transacções se revalidavam, e é preciso dizel-o, as opostas recommçavam com dobrada energia. O nome de Phileas Fogg teve outra vez alta no mercado.

Os cinco collegas do *gentleman* no Reform-Club passaram estes tres dias com alguma inquietação. O Phileas Fogg, de quem se haviam esquecido, reaparecia a seus olhos! Onde estava elle n'aquelle momento? A 17 de dezembro, — dia em que James Strand foi preso — havia setenta e sete dias que Phileas Fogg partira, e não se recebera n'este espaço a mais pequena noticia d'elle! Teria succumbido? Teria renunciado á lucta, ou continuaria a sua marcha segundo o itinerario combinado? E no sabbado 21 de dezembro, ás oito horas e quarenta e cinco minutos da noite, iria elle apparecer, como o deus da exactidão, no limiar da sala do Reform-Club?

Temos de renunciar a pintura da anciedade em que, durante tres dias, viveu toda esta classe da sociedade ingleza. Expediram-se despachos telegraphicos para a America, para a Asia, a fim de se obterem noticias de Phileas Fogg! Mandaram vigiar dia e noite a casa de

Saville-row... Nada. A propria policia ignorava o que fôra feito do agente Fix, que tão desgraçadamente se lançára n'uma pista falsa. Tudo isto, porém, não impediu que se fizessem novas apostas, e em maior escala. Como um cavallo de corridas, Phileas Fogg estava quasi no termo da carreira. Já não o cotavam a cem, mas a vinte, a dez, a cinco, e o velho paralytico, lord Albermale, esse, tomava-o ao par.

Por isso, no sabbado á noite, havia grande multidão reunida em Pall-Mall e nas ruas circumvisinhas. Dir-se-ia uma immensa multidão de corretores, estabelecidos permanentemente nas proximidades do Reform-Club. A circulação estava obstruida. Discutiam-se, disputavam-se, apregoavam-se os «Phileas Fogg» como os fundos inglezes. Os agentes da policia com difficuldade continham o populacho, e á medida que se aproximava a hora em que devia chegar Phileas Fogg, a commoção tomava proporções inverosímeis.

N'aquella noite os cinco collegas do *gentleman* achavam-se reunidos desde as sete horas no salão principal do Reform-Club. Os dois banqueiros John Sullivan e Samuel Fallentin, o engenheiro Andrew Stuart, Gauthier Ralph, administrador do Banco de Inglaterra, o cervejeiro Thomaz Flanagan, esperavam anciosos.

No momento em que o relógio do salão dava oito horas e vinte e cinco minutos, Andrew Stuart, levantando-se, disse :

—Senhores, dentro de vinte minutos o praso combinado entre nós e mr. Phileas Fogg terá expirado.

—A que horas chegou o ultimo comboio de Liverpool? perguntou Thomaz Flanagan.

—As sete horas e vinte e tres minutos, respondeu Gauthier Ralph, e o comboio seguinte só chega dez minutos depois da meia noite.

—Ora bem, senhores, replicou Andrew Stuart, se Phileas Fogg tivesse chegado pelo comboio das sete

horas e vinte e tres minutos, já aqui devia estar. Podemos, pois, considerar a aposta como ganha.

— Esperemos ainda, não formulemos opiniões antecipadas, voltou Samuel Fallentin. Bem sabemos que o nosso collega é um excentrico de primeira força. É bem conhecida a sua exactidão em todas as cousas, não chega nunca nem muito cedo nem muito tarde, e podia elle aqui apparecer no ultimo minuto que não me causaria admiração.

— E eu, disse Andrew Stuart, que era ainda o mesmo homem nervoso, podia ver isso que não acreditava.

— Effectivamente, replicou Thomaz Flanagan, o projecto de Phileas Fogg era insensato. Por maior que fôsse a sua exactidão, não podia impedir as demoras inevitaveis, e bastava uma demora de tres ou quatro dias para lhe comprometter a viagem.

— Comtudo, devem notar, acrescentou John Sullivan, que não recebemos noticia alguma do nosso collega, e entretanto os fios telegraphicos não faltavam no seu itinerario.

— Perdeu, senhores, replicou Andrew Stuart, perdeu cem vezes! Demais, sabem que o *China* — o unico paquete de Noa York, que elle podia tomar para chegar a Liverpool em tempo opportuno — entrou hontem. Ora, eis aqui a lista dos passageiros, publicada pela *Shipping-Gazette*, e o nome de Phileas Fogg não figura n'ella. Admittindo que se deram as mais favoraveis circumstancias, o nosso collega está apenas na America. Avalio em vinte dias, pelo menos, a demora que ha de ter alem do praso estipulado, e o velho lord Albermale póde tambem dizer adeus ás suas cincoenta mil libras!

— É evidente, exclamou Gauthier Ralph, e amanhã só teremos que apresentar em casa de Baring Irmãos o cheque de mr. Fogg.

N'aquelle momento o relógio da sala dava oito horas e quarenta minutos,

— Ainda temos cinco minutos, disse Andrew Stuart.

Os cinco collegas olharam uns para os outros. Póde-se suppor que as palpitações do seu coração tinham soffrido uma pequena aceleração, porque enfim, mesmo para grandes jogadores, a partida era importante! Mas nada quizeram dar a conhecer, porque, por proposta de Samuel Fallentin, tomavam logar a uma mesa de jogo.

— Não dava a parte que me toca de quatro mil libras nem que me dessem tres mil novecentas e noventa e nove! disse Andrew Stuart, sentando-se.

N'aquelle momento o ponteiro marcava oito horas e quarenta e dois minutos.

Os jogadores tinham pegado nas cartas, mas a cada momento dirigiam o olhar para o relógio. Fôsse quel fôsse a sua segurança, póde-se affirmar que nunca houve minutos que tão longos lhe parecessem!

— Oito e quarenta e tres, disse Thomaz Flanagan, cortando as cartas que Gauthier Ralph lhe apresentava.

Depois estabeleceu-se um momento de silencio. A vasta sala do club estava tranquillã, mas fóra ouvia-se o rumor da multidão, d'entre o qual se distinguiam ás vezes gritos agudos. O pendulo do relógio batia os segundos com uma regularidade mathematica. Cada jogador podia contar as divisões sexagesimães que lhe fariam o ouvido.

— Oito horas e quarenta e quatro! disse John Sullivan n'um tom em que se percebia uma commoção involuntaria.

Um minuto mais e a aposta estava ganha. Andrew Stuart e os seus collegas já não jogavam. Tinham abandonado as cartas! Contavam os segundos!

Ao quadregesimo segundo, nada. Ao quinquagesimo a mesma cousa.

Ao dar o quinquagesimo quinto segundo ouviu-se da banda de fóra uma especie de trovoada, formada de applausos, de hurrahs e até de imprecações, que se propagaram ao longe.

Os jogadores levantaram-se.

Ao quinquagesimo setimo segundo abriu-se a porta do salão, e o pendulo não tinha dado ainda o sexagesimo segundo, quando Phileas Fogg apparecia, seguido de uma multidão delirante que invadira á força o club, e dizia com a sua voz tranquila :

— Eis-me aqui, senhores.

CAPITULO XXXVII

EM QUE SE PROVA QUE PHILEAS FOGG NADA GANHOU NA SUA VIAGEM Á RODA DO MUNDO, A NÃO SER A FELICIDADE

Sim ! era Phileas Fogg em pessoa.

Devem os leitores estar lembrados de que ás cinco horas da tarde, — vinte e cinco horas pouco mais ou menos depois da chegada dos viajantes a Londres, — Passepartout fôra encarregado por seu amo de prevenir o reverendo Samuel Wilson de certo casamento que devia celebrar-se logo no dia seguinte.

Passepartout partira no mesmo instante, satisfeitissimo. Dirigiu-se rapidamente á morada do reverendo Samuel Wilson, que ainda não se recolhera. Naturalmente, Passepartout esperou, mas uns bons vinte minutos pelo menos.

Eram, em poucas palavras, oito e trinta e cinco minutos quando saíu de casa do reverendo. Mas em que estado ! Com os cabellos em desordem, sem chapéu, correndo com nunca se viu correr, derribando os transeuntes, precipitando-se como uma tromba sobre os lagedos que ladeavam as ruas !

Dentro de tres minutos estava de volta á casa de Savillerow, e entrava, com os bofes pela bôca fóra, no aposento de mr. Fogg.

Não podia fallar.

— Que ha de novo? perguntou mr. Fogg.

— Meu amo... balbuciou Passepartout, o casamento... é impossível.

— Como?

— Impossível... amanhã.

— Porque?

— Porque amanhã... é domingo.

— Segunda feira, redarguiu mr. Fogg.

— Não... hoje... é sabbado.

— Sabbado? não póde ser.

— Ê, é, é sabbado! exclamou Passepartout. Enganou-se n'um dia! Chegámos vinte e quatro horas antes... mas só restam dez minutos!...

Passepartout agarrara o amo pela gola da sobrecasaca, e arrastava-o com uma força irresistível.

Phileas Fogg, assim arrebatado, sem ter tempo de reflectir, deixou o seu aposento, saiu de casa, saltou para uma carruagem, prometeu cem libras ao cocheiro, e depois de ter esmagado dois cães e de se haver embaraçado em cinco carruagens, chegava ao Reform-Club.

O relógio indicava oito horas e quarenta e cinco minutos quando elle appareceu no salão.

Phileas Fogg dera a volta do mundo em oitenta dias!...

Phileas Fogg ganhára a aposta de vinte mil libras!

Mas agora, como é que um homem tão exacto, tão meticuloso, podéra commetter este erro de um dia? Porque rasão se folgava na noite de sabbado, 21 de dezembro, ao desembarcar em Londres, quando na verdade era sexta feira, 20 de dezembro, isto é, o septagesimo nono dia depois de ter partido?

Eis a rasão do erro, a qual é muito simples.

Sem o suspeitar, Phileas Fogg ganhára um dia no seu itinerario, — e isto pela simples rasão de que fizera a viagem em roda do mundo caminhando para o oriente, dia que pelo contrario teria perdido se houvesse caminhado em sentido inverso, isto é, para o occidente.

Com effeito, marchando para o oriente, Phileas Fogg caminhava para o sol, e por conseguinte os dias diminuíam para elle na rasão de quatro minutos por cada grau que elle percorreria n'aquella direcção. Ora, na circumferencia terrestre contam-se trezentos e sessenta graus, e estes trezentos e sessenta graus multiplicados por quatro minutos, dão exactamente vinte e quatro horas, — isto é, o dia inconscientemente ganho. Por outras palavras, enquanto Phileas Fogg, caminhando para o oriente, via o sol passar oitenta vezes no meridiano, os seus collegas, que tinham ficado em Londres, só o viam passar setenta e nove vezes. Fôra por isso que n'aquelle mesmo dia, que era sabbado e não domingo, como suppunha mr. Fogg, elles o esperaram no salão do Reform-Club.

E é o que o famoso relógio de Passepartout, — que se conservára sempre regulado pela hora de Londres, — teria demonstrado, se ao mesmo tempo que indicava as horas e os minutos, indicasse os dias!

Ganhára, pois, Phileas Fogg vinte mil libras. Mas como em viagem gastára quasi dezenove mil, o resultado pecuniario foi pequeno. Porém, como já se disse, o excêntrico *gentleman* só tinha, n'esta aposta, procurado a lucta e não a fortuna. Repartiu as mil libras restantes entre o honrado Passepartout e o desventurado Fix, a quem estava longe de querer mal. Apenas por simples regularidade, descontou ao seu servidor a importancia das mil e novecentas horas do gaz consumido por sua culpa.

N'aquella mesma noite mr. Fogg, com a fleugma e impassibilidade do costume, dizia a mrs. Aouda:

— Este casamento convem-lhe ainda, madame?

— Mr. Fogg, respondeu mrs. Aouda, é a mim que pertence fazer essa pergunta. Estava arruinado, agora está rico...

— Perdão, madame, esta fortuna pertence-lhe. Se não tivesse tido a idéa d'este casamento, o meu creado não

iria a casa do reverendo Samuel Wilson, eu não seria prevenido do meu erro, e...

— Querido mr. Fogg... disse a joven.

— Querida Aouda... redarguiu Phileas Fogg.

Como é facil de suppor, o casamento fez-se quarenta e oito horas depois, e Passepartout, soberbo, resplandecente, deslumbrante, figurou n'elle como padrinho da joven. Não a tinha salvado, não lhe deviam por isso aquella honra?

No dia seguinte, ao alvorecer, Passepartout batia estrondosamente á porta de seu amo.

A porta abriu-se, e o impassivel *gentleman* appareceu.

— O que ha de novo, Passepartout?

— O que ha! Agora mesmo acabo de saber...

— O que?

— Que podiamos ter feito a viagem á roda do mundo em setenta e oito dias apenas.

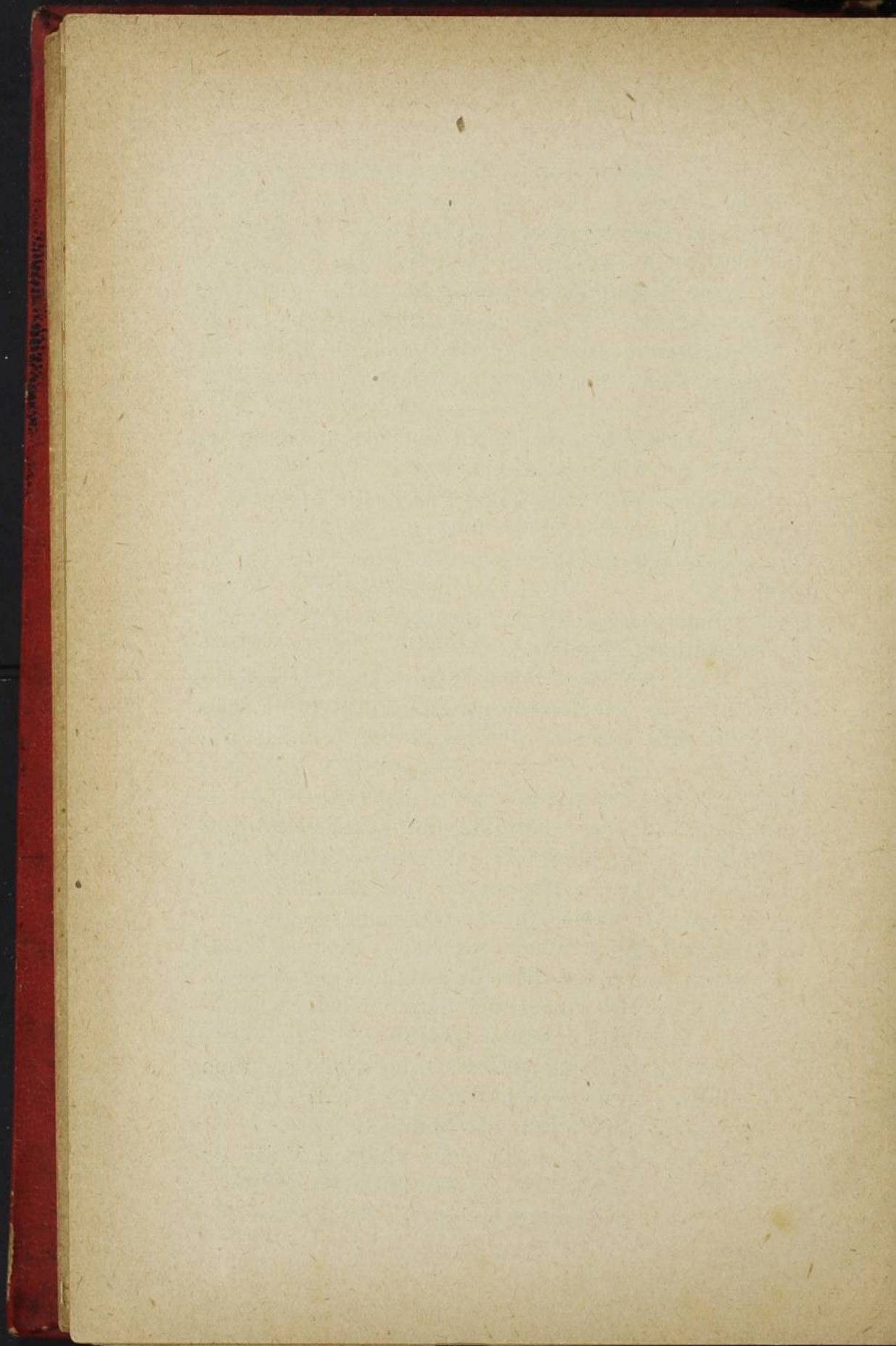
— Com certeza, replicou Phileas Fogg, não atravessando a India. Mas se eu não tivesse atravessado a India, não teria salvado mrs. Aouda, não seria ella minha mulher, e...

E mr. Fogg fechou tranquillamente a porta.

Phileas Fogg ganhara, portanto, a aposta. Realisara em oitenta dias a viagem em volta do mundo! Empregára n'ella todos os meios de transporte, paquetes, *railways*, carruagens, yachts, navios mercantes, trenós e um elephante. O excentrico cavalheiro desenvolvêra n'esta empreza os seus maravilhosos dotes de sangue frio e de exactidão. Mas a final? O que tinha ganho n'este deslocamento? O que alcançara com a viagem?

Nada, hão de dizer. Nada, em verdade, a não ser uma seductora mulher, que — por muito inverosimil que isto pareça, — o tornou o mais feliz dos homens!

Em rigor, não se faria por menos ainda a Volta do Mundo?

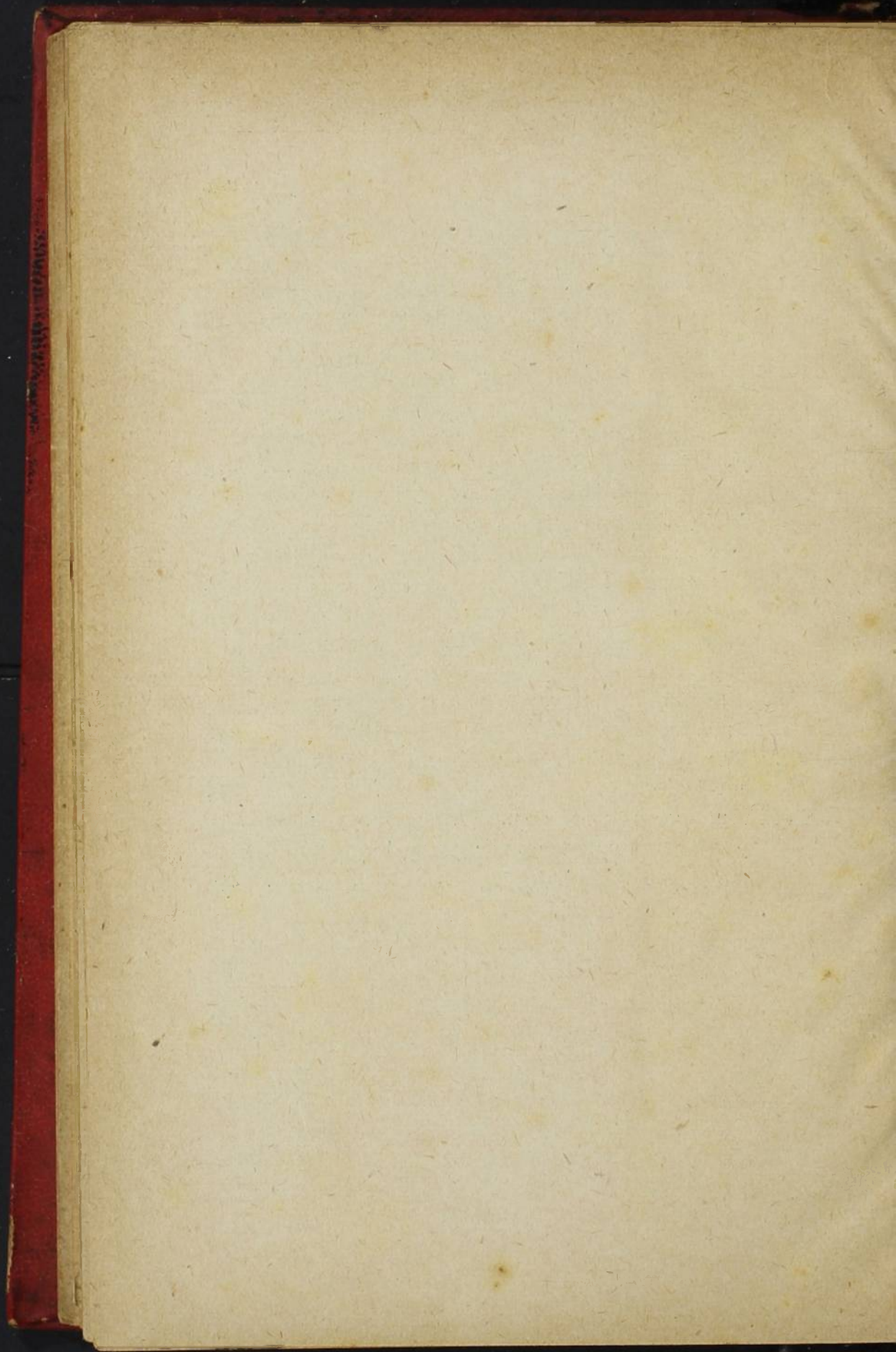


INDICE

Capitulos	Pag.
I Em que Phileas Fogg e Passepartout mutuamente se acceitam, o primeiro na qualidade de amo, o segundo na de creado	7
II Em que Passepartout se convence de que por fim achou o seu ideal	13
III Trava-se uma conversa que poderá custar caro a Phileas Fogg	17
IV Em que Phileas Fogg faz pasmar o seu creado Passepartout	25
V Em que apparece na praça de Londres um novo valor	30
VI Em que o agente Fix mostra uma impaciencia bem justificada	34
VII Que prova mais uma vez a inutilidade dos passaportes em assumptos de policia	39
VIII Em que Passepartout falla talvez um pouco mais do que convem	42
IX Em que o mar Roxo e o mar das Indias se mostram propicios aos designios de Phileas Fogg ...	47
X Em que Passepartout tem a fortuna de sair de uma situação embaraçosa só com a perda de um sapato	53
XI Em que Phileas Fogg compra uma cavalgada por preço fabuloso	59
XII Em que Phileas Fogg e os companheiros se aventuram através das florestas da India, e o mais que d'ahi se segue	69

Capitulos	Pag.
XIII Em que Passepartout prova mais uma vez que a fortuna sorri aos audaciosos.....	77
XIV Em que Phileas Fogg desce todo o valle admiravel do Ganges sem pensar sequer em lhe deitar um golpe de vista	85
XV Em que o sacco das notas fica alliviado de alguns milhares de libras	92
XVI Em que Fix não dá ares de perceber a mais pequena cousa do que se passa	100
XVII Em que se trata de varias cousas durante a viagem de Singapura para Hong-Kong	106
XVIII Em que Phileas Fogg, Passepartout, Fix, cada qual para seu lado, vão tratar dos seus negocios	113
XIX Em que Passepartout vivamente se interessa pelo amo e o que d'ahi se segue.....	118
XX Em que Fix entra directamente em relações com Phileas Fogg	126
XXI Em que o mestre da <i>Tankadère</i> corre grande perigo de perder uma gratificação de duzentas libras	133
XXII Em que Passepartout reconhece que, mesmo nos antipodas, é prudente ter algum dinheiro na bolsa	143
XXIII Em que o nariz de Passepartout toma avantajadas proporções	150
XXIV Durante o qual se atravessa o Pacifico	158
XXV Em que se dá uma idéa de San Francisco em dia de <i>meeting</i>	164
XXVI Em que se toma o comboio expresso do caminho de ferro do Pacifico	172
XXVII Em que Passepartout segue, com uma velocidade de vinte milhas por hora, um curso de historia mormon	180

Capitulos	Pag.
XXVIII Em que Passepartout não consegue fazer ouvir um alvitre rasoavel	187
XXIX Onde se fará uma narração de incidentes diversos, que só se encontram nos caminhos de ferro da União	196
XXX Em que Phileas Fogg cumpre simplesmente o seu dever	205
XXXI Em que o agente Fix toma muito a serio os interesses de Phileas Fogg	213
XXXII Em que Phileas Fogg se empenha n'uma lucta directa contra a má sorte	220
XXXIII Em que Phileas Fogg se mostra á altura das circumstancias	225
XXXIV Que offerece a Passepartout o ensejo de empregar um trocadilho atroz, porém inedito	234
XXXV Em que Passepartout não espera que seu amo lhe diga duas vezes uma ordem	238
XXXVI Em que Phileas Fogg torna a subir no mercado	244
XXXVII Em que se prova que Phileas Fogg nada ganhou na sua viagem á roda do mundo a não ser a felicidade	248





all
15,

20334



